

A romantic couple in formal attire embracing in front of a grand European building. The woman is wearing a strapless white dress and large earrings, looking up at the man. The man is wearing a black tuxedo with a white shirt and a black bow tie, looking down at her. The background is a warm, golden-hued image of a large, ornate building with many windows and architectural details.

um amor Real

LIVRO2
SÉRIE REAL

MÍDDIAN MEIRELES



Um Amor
Real
SÉRIE REAL - LIVRO 2

MÍDDIAN MEIRELES

1ª Edição

2016

Copyright © 2016 MÍDDIAN MEIRELES

Todos os direitos reservados à Editora Nix. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização da Editora. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98, punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Equipe Editorial:

Capa: Denis Lenzi

Revisão: Sara Rodrigues

Diagramação Digital: Míddian Meireles

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Essa obra foi escrita e revisada de acordo com a Nova Ortografia da Língua Portuguesa. O autor e o revisor entendem que a obra deve estar na norma culta, mas o estilo de escrita coloquial foi mantido para aproximar o leitor dos tempos atuais.

Agradecimentos

De uma “brincadeira” chamada UM CASAMENTO QUASE REAL, surgiu um bônus, que não apenas aguçou a curiosidade das leitoras que estavam acompanhando a história de Steph e Théo, mas como também fez com que me pedissem para que desse bônus viessem mais sobre eles e logo me pediram um livro.

Confesso que fui relutante em escrever um livro sobre o Rei, porque eu já tinha toda a história esquematizada em minha cabeça sobre o que aconteceria com ele e sabia que de uma forma ou de outra ela dividiria opiniões. E foi exatamente isso que aconteceu. Mas ainda assim aqui estamos nós e eu não poderia estar mais feliz por isso.

Ao meu marido e filho, por serem tudo para mim. Aos meus pais, por serem quem são e terem me tornado quem sou.

Mais uma vez agradeço as minhas betas, amadas e chatas, Thuany, Taciana, Thais e Kami, por serem o apoio não apenas desta, mas de todas as outras histórias. As

minhas amigas escritoras, companheiras das letras e das aventuras literárias. À Panela de Pressão. Mas em especial, Carlie Ferrer, minha BFF, por surgir como um tornado em minha vida e tornar meus dias mais coloridos. A Maria Rosa, pelo suporte de todas as horas.

As minhas dramáticas mais amadas: Martinha, Tati e Cah pelas doses diárias de drama recomendadas. Obrigada pelo apoio em tudo. Muito amor por vocês! <3

As divas da Nix, por fazerem parte do nosso time lindo.

E também quero agradecer as minhas princesas: Babi, Sarinha, Nay, Vic, Fernanda, Xanda, Elaine, Gisa. E a todas as leitoras que me tornam a autora que sou... Isso é para vocês!

Míddian Meireles

[Agradecimentos](#)

[Sinopse:](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Epílogo](#)

[Bônus](#)

[Recado da Autora](#)

[ANEXO: ENTENDENDO MELHOR A
HISTÓRIA](#)

[Próximos Lançamentos:](#)

[Uma espiadinha no que vem aí em:](#)

[Sobre a Autora](#)

“Só existem dois dias no ano que nada pode ser feito. Um se chama ontem e o outro se chama amanhã, portanto hoje é o

dia certo para amar, acreditar, fazer e principalmente viver.” Dalai Lama.

Sinopse:

Edward di Montalccino era o amado Rei do pequeno país da Campavia. Como monarca maior do país, ele fez tudo aquilo que esperavam que fizesse, sendo o herdeiro do trono que seu pai queria que ele fosse quando finalmente assumisse o trono. Só que ele carregava muito mais do que uma coroa, era um homem marcado pelo seu passado e com ele carregava a culpa e tantos segredos não apenas da sua vida, mas também da história da sua família, que fizeram com que ele se fechasse para o amor.

Lourdes Paraizo era a plebeia que havia crescido no castelo e por anos viveu a vida de uma princesa, mesmo sem nunca ter carregado uma coroa. Ainda muito nova se viu apaixonada logo pelo Rei, aquele quem a viu crescer e que tão logo percebeu seus sentimentos por ele preferiu afastá-la.

Anos se passaram, mas o que Edward não esperava, era que a menina que ele havia carregado no colo e

considerava como se fosse da família, era a nova peça que a vida havia lhe pregado. Para ele era errado demais como se sentia por ela, mas depois de tanto lutar contra o que sentia, ele finalmente se rendeu e decidiu se entregar novamente ao amor.

Só que Edward e Lourdes não imaginavam que o passado voltasse para assombrá-los e fazer com que a relação até então de conto de fadas que tinham ficasse balançada.

Um Rei com um passado marcado.

Uma Plebeia que sonhava com seu conto de fadas ao lado dele.

Um amor do passado.

Mentiras e omissões sendo desmascaradas.

Passado e presente balançando o coração de um só homem.

Prólogo

Quando eu era mais novo, me preocupei tanto em cuidar do meu reino e do meu irmão, que acabei esquecendo-me de mim mesmo. Andrew era um garoto que tinha um futuro brilhante, era inteligente, determinado, mas nesse quesito ele era como eu, primeiro os outros, depois ele. Quando ele conheceu sua noiva, fiquei preocupado, pois logo percebi que estava apaixonado. E se apaixonar na sua idade e na posição que ocupava, era uma coisa realmente complicada. Eu bem sabia disso. Fora que se apaixonar com dezessete anos significa não pensar apenas com o coração e sim com os hormônios, e meu medo era esse, que ele viesse a se arrepender depois. E era exatamente isso que me preocupava, pois eu também já tinha passado por isso antes e sabia o quanto arrependimentos poderiam ser amargos.

Apesar das enormes diferenças entre meu irmão e eu, tenho plena ciência que Andrew sempre foi muito mais

coração. Sempre foi. Eu sempre fui um cara racional. Às vezes até mesmo frio. Mas eu também era o irmão mais velho protetor, que daria tudo pelo meu único irmão, porque ele era minha rocha de sustentação.

Sempre fiz as coisas de acordo com o que meu falecido pai esperava. Sendo o herdeiro do trono que ele queria que eu fosse. Apenas uma única vez deixei que minhas emoções falassem mais alto que minha razão. E ainda que as coisas não tenham saído conforme o planejado, foi a minha maior e melhor loucura.

Nunca me arrependi. Não tinha como me arrepender de algo com *ela*. *Ela* era como uma estrela brilhante, iluminando a minha vida. Era *ela* quem fazia com que eu sentisse que podia ser capaz de tudo. Era *ela* quem me fazia rir nos momentos que eu achava que não seria capaz. *Ela* era o motivo dos meus sorrisos, mas aí *ela* foi tirada de mim de uma forma que me fez nunca mais ser o mesmo novamente.

Conheci Cibelle em meu segundo ano de reinado. Ela era uma mulher linda. Típica mulher com uma criação tradicional da nobreza, a esposa ideal para alguém na

minha posição. Apesar de querer que *ela* voltasse para minha vida, sabia que isso não iria acontecer e eu tinha apenas que aceitar e cumprir o meu dever.

Foi então que Cibelle e eu nos casamos, e confesso, tínhamos uma vida relativamente boa, mas não como deveria e ela merecia como esposa. Apesar de admirá-la como mulher e principalmente por respeitá-la, eu não a amava e ela sabia disso. Cibelle era uma pessoa realmente muito querida, e eu a amava como um verdadeiro amigo. Mesmo assim, nossa amizade não impediu que ela se apaixonasse verdadeiramente por mim.

Quando tudo desmoronou ao meu redor e minha vida virou um pesadelo infernal, eu obtive minhas forças neles. Eles eram a razão para que eu continuasse de pé. Eles eram a razão para que eu pudesse batalhar para que tivessem um futuro feliz. De terem a chance de ter a vida de felicidade que nos foi tirada. O que me motivava a não sucumbir era cumprir a promessa que eu fiz um dia.

Com tudo que me aconteceu, eu posso afirmar com certeza de que o destino não é justo comigo. Ele ama pregar peças cruéis em minha vida. Lourdes Paraizo, a

menina que carreguei no colo quando ainda era um bebê e amei como se fosse da minha família, era a minha nova peça. Era errado demais como eu me sentia por ela. Errado de inúmeras maneiras, de tantas maneiras que eu era incapaz de dizer todas elas.

Inocentes demais já sofreram, mas eu também sabia que merecia ser feliz. Depois de tanto lutar contra o que sinto, decidi que dessa vez eu não seria mais vítima do destino. Eu seria dono do meu próprio destino. Pode ser que seja egoísmo da minha parte, mas eu não podia mais fugir. Não. Eu provaria a ela que nosso *Amor era Real*.

Capítulo 1

Rei Edward

DESEJOS

Acordar em um novo dia não significava necessariamente que temos uma página em branco ou uma nova oportunidade para reescrevermos nossa história. A minha propriamente dita, já havia sido escrita há muito tempo e por mais que eu quisesse, não poderia fazer muito para mudá-la. E nem queria. Para mim eu não era merecedor disso. Eu tinha apenas um destino a cumprir. E depois de tudo que houve em minha vida, eu apenas seguia, como deveria ser. A diferença nisso tudo é que eu tinha apenas um motivo para prosseguir: Theodore e Stephanie. Eles sim eram o meu motivo de amanhecer. O que me motivava a abrir os olhos e prosseguir. Mas também eram a minha maior preocupação e angústia, pois eu vivia por cumprir a promessa de que eles teriam um destino diferente do meu. Que eles sim poderiam

encontrar a felicidade que me foi tirada há tanto.

Eu nem sempre fui assim, crédulo. Um dia eu já fui um desses que acorda com disposição e alegria por saber que mais um dia está começando. Acordava cheio de planos, com desejos e esperanças para o futuro. Mas isso passou. Esses dias ficaram para trás. Hoje acho que vivo mais pela determinação de cumprir as promessas que um dia fiz, do que para realmente viver. O que sendo sincero comigo mesmo, não tenho feito muito desde então.

Às vezes acho que perdi boa parte da minha vida no dia do acidente que matou meu irmão, minha esposa, que na verdade era minha melhor amiga, e ainda por cima deixou a mulher que eu amava do jeito que ela estava há mais de vinte anos. Isso me marcou de tal forma, deixando uma marca tão profunda em mim, que era como se eu tivesse deixado de viver realmente naquele dia. E foi isso mesmo que aconteceu.

Era difícil pensar sobre isso e não me sentir culpado. Mas mais do que isso, era difícil que eu não acordasse pensando sobre isso. Pensando que eu estava tendo um novo dia para recomeçar e eles não haviam tido a mesma

chance. Sentir-me culpado sobre isso era inevitável. Porque eu sabia que de uma forma ou de outra, foram as minhas escolhas que fizeram com que as coisas acontecessem dessa maneira. Por minha culpa, esse inferno havia se tornado real.

Levantei-me da cama, sentindo o já tão familiar peso nas costas e aperto no coração. Espreguicei-me e fui em direção à sacada que tinha vista para o lindo mar azul campaviano. Era o meu ritual diário. Acordava e antes mesmo de fazer minhas necessidades, ficava ali, observando a imensidão do mar em minha frente, pensando sobre tudo. Remoendo-me pelas minhas escolhas. Arrependendo-me dos meus erros e principalmente, sentindo uma saudade descomunal de tudo que eu não terei mais. Sentindo saudades de algo que me deixou incompleto.

Alisson era um dos meus primeiros pensamentos quando eu abria os olhos. Ficava ali observando ao meu redor, sem necessariamente ver o que me rodeava, porque as lembranças dos meus dias ao seu lado eram o que me dominava nesses momentos e eu permitia senti-las.

Permitia-me sofrer por elas. Eu sabia que era masoquismo. Sabia que permitir lembrar-me de tudo que vivemos era fazer com que eu sofresse mais. Que me culpasse ainda mais por tudo. Mas como esquecer o que é inesquecível? Como esquecer algo que está tão enraizado em você, que é como se você tivesse vivido apenas para isso? E para mim era isso: eu havia nascido para amá-la e ainda estava vivo, pois além de lutar pela felicidade do fruto do nosso amor, eu também lutava pela felicidade de Stephanne, que era a minha princesinha, minha luz, mesmo que ela não fosse realmente minha filha biológica.

Mas eu mais do que ninguém sabia que os laços de amor estavam além dos laços sanguíneos, eram laços de alma. Exatamente o que Andrew significava para mim e meu pai. Ele era meu irmão e filho do falecido Rei Rubert, não permitia que ninguém dissesse o contrário. E era apenas por Théo e Steph, e também pelo fio de esperança que me restou de que um dia a minha Ali voltaria para mim, que eu ainda permanecia respirando.

Nessa manhã em particular, recordei-me da minha partida para Londres quando entrei na universidade.

Apesar de saber que era necessário que eu fosse, que para ser o Grande Rei que meu pai esperava e que eu pretendia ser um dia, eu precisava ser homem e buscar o melhor para mim, isso não impedia que eu sofresse por ter que ficar longe da mulher que eu amava. Eu sabia que ela também estava sofrendo com essa distância que nos seria imposta, mas isso não fez com que ela deixasse de me apoiar. Muito pelo contrário, acho até que ela estava sendo mais forte do que eu. Ela era sempre o meu maior apoio. Essa era uma das qualidades que eu mais amava em Alisson, dentre tantas, ela era uma mulher forte e determinada. Ela era sensível, mas não se deixava abater por nada. Não permitia que ninguém e nem mesmo ela, transparecesse suas fraquezas. Ela dizia que a fraqueza era um dos nossos piores inimigos. E exatamente por ela ser forte demais que ela ainda estava viva hoje.

Eu sabia que estava sendo mais difícil do que ela demonstrava. Alisson havia perdido o pai cedo. Alano, seu irmão e também meu melhor amigo, havia substituído e se tornado a figura masculina a quem ela se apegou depois disso. No entanto ele também estava em Londres, o

que a deixou sozinha em Bellini com sua mãe. E deixá-la sozinha era o que eu menos queria fazer. Eu tinha essa necessidade de cuidado sobre ela. Talvez porque nós havíamos crescido juntos, mas essa necessidade é inerente a mim. E perdura até os dias de hoje.

Depois do acidente, não me permiti mais não apenas me envolver, mas também sentir. Sentir algo além do amor que eu nutria de forma tão desmedida por Alisson, mas principalmente pelos meus filhos. Não sou hipócrita em dizer que virei celibatário, tive sim meus casos, porque para mim tesão não era um sentimento. Sexo era apenas uma necessidade fisiológica do homem. Eu transava com mulheres aleatórias, algumas vezes até com mais de uma de uma vez, fazia o que tinha que fazer e pronto, era quase automático. Mas a verdade é que depois eu me sentia o pior dos homens. Parecia que eu estava traindo a mulher que eu amava e de certa forma era essa a verdade e eu me sentia exatamente assim: um traidor, não merecedor do seu amor. E não merecia mesmo.

O vazio que eu sentia a cada vez que terminava de consumir o ato, o nojo e a repulsa que sentia de mim

mesmo, me impediam de continuar mais do que o tempo necessário para tirar meu pau da “boceta da vez”, para em seguida enrolar a camisinha e colocá-la no bolso da calça que eu logo vestia – afinal, cuidado nunca é demais -, me despedia e saía rapidamente dali. Como se estivesse fugindo. E estava mesmo. Mas da minha culpa, do meu remorso, da minha vergonha, da minha própria sentença. Durante todo o caminho de casa e durante o banho, em que eu me esfregava com força por mais de uma hora, sentia-me o pior dos homens da terra. E naquele momento ninguém conseguia fazer com que eu me sentisse diferente.

Não tenho vergonha de confessar que muitas vezes preferia pagar uma garota de programa, a me sujeitar a transar com uma mulher comum ou até uma de classe social mais elevada. Não que eu tivesse taras por mulheres profissionais do sexo, ou que meus desejos eram satisfeitos apenas com elas, mas o que realmente me fazia procurá-las era o fato de não ter que dar satisfação. Afinal, a prostituta recebe pelo programa, ela com certeza não esperará que um cliente seu ligue no dia seguinte querendo lhe ver e muito menos achará ruim quando eu

não fizer, pois acredite, eu não farei isso. Nunca.

Uma coisa é certa, por mais que não façamos promessas, a mulher inevitavelmente espera que a gente a procure, nem que seja para pedir bis. As mais sonhadoras até esperam que depois de uma transa qualquer, surja um pedido para jantar e até mesmo um relacionamento. Principalmente quando se trata de alguém na minha posição. Afinal, quem não gostaria de se relacionar com um Rei como eu? Quem não gostaria de viver seu “conto de fadas”?

Não é falta de humildade ou muita prepotência da minha parte, é apenas algo que não foi difícil para constatar ao longo dos anos e dos “casos” que vivi. Além do meu título na monarquia e minha conta bancária realmente gorda, sou um cara que apesar de já ter atingido a maturidade e ter passado dos quarenta, com certeza pode-se afirmar que sou um homem bonito. Conservo um corpo bem feito pelas atividades físicas intensas que pratico. E com certeza não sou um cara de se jogar fora.

Mulheres nobres, plebes, modelos, atrizes e até princesas de outras monarquias, renderam-se ao meu

charme e literalmente abriram as pernas para mim. Pegar a mulher que quiser é mais fácil do que se imagina quando se carrega uma coroa do tamanho da minha. Mas era isso, no outro dia elas sempre, repito, sempre, esperavam por mais. Esperavam se tornar minha mulher. A Rainha da Campavia. Muitas pela coroa, outras por realmente se dizerem apaixonadas por mim. Mas quem sabe quais as que foram movidas apenas por interesse e as que foram movidas pela paixão? Eu nunca saberei, porque não me permitirei passar por isso mais.

Posso até ser considerado extremista demais, mas só eu sei o quanto isso pode ser perigoso. Se abrir. Se envolver. Todas aquelas que foram escolhidas para serem minhas rainhas e ocuparem o trono ao meu lado, sofreram por minha causa e eu não posso permitir que outra pessoa sofra também. Além do mais, o lugar de Rainha em meu coração jamais pertencerá à outra pessoa senão Alisson. Não quero ninguém para figurar ao meu lado. Já basta a encenação que eu faço a cada dia, sorrindo, fingindo que sou feliz, sendo que por trás dessa fachada existe muito mais do que posso tentar esconder.

Sei que talvez seja apenas ilusão da minha parte, manter as esperanças que um dia ela vai entrar pela porta do meu quarto bem e tudo será perfeito como deveria ter sido. Mas é inevitável não manter a fé, não desejar com todas as forças que a mulher que eu amo um dia volte para mim, não apenas para mim, mas também para o nosso filho, mesmo depois de tantos anos e quase nenhuma melhora médica. Só que eu não posso me permitir magoá-la novamente e deixar de honrar com as promessas que um dia eu fiz para mim. Então eu continuava me agarrando ao fio de esperanças que eu tinha de que um dia ela “acordaria” da realidade em que vivia e finalmente voltaria. Voltaria para mim. Exatamente como me prometeu antes de tudo que ela sofreu:

— *Eu não quero te deixar aqui. Sozinha. — afirmei com vigor, mas por dentro eu me sentia um cachorrinho pidão, doido de vontade para que ela me pedisse para ficar. Ou então que eu a colocasse em meus ombros e a levasse comigo de qualquer maneira.*

Estávamos no terminal de embarque do aeroporto de Nevada. Andrew havia me ligado na tarde anterior,

dizendo que a depressão de Papai havia piorado e ele temia que ele não aguentasse mais. Eu soube naquele momento que teria que voltar. Na verdade, eu não deveria ter vindo, mas depois da morte da minha madrastra, a quem eu considerava como mãe, senti-me sobrecarregado e não consegui continuar a ver meu pai em depressão daquela maneira, pois desde que a esposa havia falecido ele não era mais o mesmo. Pelo tom de súplica na voz do meu irmão, eu não tive dúvidas de que não haveria escapatória, que não teria para onde correr, eu realmente precisava retornar para Campavia. Como eu poderia não apenas tapar meus olhos para o que estava destruindo meu pai, mas também continuar a deixar meu irmão adolescente cuidar sozinho dele?

Não poderia. Então tomei a decisão, afinal na hora me pareceu uma boa ideia voltar e tomar conta de tudo. De ser o Príncipe Regente que a Campavia precisava. Mas olhando para a mulher que eu amava desde quando descobri o que era amor e que por mais que ninguém das nossas famílias soubesse, agora era oficialmente minha esposa, eu fraquejei. Não queria deixá-la. Algo

me forçava a permanecer aqui e não deixá-la sozinha. Que não me afastasse dela.

— Eu também. Não quero ficar sem você, marido. — ela disse e eu adorava ouvi-la repetir isso. — Mas você precisa ir. Eu não vou demorar. No máximo em quatro semanas voltarei. — afirmou com aquele sorriso que me desarmava. E ela sabia disso.

— Para a nossa casa. — afirmei beijando levemente seus lábios. — Você vem para o castelo, não importa o que digam, pois você é minha esposa. Não ficarei sem você mais nenhuma noite em meus braços quando voltar para Campavia. Assim que chegar, já darei entrada no parlamento para autorização do nosso casamento. Teremos a cerimônia mais linda que a história já viu. O casamento de Charles e Diana será minúsculo ao lado do nosso casamento. — falei sem dar brechas para que ela discordasse, e ela riu. Aquela risada gostosa que fazia com que o calor no meu coração se ampliasse por saber que eu a fazia feliz.

— Você sabe que eu não preciso de uma festa de arromba. Esse não é meu sonho. Para mim foi perfeito

como foi, apenas nós dois e o Elvis. — sorriu e piscou para mim. — Mas ok, senhor meu marido, faça como quiser. — sorriu novamente e meu sorriso não poderia ser maior, porque ela sempre dizia as coisas certas.

Eu sabia que ela realmente não se importava com um casamento perfeito. Alisson era uma mulher diferente de todas. Sempre deixou claro que não importava como, não importava que tivéssemos que esconder nosso relacionamento para termos privacidade. Ou que tenhamos nos casado em Las Vegas com a “benção” do Elvis, ela apenas dizia que para ela o que importava era ser minha. Ela poderia ser mais perfeita?

— Atenção senhores passageiros, essa é a chamada final do voo 1407, com destino à Bellini. Se dirijam para o portão de embarque de número dezessete para embarque imediato. — anunciou a porta voz da companhia aérea nos autofalantes do aeroporto.

— Eu tenho que ir. — disse com pesar e suspirei, sentindo uma sensação ruim se instalando dentro de mim.

— Vá, meu amor. Em breve eu volto para você. —

Ela prometeu ao nos despedirmos.

Só que não sabíamos ali que nosso inferno estava apenas começando. E a verdade é que ela nunca mais retornou inteiramente para mim.

Depois de pegar algum peso e correr mais de meia hora na esteira, ao mesmo tempo em que eu aproveitava para assistir o *“Bom dia Campavia”*, jornal local do turno da manhã, para ficar inteirado das novidades do dia no nosso país, resolvi dar uma passadinha no meu escritório e pegar um documento que havia deixado em cima da minha mesa na noite anterior. Chegando lá, abri a porta e deparei-me com uma cena que fez com que todo o meu sangue corresse para o meu pau: Lourdes Maria estava debruçada sobre a mesa, com o traseiro coberto por uma saia azul e empinada para mim, para minha apreciação.

Cacete!

No mesmo instante em que milhões de pensamentos pecaminosos passaram por minha cabeça, que eu vergonhosamente andava tendo sobre ela ultimamente,

amaldiçoei-me por pensar coisas do tipo com uma menina tão nova e mais do que isso: uma menina que eu havia visto crescer e que era como uma sobrinha para mim. Era inaceitável de minha parte pensar em ir até lá. Mais uma vez imaginei o quanto meu irmão se decepcionaria caso estivesse vivo e me visse agindo e pensando dessa maneira em relação à menina que ele criou e amou como se fosse sua própria filha.

Eu sabia que era errado. Errado de muitas maneiras. Era quase inaceitável que eu estivesse fantasiando sobre Lourdes Maria dessa forma, mas era incontrollável. Era mais forte do que eu. Mas sentir desejo e tesão por ela é uma coisa, o que eu não poderia era dar o braço a torcer em relação aos sentimentos incontrolláveis que eu sentia em relação a essa menina. Não poderia dar o braço a torcer pelos desejos que ela me despertava. Mesmo que tudo estivesse mais forte a cada dia.

— O que está fazendo aqui? — perguntei.

Lourdes Maria assustou-se com meu tom de voz, que pareceu imperativo até mesmo para os meus próprios ouvidos. Por causa disso, de alguma maneira ela acabou

se atrapalhando, derrubando algumas coisas em cima da mesa e no processo acabou tropeçando, o que instintivamente fez com que eu segurasse-a pela cintura, impedindo-a de estatelar-se no chão.

Ok. Ela pode não ter caído, mas o que subiu foi outra coisa e isso foi um grande erro!

Pois no momento em que nossos olhos e nossos corpos se encontraram, as coisas saíram um pouco de controle. Instintivamente todo meu corpo reagiu com ela em meus braços. Por um instante permito perder-me em seus belos olhos castanhos esverdeados, esquecendo-me de quem ela era, como também de quem eu era e principalmente as consequências que existiriam caso eu me envolvesse com Lourdes Maria de alguma maneira. Seja ela qual fosse.

Sério. Meu irmão provavelmente me mataria se estivesse vivo. Henriquetta, que tem sido muito mais do que minha amiga durante todos esses anos, jamais me perdoaria. Stephanie, minha filha, também era sua melhor amiga e mesmo que não soubesse, também era sua irmã. Como eu poderia ir contra o que todos não esperavam de mim? Além do mais, eu não poderia oferecer nada a ela.

Ela merecia um homem por inteiro e não parte de mim. E eu nada mais era hoje do que uma parte do homem que eu fui. Não podia simplesmente acabar com essa minha tortura autoimposta, que era tê-la todos os dias trabalhando e ainda por cima vivendo sob o mesmo teto que eu, jogando-me de cabeça nessa atração louca que sentíamos um pelo outro.

Sim. Eu não era inocente, eu sabia de seus sentimentos por mim desde a adolescência, podia apenas não saber a profundidade deles. Comecei a notar que Lourdes sentia algo a mais por mim, quando percebi que ela me olhava de forma diferente, quase encantada, ao mesmo tempo em que parou de me chamar de “tio”, como havia me chamado a vida toda e passou a chamar-me apenas de “Majestade”. Comecei a me preocupar com isso, mas foi justamente nessa época em que as ameaças veladas contra nossa família se intensificaram e também passaram a ameaçá-la. Exatamente por isso que conversei com Henriquetta e resolvi enviá-la para o colégio interno em que Stephanie estava há algum tempo. Óbvio que Henriquetta não ficou feliz, afinal Stephanie já estava

longe de casa depois do episódio macabro em que enviaram o dedo cortado do seu noivo, meu irmão e ameaçaram a filha deles, que para mim também era minha. Mas minha amiga concordou comigo e achamos que manter as duas longe disso tudo era mais seguro para ambas. E apesar de sofrermos com a distância, era o certo e o melhor a se fazer.

Cheguei a achar que caso eu mantivesse Lourdes longe, talvez ela esquecesse o que ela acreditava sentir por mim. Afinal, é comum as garotas da idade dela se apaixonarem por homens mais velhos que admiram e por quem tinham um enorme carinho. Um exemplo é o enorme número de garotas que costumam se apaixonar pelos seus professores. Mas eu estava enganado, pois quando ela retornou anos depois, o tiro havia saído pela culatra. A menina tinha dado lugar a uma linda mulher e quem estava em apuros era eu. E ainda continuava.

— Desculpe. Você se machucou? — perguntei, afastando-me o mais rápido possível dela, tentando controlar minha excitação, mas a forma como ela me olhava com desejo, mesmo que eu estivesse suado, só me

deixava ainda mais fora de mim por ela.

Porra! Tenho que me controlar!

— Er... Não. Eu quem peço desculpas... Er... Eu estava arrumando algumas coisas... Er...

Lourdes, que já estava gaguejando em sua resposta, parou completamente o que dizia quando percebeu meu olhar de luxúria para o seu corpo. Não consigo evitar olhá-la e me xingo por dentro por não conseguir, mas é como se uma força não permitisse que eu mantivesse meu olhar distante da parte do seu corpo descoberta pela sua saia que havia subido com sua quase queda, deixando suas coxas expostas e chegando a um centímetro de ver sua calcinha. O que fez a minha ereção já dolorida, se intensificar de forma pungente.

— Merda! — xingo-me por meu masoquismo e o tesão louco que só fez aumentar, não aguento e grito: — Cubra-se, Lourdes Maria! Agora! Pelo amor de Deus!

— Ai... De-desculpa... — disse se cobrindo rapidamente e eu saí dali antes que meu pau estourasse a calça que eu vestia e esquecesse completamente do fato que eu deveria me manter longe dela.

Foi mais um dia como todos os outros. Mas esse estava com um gostinho diferente, um gostinho de expectativa e eu sabia que isso tinha um por que. Estava doido para ir para casa e poder vê-la. Matar as saudades que eu sentia da minha princesinha, que agora depois de tantos anos e de tanto ter aprontado, estava finalmente voltando para casa. Mesmo que cansado, estava contente por isso e ansiava por cumprir minhas obrigações para ter minha loirinha em meus braços.

Termino de assinar os últimos documentos que precisava para o dia e me viro para Alano para perguntar-lhe o que queria:

— E Théo, como está? Ainda achando ruim o fato de ter de largar seu trabalho, para “ajudar” Stephanie com a iniciação do principado? — perguntei e ele olhou ao redor da sala do ministério, parecendo querer ter certeza de que ninguém nos ouviria.

— Sim. Você sabe que ele adora o trabalho dele. — comentou e eu sorri, orgulhoso do meu filho. — Mas ele

também sabe que não poderia negar um pedido seu. Então apesar de estar trabalhando de cara feia nos últimos dias, nada disse.

— Bom... Sabemos que não será fácil. Mas é o melhor para ambos. — afirmei, querendo garantir a mim mesmo sobre isso.

— Você tem certeza, Edward? Você sabe que eu estive de acordo com as decisões que tomamos durante esses anos todos. Que lhe apoiei em todas. Mas eu não sei se realmente é o certo juntarmos Stephanne e Theodore, para assim ele tomar conta da coroa que já é dele. Temo que eles não nos perdoem quando descobrirem o que fizemos. — falou com receio.

Esse também era o meu maior medo. Eu temia que eles não nos perdoassem. Que não aceitassem as decisões que tomamos anos atrás. Théo era o meu filho biológico e de coração, mas eu não pude ser o pai dele de fato porque não queríamos que aqueles que fizeram o que fizeram com Alisson, soubessem que meu filho ainda estava vivo. Que não havia morrido quando nasceu naquele cativeiro em que Alisson foi mantida encarcerada, como acreditavam.

Queria garantir que ele ficasse em segurança, mesmo que para isso eu tivesse que estar “longe” dele. Alano havia cuidado do sobrinho como se fosse seu filho, mas fiz questão de estar sempre presente. Eu o queria o mais perto de mim que fosse possível. Doía-me não tê-lo ao meu lado, crescendo, sendo seu pai, sendo chamado como tal. Mas eu fiz apenas por ele.

Não vou negar que também tive medo, pois me sentia culpado por tudo que ele havia perdido por causa da minha maldita coroa. Pelo meu orgulho. Théo não perdeu apenas a chance de viver como um “príncipe”, ou ficou sem a minha figura paterna, mas principalmente havia perdido sua mãe ao seu lado. Isso eu nunca poderia lhe dar de volta. Eu tinha medo que me rejeitasse, que me culpasse por tudo que havia acontecido e eu já me culpava, principalmente por um dia ter duvidado que fosse realmente meu filho. Tinha medo que não quisesse ser meu filho, que não aceitasse o fato de tê-lo renegado em um momento de fraqueza.

Stephanne na verdade era filha do meu irmão com Henriquetta, mas quando ela nasceu, eu estava vivendo um

período tão tenebroso em minha vida, acreditando que tinha sido traído por Alisson, sem saber que na verdade ela ainda estava presa, na mão daquele maníaco que queria destruir a vida da minha família e daqueles que eu amava, que quando eu pus meus olhos nela, foi como se uma luz brilhasse no fim do túnel para mim. Foi olhando aquela trouxinha cor de rosa, loirinha e dos olhos azuis tão profundos quanto os do meu irmão, que eu sorri novamente. Ela sempre foi um pouco minha e quando Andrew antes de morrer me fez jurar que cuidaria dela como sabia que eu cuidaria de Théo, tornei-a legalmente minha filha. Eu a amava com todo o meu coração da mesma maneira que eu amava Théo. Jamais permitiria que algo acontecesse com ela também.

Temia por ela também, porque por mais que Théo fosse o primogênito, ele é o que muitos chamariam de filho bastardo, pois quando eu recebi a carta que Alisson foi obrigada a escrever para mim, dizendo que havia me deixado por outro homem, consegui mexer meus pauzinhos e anulei nosso casamento. Ou seja, o direito a sucessão direta de Théo poderia ser comprometido, pois não

“houve” casamento e ele poderia ser considerado “príncipe bastardo”. A monarquia poderia ser balançada. Poderiam contestar seu lugar de direito, dando a vez a Stephanie e ele só teria direito de assumir o trono, caso acontecesse algo com ela ou aos seus filhos. Ou seja, ele seria o terceiro na linha sucessória. Fora que até o direito de sucessão de Stephanie poderia ser contestado caso a família Carrara resolvesse fazê-lo, porque biologicamente falando, Stephanie era uma Carrara e não uma di Montalccino. A não ser que os dois se casassem, eliminando assim a possibilidade de que o detentor do maior título nobiliárquico ocupasse o lugar que era deles de direito. Complicado e foda isso, eu sei.

Sei que era um plano arriscado, afinal tudo poderia acontecer, mas com o passar dos anos, vendo-os crescer juntos, eu tive certeza da nossa decisão. Os dois mesmo quando crianças, sempre tiveram uma personalidade forte. Stephanie sempre foi uma menina mimada, admito que parte disso seja minha culpa, só fazia o que queria. Mas Théo também nunca foi uma pessoa fácil de lidar. Desde pequeno era um cara determinado, dominador, um

comandante nato. Eles sempre brigavam muito, mas quando ficaram mais velhos começaram a namorar às escondidas. Sempre soube que existia sentimento entre eles. Por isso achei que tudo daria certo, pois existia sentimento entre eles e eu não tinha dúvidas que se reencontrassem, isso não mudaria mesmo depois de tantos anos. Mas agora, estando tão perto de começar os nossos planos, temi pelo que aconteceria caso eles descobrissem.

— Eu também, Alano. Mas é um risco que temos que correr. — afirmei e ele concordou. No mesmo instante meu celular tocou e eu atendi, sabendo que era meu chefe de seguranças. — Pode falar, Greg.

— *Majestade, só para avisar que a Princesa já chegou. Não tivemos qualquer problema no caminho e ela já está em segurança no castelo.* — falou e eu sorri. Era tão bom saber que minha filha estava de volta.

— Obrigado por me informar, Greg. — desliguei o telefone e olhei para Alano, que me olhava um tanto quanto apreensivo.

— É isso, ela chegou. — falou e eu assenti. — Seja o que Deus quiser!

Sim... Seja o que Deus quiser! Só espero que um dia meus filhos nos entendam.

Capítulo 2

Lourdes

POST-IT

Sabe quando você vive em um conto de fadas perfeito? Daqueles onde você é cercada da realeza, vivendo em um luxuoso e um maravilhoso palácio renascentista? Festas glamorosas e eventos da realeza? Tem o prazer de conhecer as pessoas mais influentes e importantes do mundo? Vivendo a realidade que era o sonho de muita gente? Não, né? Pois é, eu sei. Mas ao contrário do que se imagina, a verdade é que nem tudo é perfeito, eu não sou uma maldita princesa e sim a gata borralheira, aquela que vive a sombra disso tudo. Entende o que quero dizer? Pode piorar? Pode sim, claro. Sempre pode. Afinal, desgraça pouca é bobagem. Então, sim. A gata borralheira aqui é apaixonada pelo “Príncipe Encantado”. Melhor dizendo, pelo “Rei”.

Não preciso nem começar a citar todos os “poréns”

que existem por carregar o que sinto pelo Rei Edward. Fora as desigualdades de classes sociais, porque sou plebeia mesmo, o fato de ser sua funcionária e filha da governanta da família real, existe também nossa diferença de idade. Não que isso seja um problema para mim. Nunca foi. Só que vivemos em uma sociedade hipócrita demais, para muitas pessoas nossa diferença de idade tem importância. Mas ainda que eu tenha quase a idade da sua filha e tenha sido criada junto a ele, isso não me impediu de descobrir estar apaixonada por ele desde os meus quatorze anos.

É precoce, eu sei!

Não precisa me julgar mais do que eu mesma me julgo por isso. Pode parecer que era uma paixonite de adolescente, também cheguei a pensar que fosse, não sou nenhuma virgem e apesar de ter estado com outros homens, depois de quase dez anos cultivando esse sentimento, sei que é mais do que isso. O Rei Edward me encantou por ser o homem que é. E isso, nem o tempo apagou. Esse talvez seja meu martírio.

Mesmo que Edward fosse viúvo há muitos anos, ele

não se casou novamente e havia criado a filha sozinho, apenas com a ajuda da minha mãe. Além de ser um pai maravilhoso e homem íntegro, ele governa esse país desde tão novo e é esse Rei amado e respeitado pela população. Fora que ele é um homem com “h” maiúsculo de uma beleza máscula e impressionante. Como não me apaixonaria assim?

Acho que no fundo ele sempre soube que o que eu sentia por ele era muito mais do que admiração e respeito. Mas sempre foi respeitoso e se manteve a distância. Nunca teve más intenções comigo. As más intenções para com ele, sempre foram minhas mesmo. Quando eu era adolescente, nunca fez nada que pudesse influenciar meus sentimentos. Só que um dia, quando eu tinha cerca de quinze anos, por pura inocência, acabei confessando-lhe todo o meu amor. O que eu esperava? Que ele me beijasse e declarasse amor eterno? Que ele praticasse pedofilia? Ou para muitos... Incesto? Visto que havia sido criada por ele como sua sobrinha. Na verdade, não sei o que eu esperava. Mas então antes de me mandar para estudar no colégio interno na Suíça onde Stephanie já estudava, que

sei que fez isso para me manter longe, ele me disse algo que eu nunca esqueci:

— Você não me ama, Lourdes Maria. Você apenas confunde a admiração, respeito e a gratidão que tem por mim, com algo a mais. Você é uma menina bonita e inteligente. Viva sua vida. Estude. Aproveite sua juventude e todas as oportunidades que a vida lhe dá. Um dia, você vai encontrar alguém que mereça e aí sim você saberá o que é amor. — disse, antes de me dar um respeitoso beijo na testa, como sempre fazia desde que eu era pequena e então sair dali.

Foi exatamente isso que tentei fazer. Mesmo desolada, arrasada por suas palavras e também por não ter a reciprocidade dos meus sentimentos, vivi quatro anos na Suíça. Presa pelo muro de um colégio interno, que nunca foi empecilho para alguém como Stephanie e lá aprontei tudo que eu poderia aprontar em uma vida ou mais. Nunca disse que era santa, mas um dia eu me peguei pensando: Aonde tudo isso iria me levar? Valia a pena viver uma vida desregrada, arriscar tudo que minha mãe batalhou tão arduamente para me dar de melhor, arriscar as

oportunidades que a vida me deu, apenas para tentar esquecer um homem que nunca sequer pensou ou correspondeu ao que eu sentia? Isso tudo não ia me levar a lugar nenhum. Aliás, iria, à cadeia talvez.

Eu não era assim. Stephanie sempre foi essa pessoa animada, intensa, mimada, sem juízo, que luta pelo que quer, que não se importa com a opinião dos outros e não tem medo de ser feliz. E não eu, apesar de desejar muito ter um pouco disso, de ter a coragem de ser um pouco como ela. Era a minha melhor amiga que tinha tudo e podia fazer tudo o que queria na vida. E não eu. Ela era a princesa herdeira, que desde antes de nascer tinha seu futuro traçado. E não eu. Eu era a plebeia, filha da empregada, que teve a sorte de crescer em um castelo de contos de fadas e ter tido os melhores estudos que uma pessoa pode ter. Era hora de esquecer esse amor impossível e tentar viver de forma responsável. Era hora de crescer. Isso só dependia exclusivamente de mim.

Foi então aí que resolvi voltar a Campavia, mesmo sob os protestos de Stephanie, que preferiu ir para Nova Iorque cursar a Universidade por lá. Não me leve a mal.

Eu amo Stephanie como irmã, apesar dela ser uma pessoa com um coração maior do que ela mesma, ela tem uma certa tendência a problemas, sempre teve. Às vezes ela nem os procura, mas os problemas acabam a encontrando. Por mais que a saudade fosse apertar, não podia me arriscar a perder tudo isso, eu não podia me dar ao luxo disso tudo. Eu tinha que virar adulta e ser a senhora do meu destino. Tinha que traçar meu próprio caminho.

Foi então que eu entrei na Universidade da Campavia, estudei, me dediquei e concluí meu curso premiada como a melhor aluna da turma. Comecei a trabalhar como assessora da família real logo em seguida. Comprei meu carrinho – velho, mas meu – e comecei a juntar um dinheiro para futuramente comprar um cantinho só meu ou quem sabe abrir meu próprio negócio. Eu estava indo muito bem, vivendo meu amor platônico, sofrendo calada, como uma personagem de poema português. Mas aí, há cerca de um ano alguma coisa mudou.

Se me perguntarem o que mudou, não vou saber responder. Porque nem eu sei bem o que realmente mudou. Na verdade, não aconteceu algo que realmente interferisse

ou tivesse mudado a lei da hierarquia entre nós dois ou esse sentimento descabido que ainda insisto em manter. Mas eu sinto verdadeiramente que algo mudou. O Rei Edward parece me olhar de forma diferente. Não como ele me olhava anteriormente, apenas como uma menina, filha de Henriquetta ou amiga da Steph. Aquela menina que era órfã de pai vivo. Ele me olha como mulher. E uma mulher, por mais iludida ou desiludida que seja, sempre sabe reconhecer esse olhar de um homem. Eu não queria me enganar e sofrer ainda mais, estava cansada desse meu masoquismo, mas a cada dia fui me dando um pouquinho mais de esperança. Foi inevitável.

Mesmo com essa constatação, com o passar dos dias percebi que ele estava de certa forma me evitando. Tentei não me magoar, não me sentir a pior das criaturas por isso, afinal eu não era paga para isso, mas era muito difícil ser apenas profissional e não misturas as coisas. Achei que o retorno de Stephanie me animaria um pouco, mas depois da maluca quase me matar do coração com sua inconsequência quando fomos para a boate na noite anterior, ela ter sumido com um carinha e ter passado uma

noite fora, além de ter sido atropelada, decidi que não adiantava eu me “debandar” para o lado dela novamente, porque eu já havia tentado e não havia dado resultado. Agora não seria diferente. Era melhor eu começar a tomar vergonha e viver minha vida, sem me agarrar a esperanças infundadas.

Hoje havia sido o jantar que o Rei deu pelo retorno de Stephanie. Apenas a família Caravaggio foi convidada e apesar do clima agradável durante o jantar, eu me senti uma adolescente de novo, pois Théo e Steph não pararam de se provocar na mesa.

— O Rei comentou que houve um acidente hoje com você, Princesa. O que aconteceu? — A primeira-dama perguntou e eu me engasguei com o vinho que bebia.

Ai merda! Era agora que a gente se ferrava de vez!

— Sim, Princesa, nos conte. O que aconteceu? — Théo perguntou com um sorriso que eu com certeza poderia classificar como perverso.

Enquanto Stephanie recuperou sua pose confiante, eu comecei a ficar ainda mais nervosa com a situação, porque eu sabia que isso ia dar merda.

— Eu estava fazendo compras com Lou no Shopping, quando vi um menino tomando sorvete próximo a nós. De repente notei que vinha um segurança, com um daqueles veículos de duas rodas e pelo que pude perceber ele estava meio desgovernado e ia em direção ao menino. Rapidamente vi qual seria o resultado disso, então não hesitei antes de me jogar em sua frente e tentar tirar o menino do seu caminho. — mentiu descaradamente.

Sério. Eu não sabia como Stephanie conseguia mentir dessa maneira e o pior, a mentira saía tão facilmente dela que era impossível que quem ouvisse não acreditasse no que ela dizia. Ela era uma mestra nessa arte. Se não fosse princesa, com certeza poderia se arriscar a ser uma atriz.

— Nossa, Princesa! Que sorte a do menino de você estar por perto. Muito nobre sua atitude. — O Primeiro-Ministro disse, claramente surpreso pela sua “nobre” atitude e todos concordaram.

— Imagina, Primeiro-Ministro. Qualquer um no meu lugar teria feito o mesmo. Mas eu tenho certeza de que ele realmente teve sorte por eu ter atravessado seu caminho. — Stephanie disse sem perder a pose, mas não passou

despercebido por mim o sorriso que ela deu a Théo.

Parecia até que havíamos voltado no tempo, pois mesmo depois de tantos anos sem se verem, Théo e Stephanie pareciam não haver crescido. Ninguém parecia ter notado, exceto eu, talvez porque eu sempre soube que por trás dessas briguinhas entre eles havia mais do que os pegas que eles se davam desde pequenos. Os dois nunca deram o braço a torcer e nem chegaram a assumir um namoro, mas pelo visto muita coisa não havia mudado entre eles. Em apenas meia hora de jantar pude ver que muitas águas rolarão.

Depois do jantar, estava arrumando a mesa do escritório do Rei quando decidi observar um porta-retratos que ficava na sua mesa. Era uma foto dele, trajando as vestimentas reais, sentado no trono. Sua postura séria, forte, dominante, lindo, sendo refletida em apenas uma imagem. Foi inevitável o suspiro de admiração que soltei. Apesar de viver sob o mesmo teto que ele durante toda a minha vida, era sempre o mesmo efeito que ele me causava. Não conseguia me acostumar

com isso.

Será que um dia isso mudaria? Eu esperava que sim.

Ia colocar o porta-retratos de volta ao seu local habitual, quando deixei cair um papel no chão. Abaixei-me para pegar o bendito papel e no momento em que estava me preparando para subir, ouvi vozes:

— Ouvi dizer que você deixou a cunhada de Evan Carrara muito impressionada, caro amigo Edward. — era a voz do Primeiro-Ministro e eu fiquei muito envergonhada e ferida para anunciar que estava ali, ouvindo, sentindo meu coração ser esmagado.

— Ora meu amigo, você me conhece. A minha missão de vida é deixar a população do meu país satisfeita. — Edward respondeu convencido e em seguida os dois riram.

Não consegui me mexer. Lágrimas silenciosas insistiram em cair por causa da dor que insistiu em querer rasgar o meu peito. Eu sabia que ele não era nenhum santo, afinal, nenhum homem deixava de ter uma vida sexual, mesmo que não tivesse relacionamentos. Fora que já tive que enviar flores para algumas mulheres, que

apesar dele não ter dito uma palavra sobre o assunto, eu não precisava que ele dissesse, pois sabia que se tratava dos seus casos, ou seja lá o que ele tinha ou teve com aquelas mulheres. Mas ele era muito discreto. Sempre foi. Tanto que em mais de vinte anos de viúves, nunca foi noticiado um *affaire* do Rei da Campavia. Apesar de pretendentes não faltarem.

— Vai continuar a vê-la? — o Primeiro-Ministro voltou a perguntar.

— Claro que não. Não quero dar falsas esperanças para a mulher. Você também sabe que temos prioridades mais importantes nesse momento. — o Rei respondeu rapidamente.

— Sim, amigo. Sei que os dois são nossas prioridades e que esperamos muito por esse momento, mas eu já lhe disse tantas vezes, você tem que viver um pouco, deixar o passado para trás. — comentou.

Os dois? De quem eles estavam falando?

— Não estou interessado. — murmurou seco.

— Não é apenas sobre nossas prioridades e nem sobre o passado. É sobre ela não é? — o outro voltou a

perguntar.

— Do que você está falando, Alano? — perguntou.

— Ora, caro amigo. Sobre a menina. A menina Lourdes. — comentou e meu coração foi pela boca.

Eu? O que eu teria a ver com isso?

— Não sei aonde você quer chegar com isso, Alano. Lourdes Maria é uma excelente e competente funcionária, nada mais. Nunca será mais do que isso. — respondeu de forma ríspida.

— Se é o que você está dizendo. — suspirou. — Vamos. Vamos até a sala, ouvi a voz de Théo. — Alano murmurou.

Quando a porta do escritório voltou a bater, tentei segurar o soluço que era resultado do que eu sabia ser verdade, mas que meu coração por ser burro demais não queria ou recusava entender, mas foi em vão. Quase todo sofrimento que segurei dentro de mim todos esses anos, transbordaram juntamente com as minhas lágrimas. Apesar de saber que a verdade sempre será essa, doeu ouvir tudo isso. Muito mais do que eu poderia prever.

Idiota! Mil vezes idiota!

Não sei quanto tempo fiquei ali embaixo, chorando. Sofrendo por um homem que nunca irá corresponder ao que sinto por ele. Decidi que uma hora eu precisava sair dali, foi então que ouvi um barulho e quando olhei para cima, dei de cara com o par de olhos azuis que eram o motivo do meu choro. Estaquei. A dor da vergonha e da humilhação paralisando-me.

— Lourdes... Mas o que... — começou e eu interrompi.

— De-desculpe, alteza. Já estou de saída. — falei me levantando e quando eu estava passando por ele, segurou-me pelo braço.

— O que você ouviu? — perguntou, nervoso.

— O suficiente para entender que eu sou uma idiota. Se vossa majestade me der licença. — pedi, reverenciando-o rapidamente e ele finalmente me soltou.

Fui andando até meu quarto em uma nuvem de lágrimas. Tomei um banho e deixei a água do chuveiro lavar o que eu sentia. Mas era demais. Doía-me. Estava arrasada. Quebrada. Desejando ter o poder de arrancar esse amor, que mesmo depois de tantos anos ainda batia em meu peito. Meu coração não via que era inútil mantê-

lo ali? Seria tão mais fácil se pudesse esquecer. Seria tão mais fácil se pudesse ao menos arrancar essa dor do meu peito e realmente viver.

Enxuguei-me e vesti um pijama simples de algodão. Estava terminando de pentear meus cabelos e me preparando para dormir, quando a porta do meu quarto se abriu. *Era ele.* Edward. Engoli em seco e abaixei a cabeça. Não sabia o que ele queria ali. Não queria que ele dissesse mais nada que pudesse fazer com que eu sofresse ainda mais do que já sofria. Já havia entendido. Não havia chances para nós. Não precisava de mais nenhum lembrete quanto a isso.

Quando levantei a minha cabeça, meus olhos encontram os dele e neles, mesmo que ele jamais admitisse, eu via paixão. Desejo. Desejo cru e carnal. Ele tentou desviar o olhar, mas não conseguiu.

— Lourdes. Sobre o que você ouviu...

— O Senhor não me deve satisfação, afinal eu não passo de uma excelente e competente funcionária, nada mais, alteza. — repeti o que ele havia dito, enfatizando a última palavra, tentando firmar minha voz, mas sentindo

minha voz trêmula. Doía até mesmo repetir suas palavras.

— Você não é uma idiota. — ele afirmou, sério.

— A vida tem me provado outra coisa. — falei, dando de ombros.

— Você não entende, Lourdes Maria. É complicado. Por mais que eu queira... Eu não posso. — afirmou, com o cenho franzido.

Bom Deus! Ele disse o que eu ouvi?

Ele não conseguia negar, ele não podia. Eu sabia que ele me queria tanto quanto eu o queria. Mas porque ele continuava se negando isso? Qual era o problema?

— Basta querer para poder. — falei, voltando a chorar.

Edward deu um passo para mais perto, levantou a mão para o meu rosto e enxugou algumas lágrimas que ainda desciam. Minha respiração travou quando ele acariciou com seu polegar meu queixo. Eu queria receber aquele toque. Mas eu queria mais do que isso. Queria ter aquelas mãos grandes e fortes em todo o meu corpo.

— Não é tão simples. — sussurrou, como se estivesse lutando com as palavras. Eu assenti, não confiando em

minha voz para falar.

— Nada é tão simples. — falei, depois de alguns segundos e enxuguei minhas lágrimas, decidida a não chorar mais. — Precisa de mais alguma coisa, majestade? — perguntei, querendo que ele dissesse o que tanto sonhei em ouvir, todas as vezes que perguntei isso a ele. E eu nem acreditei quando ele finalmente falou:

— Você.

Não tive tempo de pensar em mais nada antes da sua boca esmagar a minha. *Ávida. Faminta. Voraz.* Em um beijo delicioso que, juntamente com seu corpo colado ao meu, mexeu com cada pedacinho de mim. Ele tinha gosto de uísque e café, com uma pitada de hortelã. Era de dar água na boca. Edward parecia estar adorando a minha boca, mordiscando meus lábios, saboreando-me com vontade e me fazendo ficar molhada e cada vez mais necessitada por ele.

Oh Deus, era tão bom! Era muito mais do que sonhei todos esses anos!

Minhas mãos parecem ter vontade própria quando se movem em seu pescoço e cabelos sedosos. Ele inclina sua

cabeça, aprofundando seu beijo ainda mais, parecendo necessitar disso. Seus dedos puxaram de forma ainda mais firme o meu cabelo, enquanto seu polegar traçava círculos lentos sobre a pele da minha cintura. Uma mistura de emoções me inundou. Tudo. Desde o desejo reprimido que sinto por esse homem lindo, sexy e dominante. Ao medo de que isso tudo seja apenas um sonho, que ele não esteja aqui e que eu acorde. Ou pior ainda, que ele se arrependa desse sonho que estou vivendo.

Sentindo-me tensa, ele parou de me beijar. Seus lindos olhos azuis me estudaram, tentando entender o que eu pensava sobre o que acabara de acontecer entre nós. E sorriu. Não tive como não sorrir. Era bom demais ver esse sorriso para mim.

— Você será a causa da minha morte, meu Mel. — murmurou, me dando pequenos beijos nos lábios, ainda sedentos por ele.

Meu coração batia descompassado, tentando evitar o sorriso idiota ao ouvir isso vindo dele. Tentei não pensar que o tinha afetado tanto quanto ele fez comigo. Mas a forma como ele ainda me observava e o volume que vi em

suas calças, me provavam que eu estava completamente certa em pensar dessa maneira. Meus sentidos foram invadidos pelo cheiro de macho alfa dele. Ele não hesitou em me erguer do chão, para logo em seguida me deitar sobre minha cama, antes de encaixar seu quadril no meio das minhas pernas.

Tomada pelo desejo, esfreguei-me desavergonhadamente em seu membro volumoso, produzindo um atrito entre meu clitóris inchado, seu pau duro, grosso e o tecido da roupa de ambos. Eu gemi e fiquei ainda mais excitada ao ouvir seu grunhindo grave, excitado, deixando-me ainda mais molhada, sedenta por ele. Nesse momento, o latejar que senti desde o momento em que ele me tocou, se transformou em uma necessidade tão grande que chegava a causar dor. Eu estava louca para senti-lo dentro de mim.

— Edward, por favor... — gemi seu nome, pedindo sabe-se Deus o que.

Com a respiração ofegante, ele apoiou sua testa úmida de suor contra a minha, beijando carinhosamente meus lábios inchados pelo beijo e murmurou:

— Eu sei o que você precisa, meu mel, e eu vou lhe dar exatamente o que você quer. — disse, antes de me beijar novamente.

Deslizando sua mão máscula pelo meu corpo, ele apertou um dos meus seios, ainda cobertos pelo pijama nada sexy e com os dedos habilidosos, apertou o mamilo duro de excitação.

— Roupas demais. — ele murmurou, antes de rapidamente despir-me, me deixando apenas de calcinha. — Linda. — ele disse, me acariciando visualmente.

Parecendo ainda apreciar meu corpo, ele tratou de remover suas próprias roupas também. Apesar da sua idade, Edward era um homem lindo, que mantinha uma alimentação e uma rotina de atividades físicas rigorosas. Agora olhando-o assim, apenas de cueca, tudo parecia ainda melhor. Ele era tão lindo, maravilhoso, tão seguro de si e determinado, que só de vê-lo quase nu, me olhando dessa forma sedenta, eu estava praticamente à beira de um orgasmo.

— Abra essas pernas para mim. — ordenou, sua voz rouca e sedutora me deixando toda arrepiada. — Eu quero

lamber você todinha.

Sim. Por favor! Estou a sua disposição, Majestade!

Não me importando com qualquer resquício de vergonha que eu poderia ter, abri minhas pernas, proporcionando a ele uma visão ilimitada da minha intimidade. Suas mãos um pouco calejadas subiram por minhas coxas, apertando-me levemente, enquanto eu podia sentir sua respiração cada vez mais forte em minha pele. Edward apertou minha bunda, fazendo-me gemer de tesão, antes de rapidamente sua língua devorar-me com vontade.

Gemendo com o ataque incansável da sua língua, ao mesmo tempo em que ele beliscava meus mamilos, agarrei os lençóis da minha cama tentando me manter amparada da sensação de prazer inebriante que ele me causava. Enquanto me lambia, chupava e se fartava, ele acariciava minhas coxas, aumentando o tremor de prazer que me golpeava. Ele rapidamente encontrou o ponto mágico de meu corpo e eu gemi como uma louca. Quando os primeiros tremores de um orgasmo estavam batendo na minha porta, ele simplesmente parou. Inconformada, abri meus olhos para protestar, quando eu fui rapidamente

preenchida por uma estocada só.

Gritei. Seus sons animais confundidos com os meus e com o barulho dos sexos se encontrando. Seu pau grande, grosso, preenchendo-me por inteira, fazendo-me perder o fôlego. Mordi meu lábio inferior tentando conter meus gemidos cada vez mais intensos. Temendo que alguém nos ouvisse e atrapalhasse esse momento pleno. Era gostoso demais. Ele puxou minha perna para cima, fazendo com que eu sentisse a penetração ir cada vez mais fundo, sugando meus seios com vontade, dando atenção a cada um deles, como se estivesse se deliciando.

Logo depois, encontrou a minha boca e voltou a beijar-me com vontade. O meu gosto, misturado com o seu, me deixando louca. Ele brinca com sua língua na minha, sugando-a, parecendo que quer fundir nossos corpos em um só. Era exatamente isso que parecia que estava acontecendo. Éramos um só ali. Era bom demais para ser verdade. E eu não queria acordar desse sonho.

Podia sentir os tremores vindo e quando ele mordeu levemente meu mamilo e assoprou, eu não suportei. Gozei. Foi um orgasmo delicioso. Muito maior e melhor do que

eu sequer sonhei. Enquanto meu corpo ainda convulsionava, eu parecia incapaz de me mover. Meu corpo todo concentrado no atrito do enorme pau dele entrando e saindo do meu sexo. Empurrando ainda mais contra mim, Edward grunhiu meu nome enquanto se derramava dentro de mim.

Desabando seu corpo sobre o meu, nós dois tentávamos recobrar nossas respirações. Ao contrário dos beijos ardentes e possessivos que trocamos antes, Edward beijou-me de forma diferente. Doce. Carinhoso. Acariciando-me de leve com a língua. Envolvi meus braços em sua nuca, puxando-o mais contra mim, beijando-o com vontade, tentando transmitir todo amor que eu sentia por ele.

— Linda. — beijou-me. — Deliciosa. — outro beijo. — Meu mel. — murmurou, dando uma deliciosa mordida, antes de sair de dentro de mim e deitar-se ao meu lado, me puxando para ele.

Abraçada a ele, o homem maravilhoso a quem eu amava, pude ouvir as violentas batidas de seu coração, misturadas com o ritmo suave das nossas respirações e

sentindo suas caricias suaves, era melhor do que um dia imaginei. Pela primeira vez na vida, senti-me completa. Com essa sensação deliciosa de paz e plenitude, não percebi quando minha realidade misturou-se com meus sonhos e adormeci.

Acordei com o meu despertador tocando às seis da manhã, como todos os dias. Bocejando, espreguicei-me e tentei me lembrar de tudo o que aconteceu. Eu sabia que a noite não tinha sido fruto dos meus sonhos, pois eu podia sentir seu cheiro másculo em minha pele. Cada pedacinho do meu corpo também ainda parecia senti-lo. Meu sorriso de satisfação morreu, quando olhei para o lado e o que eu mais temia que acontecesse, realmente estava acontecendo. Ele não estava mais ali. Eu parecia saber, sentir, que isso iria acontecer. Só não sabia que poderia doer mais do que dói. Mas eu estava mais uma vez enganada, pois doeu muito mais ao ler as palavras do bilhete que ele havia deixado ali.

Desculpe, meu mel, mas eu não posso.

Capítulo 3

Rei Edward

VISITANDO O PASSADO

— Papai, por que eu não posso simplesmente dar na cara de Théo? Deixe-me dar um soquinho nele, só um?
— Stephanie perguntou irritada.

Eu já era tão acostumado com essa cena que já nem lembrava mais o motivo da sua revolta, apesar de Steph ter relatado. Tinha sido sempre assim. Desde que eles se entendem por gente, implicavam um com o outro, mas não se desgrudavam. Mesmo eles estando com onze e treze anos, as coisas não melhoraram muito. Acho até que pioraram. Coisas de hormônios adolescentes. Stephanie tem um gênio difícil e Theodore também não é muito diferente, apesar dele ser sempre educado e certinho, ele era meio que o “freio” que Steph não tinha. Pois Stephanie sempre foi arisca e gostava mesmo é de aprontar. Já Théo aprontava, mas sabia até

onde poderia ir e quando parar. Tinha horas que eu me surpreendia com as coisas que essa menina inventava. E os dois juntos era algo meio arriscado. Eram como a água e o óleo. Mas também eram unha e carne.

— Porque você não é a mãe dele para lhe bater, Steph. O que aconteceu agora? — perguntei, tentando lembrar qual o problema da vez.

Irônico ou não, eles sempre brigavam pelo poder. Quem deve mandar ou não na brincadeira. Parece até o destino mostrando o que há por trás da proteção que colocamos sobre eles.

— Ele é um idiota. — respondeu. — Acredita que ele disse que eu não poderia conhecer seus amigos? — ela perguntou com a mão na cintura em seu modo petulante e eu levantei a sobrancelha para ela.

— Ele disse o porquê? — questionei, tentando muito duro não rir.

— Disse qualquer coisa sobre eles serem meninos e não poderem brincar comigo. Ele não brinca comigo? Ele é o que então além de idiota? — falou irritada e eu tive que rir.

Ciumento! – pensei, mas não disse. Queria que eles se descobrissem por si só.

E tudo finalmente entraria nos eixos e seria exatamente como deve ser.

Apesar da tensão que estava em minhas costas, era inevitável não sorrir com uma lembrança dessas. Tantos anos se passaram e por mais novos que os dois fossem na época, os ciúmes e instinto de defesa que Theodore tinha sobre Stephanne, sempre haviam falado mais alto do que as implicações e qualquer diferença entre eles. Ele nunca aceitou muito bem o fato que outra criança do sexo masculino brincasse com ela. Simplesmente porque não queria concorrência. Ele pode não ter se dado conta na época, mas ele sempre quis ser o único. Único “menino” em sua vida. E convenhamos, mesmo sendo tão novo, Théo nunca foi bobo, ele estava certo. Era fácil imaginar aonde os dois chegariam, já dizia Lord Byron, *“O melhor profeta do futuro é o passado.”* Foi exatamente pensando nisso que deixei tudo ao seu tempo.

— Onde eles estão? — perguntei ao telefone, enquanto

esperava a minha permissão para entrar.

— *Eles estão na área do porto. Theodore trouxe a Princesa para tomar café da manhã no Buon Caffee, vossa majestade.* — afirmou.

— Eles estão... Se dando bem? — gaguejei.

Só o fato de saber que ambos estavam bem e mais do que isso ainda por cima estavam juntos, já me trazia um enorme alívio.

— *Sim. Parece que sim. Eles conversam bastante... Parecem-me bastante íntimos.* — afirmou e eu me vi sorrindo, tanto de alívio quanto de felicidade.

— Ótimo. Fique de olho. Façam tudo conforme combinamos. Quero toda a equipe de olho neles. Não quero que os percam de vista em nenhum momento, entendeu? Isso é de fundamental importância. E mais uma vez eu repito, não deixe que eles notem o que estão fazendo. Façam conforme faziam em Nova Iorque com a Princesa. — ordenei, pois não queria que eles soubessem que estávamos vigiando seus passos. Não ainda. Isso pode ser perigoso demais para nossos planos.

— *Sim, majestade. Estaremos de olho neles. Farei*

conforme combinamos. Vossa Majestade deseja mais alguma coisa? — perguntou.

— Não. Por enquanto só. Volte a me ligar quando tiver alguma novidade. Ou quando colocarem o plano em prática. — me despedi e desliguei.

Suspirei. Era isso. Foi dada a largada. O primeiro passo, enfim. Foi dado início ao que esperamos e planejamos por tantos e tantos anos. Tínhamos muitos caminhos e barreiras ainda pela frente. Afinal, estamos no começo e há muito ainda para percorrermos. Sempre soube que não seria fácil. Não só pelos inimigos ocultos, mas também por causa deles. Justamente porque ambos têm um gênio muito forte, então decidi que era melhor irmos pelo lado difícil. Seria obviamente mais trabalhoso e demoraria mais tempo do que o programado, mas era o melhor a se fazer. Era a coisa certa a fazer. Eu sabia que entre eles no fim sairia tudo conforme planejado. Eu estava apenas “abrindo” os olhos deles. Era isso que eu preferia acreditar. Era nisso que eu me apegava.

— Majestade, o senhor pode entrar. — a enfermeira me avisou e eu assenti, mais uma vez buscando forças não

sei de onde para poder entrar.

Levantei de onde eu estava sentado e nervoso, como sempre ficava antes de vê-la, fui caminhando em direção ao seu quarto. Com o coração na boca abri sua porta e a encontrei como sempre a encontrava durante todos esses anos. Sentada em sua poltrona, Alisson estava em sua posição costumeira, observando o jardim daquele local que era seu lar durante todos esses anos. A sua visão tanto me acalmava, quanto me desesperava. Acalmava-me porque ela estava ali, mas me desesperava pelo mesmo motivo: ela não estava mais realmente ali. Ela estava perdida em si mesma.

Seus longos cabelos negros, fazendo contraste com o Sol estavam soltos, caindo lisos em suas costas. Apesar dos anos terem passado e por muito ter vivido naquele inferno, que seu rosto tenha adquirido rugas, Alisson permanecia uma mulher linda. Com exceção que eu não podia mais ver aquele olhar que iluminava a minha vida. E ver seu olhar perdido, doía-me tanto. Eu me sentia assim, tão perdido quanto o brilho dos seus olhos que eu havia perdido.

Alisson sempre foi uma mulher linda, vibrante, alegre e cheia de vida. Por onde passava, encantava a todos não apenas com sua beleza, mas também com sua ternura e simpatia. Ela foi todo o meu mundo desde que me apaixonei por ela. Nós havíamos planejado uma vida juntos. Tudo estava maravilhoso e caminhando para o que queríamos. E em um piscar de olhos, tudo foi tirado de nós. E hoje ela estava aqui.

— Oi, minha Ali. — beijei sua testa em um beijo demorado, lembrando-me de quantas vezes eu havia feito isso no passado, mas hoje me doía não poder beijar-lhe e ser correspondido como eu queria. Como eu necessitava.

Segurando o nó que estava preso em minha garganta, eu respirei fundo mais uma vez e me sentei em frente a ela, que desviou seu olhar para o meu, mas logo voltou a olhar para a paisagem lá fora. Isso acabava comigo. Saber que ela não me reconhecia, que não fazia ideia de quem eu era, que não se dava realmente conta da minha presença. Como se eu não fosse ninguém. Era como se o fato de estar ali, fazendo esse esforço para vê-la, não fizesse diferença para ela. Isso parecia que era o castigo que

deveria pagar por conta das minhas escolhas.

— Stephanie voltou para Campavia. — continuei a falar como se ela estivesse realmente me ouvindo. — Ela e Théo estão se dando bem, querida. Ontem à noite, eu pude ver aquele mesmo brilho nos olhos dos dois que eu via quando eles eram adolescentes. Eles pensam que nos enganam, mas eu conheço meus filhos. — Alisson, que até então permanecia com seu olhar voltado para o jardim, encontrou novamente meu olhar.

Como eu queria que ela me olhasse com aqueles olhos repletos de amor que me olhavam anos atrás. Mas como eu poderia querer isso depois de tudo? Depois de tantos erros? Tantos erros que eu não poderia nem ao menos usar a minha dor para justificá-los.

— Eu sinto sua falta. — confessei e mais uma vez não tive respostas.

Era sempre desesperador não ouvi-la dizendo o mesmo sobre mim. Era uma necessidade que eu tinha e que nunca era suprida. A cada vez que ela não me respondia, era como se um pedaço meu fosse arrancado. Depois do acidente, eu não consegui deixar de me sentir

culpado. Não apenas por ele, mas pelo que eu não evitei que acontecesse com ela antes, mesmo a amando como eu a amava. Era doloroso para mim, saber que ela estava aqui, nesse lugar, mas não inteiramente. Que era apenas o seu casco que restava ali. E por conta das minhas escolhas, talvez nunca fosse voltar para mim. Para Théo.

Os médicos não nos enganavam a respeito de uma melhora, mas eu me negava a aceitar isso e uma parte de mim se mantinha esperançosa sobre ela ficar bem. Jamais me conformaria não apenas com a morte de Andrew e Cibelle, que eram também inocentes nessa história, mas também com o que sobrou dela. Não conseguia me conformar com o fato de que a minha Ali, a mulher da minha vida, a mãe do meu filho, não superasse isso. E tudo isso por minha causa.

A culpa realmente é uma cadela!

Nessa altura da minha vida eu ainda não consigo lidar com isso. Não consigo desapegar desse sentimento que me assombra. É como se essa culpa que eu carrego dentro de mim fosse um obstáculo para seguir em frente e era exatamente isso. Eu não me permitia seguir em frente, eu

apenas vivia porque tinha que viver.

— Por que você não volta para mim? — Perguntei, beirando o desespero e não pude evitar que algumas lágrimas, que eu quase nunca conseguia segurar quando a encontrava, se derramassem.

Alisson novamente nada fez além de permanecer olhando para mim, como se tentasse me entender. Isso era o mais difícil para mim, porque talvez eu acreditasse que o nosso amor fosse mais forte do que isso e ela um dia olhasse para mim, lembrasse-se de tudo que vivemos e finalmente voltasse para mim. Mas era ruim admitir que isso não passava de uma esperança infundada. Minha história com ela não era nenhum conto de fadas. Ela não iria acordar com um beijo do “Príncipe”. Ou no meu caso, um beijo do “Rei”. Talvez ela nunca fosse realmente acordar. Mas isso não era tão fácil para que eu aceitasse. Na verdade, acho que nunca aceitaria.

— Desculpe, eu não sabia que estava aqui. — Antonella, mãe de Alisson, se fez presente, sem que eu notasse sua chegada no momento em que abriu a porta.

— Tudo bem. — limpei minhas lágrimas que ainda

desciam, envergonhado da minha fraqueza. — Eu tenho mesmo que ir. — menti, levantando-me, precisando sair dali antes que eu ficasse ainda pior do que já estava.

Antonella, logo ela, que era mãe e sofria pela perda da filha que estava aqui apenas em corpo, me olhava com um olhar que beirava a ternura, mas principalmente a pena. Mãe é mãe. Pois mesmo com todos os diagnósticos, ainda assim ela fazia questão de cuidar da filha da melhor maneira possível. Tratando-a como um bebê precioso, que ela é para nós. Apesar de todos os percalços, Antonella conseguiu encontrar forças para viver mesmo após a morte do marido, quando os filhos ainda eram pequenos, e agora com a situação de Alisson. Eu apenas invejava essa sua força. Queria ser tão forte quanto ela para conseguir lidar com os fantasmas e as dores que ainda me assombravam.

Como todas as vezes que nos encontrávamos nessa situação, ela olhava-me com pena e eu odiava isso. Odiava me sentir fraco. No fundo, eu queria que ela me odiasse por Alisson estar assim. Afinal a culpa era minha. Eu deveria tê-la protegido. Eu deveria ter feito tudo para

que ela não tivesse passado por tudo que passou, mas não. Eu não cumpri as promessas que um dia fiz para ela. E me envergonhava por isso. Tudo que todos sofreram era por minha culpa.

— Você não precisa ir porque cheguei. Fique um pouco mais com a gente. Trouxe um lanche para Ali e também algumas fotos novas que Sarah me enviou de Bellini para mostra-la. — Antonella disse e eu engoli em seco.

— Não poss... — tentei dizer, mas ela me cortou.

— Edward, eu já lhe disse tantas vezes, você não precisa se envergonhar por querer estar aqui com ela. A culpa não foi sua. Por mais cruel e doloroso que seja para que nós aceitemos, era para ser assim. — mais uma vez ela tentou redimir-me da minha culpa e eu neguei.

— Eu não posso... Er... Eu não consigo. — afirmei, mais uma vez tentando não chorar.

— Eu sei. Eu sei que é difícil. Mas quando não é? Afinal não vivemos a vida gozando a toa. Se fosse assim o mundo seria perfeito. Por que você não procura alguém que você possa falar a respeito? Eu fiz isso, apesar de ter

sido reticente no começo, e garanto a você que com o tempo você se sentirá melhor. — falou e eu ri com amargura.

— Como posso me sentir melhor, Antonella? Sabendo que meu irmão e Cibelle morreram e Alisson se encontra nessa situação por minha causa? É como se eu não fosse digno de continuar a minha vida, enquanto eles perderam a deles. Sim. Essa culpa é minha. Só minha. — falei irritado, batendo em meu peito, sentindo uma dor ainda maior em meu coração e ela negou com a cabeça.

— Eles te amavam. Você não teve culpa de todas essas merdas. Tire isso da sua cabeça. Alisson foi vítima do seu próprio trauma. Andrew e Cibelle morreram lutando pela sua felicidade. O que aconteceu com eles foi uma tragédia. Mas tragédia maior é você fechar os olhos para isso. Pois você continuar se culpando e se negando a viver por uma culpa que não é sua, é o mesmo que traí-los. Dessa forma eles terão morrido em vão. Está na hora de acabar com esse luto, esse sentimento de culpa, antes que ele acabe com você. Eu te digo, não apenas como a mãe da mulher que você ama, mas te digo principalmente

como a mulher que viu você crescer, não importa o quão grande seja sua dor, apenas se permita seguir em frente.

Engoli em seco e não disse mais nada, apenas voltei e deixei um beijo demorado na testa de Alisson e me ouvi sussurrar:

— Eu te amo. Espero que nunca se esqueça disso.

Saí dali rapidamente, sentindo-me com um peso nas costas ainda maior do que quando entrei. E assim que abri a porta do quarto meu telefone tocou e o nome de Lourdes piscou na tela. Eu sabia que depois de ontem à noite eu teria de encará-la, mas fui covarde e inventei uma viagem em uma tentativa de me manter longe até mesmo dos meus próprios pensamentos e da minha própria culpa. Foi em vão. Eu não poderia dar ouvidos para o que Antonella havia dito. O que eu precisava fazer era esvaziar meus pensamentos sobre todo o resto e me concentrar sobre o que era realmente importante nesse momento. Engolir a minha dor, esquecer meus pensamentos e desejos pecaminosos, dos quais eu não deveria sequer pensar em passar pela minha cabeça. Esquecer o que houve e não envolvê-la ainda mais na minha vida fodida.

Mas parecia que mais uma vez eu estava sendo castigado. Pois estava cada dia mais complicado lidar com a minha vida. Não apenas com as dores que eu carregava pelas consequências das minhas escolhas, mas também lidar com o que ela me provocava. Era difícil olhá-la e não poder fazer nada. Era tão difícil para mim. Ela era tão linda. Tão doce. Inteligente. Mas estava longe da minha realidade. Não. Era errado demais. Errado de inúmeras maneiras, de tantas maneiras que eu era incapaz de dizer todas elas. Inocentes demais já sofreram. Eu não podia envolvê-la na minha vida dessa forma. Não mais do que ela já estava. Era mais seguro para ambos que ficássemos longe, o mais longe que fosse possível.

Lourdes não era apenas uma mulher linda. Em seus braços ela havia me proporcionado algo que eu não havia experimentado em muitos anos e achava que seria incapaz de sentir novamente. Como eu me sentia com Alisson. E só lembrar-me desse fato, fazia com que a culpa me dilacerasse ainda mais por dentro. Eu não poderia fazer isso com elas.

Diabos! Eu nem as merecia!

Sem mencionar que se Henriquetta, ou até mesmo Stephanne descobrissem o que havia acontecido entre nós, as coisas ficariam realmente feias. Eu não queria uma briga com elas. Apesar de saber que eu merecia isso, com certeza. Ela era muito doce para mim.

Esquecer nossa noite não seria fácil, mas eu não estava arrependido de ter dito a ela que não podia. Porque isso era fato, eu não podia envolvê-la ainda mais nessa minha vida fodida. Ela não merecia isso. Preferia continuar sofrer por tentar conviver com esse sentimento desconhecido que eu sentia, do que deixá-la ter o mesmo destino que o amor da minha vida teve ou ainda pior. Eu estava fazendo a coisa certa. Era isso que eu precisava saber.

Eu precisava manter meu foco. Não havia espaço na minha vida para isso. Há mais de vinte anos eu fiz uma promessa e eu iria cumprir. Nem que para isso eu usasse cada fibra do meu ser para que essa maldita promessa se realizasse e pudesse ver tudo se tornando real. Dediquei minha vida a isso, a esse momento. Tudo foi feito conforme o planejado. Tudo e todos foram preparados

para isso. Nada poderia atrapalhar. Eu não permitiria. Foi uma promessa que não foi feita só da boca para fora, mas uma promessa que eu fiz para mim, para eles. Tudo pelos dois. Sempre foi por eles. Sempre. Nada mais importava.

Capítulo 4

Lourdes

PARA ESQUECER UMA PAIXÃO, BEBIDA NA MÃO!

Eu sabia que não seria fácil encarar os dias como se eu não tivesse tido a noite mais perfeita da minha vida e no dia seguinte acordar desse sonho com um *post-it* dando na minha cara e dizendo-me o quanto eu fui burra e inocente em acreditar por um momento sequer, que ele me queria em sua vida e que de alguma forma ou de outra era importante. Se antes amando-o dessa forma como amo já era difícil ter de lidar com o fato de conviver com ele, depois da noite que tivemos juntos isso tem se mostrado cada vez mais difícil, especialmente porque ele tem fugido de mim deliberadamente. Posso afirmar com toda certeza do mundo, que não existe nada pior do que não ter seu amor retribuído e para completar a merda, ainda fugirem e te ignorarem, como se o que houve não tivesse sido importante como foi para você, me fazia ainda pior.

E mais do que isso, ser tratada como um erro.

Sim. Era exatamente isso que ele tem me mostrado.

Eu era a porra de um erro!

Eu poderia dizer que ao menos tinha essa noite para guardar em minha memória, pois antes de tê-lo era pelo menos o que eu queria, queria só um segundo da sua atenção. Mas depois do que houve, seria hipocrisia da minha parte dizer que para mim isso foi o suficiente, porque sinceramente não foi. Sei que posso estar querendo demais ao esperar mais do que uma noite, mas magoada do jeito que estou, eu sinceramente preferia que o que passamos não houvesse acontecido. Seria o melhor realmente. Preferia continuar sonhando com algo inalcançável, do que viver essa desilusão que me assombra agora a cada minuto do meu dia.

Era uma merda!

Tentei disfarçar, mas sou uma pessoa meio transparente. Sabia que uma hora ou outra, Stephanne perceberia que algo tinha acontecido comigo. Ainda assim me assustei com sua pergunta durante o jantar, um dia após o épico chute na bunda que levei:

— Pai. Que cara é essa de quem comeu e não gostou?
— ela pergunta, fazendo com que ele arregalasse seus olhos e eu me engasse assustada.

— O que... — Edward começa a falar, antes de ser bruscamente cortado por Steph.

— Sério. O que está acontecendo? O que foi, Lou? Você tá com cara de que passou a noite com um carinha, ele prometeu te ligar e te deu toco no dia seguinte, não te ligando. — afirma com uma certeza que me assusta.

Fico embasbacada, sem saber o que dizer, enquanto quem começa uma sessão de tosse dessa vez, é Edward, que logo foi acudido por Stephanie, que batia em suas costas e ao mesmo tempo minha mãe começou a abaná-lo com o jogo americano. Seria engraçado se eu não estivesse com meu sensor piscando.

É. Merda! Será que está tão na cara assim? Será que perceberam alguma coisa? Espero sinceramente que não!

Depois dessa cena quase trágica, o clima na mesa que já não estava muito bom, só fez piorar. Principalmente porque tanto minha mãe quanto Stephanie não são burras e

pareciam ter percebido que estava acontecendo alguma coisa. Só espero que esse “alguma coisa” não tenha sido o que houve entre nós. Não sei se estou preparada para enfrentar isso.

E eu não estava errada. Depois que fui para o meu quarto, não demorou para que Stephanne viesse atrás de mim e tentasse fazer com que eu falasse sobre o que estava acontecendo comigo. Apesar do desejo de desabafar com a minha melhor amiga, eu também tinha vergonha e medo do julgamento. E se por um acaso ela viesse a me entender, eu também conhecia o gênio louco de Steph, tinha medo de que ela acabasse entrando em uma briga por mim e eu não queria isso. Não sabendo o quanto Stephanne precisava de um pai. Não sabendo o quanto a figura paterna é realmente importante em nossas vidas, por mais que a gente tente provar ao contrário. Eu sabia disso. Stephanne não tinha ninguém além do seu pai e por mais que minha mãe e eu fôssemos como uma família para ela, nunca é a mesma coisa. Exatamente por isso resolvi sair logo dali, antes que a situação ficasse

ainda mais desconfortável para ambos.

Tentei disfarçar quando ela perguntou se era algo com meu pai e minha vontade foi gritar que na verdade era por causa do seu, mas eu nada disse. Até porque meu pai nunca iria deixar de ser um problema em minha vida realmente. Na verdade, não me lembro de um só dia em que ele foi realmente um pai. Sempre foi essa pessoa omissa, viciada, que me dava nojo. Não sei como uma pessoa tão linda e doce quanto a minha mãe foi capaz de se envolver com um homem asqueroso como ele. Apesar dela nunca ter reclamado diretamente sobre ele, sei o quanto se arrepende de ter tido algo com ele um dia. Ao menos eu sei que não tem chances de algum dia eles voltarem a ficar juntos. Graças a Deus por isso! Não por ele, claro, pois ainda que tenham mais de vinte anos separados, ele parece não desistir de tentar uma reconciliação. Pelo menos minha mãe é sensata.

Não tenho vergonha em admitir que a única coisa boa que meu pai fez para mim, foi ter me dado três irmãos. Yan, Charlotte e Gael são pessoas maravilhosas, que definitivamente não puxaram o sangue ruim por parte do

nosso pai. Gael e Charlie são filhos do segundo casamento e também são os que tenho de mais próximos. Não que eu não tenha uma boa relação com Yan, mas como nosso pai era bígamo na época em que era casado com nossas mães, foi natural que quando elas descobriram sobre isso, não tenham nos mantido muito próximos, o que mudou só quando ficamos mais velhos. E Yan também é o mais fechado dos meus três irmãos, embora ele sempre esteja preocupado conosco a sua maneira.

Mas o caso é que nosso pai parece criança, sempre temos que resolver seus problemas causados pelo vício do jogo. Já cansamos de sair de madrugada para tirá-lo da cadeia por causa de brigas de bar ou até mesmo para resgatá-lo caído de bêbado em um beco qualquer. É realmente deprimente e frustrante termos que cuidar de uma pessoa que nunca cuidou de nenhum de nós.

Só que meu pai é o que menos me incomodava, eu já estava acostumada a lidar com esse traste. O que me incomodava de fato, era essa dor da rejeição que ficava o tempo todo cutucando meu coração. Eu só precisava esquecer agora. Qualquer coisa para entorpecer a

realidade da minha vida. Qualquer coisa seria melhor do que manter a mente sã sobre os últimos acontecimentos e foi exatamente nisso que pensei quando Stephanie disse:

— Aqui está o que você vai fazer: Vamos sair agora. Beber. Dançar. Nos divertir. Você vai mostrar para ele o que está perdendo e logo, logo, o “Frustreco” que te frustrou, vai ser o frustrado e irá comer na sua mão ou aonde quiser. Entendeu? — Stephanie perguntou e naquele momento percebi que era isso que eu deveria fazer.

— Sim. Vou esfregar na cara dele a merda que fez ao me deixar com um “post-it”. — falei puta da vida, ainda assim decidida, enquanto limpava minhas lágrimas.

— Muito bem, garota. Assim que eu gosto. Agora coloque sua roupa mais provocante, de preferência corte uma saia, coloque um salto, vamos fazer uma make e pronto. Partiu, balada.

Depois de vestir a roupa mais provocante que eu tinha em meu guarda-roupa, uma blusa vermelha decotada e uma saia preta que havia sido presente da Steph e mais me parecia um cinto, nós duas saímos do castelo, com ela

escondida em meu carro. A princípio ela se recusou, mas lembrei-a que caso ela ousasse sair em seu carro, obviamente teríamos uma dezena de segurança em nossa cola, além de ter nossa diversão frustrada. Não, hoje eu precisava encontrar uma forma de afogar minhas mágoas e foi pensando exatamente nisso que eu respirei fundo e entrei no *Hard Rock Café*.

O lugar estava lotado, por mais que estivéssemos em uma segunda-feira. Eu sabia que era má ideia me deixar levar por Stephanie e vir aqui essa noite, afinal muitas coisas poderiam dar erradas aqui, no melhor das hipóteses poderemos ser descobertas pela segurança real e ficarmos realmente encrocadas. Mas eu iria precisar de umas doses de tequila ou seis para celebrar a minha burrice por ter aberto minhas pernas para o Rei.

Então, não. Eu não iria pensar de forma sensata essa noite!

Stephanne logo me levou para o bar, enquanto eu olhava tudo ao meu redor, tentando não temer pelo que estava por vir. Eu só precisava deixar de neura e me deixar levar.

— Duas doses duplas de tequila, por favor. — ela pediu ao garçom e depois se virou para mim. — Bom, começaremos com Tequila para poder abrir o apetite e liberar um pouco a tensão. — Piscou para mim e a primeira coisa que pensei foi: *Estou ferrada!*

Então foi inevitável não temer pelo que viria depois de uma decisão impensada como essa e pensei sinceramente em voltar atrás. Não poderia deixar que isso me afetasse mais do que devia. Todo o luxo da vida da realeza traz também responsabilidade. Isto quer dizer que ela também tem responsabilidade de estar sempre bem. Não pode haver nenhum tipo de comportamento que dê margem a qualquer fofoca. Por isso que estas pessoas são bem treinadas. Mas bem, Steph tem vivido anos sem se importar com isso. Não era agora que ela se importaria. Mas fazer isso aqui em um país pequeno como a Campavia, é quase como dar um tiro no próprio pé. Afinal, aqui qualquer coisa mínima que ela faça pode vir a colocar toda a imagem da coroa a perder.

— Steph, eu não sei se deveríamos ter vindo. — falei receosa.

— E por que não seria? Você levou um pé na bunda e não vai ficar no quarto se lamentando. — falou, revoltada.

Eu sei que ela estava certa, mas ouvi-la falar assim parecia diminuir o que eu tinha vivido e sentia por ele.

— Eu sei... Mas eu amo ele. — confessei.

— Para com essa porra e vamos beber! — falou séria.

Ela tinha razão. Ficar bêbada e esquecer que depois da melhor noite na minha vida eu fui chutada por um *post-it*, era o meu objetivo principal essa noite. Depois? Depois eu pensava no depois.

— Ok. — falei, antes de beber a dose de tequila que o garçom me trouxe.

— Vamos beber, vamos dançar, vamos curtir, vamos cair, vamos beijar e no outro dia culparemos o álcool. — Falou simplesmente.

— Você acha isso uma boa ideia? — pergunto receosa.

— Lógico. Tudo que inclui álcool e um homem gostoso para nos dar um orgasmo, são com certeza as melhores ideias. — disse, dando de ombros.

Nossa! Como eu queria que as coisas fossem tão simples assim. Como eu queria poder simplesmente

esquecer o que houve. Esquercer o que sinto.

— Às vezes tenho medo de seus conselhos. — admiti, olhando ao redor, tentando disfarçar meu medo de que fôssemos descobertas.

— Assim você me ofende. Relaxe e goze. Quando foi que lhe meti em problemas? — Perguntou e várias coisas que nós aprontamos vieram em minha mente.

Lembrei-me da vez em que fugimos do colégio interno para a inauguração de uma boate e quando retormamos às cinco da manhã, estávamos bêbadas e um dos seguranças nos pegou escalando o muro. Como se já não bastasse isso, a madre superiora acabou pegando Stephanne tentando seduzí-lo e suborná-lo com favores sexuais. Ficamos realmente encrencadas. Até que eu estava acostumada com Stephanne sendo ela naquele momento, porque o segurança era realmente uma coisinha linda, mas nada se comparou a cara horrorizada que a madre fez quando viu a cena. Fomos expulsas, mas como sempre Edward conseguiu interferir na decisão.

Fora a vez em que fomos obrigadas a usar as vestes de noviças, pois Stephanne achou que seria engraçado que

nós cortássemos nosso uniforme de educação física e aparecemos durante a aula com a blusa cortada do tamanho de um top e o short do tamanho da palma da minha mão.

— Não dificulte, por favor. Era uma pergunta retórica! — falou, quando reparou que eu diria algo e eu não pude deixar de rir, porque ela sabia que eu não tinha dedos suficientes para contar quantas vezes ela nos meteu em apuros. — Meus conselhos sempre são os melhores. Bom. Mais uma dose e dançaremos um pouco. — ela pediu mais uma dose e eu me preocupei de estarmos indo rápido demais. — Depois escolheremos um carinha gato e solteiro, para que você possa se distrair um pouco.

Eu ia dizer que não sabia se era uma boa ideia misturar bebida, homem e coração partido, mas aí ela me mostrou um rapaz gatinho, próximo à pista de dança.

— Tipo ele. — apontou e ele olhou para nós duas.

Hum... Interessante!

— Como você sabe que ele é solteiro? — perguntei disfarçadamente, pois eu ficava impressionada com a percepção de Stephanne às vezes. Ela levantou minha mão

para que eu o cumprimentasse e fiquei imediatamente envergonhada.

— Bom querida, ele está nitidamente a procura de uma pessoa essa noite, pois ele está em um local estratégico para que possa ver todas as mulheres disponíveis e sua pose diz exatamente que ele está à caça. E também, depois que você fica com mais rapazes que você pode contabilizar, você adquire esse dom.

— Nossa! Eu tinha esquecido como você é boa com isso. — admiti e o carinha piscou para mim, me deixando atônita.

Não é que ela tinha razão?

— Você não imagina o quanto. — murmurou orgulhosa.

Bebemos mais uma dose antes de partirmos para *Margueritta* e contrariando o que eu achei que Stephanne faria por causa do seu pé ainda com a bota ortopédica, saímos para dançar. O som da batida da música se infiltrou em meus ouvidos e meu corpo se mexeu ao som dessas batidas como se tivesse vida própria. Por um momento me permito esquecer a bagunça que estou e deixo-me levar pelas sensações. Meus braços agitaram-se

e eu fechei os olhos, curtindo esses instantes incomuns de leveza. O álcool ajudando a me desinibir, me deixando um pouco longe de mim mesma. Havia tanto tempo que eu não fazia isso, me permitir deixar levar, que me sinto um pouco adolescente outra vez. Recordando-me da época em que vivia no colégio interno na Suíça e me deixava levar pelas maluquices de Steph. De certa forma era exatamente o que eu estava fazendo agora, me deixando levar pela pessoa mais desajuizada e sem limites que pode existir nesse mundo: Stephanie. E sinceramente? Ela estava certa, porque essa merda estava definitivamente funcionando.

Depois de dançar por diversos minutos, sinto minha garganta seca e decido que é hora de abastecer-me com o álcool, antes que a razão volte a minha mente e eu estrague meu momento. Olho para Stephanie e me sinto culpada por ter permitido que ela me arrastasse para pista de dança quando na verdade ela deveria estar em casa ou pelo menos em uma mesa sentada, descansando seu pé imobilizado pela bota ortopédica. Eu deveria ser aquela que a recriminaria por estar bebendo, quando ela está

tomando anti-inflamatório, mas seria uma estúpida se o fizesse, pois é claro que ela beberia. É como se eu nem sequer a conhecesse por pensar na possibilidade dela não beber.

— Fique aí. Vou buscar uma bebida para nós duas. Dançamos bastante, não quero que a gente se desidrate. — falei, fazendo com que ela risse.

Fui rebolando, me deixando levar pelo álcool e pela música, deixando que o resto ficasse para trás. Estava voltando do bar com nossas bebidas na mão e fazendo meu caminho de volta a mesa, quando um corpo musculoso encaixou-se ao meu.

— Você vem sempre aqui? — uma voz grossa sussurrou em meu ouvido.

Oi? Jura que os caras ainda dão essa cantada?

— Não acho que isso seja da sua conta. — falei, me colocando na defensiva.

— É da minha conta a partir do momento em que eu farei você nunca mais esquecer que esteve aqui.

Uau! Apenas uau!

— Não estou à procura disso. — consegui dizer,

embora o meu desejo de que ele fizesse exatamente isso fosse grande.

— Um escritor russo que eu admiro dizia assim: *A felicidade é uma recompensa para quem não a procura.* -

— murmurou em meu ouvido.

Nossa! Ele ainda por cima é culto!

— Hum... E quem eu tive a honra de encontrar? — perguntei, me virando para dar de cara com um moreno lindo.

Jesus! E ele era tão lindo que algo de muito estranho aconteceu com minha calcinha!

— Rafael. — se apresentou e eu ainda estava meio chocada.

— Lourdes. — fui obrigada a me apresentar. — Er... Eu preciso ir. — falei rapidamente e quando pensei que estava livre daquela tentação, ele me puxou para os seus braços e capturou meus lábios com os dele e antes que eu me perdesse em seus lábios, se afastou e me puxou para mais perto dele, colocando seus lábios contra meu ouvido e dizendo:

— Lourdes, se você mudar de ideia, estarei te

esperando.

Com seu sorriso torto e a covinha na bochecha, soltou meus braços e eu me afastei, sentindo o pulsar entre as pernas. Me obriguei a andar, pois estava atordoada com as sensações que um cara desconhecido havia me causado, sendo que em anos apenas uma pessoa havia me causado emoções parecidas. Respirei fundo e continuei andando até chegar a nossa mesa. Pensei em contar para ela sobre o que havia acontecido, mas eu não tinha dúvidas de que Stephanne me faria aceitar o que Rafael me propôs, sem pensar nas consequências.

E sim, na próxima vez que eu abrisse minhas pernas para alguém, eu tinha que ao menos pensar nas consequências!

O celular de Steph começou a tocar e seu cenho franziu, eu perguntei quem era e ela disse que era um nome desconhecido e por isso ela iria ignorar. Mas enquanto bebíamos nossas bebidas, a pessoa do outro lado da linha insistia em lhe ligar, o que já estava deixando-a visivelmente impaciente.

— Atende logo, Steph. Vai que é alguma coisa

importante. — falei, sem conseguir deixar de olhar para a delícia que me fez aquela proposta tentadora.

— Se fosse algo realmente importante, não teria vergonha de esconder quem é. — Falou, não apenas irritada, mas visualmente contrariada. Afinal, Stephanie está acostumada a ter as coisas como ela quer.

— Ele vai ficar insistindo. — falei, assim que seu celular recomeçou a tocar.

— Foda-se! Abre a boca e fale. — Atendeu mal humorada.

Essa foi a minha deixa para fazer o que eu estava tentada a fazer. Quando dei por mim estava em frente a Rafael, que parecia saber que eu viria até ele.

— Lourdes. — sorriu presunçoso.

— Cala a boca e faça valer a pena. — eu disse, antes de ir de encontro a sua boca.

Em algum momento enquanto Rafael e eu nos agarrávamos, Steph veio até nós e disse que estava indo atrás de Théo. Na hora em que ela disse isso, um segundo de sensatez passou por mim e eu pensei em acompanhá-la,

mas quando ela me dispensou, resolvi que também não dispensaria a oportunidade de ter uma noite selvagem com Rafael. Ele seria minha fuga essa noite.

Não sei quanto tempo exatamente passei entre beijos com o moreno e junto com ele, doses e mais doses de tequila. Meu corpo parecia anestesiado, o álcool fluía em meu corpo, deixando-me fora de mim. E eu confesso que estava gostando disso. Gostei de me sentir um pouco fora de mim, dos meus problemas e da minha dor pela rejeição. Nesse momento nada mais me importava a não ser a louca vontade de eternizar o efeito momentâneo de intorpecência.

Rafael era uma delícia, quando me beijava parecia que iria me devorar ali mesmo, porém ele estava me irritando ao tentar me controlar. Eu não queria ser controlada. Eu queria perder o controle. Uma vez na vida eu não queria ser a Lourdes sensata que todo mundo esperava. Justamente por isso que resolvi aceitar a proposta do bartender, que fazia uma espécie de malabarismo e agora estava me esperando para me oferecer bebida diretamente na boca.

— Sabe, beber estraga o fígado. — Rafael murmurou e eu revirei os olhos irritada com essa sua tentativa de me impedir.

— Pois é, mas amar estraga o coração, a mente e a vida, então licença. — falei, antes de deitar-me no balcão e começar a beber a tequila que o bartender me dava.

Sim. Eu soei tão Steph agora. Mas quer saber? Foda-se!

A noite parecia cada vez mais feliz e movimentada. Liberdade era a palavra de ordem para mim essa noite. Estava meio perdida nas múltiplas sensações que o sacolejo da minha cabeça feito pelo *bartender* e também pelo que a bebida estava me causando, quando nossa brincadeira é subitamente interrompida.

— Tudo bem. Agora acho que já chega. — um moreno que eu não conhecia, surgiu não sei de onde e me tirou do meu torpor.

Minha nossa! Hoje Deus estava sendo generoso comigo!

— A menos que seja “beba essa bebida toda”, não me

diga o que fazer. — murmurei mal humorada. Afinal, ele podia ser gostoso o que fosse, mas não me diria o que fazer.

Eu comecei a rir do nada, me achando mais parecida com Stephanne a cada segundo que passava e eu estava adorando pensar como ela. Sentia-me tão mais leve. Mais feliz. Sentindo uma liberdade que eu nunca havia sentido antes. Agora eu entendo porque ela não queria assumir o trono, era tão divertido não ser certinha e cheia de regras. Estava adorando ser quase louca como minha amiguinha sem juízo. Definitivamente eu achava que precisava de mais noites como essa.

— Vamos, Steph pediu para eu te levar. — ele falou, me colocando de pé.

— E quem é você? — perguntei, olhando para ele de cima a baixo.

Porque nossa, que delícia hein?

— Victor, sou amigo de Théo. — se apresentou e eu nem ao menos me dei o trabalho de olhar na cara dele, porque seu corpo era uma coisa que nos fazia perder muito tempo admirando, mas então eu me lembrei dele.

— Ah! Você é o brasileiro dono do restaurante! — murmurei de um jeito que nem ao menos entendi direito.
— Bem que Stephanie disse que você era uma tentação.
— falei mais alto do que pretendia e ele riu.

O que? Eu não ficaria constrangida. Afinal, eu estava falando a verdade!

— Sim, eu mesmo. E você está indo comigo. — disse, sem dar brechas para que eu discordasse.

— Não. Não. Estou acompanhada. — murmurei, procurando meu acompanhante ao redor e não o encontrei.
— Ué, cadê Rafael?

— Ele já foi. Depois de lhe dar o meu cartão e lhe garantir que eu a levaria para casa em segurança, ele se despediu.

— Merda! Lá se foi meu orgasmo! — reclamei e o ouvi rindo.

Não sei como ele saiu me arrastando pela multidão, eu queria ficar um pouco mais, pois a música agitada estava tão legal.

— Vamos dançar! — gritei e saí puxando Victor junto comigo, que mesmo resmungando me seguiu.

Fiquei de costas para ele e suas mãos enormes seguravam meus quadris. Não me importo que ele seja amigo de Théo, afinal ele é gostoso e eu quero mais é que essa noite termine da melhor maneira mesmo. Continuo rebolando ao som de *Wiggle* de Jason Derulo e através da música em que eu também cantava, pude ouvi-lo gemer e eu sorri vitoriosa por isso. Foi então que sua voz máscula disse em meu ouvido:

— Por mais que eu aprecie essa dança, acho melhor não seguirmos com ela. Porque por mais cavalheiro que eu seja, também sou homem e não resisto a uma provocação. Acho melhor nós irmos. — disse simplesmente e começou a me arrastar novamente em direção à saída.

Eu ria, não sei por que motivo, enquanto íamos provavelmente em direção ao seu carro. Estávamos quase alcançando seu carro quando alguém chamou por ele e logo se aproximou de nós. Olhei de um para o outro, pois eles eram além de lindos, mas também muito parecidos.

— Está tudo bem, mano? — falaram isso em uma língua que não conheci.

— Por favor, não me deixem fora da conversa, falem em inglês. — pedi mal humorada e os dois riram.

— Sim. Está tudo bem, Vagner. Só estava levando essa mocinha para casa. — Victor respondeu já em inglês. — Lourdes, esse é Vagner, meu irmão.

— Uau. Será que hoje eu vou realizar o sonho de dar para dois irmãos ao mesmo tempo? — me perguntei.

— Não. Hoje você irá para sua cama, dona Lourdes. — Victor respondeu rindo, enquanto seu irmão ria ainda mais.

Oh! Merda! Eu apenas disse isso em voz alta!

— Não estrague os sonhos dela, mano. Não conseguirei colocar minha cabeça no travesseiro à noite pensando que frustramos o sonho dessa bela morena. — disse malicioso.

— Vagner, já estamos de saída. — Victor disse me empurrando para dentro do carro e eu olhei para Vagner sorrindo e tentei piscar para ele. Acho que consegui, porque ele piscou para mim também.

Sorrindo maliciosa, me sentei no banco do passageiro e assim que Victor rodeou o carro e sentou no banco do

motorista, pulei em seu colo e perguntei:

— Tudo bem garanhão, eu entendi. Você não gosta de dividir. Por que não paramos de perder tempo e não damos uma rapidinha aqui mesmo?

Abri os olhos, piscando para longe da neblina dos sonhos que meu cérebro estava envolto. Mas então uma dor horrível se fez presente. Eu não podia me mover. Minha cabeça parecia estar separada do meu corpo, meus braços e pernas pareciam ter se fundido a cama, como se um peso de dez toneladas estivesse sobre mim. Meu cérebro estava na ativa, mas meu corpo ainda estava dormindo. Tentei me levantar, mas minha cabeça girava e girava. Um gosto amargo se fez presente em minha boca e um enjoo me fez colocar a mão sobre ela.

— O banheiro é na porta da frente. Mas se for vomitar novamente, tome logo esse balde. — Ouvi a voz de Steph e me virei para encontrá-la ao pé da cama, com uma xícara na mão.

— Onde estamos? — tive que perguntar, porque eu não fazia ideia de que lugar era esse.

— Na casa de Théo. Victor te trouxe para cá. — falou, me estendendo a xicara de café.

Merda! Quem diabos é Victor? Como eu havia vindo parar na casa de Théo?

— Quem é Victor e como eu cheguei aqui se não me lembro? — perguntei e Stephanne parece ter achado isso engraçado, porque começou a rir, o que me fez fechar os olhos pela dor que se seguiu em minha cabeça.

— Me lembre de nunca mais deixá-la sozinha. Quem diria que um dia você precisaria de mim para colocar juízo em sua cabeça e não ao contrário. — afirmou, rindo ainda mais.

— E onde você estava? — perguntei, tomando o primeiro gole da bebida quente que ela me ofereceu e fiz uma careta por não estar adoçada. — Que eu saiba uma pessoa que bebe, precisa de glicose no dia seguinte para curar a ressaca.

— Sim. Mas a glicose é a segunda parte para curar uma bebedeira, primeiro preciso te fazer acordar e depois sim lhe darei todo o açúcar que você precisa. — disse rindo e eu concordei.

Quem sou eu para discordar da Princesa da bebedeira?

— Precisamos ir. São cinco da manhã. Temos que chegar ao castelo antes que meu pai note a nossa ausência.

Sim. Quando ela me disse isso lembrei-me o porquê eu havia bebido tanto!

Da casa de Théo fomos até a boate e pegamos meu carro que havia ficado lá desde a noite anterior. No caminho até o castelo, Stephanne foi me contando tudo que havia acontecido na noite anterior. A cada palavra dita por ela, eu ficava mais assustada e constrangida comigo mesma e exatamente depois de tudo que ouvi, e após muito ficar remoendo, agora eu estava entrando no restaurante *Panela de Barro*.

Apesar de já ter ouvido falar sobre o local e da minha curiosidade de vir, ainda não tinha conhecido o restaurante. O lugar estava cheio, apesar de já ter passado da hora do almoço há muito tempo. Conforme haviam me dito, o local era rústico, sua decoração simples, mas ainda assim bastante aconchegante.

— Olha quem apareceu. — olhei para trás e me deparei com uma espécime muito, mas muito bonita de homem.

Ele deveria ter no mínimo 1,90 de altura, um corpo escultural. Seus cabelos foram cortados bem baixinhos, barba cerrada e sobrancelhas grossas. Mas apesar do queixo marcado e a cara de mau, seus olhos eram de um castanho escuro que lhe desmentem, pois os mesmos transmitem uma meiguice que não condiz com todo o tamanho dele. Ainda que não me lembrasse do que havia acontecido ontem, eu não tive dúvidas de quem era quando sorriu para mim.

Nossa mãe! Que delícia de sorriso!

— Victor? — perguntei receosa e ele assentiu, sorrindo.

— No fundo, eu achei que você viria. — falou, se aproximando e me cumprimentando com um beijo no rosto, como se realmente tivesse intimidade comigo.

E bem, pelo que Steph me contou, minha intimidade era algo que eu praticamente ofereci para ele de bandeja na última noite.

— Er... Eu vim...

— Victor, telefone para você. É sobre aquele assunto de Londres. — uma moça nos interrompeu e ele se virou para mim para se desculpar.

— Você pode esperar um segundo? Eu realmente preciso atender. Prometo não demorar. Peça alguma coisa para você, fique a vontade que já volto. — piscou para mim.

Sentei-me à mesa mais próxima que achei e quando a garçonete se aproximou, pedi um suco de melancia, que a sábia Stephanie havia me dito mais cedo que era excelente para ressaca. Meu estômago ainda estava embrulhado, mas eu estava curiosa sobre as iguarias brasileiras e por esse motivo estava folheando o cardápio, quando a cadeira em frente a mim foi puxada.

— Oi belezura, como está hoje? — um moreno muito parecido com Victor, disse ao se aproximar.

— Er... Bem. — consegui responder, olhando para ele intrigada.

— Você estava mal ontem viu? — continuou a falar, sorrindo.

— Estava? Você por um acaso estava lá? — perguntei surpresa.

— Estava e você ainda conversou comigo. — disse, agora rindo, parecendo achar graça.

Oh meu Jesus!

— Só me diga que eu não falei besteira. — praticamente implorei, enquanto colocava a mão no rosto com medo da sua resposta.

— Imagina. Foi uma das propostas mais interessantes que recebi. — ele respondeu e eu levantei a cabeça para encontrá-lo sorrindo.

— Proposta? — perguntei sem entender.

— Sim. Você apenas sugeriu que eu e Victor realizássemos o sonho de você transar com dois irmãos.

Ai. Meu. Deus. Apenas me mate!

— Vagner, apenas deixe-a. — Victor chegou, me deixando ainda mais constrangida se é possível.

— Eu realmente... — nem consegui terminar a pergunta, mas Victor pareceu entender o que eu queria saber, pois logo respondeu:

— Sim, você nos propôs isso. Mas em sua defesa,

você estava bêbada e Vagner é um idiota. Então não ligue para ele.

Merda! Isso só fazia melhorar!

— Não fique constrangida, amor, estamos aí quando você quiser colocar esse sonho em prática. — Vagner disse, acabando de acabar comigo.

— Vá embora, Vagner. — Victor disse para o irmão de forma dura e a minha vontade era de afogar-me nesse copo de suco em minha frente.

Nossa mãe! Eu estava assustada comigo mesma!

— Nunca mais vou beber! — prometi para mim mesma, mas acabei falando em voz alta, pois Victor riu.

— Tudo bem. Isso acontece. — ele falou, nitidamente querendo aliviar meu constrangimento. O que era impossível agora, visto que meu rosto queimava de tão vermelha que eu estava.

— Não. Isso não acontece comigo. Meu Deus! Não sei nem como me desculpar. Stephanne me contou o que houve, vim aqui agradecer pela ajuda e me desculpar pelo ocorrido, mas estou cada vez mais constrangida. Juro por Deus que não me lembro de nada e agora sei exatamente

porque, fiz feio! — admiti envergonhada.

— Não se preocupe, Lou. Às vezes quando a gente bebe faz coisas inconsequentes. Principalmente quando você está com o coração partido. — falou, deixando-me chocada.

Oh meu Deus! Não me diga que eu me abri para ele!

— Sim. Você me contou sobre o que houve com o Rei. — ele respondeu como se tivesse lido meus pensamentos.

Merda! Além de bêbada tarada, ainda sou bêbada linguaruda!

— Victor, eu sei que estou lhe devendo pelo que você fez por mim, mas pelo amor de Deus não conte sobre isso a ninguém! — pedi desesperada.

— Não se preocupe quanto a isso. Seu segredo está guardado comigo. — falou me parecendo sincero e piscou para mim. — Mas me diga, fora a ressaca como está hoje? — perguntou, aproximando sua cadeira da minha.

Por alguns segundos me perdi enquanto olhava para ele, tentando entender aonde ele queria chegar com essa pergunta e Victor parecia genuinamente preocupado. Eu não sei dizer o que me deu, talvez o fato de nunca ter me

aberto para ninguém sobre meus sentimentos, mas naquele momento acabei despejando mais uma vez tudo que eu sentia. Estranhamente senti que podia confiar nele.

Afinal, eu já havia lhe oferecido minha vagina, por que não lhe confiar o que eu guardava em meu coração?

Victor apenas me ouvia, parecendo interessado e até mesmo preocupado comigo. Não apenas o fato de me sentir mais leve por lhe confessar me aliviou, mas também saber que ele parecia preocupado em me ajudar.

— Aqui está o que eu acho. O Rei Edward me parece ser o tipo de homem que se preocupa primeiramente com as outras pessoas, mas não apenas sobre o que vão achar sobre ele se envolver com uma mulher mais nova que ele viu crescer, mas sim sobre o que ele pode lhe oferecer. Ele ficou viúvo muito cedo e nunca mais se casou ou se envolveu romanticamente com alguém, isso todo mundo sabe. Talvez ele só precise de um empurrãozinho para se dar conta que gosta de você. — Victor disse de forma segura.

— Como assim um empurrão? — perguntei interessada. Afinal, ele estava falando do homem que

amo.

— Lourdes, você aceita namorar comigo? — perguntou sorrindo.

Mas o que? Esse homem estava louco?

— Você só pode estar de brincadeira, Victor. — falei irritada e ele riu mais ainda.

— Em partes sim. Se você realmente quer lutar por ele como eu acho que deve, como eu disse, ele precisa de um empurrãozinho para esquecer seus receios. E nesse momento eu preciso de uma namorada para que minha mãe pare de pegar no meu pé. Podemos unir o útil ao agradável, minha mãe para de pegar no meu pé e nós fazemos ciúmes para o homem que você ama.

Eu ainda olhava para ele chocada. Ainda estava tentando assimilar o que ele estava me propondo. Na verdade, eu ainda esperava que ele dissesse que estava zoando com a minha cara e que não quis realmente dizer o que disse. Mas os segundos se passaram e ele não voltou atrás no que foi dito, então eu inevitavelmente acabei pensando sobre o que ele me propôs. Eu sabia que era maluquice minha aceitar essa proposta absurda, mas meu

coração estava além de magoado, estava desesperado. No fundo eu já sabia qual a minha decisão.

— Então, o que você me diz? — ele perguntou.

Respirei fundo e olhei para ele antes de responder:

— Eu aceito, namorado.

Sim. Loucura ou não, essa será minha última cartada!

Capítulo 5

Rei Edward

NÃO DESISTIREI

“Sorria, Edward! Você fez a coisa certa! Será melhor assim!”

Era isso que eu repetia para mim mesmo durante toda a maldita noite. Na verdade, era o que havia repetido para mim durante toda a semana e deveria ter dado certo, mas não deu. Eu deveria simplesmente parar de olhá-la com outro, mas simplesmente não consegui. Eu também não deveria me sentir como me sinto sobre ela, mas inevitavelmente me sinto.

Droga! Qual a parte do “não posso fazer isso com ela” que eu ainda não entendi?

Tudo estava uma bagunça dentro de mim e eu não poderia culpar ninguém além de mim mesmo por isso. Eu que não tive controle suficiente e me deixei levar pelo sentimento que insistia em sentir por ela. A noite de

coroação de Steph que deveria ter sido perfeita, pois foi meticulosamente planejada há anos, que eu deveria ter mantido o sorriso de orgulho pela minha menina, acabou transformando-se rapidamente em maxilar cerrado, pensamentos homicidas e uma conveniente ligação para o meu chefe de seguranças para garantir que ela estava com alguém que merecia estar ao lado dela. Porque se eu não podia tê-la, eu pelo menos tinha que ter a ficha completa do desgraçado, para ter certeza de que eu estava fazendo a coisa certa deixando-a continuar com ele.

Mas aparentemente o *Sr. Eu tenho um Sorriso Perfeito*, tinha a ficha mais limpa do que a minha, um Rei. Imagine só! Como eu ainda não admiti para mim mesmo que ele pudesse ter uma ficha tão impecável, pois já havia sido jovem e sei que a gente apronta pelo menos uma vez na vida e ainda por cima tenho um “pequeno” exemplo loiro, que aprontou muito mais do que posso admitir, então mandei investigar se ele não usava uma identidade falsa.

Vai que meus instintos de proteção estejam certos, né? Afinal, não custa nada ter certeza de que ele não é

um psicopata!

— *Senhor, todas as informações sobre o indivíduo foram confirmadas. Checamos inclusive históricos escolares e familiares, em que comprovam que ele realmente não usa nenhuma identidade falsa.* — Greg, meu chefe de seguranças, informou-me depois de um tempo que pedi que confirmasse suas informações.

Suspirei. Voltando meu olhar em direção ao “*casal Sorriso*”, que agora pareciam estar em uma conversa animada com Steph.

É. Até minha própria filha estava contra mim mesmo sem saber!

— Nada mais? — insisti.

Não é possível que não exista uma só coisa!

— *Sim, senhor. Há uma coisa.* — comentou.

Sabia que existia algo!

— O que, homem? Trate de falar logo! — ordenei, impaciente.

— *Há alguns dias, ele foi visto saindo de uma boate acompanhado com a Senhorita Paraizo. E depois disso, eles têm estado constantemente juntos. Inclusive em*

reuniões com a mãe dele. Um dos seguranças dela me informou que acredita que eles estejam em um relacionamento sério. — disse e eu fechei os olhos para não xingar uns palavrões bem feios.

Caralho! Eles estão o que?

Então eles estão realmente juntos? Juntos? Namorando? Como Lourdes foi capaz de seguir em frente depois que estive em sua cama em menos de uma semana? Não é possível que eu tenha me enganado com o que vi em seus olhos. Não é possível que eu tenha me enganado com o que sei que nós dois sentimos enquanto fazíamos amor. Tudo bem que eu havia sido um babaca ao deixá-la com apenas um bilhete, mas não é possível que tudo o que vivemos naquela noite tenha sido tão insignificante para ela, a ponto dela já estar com outro.

Por que tudo para mim tem que ser tão difícil?

— Eu quero mais um segurança seguindo-a vinte e quatro horas por dia, Greg. Cada passo que a Srta. Paraizo der, quero ser avisado. Também quero que alguém fique de olho nesse tal de Víctor. Quero ter certeza de que ele não é uma farsa. — ordenei, irritado.

— *Sim, majestade. Mais alguma coisa?* — perguntou.

— Não, apenas isso por agora. — falei, desligando.

Uma semana de merda em que eu não conseguia dormir ao pensar na noite em que passamos juntos. Meu sono que antes era tão raro, agora era quase inexistente e a minha vontade de ir até seu quarto, era quase insuportável. Uma semana de merda em que meu arrependimento por deixá-la me deixou praticamente à beira da loucura. Era uma tortura tê-la por perto, mas não poder fazer exatamente o que eu queria e desejava. Queria tanto me render e provar do seu mel novamente. Queria tanto fazê-la minha mais uma vez. Eu sei que foi uma escolha minha, apenas minha, mas eu não poderia ter feito diferente. E era exatamente por isso que tenho fugido dela como um maldito covarde que eu era.

A verdade é que eu deveria ter me arrependido, deveria ter me condenado por ter sucumbido à tentação de ter estado com Lourdes, mas eu não conseguia. Não poderia me arrepender do momento incrível que tivemos juntos. Foi bom demais para que eu pudesse negar-me o arrependimento. Ela era o meu mel. Era muito melhor do

que qualquer coisa que eu já senti por alguém. Isso também me assustou.

Depois que ela adormeceu aquela noite, exatamente como eu esperava que acontecesse, aquelas sensações ruins vieram. Tentei respirar, mas vi que era em vão. Pensei que talvez isso pudesse ser diferente, pois ela não era uma qualquer, mas aquele pânico e aquela sensação de terror me consumiu e foi mais forte do que eu. Eu precisava simplesmente ficar longe dela. Então a deixei dormindo em sua cama, escrevi o bilhete e fui embora sem olhar para trás. Na verdade, eu não tinha sido capaz de olhar para ela enquanto me afastava. Ainda que aquele misto de sensações ruins me dominassem, eu sabia que se apenas olhasse para ela, estaria de volta naquela cama, tomando-a para mim até que eu não aguentasse mais. Só que eu não podia fazer isso com ela. Eu não era merecedor de algo tão puro quanto Lourdes Maria.

Tentei ignorar mais uma vez a cólera que eu sentia a cada vez que os olhava sorrindo, mas era inevitável. Eu tinha coisas mais importantes do que minha paixão insensata por Lourdes, não podia continuar com cara de

tacho durante toda a festa. Exatamente por isso fui o anfitrião que eu deveria ser. Apresentei pessoalmente Stephanne para os convidados e apresentei com orgulho, porque independente dela não ter juízo, ela era minha princesinha, a minha menina, meu amor, a luz que me tirou das trevas. Quem olhava para minha menina, linda, educada, não imaginava o quanto ela era uma pequena dor de cabeça para o velho aqui. Mas quem poderia pensar em algo do tipo com essa beleza de anjo e esse sorriso que desarma qualquer um? Até eu que não sou nada bobo quando se trata dela, confesso que ela me tem completamente em torno do seu dedinho.

Esses dias foram interessantes. Fingir que não sabia exatamente tudo que Théo e Stephanne faziam, era uma coisa difícil. Especialmente quando eu quis muitas vezes dar uns bons castigos nela por ser tão cara de pau a ponto de mentir para mim sobre como ela havia machucado seu pé. Ela não estava realmente acreditando que eu havia caído naquela conversa mole de ter salvo um garotinho no shopping não é mesmo? Porque eu bem sei onde ela esteve e o que havia acontecido, só estava esperando para

ver até onde ela queria chegar com essa história. Mas Deus escreve certo por linhas tortas e coloca torta nisso, porque mais uma vez o destino intercedeu e os dois acabaram se cruzando. E desde então as coisas com eles só veem progredindo.

Agora eu estava em uma conversa com alguns membros da monarquia europeia, quando um dos Príncipes da Inglaterra pediu para dançar com Stephanie. Ela sorriu para ele e sabe aqueles sorrisos de quem vai aprontar? Pois é. Eu também conheço muito bem esse sorriso de Steph, meu sensor de perigo disparou e isso me deixou completamente em alerta. Comecei a pensar em mil maneiras em como ela poderia aprontar ali, mas me acalmei quando a vi olhando como quem não quer nada para Théo, que nesse momento estava mais do que furioso olhando a cena e tive que tentar conter meu próprio sorriso. É. Eu sabia exatamente o que minha filha estava fazendo. E o melhor de tudo, estava dando certo, pois Théo estava morto de ciúmes dela.

Sim. Meus filhos estavam indo exatamente para onde deveriam ir!

Sou um cara de muitos arrependimentos, mas alguns poderiam ter sido facilmente evitados. E é inevitavelmente isso que penso quando meu olhar cai sobre a ruiva que se aproximou de mim. Ainda que ela seja algo interessante de se olhar e ainda mais interessante no que faz na cama, inevitavelmente me lembrei de ter me arrependido de ter dormido com alguém. E esse alguém agora estava diante de mim: Lauren.

É. Meu pau precisava começar a fazer um tipo de seleção, porque ninguém merece!

— Pensei que não poderia te roubar um tempo para mim, Majestade. — comentou, passando a mão no meu braço.

E quem disse a ela que pode?

— Olá, Lauren. — cumprimentei, seco.

— Você não me ligou. — continuou, com a voz manhosa.

Por que as mulheres acham que essa merda é sexy? Mulheres, parem com isso, sério! Isso é broxante!

— Por que eu ligaria? — perguntei, com a sobrancelha

erguida.

Afinal, eu nunca lhe prometi que o que houve se repetiria. Muito pelo contrário, o arrependimento chegou ainda mais rápido do que com as outras mulheres e eu não sabia explicar realmente o por que.

— Porque eu sei que nós nos divertimos. — sussurrou em meu ouvido e ao invés de ficar excitado com seu gesto, tive vontade de me afastar.

Vagabunda e ainda por cima nada modesta? Não, obrigado!

— Não sei se você já reparou, mas não tenho tempo para diversão, Lauren. Sou um Rei. Tenho meus deveres a cumprir. — falei, em uma tentativa que ela entendesse de uma vez por todas que eu não iria lá de novo.

— Você está um pouco estressado. Entendo. Posso vir fazer uma massagem quando quiser. — insinuou-se.

— Como você não entendeu ainda, vou ser ainda mais direto com você, Lauren: Foi apenas uma noite. Não estou interessado. Isso não vai se repetir. Passar bem. — eu disse, virando as costas.

É. Eu sei que fui um grosso! Mas hoje não estou com

muita paciência!

Eu só esperava que ela não me ocasionasse problemas. Já bastavam os que eu já tinha. Louco para sair de perto dela, comecei a andar e cumprimentei mais alguns convidados. Minha paciência, que não era muita hoje, estava esvaindo-se ainda mais a cada segundo. Tentei me distrair focando-me em qualquer coisa que não fosse relacionada à Lourdes Maria, mas era em vão, meus olhos sempre acabavam voltavam para ela. Agora estava conversando com Alano, o Primeiro-Ministro, quando Evan Carrara, cunhado de Lauren, apareceu.

Só espero que ele não queira falar sobre a vadia da sua cunhada!

— Boa noite, majestade. — cumprimentou-me educadamente.

— Boa noite. — retribui, com um meneio de cabeça.

Alano apenas me olhou com cautela, pois sabia como eu me sentia diante a família Carrara. Apesar de saber que Evan em nada tinha a ver com as decisões dos nossos antepassados, era apenas inevitável que eu me sentisse assim, tudo nessa família me lembrava do passado.

— Bela festa. Parabéns! Conheci a Princesa. Linda ela, não? — falou.

— Obrigado. — agradei orgulhosamente.

— Stephanie é realmente uma bela moça. — Alano reiterou e eu sorri.

— Não é a toa que todos os solteiros da Campavia já estejam de olho na Princesa. — Evan continuou.

— Hm... Eu não os julgo por isso. — comentei, porque era a verdade.

— E ela e seu filho, Alano, estão realmente juntos? Tenho visto as notícias sobre os dois durante essa semana. E olha qual foi a surpresa quando descobrimos quem era. — sondou, com um sorriso que não alcançou seus olhos.

Alano e eu trocamos olhares, porque a pergunta dele nos pegou de surpresa e mesmo que soubéssemos que provavelmente seríamos sondados sobre o assunto, não sabemos realmente como responder a isso. E bem, sei muito bem que minha Stephanie não é nenhuma virgem, não gosto de pensar no que eles devem ou não fazer entre quatro paredes. Sabemos que eles estão juntos de alguma maneira, na verdade, hoje foi apenas uma confirmação

para todos, mas não podemos assumir o que nem eles ainda assumiram. E apesar de termos dado um empurrãozinho aqui e ali, como avisando a um paparazzi do jornal local sobre onde Théo estaria e também sobre um possível casamento nobre do “filho” do Primeiro-Ministro. Ou até mesmo por ter feito os dois ficarem sozinhos ao esvaziar o tanque de gasolina do carro de Théo e deixando-os sem comunicação, era apenas uma maneira de fazer com que eles se conectassem ainda mais. Porém, falar sobre isso era arriscado. Sabemos que apesar de termos interferido para que certas coisas acontecessem, o próximo passo deverá ser deles e um passo em falso nosso pode colocar tudo a perder.

— Não sei se você sabe, mas Theodore e a Princesa Stephanie são amigos de infância, Evan. — Alano finalmente quebrou o silêncio.

— É verdade. Além do mais, Théo está ajudando Stephanie a se readaptar a Campavia e principalmente com seu principado. — complementei e ele não pareceu acreditar muito no que dissemos, mas logo tratou de mascarar isso com outro sorriso.

— Claro. Só mande sua filha tomar cuidado com Theodore. — Evan afirmou, me fazendo olhar feio para ele.

Mas o que?

— Por que está falando isso sobre meu filho? — Alano perguntou justamente o que eu gostaria de perguntar, mas eu não podia. Então por isso controlei a minha vontade de socar a cara dele, por ousar falar mal do meu filho.

— Ora, porque ele já foi namorado da minha filha e sei como Eva ficou quando ele resolveu terminar com ela sem mais nem menos. — respondeu, com um sorriso sarcástico.

— Eles eram adolescentes, Evan. Théo estava indo para faculdade. Você preferia que ele ficasse enganando sua filha? — Alano perguntou, incomodado.

— Até semana passada? — Evan respondeu com outra pergunta, em conjunto com um sorriso enigmático e eu estreitei meu olhar sobre ele.

Onde esse filho da puta está querendo chegar com essa conversa?

— O que você quer dizer com isso, Evan? perguntei, irritado, não conseguindo mais me conter.

— Nada, majestade. Theo é um bom rapaz, mas é um pouco mulherengo. Tenho certeza de que você não quer ver sua filha sofrendo.

Na verdade, eu estava doido para lhe ver sofrendo com um punho meu na sua cara, mas algo fez com que eu desviasse minha atenção da conversa. Lourdes dançava com o *Sr. Eu tenho um Sorriso Perfeito* e seu olhar encontrou o meu. Durante alguns segundos, não conseguimos interromper essa conexão, mas então ela desviou o olhar do meu e colocou sua cabeça no ombro dele. Engoli em seco, uma sensação de impotência me dominando com a cena. Eu simplesmente não conseguia mais me controlar. Lembrei-me das palavras de Antonella dias atrás e foi então que decidi que era hora de finalmente começar a seguir com o que eu queria. Era hora disso.

Discretamente, mandei uma mensagem de texto para a organizadora pedindo que colocasse uma música. Quando os vi saindo sorrateiramente do meio do salão, me

despedi apressadamente de Alano e Evan, que pareciam estar em uma discussão sobre Théo, mas nesse momento não me importei, afinal eu havia tomado uma decisão em minha vida depois de muito tempo. Por sorte interceptei-os antes que se afastassem e os dois ficaram obviamente surpresos com a minha chegada abrupta, mas Lourdes rapidamente recuperou a fachada indiferente que ela tem mantido comigo durante toda a semana.

— Majestade. — *Sr. Eu tenho um Sorriso Perfeito*, reverenciou-me e Lourdes, meio a contragosto fez o mesmo.

— Precisa de alguma coisa, majestade? — Lourdes perguntou, sua voz séria e monótona.

— Apenas que dance comigo. — falei, olhando diretamente em seus olhos e ela baixou o olhar surpresa, mas visivelmente mexida com meu pedido. — Você não se incomoda, não é mesmo, meu rapaz? — perguntei a ele, sem deixar brechas para qualquer negação.

Queria ver esse ser negar alguma coisa ao seu Rei!

— Hm. Jamais, alteza. — disse sério e virou-se para ela. — Eu vou estar ali com os caras. Tudo bem, minha

flor? — perguntou a ela e eu engoli a vontade de bufar.

Flor? Ele só pode estar de sacanagem comigo! Ela é meu mel!

— Ok, benzinho. Daqui a pouco eu volto para você. — ela disse de forma doce e ele beijou suavemente seus lábios, o que fez com que eu tivesse que me conter, fechando minhas mãos em punho para não partir para cima dele.

Filho da mãe! Ele vai ver o benzinho nesses dentes perfeitos!

Não esperei ninguém falar mais nada e fui levando-a rapidamente para a pista de dança. Segurei sua mão e posicionei a outra na sua cintura, puxando seu corpo contra o meu. Eu queria memorizar cada detalhe de como era bom tê-la em meus braços novamente e faria de tudo para que essa dança fosse inesquecível para ela também. Lourdes parecia um pouco tensa com o contato, mas disfarçou bem. Eu sabia que não era a melhor hora para conversarmos, mas eu queria que ela me entendesse. Ao menos um pouco.

— O que você está fazendo com ele? — perguntei, sem

me aguentar, quando finalmente começamos a dançar.

— Desculpe, majestade. Mas não sei o porquê isso seria da sua conta. — respondeu secamente.

Ai! Essa doeu!

— É sim. E você sabe disso. — falei, indignado por ela achar que eu não me importaria com isso.

— Deixou de ser no momento que você me deixou sozinha na cama, com um bilhete apenas. Eu entendi muito bem o recado, Edward. — sua voz dura.

Merda! Essa eu mereci! Eu bem sei que fui um babaca!

— Lourdes, sobre isso...

— Sobre isso eu entendi muito bem. — ela me interrompeu. — Não estou pedindo nada a você. Muito pelo contrário, estou passando uma borracha no que aconteceu. Aquilo foi um erro para você e eu entendi. — disse de forma austera.

— Não, Lourdes. Precisamos conversar. Você sabe. Não se apaga o que tivemos dessa maneira, você sabe disso. — falei indignado.

— Eu entendi o recado, majestade. Fora que Lauren

também fez questão de deixar claro que estão juntos. — disse, irritada.

Que diabos Lauren disse a ela?

— O que Lauren te disse certamente é mentira. Não tenho nada com ela. Já tive e você ouviu muito bem sobre isso naquela noite. E foi apenas uma vez e mais nada. — argumentei e ela suspirou.

— Não se preocupe. Como eu ia dizendo, vossa majestade não me deve explicações. Segui minha vida. Não precisa tentar consertar o que foi quebrado. — respondeu firmemente e eu engoli em seco pela forma firme que ela estava agindo sobre nós dois.

Mas não era isso que eu queria? Não era o melhor a se fazer? Por ela?

Não, eu sabia que eu não podia mais fugir disso. Eu não queria e não podia. Exatamente como eu havia pedido, *I Won't Give Up* de Jason Mraz começou a tocar. Desde que estive com ela tenho escutado muito essa música, pois ela tem dito exatamente o que eu sinto. Então segurei seu queixo e fiz com que ela olhasse em meus olhos, para que ela entendesse tudo que eu queria lhe

dizer através da música.

— Lourdes, meu Mel, não desvie os olhos dos meus, porque eu quero que entenda como estou me sentindo. — sussurrei e ela engoliu em seco.

*“... Não desistirei de nós
Deus sabe que sou forte, ele sabe
Temos muito a aprender
Deus sabe que somos dignos
Não desistirei de nós
Mesmo que os céus fiquem violentos
Estou lhe dando todo meu amor
Ainda olho para cima”*

Enquanto a música tocava, tudo pareceu sumir ao nosso redor. Havia apenas nós dois e um mundo de sentimentos sendo ditos em silêncio através da melodia. Era muito mais do que um dia eu pude imaginar sentir por alguém depois de tudo. Era mais do que eu esperei que pudesse sentir por alguém que não fosse Alisson. Era muito mais do que eu era merecedor de sentir. Seus lindos

olhos castanho-esverdeados estavam cheios de lágrimas não derramadas e eu pude sentir a reciprocidade dos sentimentos que pareciam girar ao nosso redor. Mas a música rapidamente acabou e quando ela acabou, acabou também a esperança que senti que as coisas ficariam bem entre nós. Pude vê-la enxugando uma lágrima e saber que a fiz sofrer acabava comigo.

Eu queria que ela entendesse que eu a amava, que eu havia feito o que fiz pensando exclusivamente nela, mas que agora não me importava mais, porém algo me dizia que ela não se renderia tão facilmente. Então não foi surpresa para mim quando ela se afastou e voltou seu olhar para mim. Firme. Decidida. Ali, diante de mim, estava uma Lourdes que eu ainda não conhecia. Ela estava mais firme, forte, do que fora outrora e mais do que isso, estava ferida pela forma como eu a havia magoado. Por mais que me doesse, eu sabia que merecia esse olhar que ela estava dirigindo a mim agora.

— Obrigada pela dança, majestade. Se você me der licença, meu namorado está me esperando.

Sem mais, ela reverenciou-me rapidamente e antes

mesmo que eu pudesse retrucar, ela já havia sumido em meio à multidão. Meu coração se apertou pela forma como as coisas estavam entre nós, mas eu sabia que era o único culpado por isso agora. Pensei em ir atrás dela, porém tive que me conter, pois fazer isso poderia ser um erro. Eu fui egoísta e pensei que a estava protegendo mantendo-a longe, mas esqueci de que não estava protegendo nossos corações. Muito pelo contrário. E vendo sua silhueta se afastando em plena multidão, eu decidi uma coisa: Eu não a deixaria livremente sem lutar. Eu iria enfrentar todas as consequências pela minha escolha, mas eu lutaria por ela. Pelo nosso amor. Como disse a música: eu não desistirei.

Capítulo 6

Lourdes

RESULTADO

Depois de mais de três semanas em uma tentativa de mostrar a Edward o que ele estava perdendo e de que tinha “seguido em frente” com meu falso namoro com Victor, eu já estava inclinada a abandonar meus planos e não apenas não sucumbir as suas novas e incessantes investidas, mas sim procurar um novo rumo em minha vida. Não estava sendo fácil como cheguei a achar que talvez fosse, por esse motivo comecei a procurar novos trabalhos e estava até mesmo cogitando a possibilidade de me mudar de país. Eu tinha uma boa grana guardada e comecei a pensar que quem sabe se ficasse longe não era o melhor a se fazer para mim. Poderia ser loucura, ou até mesmo extremismo da minha parte, mas talvez a mudança de ares finalmente me ajudasse a esquecer esse amor

irracional que ainda insistia em sentir.

Edward andou atrás de mim durante todo esse tempo, mas por mais que desejasse desesperadamente dar o braço a torcer e esquecer de todo o resto, eu sabia que não poderia fazer as coisas mais fáceis para ele. Fiz exatamente o que ele havia feito antes que eu aparecesse com Victor: fugia. Fugia dele em toda oportunidade que podia. Não poderia permitir que meu amor por ele fosse maior que meu orgulho ou até mesmo a minha sensatez. Victor estava certo sobre algo que me disse outro dia, que ainda que a gente ame alguém devemos ser um pouco egoístas, pois temos que nos amar em primeiro lugar, para só então nos permitirmos amar e ser amados de volta. Não devemos deixar que nosso coração simplesmente fale mais alto do que a nossa razão. E embora Edward tenha vindo atrás de mim, era isso que tenho tentado fazer. Não me contentaria com um “pouco” apenas. Não mesmo.

Pode parecer uma equação simples para quem vê de fora, mas só quem convive com seu infortúnio diariamente sabe o quanto é difícil seguir como se a vida fosse perfeita e ele não abalasse seu mundo. O que sabemos que

é mentira, pois um simples olhar de Edward é capaz de me fazer entrar em ebulição. E o fato dele ter aquele corpo perfeito, que mexe com a minha libido de forma absurda, não ajuda em nada.

— Está tudo bem? Você parece distraída. — Steph falou, só então me fazendo perceber que divagava.

— Sim. Sim. Está tudo bem. Só estava pensando em algumas coisas. — respondi, simplesmente.

Sim. Coisas como um orgasmo proporcionado por seu pai!

— Problemas? — ela perguntou, genuinamente preocupada.

— Quando não temos? — respondi com outra pergunta, não querendo persistir na mentira e forcei um sorriso.

— Com certeza não quando se tem aquele espetáculo de homem na cama. O que é? Victor não está dando conta do recado? Por favor! Não me decepcione! — brincou, parecendo desolada e eu ri, ainda mais sem jeito do que já estava.

— Não. Victor tem feito seu trabalho direitinho. —

menti, mas também não era de todo mentira.

Afinal, Victor tem sido um amigo e tanto, tem feito muito mais do que me incentivar a prosseguir com essa maluquice, tem sido um ótimo companheiro e conselheiro. Antes dele, eu nunca havia pensado em ser realmente amiga de um cara sem que houvesse segundas intenções de ambas as partes e o mais perto de amigo assim que eu havia tido, era Théo, embora a gente não convivesse mais realmente há muitos anos. Mas é exatamente isso que acontece entre nós. Victor e eu passamos nosso tempo juntos, conversando, assistindo filmes e ele até mesmo tentou me ensinar a cozinhar. O que tenho de confessar, não foi uma experiência muito legal.

Nós temos realmente uma boa convivência e nos damos muito bem. Eu me sinto tão bem e a vontade ao seu lado, que tem horas que parece que nos conhecemos há anos. Mas como eu sempre tenho uma tendência a fazer merdas, outro dia fiz a besteira de tomar um porre de vinho, após receber uma mensagem de Edward dizendo que queria conversar e mais uma vez eu cometi a burrada de tentar alguma coisa com Victor. Depois de ter sido

dispensada por ele pela segunda vez, fiquei sem graça, mas Victor sendo o *gentleman* que é, até brincou dizendo que na terceira vez ele não perdoaria, pois aí já era testar demais seu autocontrole.

É. Podem dizer que estou perdendo meu tempo sem curtir aquele belo pedaço de homem, porque até eu mesma acho isso!

— Cuidado. Pensar demais pode causar depressão, pois a mente cria problemas que ainda não existem. — Steph disse como se lesse nas entrelinhas.

Oh se ela soubesse!

— E você? Como andam as coisas com Théo? — perguntei, doida para mudar o foco sobre mim, porque eu odiava mentir para ela e definitivamente para mim essa era a pior parte de todo esse plano louco e sem pé nem cabeça.

— Não anda. — Steph soltou um suspiro irritado. — Mas andar era a última coisa que eu queria fazer com ele mesmo. Sentar e quicar sim, andar definitivamente não. Se bem que cavalgar não seria má ideia. — disse maliciosa, me fazendo cair na gargalhada.

Ela era assim, sem filtros, sincera ao extremo. Safada na mesma intensidade. Não tinha vergonha de nada e nem de ninguém, muito menos do que queria. E bem, o que ela queria agora se chamava Theodore Caravaggio. Foi só ela voltar para Campavia para que a paixão de infância dos dois se reacendesse. Os dois foram reticentes no início e por mais que Stephanne fizesse as coisas mais difíceis para ele, Théo não demorou a dar o braço a torcer sobre o que sentia. Já ela, demorou um pouco mais a aceitar e acabou fazendo a besteira de acreditar na ex-dele quando eles finalmente haviam se entendido.

Nós conhecemos Théo desde pequeno e ele pode ter todos os defeitos e ser até mesmo muitas coisas, mas ele não faz o tipo mentiroso. Só que o fato dela ter duvidado da sua palavra, deixou Théo irritado e ele tem feito Steph cortar uns dobrados como forma de punição. Suas indiretas para ela têm me feito corar como uma virgem, por mais que eu não seja há muitos anos.

— Você sabe que mereceu, não é? — perguntei e ela bufou novamente, visivelmente contrariada.

— Sei. Mas ainda assim já era hora dele parar com

isso. Não é legal ficar sexualmente frustrada.

Não. Não era mesmo! Eu mais do que ninguém sabia disso!

— Eu nunca havia ficado tanto tempo sem sexo. Nós poderíamos unir nossas frustrações e transar até dizer chega. — continuou e eu ri, antes de olhar séria para ela.

— Steph, você sabe que talvez isso entre vocês fosse facilmente resolvido, era só você ir conversar com ele, pedir desculpas pelo acontecido. Só acho que já deveria ter feito. — comentei e ela revirou os olhos.

— Eu não sei simplesmente chegar e pedir desculpas. Apesar de saber que é o que eu teria de fazer, simplesmente não consigo. — admitiu e eu assenti.

Steph tinha todos os defeitos do mundo, mas ela não era uma pessoa injusta. No início ela disse que não negava que embora o quisesse mais do que a próxima coleção da *Miu Miu*, não iria dar esse gostinho de vitória a ele. Jamais. Por mais que para ela tivesse sido difícil dar o braço a torcer e que agora ela admitisse para mim, admitir para Théo que ela havia errado já era outra coisa.

— Olha, sei que você não gosta de falar sobre isso e

muito menos rotular o que você vive, mas em um relacionamento nós temos que aprender a ceder e principalmente a admitir quando erramos. Sei que você não está acostumada a isso, mas não podemos simplesmente nos calar e nos eximir dos erros cometidos, pois o orgulho pode destruir qualquer relação. Você assumir um erro só vai mostrar o quanto você é madura e que está disposta a corrigir o que fez, fazendo tudo diferente no futuro. Porém, se você não pedir perdão agora, além de correr o risco de não viver o que vocês sentem um pelo outro, as mágoas poderão se acumular e isso fará com que vocês se afastem futuramente. — falei e ela suspirou.

— Por mais que uma parte minha queira negar, se rebelar e dizer um “foda-se” bem grande para Théo, outra parte minha sabe disso. E isso está me incomodando. É como se eu estivesse fugindo do que sentimos, sabe? — perguntou e eu concordei.

Eu sei. Por anos tentei encontrar uma maneira de fugir dos meus sentimentos e não me sinto nem um pouco melhor em mantê-los escondidos. Imagine ela, que não

tem motivo algum para escondê-los além do próprio orgulho.

— Sabe, acho que você deveria deixar de lado esse seu orgulho e parar de ficar discutindo com Théo por besteira.

— As mulheres não discutem. Elas apenas explicam porque estão certas. — Steph retrucou e eu revirei os olhos.

— Você sabe que tenho razão. Você já aceitou o mais difícil: que é apaixonada por ele e que sim, você errou. Então apenas pare de sabotar o que vocês tem. — afirmei e ela ficou estranhamente quieta.

— Lourdes, minha filha, Victor chegou. — minha mãe disse ao abrir a porta com um sorriso que me fazia sentir mal por toda essa mentira. Pois até minha própria mãe eu estava enganando. Ela simplesmente adorava Victor.

E quem não adorava?

— Obrigada, mãe. Já estou descendo. — me levantei da cama onde eu estava sentada e me virei para Steph para perguntar: — Você vai ficar bem?

— Mas é claro que sim! — se levantou animada. —

Teremos uma noite de meninas, né, Têta? Seremos nós duas e sua maravilhosa torta de chocolate. Nós três seremos muito felizes. — disse agarrada a minha mãe, que ria.

— Sim, seremos. Vai se divertir filha, você precisa disso. Depois eu e minha menina aqui teremos uma overdose de chocolate essa noite. — minha mãe disse, me deixando ainda pior por mentir.

— Têta, não me leve a mal, mas por mais que eu ame seus quitutes, duvido que Lou trocaria a overdose que ela terá essa noite, pela nossa. Você não reparou que a pele dela está cada dia mais bonita? Culpa da “vara” daquele pão que a espera lá embaixo.

— Stephanie! — nós duas a repreendemos ao mesmo tempo e ela apenas deu de ombros.

Jesus! Eu ainda morreria com essa sinceridade extrema dela!

— O que é? Eu não disse nenhuma mentira. Mas o que você ainda está fazendo aqui parada, dona Lourdes Maria? O tempo urge e a cada segundo que passa, é um orgasmo perdido. E isso é uma lástima. — disse

dramática, me fazendo rir e minha mãe olhar feio para ela.

— Mas você não tem jeito mesmo hein, menina? Nem tudo na vida se trata disso. Todo relacionamento merece um pouquinho de romance. — minha mãe a repreendeu e Stephanie revirou os olhos, antes de encher sua bochecha de beijos.

— O que é isso, minha Têta? O único jeito que gosto, é quando me pegam de jeito e aí... — imita um gemido, que deixa minha mãe horrorizada e até eu mesma que já estava acostumada fiquei. — Mas aqui para nós, um sexo oral bem feito vale mais do que mil buquês de flores. — disse simplesmente e dona Henriquetta bufou para ela, enquanto eu ria para me acabar.

Sim. Essa Steph não tem jeito mesmo!

Saí logo dali, porque quando Steph começava com essas sabedorias dela, não tinha quem a segurasse. Muito me admira que eu tenha seguido virgem até meus dezesseis anos com uma pessoa completamente louca como Steph ao meu lado. Desci as escadas e quando cheguei ao hall de entrada do castelo, me deparei com uma cena que eu definitivamente não estava preparada

para ver essa noite: Edward estava de frente para Victor, encarando-o como se ele fosse a última pessoa que ele queria em sua casa. E deveria ser mesmo. Já Victor, não se deixava intimidar, pois o encarava de volta, parecendo pouco se importar com o fato de estar batendo de frente com o Rei.

— Oi, benzinho. Desculpe a demora, mas eu estava conversando com Steph. — me desculpei, passando direto por Edward e quando dei um selinho em Victor, pude claramente ouvi-lo bufar atrás de mim.

Bem, dane-se!

— Tudo bem, minha flor. Sempre vale a pena esperar por você. — continuou nosso teatro e novamente ouvi Edward resmungando alguma coisa.

Victor me apelidou de “minha flor” propositalmente, pois quando soube que Edward havia me chamado de “meu mel”, achou que esse apelido ia ser uma indireta bem certa para ele, que estava doido para meter “o ferrão na minha flor novamente”. Apesar da metáfora idiota, tenho que admitir que ele tem razão, porque a cada vez que Edward ouve Victor me chamar assim, suas

reações são das piores.

— Lourdes Maria.

Ouvir aquela voz grave, aquele tom firme, rouco, seguro e decidido, aquele tom que não deixava brechas para contestação, fez com que o desejo reverberasse por todo meu corpo. Tive que fechar os olhos em uma tentativa de controlar as emoções que ele me causava pelas coisas mínimas. Abri os olhos e olhei para Victor que parecia querer me passar um aviso silencioso para que eu mantivesse a postura e não colocasse tudo a perder. Então eu respirei fundo e me virei, olhando verdadeiramente pela primeira vez em dias para o meu infortúnio.

Droga! Seria tão mais fácil se ele não fosse tão bonito e gostoso!

— Boa noite, majestade. — me obriguei a cumprimentá-lo, tentando parecer indiferente.

— Se minha noite for boa, eu te respondo amanhã. Preciso falar com você. — disse grosseiramente e olhou para Victor antes de complementar: — A sós.

Merda! O que ele queria? Me ver pirando por causa dele?

Respirei fundo mais uma vez, tentando controlar não apenas minha respiração, mas também as batidas do meu coração. Eu precisava apenas me manter firme.

— Desculpe majestade, mas meu horário de trabalho acabou há... — olhei para o relógio do meu pulso e continuei: — Há duas horas. Sinto muito, mas o que quer que vossa majestade queira falar, tenho certeza que poderá esperar até amanhã. — respondi petulante.

Acho que Edward estava chocado com minha resposta e eu também, mas não esperei que ele dissesse mais nada e ainda que eu estivesse com meu coração na boca e o ouvi chamando meu nome, segui até a porta de saída arrastando Victor junto comigo. Se eu dissesse que me senti bem ao fazer isso, estaria mentindo, pois eu sentia que estava traindo a mim mesma. Eu também sabia que não deveria estar batendo de frente com ele, não era muito inteligente da minha parte. Não apenas porque ele era o Rei ou meu chefe, mas porque eu havia sido criada respeitando sua autoridade não como chefe de estado, mas como alguém da minha família. Só que mesmo que eu soubesse que não deveria misturar meus problemas

peçoais com os do trabalho, depois do que ele havia feito comigo eu não conseguia manter mais o mesmo respeito de antes. Esse era um dos maiores motivos que me faziam pensar em realmente ir embora. Quem sabe sair da sua vida não me fazia também ter a oportunidade de ser a vida de alguém.

— Você está melhor hoje? — Víctor perguntou, quando deu partida no carro.

Ele sabia até onde pisar comigo e nesse momento ele sabia que eu não poderia lidar com o que aconteceu há pouco. Ele estava dando um tempo para que eu assimilasse tudo e só então conversaria comigo sobre o ocorrido.

— Sim. — me limitei a responder.

— Lou, você não tem passado muito bem ultimamente. E não estou me referindo apenas a esse confronto de agora. Não acha melhor procurar um médico? A gente pode falar com Igor...

— Não. Não. — corteio-o rapidamente. — Estou bem. Prometo que caso eu tenha mais alguma coisa, eu mesma falo com ele.

— Tudo bem. Só me prometa que caso você sinta alguma coisa, me avisará. — pediu, me olhando sério.

— Prometo. — tentei sorrir.

Eu sabia que estava mentindo, mas por mais que Victor já tivesse se tornado uma pessoa especial para mim, eu não poderia prometer algo que eu não sabia se poderia cumprir. Essa história toda com Edward estava fazendo mal à minha saúde. Acho que estava chegando a hora de tomar uma decisão, seguir meu rumo e ir embora.

Victor e eu passamos a noite assistindo “Um amor para recordar” e eu chorei litros do meio ao final do filme. E como se já não tivesse chorado o suficiente, demos continuidade a nossa sessão de cinema com outros filmes de Nicholas Sparks. Em algum momento acabei dormindo e quando acordei de madrugada, Victor já havia me levado para sua cama. E exatamente como ele fazia todas as noites em que eu passava aqui, ele estava agora ocupando o quarto de hóspedes. Me levantei rapidamente e fui para o banheiro, porque o que havia me acordado foi a incontrolável vontade de fazer xixi. Quando voltei para

cama, foi inevitável não me indagar sobre o que Edward queria conversar comigo e depois de muito pensar sobre isso, acabei pegando no sono novamente.

Acordei cedo e um cheirinho maravilhoso de café estava aguçando meu apetite. Fiz minha higiene rapidamente e fui até a sala, onde já encontrei uma mesa recheada de guloseimas. Víctor tinha a tendência a me mimar e a exagerar quando o quesito era comida. Não é a toa que notei que eu havia engordado nesse último mês de “namoro”.

— Bom dia, flor. — ele me cumprimentou sorrindo, enquanto eu beijava sua bochecha.

— Bom dia. Por que me deixou perder o restante do filme? — perguntei com um bico.

— Para que? Não é como se você não soubesse realmente o que iria acontecer. Afinal, todo filme de Sparks termina da mesma maneira: alguém morre. — disse simplesmente e começou a rir, me fazendo revirar os olhos.

— Isso não é verdade. — tentei defender um dos meus autores favoritos, porém eu sabia que ele não estava

errado.

— Não? Me diga um filme dele que não acaba em um funeral. — perguntou e eu não soube responder.

— Você cozinha na mesma proporção que é chato. — brinquei e ele riu.

— Você precisa ir mais cedo para o Castelo, não? — perguntou depois de um tempo e eu assenti. — Não seria mais fácil você já sair arrumada daqui de casa?

— Sim, mas o Rei faz questão que a família chegue ao local do evento junta. E isso inclui minha mãe e eu. — respondi, enquanto devorava uma omelete que ele havia feito para mim.

— Sabe, eu acho bonito o fato do Rei tratá-las realmente como se fizessem parte da família dele. — comentou e eu não quis dizer que eu também o admirava por isso, mas era verdade. — Só que embora isso seja admirável, você não é obrigada a fazer o que ele manda. — disse sério e eu suspirei.

— Sei que não, mas é uma questão de respeito. Ainda que eu o odeie pela forma como as coisas terminaram entre nós, eu ainda o respeito. Fora que ele é meu chefe,

tenho de estar lá de qualquer maneira. — respondo em um fôlego só, antes de virar um copo de suco de uva em apenas um gole.

— Ok. Você quem sabe. — deu-se por vencido, antes de completar: — Estarei lá para você. Você sabe. — falou e eu assenti. Porque eu sabia que poderia contar com ele.

Victor me deixou no castelo e quando cheguei lá, Edward estava longe do bom humor costumeiro que todos estavam acostumados. No fundo eu sabia que em parte era minha culpa, que depois que Victor e eu assumimos nosso “namoro” o humor dele tem piorado gradativamente. Mas eu não iria me culpar por algo que foi inteiramente causado pela forma como ele tratou as coisas entre nós. Seguimos para o cais e lá o Rei disparou a buzina do marinheiro, conforme mandava a tradição e foi dada a largada à viagem da rota do descobrimento, que é um evento realizado pela costa do descobrimento do nosso país. Onde os descendentes das famílias nobres que desbravaram nossas terras participam de uma festa em auto mar.

Essa não era a primeira vez que eu participava, mas apesar dos pesares parecia ser a primeira vez que eu me divertiria de fato. Anteriormente esse e todos os outros eventos da realeza para mim eram enfadonhos. Mas pelo visto intediante seria a última coisa que esses eventos agora seriam, afinal, quem não se divertia com Stephanne? E até mesmo com Igor, que no quesito sarcasmo, era igualzinho a Steph. Fora que Victor também me tirava boas risadas.

A viagem foi passando e o calor estava insuportável, já estava começando a passar mal. Chamei Anabella e Stephanne para tomarmos um banho para tentar aliviar meu mal estar, porém Steph negou. Fui com Bella para água e foi nesse momento que o filho de um duque italiano se aproximou de Steph. Rapidamente olhei para Théo, pois embora ele se mantivesse a distância de Steph, enquanto conversava com Edward, seu pai e mais alguns políticos e parlamentares, ele a acompanhava com os olhos em todos os cantos em que ela ia. E agora ele não parecia nada satisfeito com a cena.

— Isso vai dar merda. — pensei em voz alta.

— O que? — Bella perguntou e eu apontei para seu irmão e depois para Stephanie. — Oh! Droga! — murmurou, obviamente notando que eu tinha razão.

Como em comum acordo, rapidamente saímos da piscina e nos secamos rapidamente com a toalha antes de irmos de encontro as duas únicas pessoas que talvez pudessem controlar o Ogro do Theodore. Durante o caminho, tentei alertar Stephanie com um olhar, mas ela parecia não entender o que eu queria dizer.

— Vocês precisam segurar Théo antes que ele faça alguma besteira. — Bella disse em um fôlego só, assim que nos aproximamos de Igor e Victor.

Assim que os dois entenderam o que Bella queria dizer, já era tarde demais porque Théo saía como um touro em direção a Stephanie e o quase-finado filho do Duque.

— Puta merda! — disseram em uníssono, antes de correrem para tentar contê-lo.

Eles bem que tentaram, mas Théo não deu ouvidos aos amigos e logo estava marcando território. Mas contrariando o que pensamos, Théo pareceu se acalmar

quando chegou até eles, apesar de sua postura não deixar brechas para que duvidássemos que ele estava fazendo xixi em torno de Stephanne. E quando pensei que a situação estava sob controle, eis que surgiu a ex-namorada de Théo, Eva. Agora foi Stephanne quem assumiu a postura de marcação de território. Esses dois eram uma coisinha irracional quando se tratava de ciúmes.

— Caralho! É agora que as coisas vão feder! — Igor murmurou olhando a cena.

— O que está acontecendo? — Taddeo perguntou ao se aproximar de nós.

— Eva com certeza está em mais uma tentativa patética de prejudicar a relação de Théo e Steph. — Igor respondeu para ele.

— Vadia! — Taddeo disse entre os dentes.

— Acho melhor tentar acalmar as coisas lá. — Bella disse, antes de ir até lá.

— Você está bem? — Victor perguntou e eu neguei.

— Não. Acho que esse Sol não me fez muito bem. — falei, sentindo minha voz sumir pela vertigem que parecia ter tomado conta de mim.

— Senta aqui, vou pegar uma água para você. — afirmou, me ajudando a sentar e eu assenti.

— Vou tentar segurar o Rei. Não acho que ele vá gostar de ver a Princesinha perdendo o prumo na frente de todos. — Igor disse antes de sair rapidamente dali.

— Você acha que eu devo ir até lá ajudar? — Taddeo perguntou e embora eu não estivesse me sentindo bem, percebi que ele parecia receoso em querer se aproximar. E eu sabia que o motivo disso era porque ele e Théo não tinham uma relação muito amigável.

— Se for para como você disse, ajudar, sim, você deve ir lá. Não acho que Théo conseguirá segurar Stephanie com a ajuda de Bella. E Aaron obviamente não conhece o temperamento de Steph e não sabe do que ela é capaz. — murmurei e ele assentiu.

— Ok. Estou indo então. — disse rapidamente, antes de seguir até eles.

O que a gente não esperava era que enquanto ele andava até eles, Stephanie empurrasse Eva do iate. Quer dizer, dela eu esperava tudo.

Droga! Acho que agora ferrou!

Assim que o iate ancorou na Ilha de Spartus, Théo e Steph haviam sumido do sermão do Rei na primeira oportunidade que tiveram. Só que eles haviam sumido literalmente, seus celulares davam caixa postal direito. Nossa preocupação era que o iate já estava se preparando para zarpar e nós não encontrávamos eles em nenhum canto da ilha.

— Não é possível, eles devem ter saído daqui. — Igor disse, olhando ao redor.

— Eu também acho. Já rodamos todos os cantos possíveis e não os encontramos em parte alguma. — Victor disse, no exato momento em que o celular de Bella começou a tocar e nós logo ficamos em silêncio para que ela atendesse.

— Ok. Agora está explicado porque não os encontramos. — Bella disse ao desligar, parecendo preocupada.

— Por quê? — perguntei imediatamente ficando preocupada também.

— Era Taddeo, ele disse que o Rei está fulo da vida,

pois descobriu que Steph e Théo enganaram os seguranças para roubar o jet-ski deles.

Ai meu Deus!

— Merda! Onde esses dois foram parar? — Igor perguntou e Bella deu de ombros.

— Eu não sei. Taddeo mandou que nós voltássemos porque já vamos partir. O Rei não quer chamar atenção sobre o assunto, por isso achou melhor seguir viagem enquanto a segurança real procura por eles. — explicou e eu assenti cansada.

Sim! Stephanie estava mais do que ferrada!

Sabe aqueles bonecos de desenho animado que parecem estar soltando fumaça pelas orelhas? Era exatamente assim que Edward se encontrava quando retornamos ao iate. Ele estava tão nervoso com o que Stephanie estava aprontando, que além de não conseguir disfarçar para os convidados, comecei a temer pela sua saúde. Eu não deveria me importar com seu bem estar, principalmente quando eu também não me sentia muito bem, mas com uma garrafa de água na mão, me vi

seguindo-o a uma cabine do iate quando o vi falando ao celular. Quando cheguei, só peguei o final da conversa:

— Dê um jeito de deixá-los aí. — falou e nessa hora ele se virou e seu olhar paralisou no meu. — Tenho que desligar. Siga minhas ordens.

O que ele estava falando?

Não tive nem ao menos a chance de indagar, pois seus olhos queimavam minha pele e eu engoli em seco quando vi o brilho malicioso neles. Eu deveria sair correndo nesse exato momento, mas é como se eu estivesse em transe. Seu olhar sobre mim, sua postura, tudo nele parecia me dominar, então eu me mantive ali, parada, com a respiração ofegante. Como se tivesse em câmera lenta, ele caminha até mim. Eu parecia ter esquecido tudo. A vontade de ir até ele e fazer meu corpo se encontrar logo com o dele era tão forte agora, que eu tive que me segurar em meus próprios pés para me impedir de fazer isso.

O ar sumiu dos meus pulmões quando ele segurou-me forte pela cintura, puxando-me para ele. O toque dele é firme, possessivo e parece queimar a minha pele. Pude sentir sua ereção em meu ventre e eu queria mais do que

tudo deixar-me derreter por completo, mas não podia simplesmente permitir.

— Me solte. — peço, tentando soar firme.

— Você não quer isso. — sussurrou em meu ouvido, fazendo-me arrepiar. — Você quer isso tanto quanto eu. — afirma, se esfregando desavergonhadamente em mim.

Merda! Ele tem razão! Eu quero, mas não posso!

— Me solte. — insisto, mas minha voz sai quase em um sussurro dessa vez.

— Você não quer que eu te solte, meu Mel. — morde minha orelha, fazendo-me gemer antes de continuar: — Seu corpo me quer dentro de você. Posso apostar que você está com meu mais delicioso mel escorrendo entre suas pernas.

Bastardo!

— Confessa que você me quer dentro de você. Não quer? Confessa que você foge de mim porque a cada vez que você me olha, se imagina sendo tocada por minhas mãos. Diga-me que você não imaginou a cada dia que passou, meu pau fodendo você sem dó? Hum? — pergunta com a voz rouca e profunda.

Ai. Meu. Deus.

Não sei se um dia eu as tive, mas minhas convicções e vergonha na cara se foram no minuto que as palavras foram proferidas de sua boca, ou melhor, no momento em que ele encostou seu corpo ao meu. Eu sabia que deveria afastá-lo, mas estava concentrada demais nas sensações que ele me causava e pela antecipação do que viria a seguir. Edward não esperou que eu respondesse, ele parecia saber o que me causava, simplesmente segurou minha nuca e me deu um beijo de perder o juízo. Sua outra mão acariciava minha pele, meu corpo todo implorava para que ele me fizesse sua novamente. Apenas quando ele me carrega e deita meu corpo em algo macio, percebo que estamos em uma espécie de sala, e estar deitada em um sofá com ele por cima de mim era algo que eu definitivamente não estava esperando que acontecesse.

Ele para de me beijar e sua boca desce da minha para meu pescoço, ao mesmo tempo em que sua mão belisca levemente o bico dos meus seios, que logo são expostos e ele coloca sua boca sobre eles, chupando um e depois o outro com sofreguidão. Gemo ensandecida, sentindo meu

corpo todo queimar com seu toque. Sua mão foi descendo no meio das minhas pernas para encontrar meu clitóris pulsante, que foi massageado com o polegar, antes de receber um dedo dentro de mim. Seus movimentos de vai e vem deixando-me cada vez mais fora de mim, fazendo-me gritar de prazer.

— Preciso beber seu mel novamente, meu Mel. — diz, com a voz rouca em meu ouvido.

Eu estava por um fio, segurando o que eu não sei e quando sinto sua língua em minha intimidade, é minha perdição, pois logo me vejo gozando loucamente em sua boca.

— Que saudades desse doce, meu Mel. Eu poderia gozar apenas por sentir seu gosto. — pude ouvi-lo dizer com um gemido, ainda com a cabeça no meio das minhas pernas.

Não consegui me conter quando ele continuou chupando-me como se não pudesse parar. Minhas mãos foram para seu cabelo, guiando-o, precisando mais dele. Sua língua fazia movimentos circulares com a boca, ao mesmo tempo em que ele me penetrava com seus dedos

sem cessar o ritmo frenético da penetração e eu senti que poderia explodir novamente a qualquer segundo.

— Goza para mim, meu Mel. — ordenou e era como se eu estivesse precisando apenas ouvir isso para que me libertasse em mais um orgasmo incrível.

Eu ainda estava ofegante, tentando me recuperar depois dele me fazer gozar mais uma vez com sua boca, quando percebi Edward se afastar e descer o zíper da sua calça expondo sua ereção grande e grossa, que parecia pulsar.

— Estou morrendo para fazer amor com você! — afirmou com aquela voz rouca.

— Edward alguém pode... — tentei recobrar minha consciência, mas não consegui terminar de falar quando me interrompeu dizendo:

— Não, meu Mel, não se preocupe com isso... Eu vou cuidar de você! — afirmou, tocando-se com suas mãos, exibindo-se para mim, deixando-me babando para tocar nele também.

Ainda nem ao menos tinha voltado a Terra quando o sinto entrar, encaixando-se deliciosamente em mim.

Enquanto ele começava a se movimentar devagar, entrando e saindo de uma forma quase torturante, sua boca começou a chupar meus mamilos e eu enrolei minhas pernas em sua cintura, precisando sentir mais e mais dele. Nossas bocas se devoraram e Edward investia em mim de forma firme, me levando para perto da borda novamente. Ele geme em meu ouvido ao mesmo tempo em que acelera os movimentos.

— Oh meu Deus! — gritei, porque ele estava tão fundo que eu poderia senti-lo tão profundamente dentro de mim que não podia me conter.

— Porra! Estava com tantas saudades de você, meu Mel! — rosnou, enquanto estocava em mim sem parar.

Ao mesmo tempo em que nossos movimentos aumentavam o ritmo, Edward apertava meus seios, me fodendo forte, profundo, fazendo-me gritar de uma maneira que eu duvidava que quem estivesse por perto não soubesse exatamente o que estávamos fazendo ali. Sua boca tomou a minha e eu afundei minhas mãos em seu cabelo, puxando-o com força, quase de forma punitiva, mas também para cessar meus gemidos com seus lábios.

Eu não estava mais conseguindo me segurar e ele sabia, porque o sorriso que ele deu em minha boca me disse exatamente isso. Que Edward era experiente, era óbvio para mim, mas ainda assim conseguia me surpreender com a conexão que parecia nos envolver a cada arremetida, a cada toque, a cada beijo.

O orgasmo veio avassalador de tal forma que fiquei até sem ar. O clímax foi tão perfeito que fez com que todo meu corpo tremesse e continuei sentindo as vibrações pelo meu corpo por tempo indeterminado. Seu corpo caiu contra o meu e ele me abraçou, antes de beijar a pele do meu pescoço, tirando um gemido leve dos meus lábios. Sua testa encostou na minha, antes de beijar meus lábios de forma apaixonada, que mexeu comigo muito mais do que o orgasmo que eu havia experimentado há pouco. Porém eu não poderia me deixar enganar por isso.

Ele *não* estava apaixonado. Ele *não* me amava como eu o amava. Não muito tempo atrás ele havia sido o único a quebrar meu coração. E independente de amá-lo, eu *não* poderia deixar que o abandono fosse esquecido. Não, isso não poderia ficar assim.

Por mais que tudo que eu tenha experimentado com ele nesse momento tenha sido incrível e além das palavras, eu ainda estava com raiva, magoada com tudo. Não podia continuar onde estava. Precisava me afastar. Não apenas por ele ter feito com que eu me sentisse um lixo quando ele me deixou, mas porque era o mais sensato a se fazer para nós dois. Nenhum prazer pode compensar o que houve e como diz o ditado: melhor prevenir, do que remediar.

Exatamente por isso que o empurrei de cima de mim e antes mesmo que ele pudesse reclamar, já estava me levantando e colocando minha roupa de volta ao seu lugar.

— Aonde você pensa que vai? — perguntou visivelmente sem entender a minha atitude.

— Estou saindo. — disse simplesmente, caminhando até a porta.

— Volte aqui! Além de precisarmos conversar, ainda não terminei com você!

— Desculpe, majestade, mas eu não posso! — repeti suas palavras, antes de sair porta a fora, louca para desaparecer e rezando para que minhas pernas não me

traíssem.

Já era noite quando enfim atracamos no porto de Bellini e demos por encerrado o bendito passeio. O humor de Edward estranhamente mudou. Ele foi de muito puto da vida à rindo a toa drasticamente. E eu sinceramente não estava entendendo nada. Até porque até agora nem sinal de Steph ou Théo. Victor estava preocupado com a minha indisposição que perdurou o restante da viagem e me chamou para dormir em sua casa. Eu neguei, porque depois de passar um dia desses de cão, o que eu mais queria era a minha cama.

Durante o jantar, Edward explicou que já haviam encontrado Steph e Théo em uma Ilha, mas que havia deixado os dois lá para que aprendessem a não desobedecê-lo. Eu não disse nada. Apesar de saber que Stephanne passa dos limites muitas vezes, não sei se eu faria isso. Sinto muito por ele, porque tenho certeza de que quando Stephanne descobrir sobre o que ele havia feito, ela ficará furiosa e jogará sua fúria sobre o pai.

Edward nada disse sobre o ocorrido entre nós dois, o

que de certa forma me magoou. Embora uma parte de mim tenha ficado aliviada que ele não tenha feito isso, pois não sei se estava preparada para um confronto e ainda não estava bem. Na verdade, nem consegui jantar de tão enjoada que eu estava. Eu achei que um banho quente fosse me ajudar, mas o meu mal estar só fez perdurar e deu lugar a enjoos.

Comecei a vomitar a cada cinco minutos e já estava seriamente começando a me preocupar com a minha saúde. Não queria deixar minha mãe preocupada e por isso liguei para cozinha e pedi um chá para ver se melhorava, mas foi em vão. Peguei meu celular para ligar para Victor e pedir arrego e foi então que algo me chamou atenção: a data.

Eu estava atrasada. Eu estava há sete dias atrasada.

— Droga! Não pode ser! — murmurei para mim mesma, o desespero tomando conta de mim.

Certo. Então era eu quem estava literalmente fodida nessa história!

Não consegui dormir a noite toda. Primeiro, porque eu

não parei de ir ao banheiro. Segundo, porque eu não conseguia pregar os olhos ao pensar na possibilidade de que as suspeitas sobre minhas indisposições quase diárias e o mal estar do dia anterior tivesse o motivo que para mim agora parecia tão óbvio de ser. E exatamente por isso que assim que o Sol nasceu, me arrumei e saí dali antes que o restante do castelo acordasse com ele.

Fui direto para o hospital e não sei como ainda consegui responder a ficha de solicitação de exame. No momento em que fui colher o sangue para realizar o exame, as lágrimas começaram a cair e elas não tinham nada a ver com a agulha que foi usada para fazê-lo. Eu estava por um triz de pirar sobre tudo isso e agora eu estava absurdamente desesperada com a possibilidade desse exame dar positivo.

Nem consegui sair do laboratório esperando o resultado do exame. Eu estava nervosa demais. Não consegui nem comer. Fiquei sentada ali, rezando e pedindo a Deus que eu estivesse errada. Que o que eu venho sentindo seja uma gripe ocasionada pela mudança da estação. Malmente consegui beber o copo de água que

me foi oferecido por uma enfermeira preocupada quando viu meu estado. Quando finalmente peguei o papel em mãos, tive medo do que encontraria lá dentro. Mas no fundo eu sabia o resultado. Ainda assim, isso não impediu que me desesperasse quando li a palavra: POSITIVO.

Não me importei com a cena que eu estava criando em pleno corredor. Porque meu medo de tudo que viria por causa desse resultado era muito maior do que minha preocupação com o que as pessoas achariam da cena que eu estava protagonizando. Indaguei a Deus e a todos os santos do por que aquilo estava acontecendo comigo. Foi inevitável não me perguntar o que faria grávida de um homem que havia me descartado como uma qualquer. Ele nunca permitiria que um escândalo desses manchasse a reputação da coroa. Porque sim, um filho bastardo faria exatamente isso.

Pensei em inúmeras cenas do que poderia acontecer. Ele poderia inclusive me pedir que tirasse esse filho e só de pensar nessa possibilidade eu me desesperiei ainda mais. Coloquei a mão sobre meu ventre e lágrimas silenciosas caíam sem cessar. Algo forte nesse momento

se formou dentro de mim e eu soube ali que independente de qualquer coisa, já amava esse serzinho que agora crescia dentro de mim. Não seria capaz de tamanha crueldade, nem se ele me pedisse. Exatamente por isso cogitei a possibilidade de usar o dinheiro que eu tinha de reserva para finalmente ir embora. Edward não permitiria que essa situação prosseguisse, então por que eu não poderia criar meu filho sozinha? Minha mãe não havia feito basicamente isso?

Ainda estava confusa, nervosa e mais do que tudo, assustada com a possibilidade do que seria de nós em um futuro próximo. Mas algo me chamou, talvez o meu instinto quando se tratava dele, que era tão forte que me fez olhar para o lado e eu ofeguei, porque ele estava ali.

Capítulo 7

Rei Edward

ENFRENTANDO A FERA

Não foi fácil para mim. Na verdade continua não sendo nada fácil. Acho que a lei da vida quando se trata da minha pessoa está predestinada a seguir o curso dessa maneira. Então os dias se seguiram assim, enquanto eu corria atrás dela, tentava conversar, me explicar, e de alguma maneira tentar fazer com que a gente se acertasse, ela continuava a não me dar um segundo da sua atenção e fugia de mim como um dia eu havia feito, mas por outro lado eu também lutava por dentro. Lutava porque embora houvesse assumido que o que eu sentia por Lourdes Maria fosse muito mais do que tesão de um cara mais velho por uma ninfeta, um lado meu ainda conseguia ver isso como traição da minha parte. Era como se eu ainda estivesse traindo Alisson mesmo depois de tudo e estivesse

realmente aqui. Eu vivia literalmente em uma miríade de confusões internas.

Não queria me sentir assim, mas era inevitável. Só que eu havia prometido para mim que lutaria por ela, nem que para isso tivesse que lutar contra mim mesmo e os meus demônios no processo. E era isso que eu faria e estava fazendo. Sabia que ainda tinha um longo caminho a percorrer e era exatamente por isso que não tenho sido tão persuasivo com ela e esteja indo com calma. Embora a minha real vontade fosse jogá-la sobre meu ombro e marcá-la como minha. Só que pela primeira vez na minha vida eu teria que aprender a ter paciência.

Eu não era uma pessoa muito paciente, já tinha me acostumado com esse meu defeito, afinal sempre tive as coisas conforme o meu desejo e vontade. Porém, para que pudesse seguir para um futuro, coisa que até assumir o que eu sentia por Lourdes eu acreditava que não poderia realmente ter, eu sabia que para que isso fosse possível antes teria a obrigação de me resolver com meu próprio passado. No fundo, eu sabia que minha luta interior era apenas o começo de tudo e ainda assim era um grande

passo para mim. Só que não era tão simples assim, eu não poderia simplesmente ignorar não apenas a culpa que me assolava, mas também continuar ignorando o fato de que eu tinha problemas para lidar comigo mesmo. E era exatamente isso que eu tinha que resolver antes de partir para a vida que eu queria com ela.

O que eu sentia por Lourdes era diferente do que eu uma vez senti. Não sei se era por não me apaixonar em tantos anos ou até mesmo por apenas uma vez ter tido a chance de poder amar alguém. Só que por mais que eu queira que as coisas entre nós sejam diferentes, eu sei que se relacionar com uma pessoa como eu não é nada fácil. Não digo apenas na minha posição social, que trará para sua vida uma grande responsabilidade como minha companheira e a Rainha da Campavia, mas principalmente com as marcas e cicatrizes da vida que carrego.

Uns dias atrás, havia me deparado com uma cena que me deixou emocionado e esperava poder estar vivo para ter a chance de vê-la mais vezes. Quando entrei na sala de TV, escutei risos e brincadeiras. Eu sabia que eram meus filhos antes mesmo de chegar até ali, mas silenciosamente

segui até lá e os encontrei deitados no sofá assistindo um filme, que provavelmente era apenas um pretexto que usavam para ficarem juntos, pois eles nem ao menos tinham os olhos na enorme tela e só tinham olhos um para o outro. Ainda que eles tivessem se estranhado desde que Stephanne “acidentalmente” bateu o carro de Théo, eles tentavam negar, mas era inevitável não ver o quanto de esforço estava lhes custando para se manterem distantes um do outro, quando sabíamos que não era o que eles realmente queriam. Esse era um dos momentos em que eles não conseguiam.

Preferi não me anunciar e fiquei me deliciando com a cena. Nem Théo e nem Stephanne pareciam ter qualquer preocupação ou dor para lidar. Ao menos era o que eles acreditavam que fosse verdade. E eu ficava tanto feliz, quanto aliviado por isso, pois ainda que a vida tentasse fazer ao contrário, eu queria que eles tivessem uma vida normal. Essa era a principal razão pela qual eu havia seguido com o plano de lhes esconder a verdade. Eu estava protegendo-os para o seu próprio bem. Queria que eles tivessem a chance que nós não havíamos tido. Só que

eu também sabia que a minha decisão era uma faca de dois gumes.

Antes que eles notassem que eu estava ali e atrapalhasse esse momento deles, tratei de sair logo dali, mas antes dei uma última olhada e sorri quando vi Théo fazer carinho no rosto de Stephanne. Vendo o brilho de amor e admiração nos olhos do meu filho, tomei fôlego para seguir. Fechei os olhos e inevitavelmente me vi imaginando Alisson naquela janela da clínica. Perdida em seus próprios pensamentos. Em sua solidão. Longe de tudo e de todos. Ela tinha passado por tanto nos últimos anos trancada dentro de si mesma. Não falando com os outros. Não vivendo realmente por tanta dor que a acometeu.

Eu não gostava de pensar nisso. A ideia de ela estar sozinha me machucava. Eu entendia isso, mas eu desejava ter sido capaz de estar lá para ela do mesmo jeito que ela esteve para mim tantas vezes antes. Só que talvez eu nunca tivesse a chance de retribuir o que ela tinha feito por mim. O que ela tinha me dado. Não demorou para que eu pudesse sentir aquela angústia querer me dominar, aquela

sensação ruim que me assolava, me fazendo sentir o pior entre os seres.

Então, enquanto me encostava às paredes do corredor, me lembrei dela. Se fosse em outro momento da minha vida, seria de Alisson que eu me lembraria, mas como uma música, Lourdes surgiu em meus pensamentos e eu pude claramente vê-la com aquele seu sorriso de menina travessa. Aquele seu jeito tímido, recatado, mas ainda assim cheia de si. Também me lembrei do sabor do seu beijo, do seu gosto. De tudo. E foi pensando exclusivamente nela que consegui respirar direito e pude me recompor.

Estou no controle. Eu estou no controle. Eu estou no controle.

Respirei fundo mais uma vez e tomei o controle do meu corpo. Precisava de um banho. Enquanto eu andava até meus aposentos, assumi que Antonella tinha razão, eu precisava mesmo procurar ajuda. Agora tinha mais do que certeza disso. Só que eu simplesmente não conseguia, pois tentar enfrentar meus problemas era o mesmo que deixar meu passado para trás. No fundo, eu não sabia se estava

de fato preparado para deixar o passado ir.

Setembro era um mês realmente puxado para mim. Não apenas porque é o mês em que fico mais velhinho, ou como meu pai costumava dizer, aniversário de confirmação do nascimento daquele que havia vindo a Terra para reinar, mas sim porque comemoramos bastante o descobrimento do nosso país e há muitos eventos e inaugurações feitas por aqui. Um dos eventos mais esperados pela nobreza é sem dúvidas o passeio pela rota do descobrimento, que apenas a nobreza e um número seleto de convidados participam em grande estilo em alto mar, onde fazíamos a rota que nossos antepassado fizeram uma vez no passado.

Era a primeira vez que Stephanie participava de um evento após sua coroação. E eu esperava que por ser um evento mais informal, ela se comportasse. Afinal, a Princesa é nobre. Ela precisava revelar sua nobreza exterior para aqueles que a rodeavam, mostrando que era digna de carregar sua coroa. Mas bem. Eu deveria lembrar-me que jamais poderia subestimá-la.

Porra! Empurrar uma criatura no mar foi demais até para ela!

Depois de Stephanie ter aprontado e ainda por cima sumir com Théo, resolvi que eles mereciam um castigo e por que não deixá-los lá presos para se resolverem de vez? As coisas entre eles pareciam finalmente estarem entrando no eixo e eu não iria me sentir culpado por ter um dedo, ou um braço inteiro, por ajudá-los a ficar juntos. Não mesmo. Óbvio que eu havia deixado seguranças na espreita e sabia que eles estavam seguros em uma casinha de pescadores que tinha lá. O resto agora era com eles. E eu sabia que não precisaria me preocupar quanto a isso.

Não vou mentir que fiquei nervoso quando soube que eles haviam ido para Ilha do Ouro. *Nossa Ilha*. Um lugar tão nosso. Lugar onde por tantas vezes era o nosso refúgio e onde eu havia pedido Alisson em casamento um dia. Que depois do pedido aceito, prometi construir uma casa nossa ali e não ficou pronta, porque eu não tive coragem de terminá-la, quanto mais voltar ali depois de tudo. Nem mesmo se eu quisesse ir até lá repreendê-los eu sabia que não conseguiria. Era a vida como sempre sendo irônica

comigo. Por isso deixei para fazer no dia seguinte.

Só que agora eu tinha outras questões mais urgentes para resolver além da falta de juízo dos meus filhos. Não vou dizer que não fiquei decepcionado de Lourdes ter me deixado sozinho depois do que fizemos naquele quarto no iate. Porque apesar de saber que era merecedor disso, eu não queria perder tempo ou desperdiçar um momento tão gostoso ao seu lado. Só que ela ainda estava magoada e eu entendia isso. E exatamente por isso que as esperanças que já eram tão escassas antes, agora haviam se reacendido e eu estava certo que era apenas uma questão de tempo para que eu a tivesse em meus braços novamente. E não seria o *Sr. Eu tenho um Sorriso Perfeito* que iria atrapalhar meus planos. Porque enquanto nos amávamos, pude sentir nossos sentimentos transbordarem e não era por causa de um fora que eu iria perder meu sorriso, o qual ela havia sido a causadora depois de tanto tempo sem fazê-lo.

Durante o jantar, as imagens dos nossos momentos de intimidade não me deixavam. Era impossível não sorrir também pela forma que ela me olhava, envergonhada,

desconfiada, até mesmo temerosa, certamente esperando uma abordagem minha para conversarmos sobre o acontecido, deixou-me ainda mais certo de que tudo se resolveria. Mas diferentemente do que eu havia feito nos últimos dias, dei-lhe espaço para que ela se remoesse sobre meu bom humor mesmo depois dela ter me deixado ali, ainda duro por ela, para que depois meu plano de reconquistá-la fosse concluído com sucesso.

Em minha cama, comecei a planejar meus próximos passos. Uma viagem pode ser uma coisa boa. Poderia facilmente usar a desculpa de que era uma viagem diplomática e levá-la comigo, afinal, ela é minha assessora e tecnicamente não poderia declinar de um convite de trabalho. Talvez aceitar um convite de visita de algum dos países amigos que eu nego quase todos os dias, seja uma coisa boa. Ou ótima. Afinal, estaria apenas com ela, longe de tudo isso. De todos e principalmente do peso que ainda carrego, talvez essa seja a solução para nós. Foi pensando sobre esse momento que eu adormeci, ainda com um sorriso brincando em meus lábios.

Só que a manhã chegou e com ela uma notícia ruim que

eu não estava preparado para ter. Ser acordado pelo seu chefe de seguranças, dizendo que a mulher que você amava estava em um hospital, não era algo que eu estava esperando. Principalmente depois da ótima noite de sono que eu havia tido, talvez a única em todos esses anos. Por mais que ele dissesse que não havia sido nenhum acidente ou algo parecido, não pensei duas vezes antes de pular da cama e ir atrás dela. Durante todo o caminho estava agoniado, pedindo perdão a Deus por todo o mal que eu já havia feito na vida, pedindo para que não tivesse acontecido nada com ela, que ela estivesse bem. Que não me deixasse perder mais alguém na vida, pois dessa vez tinha certeza que não suportaria mais. Mas uma pessoa como eu, que tem o carma da desgraça, não se conforma tão facilmente com as coisas até ter cem por cento de certeza de que as coisas estão realmente bem.

Eu odiava hospitais. Odiava com todas as minhas forças essas paredes brancas que já haviam me tirado tantas pessoas que eu amava. Mas eu odiava ainda mais essa sensação de incapacidade e culpa que sempre se faziam presentes em mim com mais intensidade quando

estava dentro de um hospital. Atravessei os corredores do hospital ainda desesperado. Não conseguia conter a aflição que me consumia a cada passo que eu dava. Quando eu finalmente a encontrei, fiquei aliviado por vê-la, mas também desesperado porque ela chorava de doer e quando vi seu estado realmente me desesperei. Não podia simplesmente permitir mais uma desgraça iminente.

Pode soar meio egoísta da minha parte, mas eu simplesmente não admitia que eu perdesse mais alguém. Afinal, eu já havia perdido tanto, que seria muita injustiça de Deus que depois de tudo que passei e depois de tantos anos sem me envolver verdadeiramente com alguém isso viesse a acontecer novamente. Eu devo ser muito deplorável, desgraçado e indigno de ser feliz no que diz respeito ao amor, porque eu já havia “enterrado” praticamente duas mulheres. E pela cena que estava se desenrolando na minha frente, eu havia carimbado a sentença de morte de mais uma.

Sim. Eu sou um maldito, que só traz desgraça a vida das pessoas!

Tudo ao meu redor escureceu. Meu peito se apertou de

forma dolorosa e o ar parecia ser incapaz de chegar aos meus pulmões. Parecia que ia ter um treco ali mesmo. E eu achava até melhor se acabasse com minha vida agora, ao invés de aceitar perdê-la. Mas esse não seria o fim. Eu não aceitaria isso. Não poderia simplesmente aceitar que a vida tomasse-a de mim. Não desistiria dela sem lutar.

Juntei todas as minhas forças e sem perder mais um segundo precioso da sua vida, fui ao seu encontro e sentei ao seu lado no chão, antes de trazê-la para mim. Eu estava precisando desesperadamente tê-la junto a mim. Não poderia sequer pensar, quanto mais aceitar a possibilidade de perdê-la. Não poderia ficar sem ela. Eu prometi que lutaria por ela e era exatamente isso que eu faria. Independentemente de qualquer coisa.

— Não importa o que esse papel diga. Nós vamos atrás dos melhores médicos do mundo e vamos dar um jeito de resolver o que quer que seja...

— Não... Não... — ela negou com a voz engasgada de choro e quando eu ia retrucar, ela disse de uma só vez: — Não é isso que você está pensando. E-eu...

— O que? Diga, Lourdes Maria! — pedi, desesperado

e ela me entregou o exame em minhas mãos ao mesmo tempo em que dizia:

— Eu estou grávida. — disse em um só fôlego e eu abri e fechei a boca em choque.

Precisei respirar novamente e tive que abrir o papel que estava em minha mão para ter certeza de que isso que ela havia dito era realmente real. De que ela estava realmente grávida. Eu não sei explicar o que senti nesse momento. Um alívio enorme caiu sobre mim. Eu não iria perdê-la. Quase chorei de emoção por isso. Novamente uma parte minha lutava contra minha razão, porém eu precisava ter certeza de que o que meu coração sentia era a verdade.

— É dele? — perguntei, minha voz temerosa dizia exatamente como eu me sentia por dentro.

— Edward... — disse em um tom levemente aborrecido, porém novamente eu pude vê-la tentando recuperar a pose sobre a situação, ainda que ela enxugasse suas próprias lágrimas. — Como você pode ser tão burro? Tudo não passou de uma mentira! — confessou exaltada, levantando-se do chão onde se encontrava e eu a

acompanhei.

Eu sorri com sua resposta. Ela não precisou dizer mais nada. Não queria que ela me explicasse o que havia dito. Eu não me importava com os detalhes. Ali ela apenas confirmou o que eu já sabia: Ela estava grávida. Lourdes Maria estava grávida de mim. Eu teria um filho. Um filho. Um filho meu e de Lourdes, a mulher que eu amava. Ao contrário do que aconteceu com Théo, quando Alisson engravidou e havia sido mantida em cárcere, fazendo com que eu fosse privado de tudo ao seu lado, agora seria diferente, eu poderia ver seu crescimento desde a barriga e acompanhá-la em todos os momentos. Eu poderia ser o pai que eu não fui para o meu filho. Eu não estava condenado. Na verdade, estava tendo uma nova chance. Mal podia acreditar nisso.

Eu ainda estava chocado com tudo, com as emoções bombardeando em meu interior. Deliciando-me com as emoções da paternidade. Mas por mais que eu soubesse que ainda tínhamos um caminho árduo pela frente, o que mais me chocou foi o que ela disse a seguir:

— Eu vou embora. Nunca lhe pedirei nada, mas jamais

pense em me pedir para tirar esse filho. — Lourdes falou decidida.

Mas o que? Ela achava que eu lhe pediria para tirar meu filho? O nosso filho?

— Por que você está dizendo isso? — perguntei ainda chocado.

— Porque eu sei que era exatamente isso que você me pediria para fazer. Eu conheço meu lugar, Edward.

— Conhece? Que bom, pois isso já simplifica as coisas. Seu lugar é ao meu lado e eu não abrirei mão disso. — disse de uma só vez e pude vê-la me olhando chocada.

— O que-ee... O que você quer dizer com isso? — perguntou em um sussurro. — Você só está dizendo isso para me levar para cama. — terminou de falar parecendo irritada.

— Para cama. Para meus braços. Para minha vida. — respondi honestamente.

Nesse momento não me importei com o lugar onde estávamos, apenas me abaixei, ajoelhando-me em sua frente, antes de começar a lhe dizer:

— Lourdes, um dia, depois de tanto sofrer, eu simplesmente desisti do amor. Só que não sei como e não sei quando foi, mas eu me apaixonei por você. Vim lutando por tanto tempo contra esse sentimento, mas eu não tenho forças e não quero mais lutar contra o que sinto. E eu, que já não pensava no amanhã, me vejo pensando nele. Por sua causa. Você me fez querer uma vida ao seu lado. Sei que não estávamos esperando por isso, mas eu quero poder desfrutar dos dias de gravidez, acompanhar sua barriga crescer e poder curtir a sensação de saber que aí dentro você carrega um filho meu. Um pedaço nosso. Quando estava vindo para cá, eu achava que alguma coisa de muito ruim estava acontecendo com você e foi inevitável não pensar em como seriam meus dias e noites sem você. Eu estava a ponto de enlouquecer. Eu te amo, meu Mel. Eu sei que errei muito, mas agora não quero apenas consertar meus erros, quero ter o prazer de dizer que você foi o meu maior acerto. Você, Lourdes Maria Paraizo, aceita se casar comigo e me fazer o homem mais feliz desse mundo? — pergunto ansioso, vendo-a cobrindo sua boca com a mão chocada, não me importando nem um

pouco de chamar a atenção de todos ali presentes.

Chorando, Lourdes não diz nada e sua demora em me responder começou a me deixar a beira do desespero. Sua hesitação me dizia que sua resposta era “não” e eu apenas abaixei a cabeça derrotado, já estava começando a me levantar quando ela enfim respondeu com a voz levemente rouca por causa do choro:

— Eu seria louca se te respondesse com um “sim”? — sorrio aliviado com sua resposta, antes de me levantar e pegá-la em meus braços, tomando sua boca com a minha.

Depois de beijá-la, me afastei apenas o suficiente para lhe dizer:

— Você ficaria louca se me respondesse com um “não”, porque eu juro por Deus que te deixaria louca até fazê-la mudar de ideia.

— Então já que é assim, isso é um sim, majestade. — ela confirmou, antes de nos beijarmos novamente, ao som dos aplausos das pessoas que estavam ali.

Enquanto segurava a mão de Lourdes a caminho do castelo, olhava para a natureza ao meu redor, achando

tudo mais bonito do que me lembrava. Algo havia mudado em mim e eu sabia disso. Só que a ficha parecia não ter caído. Ainda não conseguia acreditar no que estava acontecendo. Ter mais um filho definitivamente não estava mais em meus planos de vida. Principalmente com a idade que eu já tinha, porque convenhamos eu não era mais tão jovem e muito menos alguém que almejava construir uma família depois de tudo. Meu plano de vida se limitou a manter Theodore e Stephanie em segurança. Pensava que talvez depois de finalmente acabar com as ameaças que nos rodeavam, poderia enfim descansar e respirar, para quem sabe daqui a alguns anos poder ter a chance de aproveitar e curtir meus netos. Nada mais. Mas como sempre a vida parecia ter planos diferentes dos meus e pela primeira vez eu estava sendo surpreendido de uma forma boa. Estou sim temeroso sobre o que está por vir, sobretudo o sentimento que prevalece é a emoção de saber que serei pai novamente. Isso não tem explicação.

Eu estava ciente de que antes mesmo de enfrentarmos os julgamentos das pessoas, teríamos uma batalha ainda embaixo do meu próprio teto. Embora eu houvesse

decidido que resolveria as coisas entre mim e Lourdes Maria, esperava que com jeitinho pudéssemos fazer com que Henriquetta e principalmente Stephanie, entendessem que ficaríamos juntos.

Eu sabia que Henriquetta ficaria surpresa quando soubesse sobre nós, mas depois do susto acreditava que ela viria a nos apoiar. Só que Stephanie Alessandra Valentino Lorenzon Bellini di Montalccino já não era uma criatura muito fácil de lidar. Sendo honesto comigo mesmo, minha filha era um adjetivo de complexidade. Por mais que eu soubesse que no fundo ela torcesse para que eu encontrasse alguém, que fosse feliz porque era isso que ela vem falando tanto para mim nos últimos anos, não seria ingênuo a ponto de acreditar que ela aceitaria isso facilmente. Ainda é meio chocante para mim, imagine para ela que viu Lourdes crescendo, que dividiu tantos momentos com ela, como a irmã que ela era e ambas não sabiam, para agora então ver sua melhor amiga se tornar minha mulher.

Sim! Isso não seria nada fácil!

Suspirei. A batalha que viria seria definitivamente

difícil. Mas certas coisas não podemos evitar. Depois de tanto lutar comigo mesmo, eu pude claramente discernir que tudo tem seu lado bom e ruim. Não tem como fugir a regra. Só que ainda que os ventos fortes nos levem para o lado ruim, devemos nos lembrar de que existem coisas maiores e melhores para nós à frente. Em algum momento da minha vida eu acho que me esqueci disso e me afundei em autopiedade e culpa. Só que agora olhando para a mulher que carrega um filho meu, podia ver claramente que tudo tem um por que. Só que ainda que nem tudo tenha sido conforme eu esperava, chegava a hora de seguir. Eu não queria mais viver como vivia, havia escolhido seguir em frente, ser feliz. Havia escolhido enfrentar meus medos. Sair da redoma de infelicidade que vivi por tantos anos. Eu era a prova viva que a vida não era um verdadeiro conto de fadas, que a realidade nem sempre é fácil. Mas por mais que as coisas sejam difíceis, precisamos aprender com nossos erros, com nossas dores e então seguir em frente. Chega um momento em nossas vidas que temos que escolher. Era isso que eu estava fazendo agora.

Meus pensamentos foram inevitavelmente para Andrew, Cibelle e Alisson. Eles que foram partes tão importantes da minha vida, partes integrantes de mim. Haviam sido eles que outrora lutavam por aquilo que eu havia sido negligente: a minha própria felicidade.

— Eu acho que era isso que vocês gostariam que eu fizesse.

— O que? — Lourdes perguntou e eu percebi que havia pensado em voz alta.

— Nada meu, Mel. Nada. — desconversei, beijando seus lábios doces.

Na verdade era tudo. Só que “tudo” havia mudado de definição para mim. E essa mulher era sem dúvidas a responsável por isso.

Quando chegamos ao castelo, Lourdes disse que iria encontrar sua mãe, porque como havia saído muito cedo para fazer seu exame, não tinha avisado Henriquetta e ela provavelmente estava preocupada com o sumiço da filha que saíra sem avisar. Despedimo-nos com um beijo terno e segui para o escritório. Por causa da preocupação da

notícia sobre Lourdes no hospital, tinha saído direto para lá e desde então não havia entrado em contato com os seguranças dos meus filhos para saber como eles estavam hoje.

Quando seus seguranças me contaram o que eles haviam feito, eu fiquei possesso por terem sido tão negligentes. Só que depois do estresse ocasionado pela notícia, consegui me acalmar, pois eles não demoraram a encontrá-los. Ainda que eles tenham dado brecha para que Steph e Théo fugissem, eu tinha que admitir que eles estavam fazendo um bom trabalho, porque minha filha definitivamente era a pessoa mais nó cego que existe na face da Terra. Tá para nascer alguém que seja pior que ela, e sinto que essa vem do seu próprio ventre. Como diz o ditado, quem tem com quem me pague nada me deve. Bom que ela sentirá na pele tudo que passei quando ela aprontava das suas.

Conforme combinado, Carl me informou que o Jet Sky que eles haviam roubado já havia sido consertado, mas que eles ainda permaneciam na Ilha e ele, juntamente com os outros seguranças, estavam como sempre à espreita,

apenas observando-os. Eu só podia ficar feliz com a notícia, porque estava mais do que claro para mim que eles haviam feito as pazes e que apesar do pouco que tinha o lugar, eles pareciam não ter pressa nenhuma em sair dali. Isso era uma coisa realmente boa. Pedi que me mantivessem informado com qualquer novidade e desliguei.

Voltei a discar o número do meu amigo, ansioso para lhe contar as notícias.

— *Edward? Está tudo bem?* — Alano atendeu, sua voz de sono não conseguindo esconder seu tom preocupado.

— Melhor impossível, meu amigo. Hoje o dia é das notícias boas! — falei contente.

— *O que aconteceu?* — perguntou.

— *Está tudo bem? Alguma coisa com Théo?* — ouvi a voz de Sarah perguntando ao fundo.

— Sim. Está tudo bem com ele. Não se preocupe com ele, Sarah. Ele está bem. Na verdade, ele está mais do que bem. — Tratei de responder, para acalantar sua preocupação.

Eu mais do que ninguém sabia que Sarah tinha um amor incondicional por Théo. Ela nunca havia feito distinção dele em relação aos seus outros filhos. Sempre o amou como uma mãe ama um filho e por mais que eu soubesse que a falta de Alisson como mãe não foi por culpa sua, jamais poderia desmerecer a maternidade de Sarah. Eu sabia por experiência própria que família está além dos laços sanguíneos. Por isso para mim ela também sempre seria a mãe de Théo. Ainda que ela fosse completamente contra meus planos com Alano de trazer Théo para o trono através de Steph, não poderia deixá-la preocupada como estava.

— *Tá vendo? Ele está bem, querida.* — Alano assegurou, confiando plenamente em minha palavra.

Era por isso que nos dávamos tão bem. Ele nem ao menos tinha ideia sobre a situação que eles se encontravam e ainda assim confiava no que eu havia dito. Confiávamos cegamente um no outro. Confiança para uma amizade, era como o primeiro degrau de uma escada, sem ele para dar início a subida, para onde poderíamos ir? Lugar nenhum. Sua amizade tinha esse significado para

minha vida. Ele dizia que apesar da herança política da sua família, ele era o Primeiro-Ministro competente e amado por todo nosso país, por minha causa. Mas confesso que era ao contrário, eu não teria chegado aonde cheguei, ou sequer teria mantido minha santidade ou até mesmo me mantido de pé, se não fosse por ele. Ele era meus braços e minhas pernas.

— *Eles chegaram?* — Alano voltou a perguntar e eu pude perceber que se afastara da esposa.

— Não, ainda não saíram de lá. — falei, no mesmo tempo em que Greg pedia licença para entrar em meu escritório, com um aceno de cabeça ele entendeu que poderia entrar.

— *Isso é uma coisa boa, não?* — ele perguntou receoso e eu ri.

— Amigo, isso é uma coisa ótima! — afirmei, recebendo das mãos de Greg um relatório sobre as ultimas investigações que haviam acontecido sobre a invasão do “Inimigo” na clínica em que Alisson estava.

Não gostei do que vi. Tudo que estava escrito ali não levava a lugar nenhum. Um suspiro derrotado saiu de

meus lábios, essa informação diminuindo um pouco a felicidade que sentia. Nós tínhamos esperança que a ousadia do cara fosse o suficiente para chegarmos perto dele, mas pelo visto não havíamos tido sorte. Não novamente.

— Não é possível que não tenhamos conseguido nada dessa vez. — Falei para Greg, que apenas abaixou a cabeça, parecendo envergonhado.

— Sinto muito, majestade. — murmurou, ainda sem me olhar.

— *O que foi, Edward?* — Alano perguntou do outro lado da linha, certamente percebendo que algo não estava certo.

Merda! Como eu poderia dizer isso a ele?

— É sobre a investigação na clínica, Alano. — consegui dizer.

— Pelo que ouvi, não acho que a notícia seja boa então. — ele logo entendeu.

— Não. — respondi impotente, dando a permissão para que Greg saísse dali para que eu pudesse voltar a conversar abertamente com meu amigo e no momento em

que a porta bateu, eu continuei a falar: — Eu esperava que tivéssemos ao menos uma imagem do desgraçado. Alguma coisa. Qualquer coisa. — admiti, derrotado, apertando a ponte do meu nariz em um gesto nervoso.

— A cada vez em que esse cara atua, ele parece mais escorregadio. Temo que agora que ele sabe como alcançar Alisson, faça algum mal a ela. Não posso permitir que ele a quebre mais do que já fez, Edward. Não posso. Eu não sei se ela suportaria. — afirmou, seu tom de voz temeroso espelhando minha própria insegurança.

— Não vamos permitir. Depois do último acontecimento dobramos a segurança da clínica, triplicaremos se for necessário. Mas ninguém chegará perto da Alisson novamente. — afirmei com vigor, e foi a vez dele suspirar.

— *Obrigado por isso, amigo. Sei bem o quanto você tem se empenhado todos esses anos para vê-la em segurança.* — ele fala e novamente aquela sensação de culpa me invade.

Como ele poderia me agradecer, depois de ter colocado sua irmã lá?

Eu queria gritar e lhe dizer isso, mas as palavras morreram em minha boca. Tenho que respirar fundo, tentando me apegar a outras coisas que não sejam a angústia que a culpa me causa, mas como sempre, eu pareço mais fraco do que ela. Só que dessa vez tenho que ser mais forte. Tenho que me lembrar de que a autopunição não me leva a nada. Foco meus pensamentos sobre a mulher que eu amava, aquela que carregava em seu ventre um filho meu. E com esse pensamento eu consigo começar a dominar meus sentidos.

— *Edward, não faça isso!* — consegui ouvi-lo dizer, minha respiração acelerada certamente me entregando.

Ele sabia que eu me sentia culpado. Ainda que eu não falasse como de fato me sentia, ele sabia. Ele me conhecia melhor do que qualquer outra pessoa. Eu não precisava verbalizar para que ele soubesse disso. E de alguma maneira isso me fazia sentir ainda pior. Menor, me sentia ainda menor do que eu realmente era ou até mesmo merecia.

— Desculpe por isso. — externalizei meus sentimentos.

— *Não...* — o interrompi:

— Só me deixe terminar, ok? — respirei fundo e engoli em seco, meu peito doía pelo que eu diria a seguir.

Era um novo marco na minha vida, eu precisava falar para seguir e seu murmúrio de entendimento me disse que ele me deixaria fazer isso.

— Eu não meço cuidados com Alisson, não apenas porque eu me sinto culpado, mas porque eu necessito fazer isso. Desde muito pequenos somos amigos e desde então havíamos prometido que cuidaríamos um do outro. Sei que tenho minha parcela de culpa por ela estar lá, não adiantar você negar, mas eu jamais conseguiria colocar a cabeça no travesseiro se soubesse que não estou fazendo o suficiente para tê-la em segurança ou ainda que usufrua do melhor tratamento para que tenha a chance de um dia voltar para nós. Deus sabe o quanto eu desejo isso, que ela volte a ser a Alisson que nós tanto amamos, mas nem tudo é como queremos. Eu tenho me afundado durante todos esses anos, porque além de me sentir culpado, eu queria que ela estivesse aqui, que ela voltasse para mim. Eu esperei, esperei. — confessei e meus olhos arderam com novas lágrimas. — Mas ela não voltou. E quanto

mais o tempo passava, mais infeliz e amargurado eu ficava. Poderia não passar essa imagem, mas eu estava me destruindo por dentro. Eu não queria mais sentir isso. Mas uma parte de mim dizia que eu merecia essa punição. Que eu merecia ser infeliz. Que não merecia ter a chance de ter alguém ao meu lado. E eu não queria amar novamente. Não queria arriscar sofrer e fazer mais alguém sofrer novamente. Porque pelo visto é apenas isso que eu trago para vida das pessoas, infelicidade. Por dias fiquei aterrorizado, tentando lutar contra o que eu sentia, mas chega um momento em que os sentimentos são mais fortes do que nós. Que lutar contra eles, é o mesmo que lutar contra nós mesmos. E eu não podia mais, porque...

— *Porque você se apaixonou.* — ele complementou, novamente entendendo-me como ninguém mais.

— Isso. — murmurei, sentindo-me acanhado por ter meus sentimentos despidos.

— Eu já sabia disso, meu amigo. Você estava apenas tentando se enganar, não teve o mesmo sucesso comigo. — deu uma risada antes de voltar a ficar sério e continuar: — Não vou dizer que não gostaria de ver minha irmã bem

e ao seu lado, superando toda essa merda que vocês tiveram que passar, porque estaria mentindo. Eu mais do que ninguém sei o quanto vocês se amavam. Ouvi todos os planos que vocês tinham para uma vida. Infelizmente a vida não quis que isso acontecesse e eu não posso pedir que você pare sua vida, que seja infeliz, apenas para se manter fiel as promessas que você fez para mulher que você amou, porque temos que ser sinceros que talvez ela nunca possa cumprir a sua parte. Talvez ela nunca volte. Talvez ela nunca possa ser inteira novamente. E isso seria injusto com você. Injusto com ela também, que não teria exatamente o que precisa de você. A vida é assim mesmo, por vezes acontecem coisas que não foram planejadas. Tudo que você pode fazer agora é aceitar o que tinha que ser e começar a elaborar um novo plano, seguir em frente. Você não pode simplesmente ficar parado, esperando a vida passar. Por isso, meu amigo, eu lhe digo: Não se culpe por finalmente seguir em frente, por tentar se dar a chance de ser feliz. Só se sinta culpado por não tentar, pois todo mundo merece uma segunda chance e você seria burro se não agarrasse essa chance com unhas e dentes.

Ainda que uma parte minha estivesse aliviada pela nossa conversa, outra parte ainda tinha medo. Só que nesse momento meu amigo me deu mais força do que ele sequer pode imaginar. As lágrimas caíam livremente e eu não tinha palavras para lhe agradecer. Era como se eu precisasse ouvir isso para que pudesse ter ainda mais certeza da minha decisão. Era como se a permissão dele fosse a permissão de Alisson também. E isso me consolava. Ele me conhecia, talvez ele soubesse que era exatamente isso que eu precisava ouvir. E agora eu nem ao menos posso colocar em palavras o quanto sou agradecido por isso. Por ele ter me dado isso.

— Obrigado. — foi a única coisa que eu consegui dizer, minha voz ainda embargada pela emoção.

— Não tem o que me agradecer ou muito menos desculpar. Só seja feliz. — ele afirmou, também nitidamente emocionado.

— Só quero que saiba que nunca irei deixá-la desamparada. — garanti e antes que eu perdesse a coragem, o chamei: — Alano? Uma parte minha nunca será capaz de deixar de amá-la.

— *Eu sei, Edward. Pode soar patético, mas no fundo acredito que ela também saiba disso. Seja feliz, meu caro amigo.* — murmurou baixinho, enquanto meus olhos ainda ardiam de lágrimas, eu esfreguei meu peito dolorido pela emoção.

Depois da confissão, o clima ficou mais ameno e eu finalmente consegui tomar um fôlego. Ficamos conversando mais algum tempo e eu lhe contei a novidade sobre Lourdes e nosso filho. Meu amigo como grande cara que era, ficou feliz por nós e ainda brincou comigo sobre não ter certeza de que minha coluna irá aguentar brincar de carrinho com ele quando nascer. Depois de desligar, me via sorrindo, quando a porta do meu escritório voltou a se abrir.

Meu sorriso cresceu quando a vi entrando, ela parecia meio hesitante no início, mas a cada passo que dava suas incertezas pareciam se dissipar. Meu olhar sedento passeou pelo seu corpo magro e levemente curvilíneo. Olhos castanhos esverdeados olhavam-me com certa timidez. Seu rostinho doce acompanha seu acanhamento,

pois suas bochechas coram, bem como seu olhar cai para o chão, deixando-a em uma postura levemente submissa. Ela tem um rosto e um corpo lindos, mas todo o seu conjunto consegue deixá-la irresistível. Meu pau acaba ganhando o comando, porque convenhamos é difícil lutar contra o tesão quando sua submissão e entrega me arrebatam de uma forma esmagadora.

— Oi. — murmurou, tímida, parando em frente a mim.

— Oi. Está tudo bem? — perguntei, puxando seu corpo contra o meu.

Meu pau ficou ainda mais duro e começou a latejar dolorosamente quando sua pele encostou-se à minha. Sua pele tremeu com o contato da minha mão e da minha ereção, que eu não fiz questão nenhuma de esconder. Eu queria mesmo que ela sentisse o quanto eu a desejava. Queria que ela sentisse como sentia sua falta. Como sentia falta do seu corpo. Do seu cheiro. De tê-la como minha. E depois de toda a tensão dos últimos dias, o que eu queria mesmo agora era me afogar em seu corpo apenas para o nosso prazer.

— Sim. Tudo bem. — respondeu, em um gemido

abafado, pois nesse momento eu já subia minhas mãos pela sua cintura.

Contornei suas costelas com meus dedos, antes de virá-la de costas contra mim e pressionar minha ereção dura em seu traseiro. Enquanto mordiscava seu pescoço, passeava meus polegares em seus mamilos, beliscando-os levemente, sentindo-os enrijecer sob meus dedos, ao mesmo tempo em que ela gemia baixinho de prazer.

— Diz para mim que você me quer, meu Mel. Que quer meu pau dentro de você, preenchendo-a, antes de enchê-la de porra. — minha língua deslizando pela sua orelha, descendo pela veia pulsante do seu pescoço. — Diz que quer. Quero tanto te fazer gozar e poder extrair cada gota do seu prazer. Do seu doce prazer.

— Edward. — ela gemeu meu nome, seu corpo estremecendo, entregando-se completamente a mim.

Peguei-a no colo e a deitei com cuidado no sofá que ali existia, como uma coisa preciosa. E era o que ela era, pois ainda que minha fome do seu gosto fosse grande, eu queria tratá-la como merecia. Cuidá-la como precisava. Como necessitava. Não queria que nada de mal

acontecesse com nosso bebê que ainda era tão pequeno. Com ela em segurança, subi com meu corpo sobre o seu, e minha boca logo buscou a sua em um beijo quente e necessitado. Minha mão logo desceu pela sua barriga lisinha, que em breve não irá demorar a crescer. Ela voltou a estremecer quando meus dedos roçaram seu corpo e eu tive que sorrir de forma pretensiosa, quando pude sentir o quanto ela me pertencia.

— Preciso te provar. Preciso ter certeza de que você é minha. — eu disse e ela gemeu em resposta.

— Sim. — conseguiu murmurar.

Mesmo não querendo desgrudar, levantei meu corpo do seu e fui distribuindo beijos pelo seu corpo, seu cheiro delicioso me embriagando, enquanto ia em direção ao meu poço de néctar divino. Parecendo saber o quanto eu necessitava disso, ou também tão necessitada quanto eu, ela ergueu seus quadris para me ajudar a tirar a sua saia. Querendo vê-la ainda mais necessitada, afastei suas pernas e de joelhos encaixei-me entre elas, antes de levantar uma delas para mim. Fui deslizando meus lábios pelas suas pernas, sentindo a maciez da sua pele e o seu

cheiro tão gostoso, que fazia com que minha boca salivasse ainda mais em expectativa.

Quando cheguei ao meio das suas coxas, dei uma mordida leve em sua pele, fazendo com que ela arqueasse seu corpo em um gemido e elevasse sua boceta em direção a minha boca. Eu podia sentir que ela estava ensopada. Sedenta por mim. Puxei sua calcinha para o lado e quando estava próximo de degustá-la, a voz de Stephanie chocou-me, fazendo com que nos levantássemos rapidamente:

— Que merda é essa?

— Stephanie. — murmurei, sem acreditar na cena que ela havia flagrado.

— Vocês podem me explicar o que foi isso que eu vi e não gostaria de ter visto? — perguntou irritada, deixando-me ainda mais sem saber o que responder.

Merda! Não era bem assim que eu esperava contar toda verdade sobre nós para eles!

— Filha... — comecei, limpando a garganta, não sabendo ao certo como começar, mas sabendo que eu não podia mais esconder o que estava acontecendo. — O que

você viu é exatamente isso que você está pensando. — finalmente consegui dizer, deixando-a ainda mais chocada com minha confissão.

— O que? O que o senhor está querendo dizer com isso? O que eu vi aqui foi meu pai de sem vergonhice com a minha melhor amiga, que tem idade para ser sua filha! — Gritou.

— Stephanie Alessandra!

A ideia foi repreendê-la, mas a forma como ela gritou isso, inadvertidamente acendeu as inseguranças que por tanto tempo carreguei e que depois da batalha que foi para assumir o que eu sentia por Lourdes, não poderia permitir que estas fossem mais fortes do que meus sentimentos por ela. Não depois de tudo e especialmente agora com um filho nosso à caminho. Não poderia permitir que ela transformasse o que tínhamos em algo errado ou até mesmo sujo, como os casos que tive um dia.

A conversa não foi fácil, exatamente como eu acreditava que não seria, mas a maneira como Stephanie encarou as coisas entre nós foi ainda pior do que eu imaginava. Lourdes ficou abalada com o comportamento

dela. Também pudera, a ligação entre as duas era forte demais e de certa forma eu entendia que Steph se sentia traída por ela não ter se aberto com ela. Só que apesar de todos os defeitos, no momento certo eu sabia que Steph iria nos entender, só que ainda teríamos um longo caminho até lá.

Depois de contarmos toda verdade sobre nós, doeu-me ouvir Lourdes dizendo o que disse:

— Eu sinto muito. — Lou falou aos prantos e sem conseguir me conter, trouxe-a para os meus braços, querendo desesperadamente não deixá-la sofrer por isso. Ou por qualquer coisa que seja.

— Não, você não sente, Lourdes. Porque se você tivesse tido a sensatez de me dizer a verdade, aí sim eu diria que você não queria que essa cena lamentável tivesse acontecido. Eu não precisaria estar me sentindo dessa forma e muito menos dizendo coisas que estão magoando não só a você, mas a nós todos. Mas não se preocupem comigo. Eu desejo toda felicidade do mundo para vocês. — Stephanie disse, antes de nos dar as costas, já caminhando em direção a porta.

— Aonde você vai? — pergunto alarmado, a derrota estampada em minha voz.

— Para longe daqui. — ela simplesmente disse, antes de bater a porta e sair dali, acompanhada por Théo.

Confesso que nesse momento fraquejei. Ver meus filhos se afastando foi como sentir uma faca dilacerando-me. Eu sabia que não seria fácil. Mas a última coisa que eu queria era não ter eles por perto. Foi tão difícil tomar a decisão de seguir a minha vida, e começar uma fase dela sem o apoio deles é o mesmo que começar incompleto. Só que mais uma vez eu não poderia sucumbir. Colocaria nas mãos de Deus e pediria que ele intercedesse por nós.

Respirei fundo a vontade de chorar e engoli o bolo que havia se formado em minha garganta. Eu sabia o quanto Lourdes Maria estava frágil e em seu estado eu tinha apenas que engolir o que eu sentia e amparar minha mulher, que essa não era apenas a minha obrigação como o pai do filho que ela esperava, era uma necessidade latente como seu homem que eu tinha. A necessidade de amar e protegê-la.

— Vai ficar tudo bem, meu Mel. Stephanie é cabeça

dura, mas tem um enorme coração. Ela vai entender. — murmurei para ela, mas no fundo eu sabia que era para mim também.

— Eu deveria.. De-deveria ter lhe dito a verdade. Eu sou uma péssima amiga. — falou chorosa, enterrando seu rosto no contorno do meu pescoço novamente.

Não sei quanto tempo fiquei ali tentando acalmá-la, até que voltaram a bater na porta do escritório. Por um momento pensei que talvez fosse Stephanie que havia voltado e beijei o topo da cabeça de Lourdes, preparando-me para um novo embate, mas qual a minha surpresa quando Henriquetta abre a porta e encara a cena em sua frente obviamente sem entender.

Merda! Dois flagras em um único dia! Séria demais pedir um pouco de sossego?

— Aconteceu alguma coisa? — ela perguntou, de forma preocupada, mas eu a conhecia a ponto de saber que ela estava pronta para um embate.

Exatamente por isso que eu virei para Lourdes, que nesse momento parecia nervosa com a chegada repentina da mãe e perguntei:

— Está tudo bem? — ela apenas acenou que sim. — Você poderia ir até a cozinha e pedir para que lhe preparem um chá? E depois vá descansar. Preciso conversar com sua mãe. — pedi quando ela estava a ponto de retrucar, mas acho que algo em meu olhar lhe alertou, pois ela apenas se limitou em responder um “ok.”

Não me fiz de rogado e quando Lourdes se afastou dos meus braços, encostei seus lábios nos meus em um selinho demorado. Ao fundo pude ouvir Henriquetta murmurar algo que não soube identificar, mas que provavelmente demonstrou o quão chocada ela estava com a cena.

Lourdes abaixou a cabeça envergonhada enquanto se afastava, ao mesmo tempo em que Henriquetta nos olhava como se tivesse nascido uma terceira cabeça em nós dois. E do jeito que ela olhava para mim de forma acusatória, eu não duvidava nada que tivesse acontecido exatamente isso. Ela nem ao menos esperou Lourdes terminar de fechar a porta antes de perguntar:

— Mas que diabos está acontecendo aqui, Edward?

Droga!

— Henriquetta, você é uma das pessoas que mais me

conhecem nesse mundo. Sabe muito bem que não sou de rodeios. — falei, já me servindo de uma dose de uisque.

É. Acho que definitivamente irei precisar!

— Você para mim já está rodeando demais, Edward! Dá para você me dizer o que foi isso que vi entre você e minha filha? — perguntou e eu bebi um gole da minha bebida, antes de tomar coragem de encará-la e encontrar um brilho furioso nos olhos daquela que por tantos anos foi minha melhor amiga e confidente.

— Eu e Lourdes estamos apaixonados. Ela está grávida e vamos nos casar. — falei em um folego só.

— O que? — ela gritou ainda mais chocada, antes de colocar a mão no peito e se sentar na poltrona mais perto dela.

Droga! Acho que fui direto demais!

— Você está de brincadeira, não é? — perguntou ainda chocada e eu neguei.

— Desculpe por isso. Eu lutei para que isso não acontecesse, mas o que sinto por Lourdes sobrepujou meus motivos para tentar me manter longe dela. Juro, Henriquetta, que não foi algo planejado. Apenas

aconteceu. Ainda tentei me manter longe, mas não pude. Foi mais forte do que eu. — confessei.

— Como você pôde? — sua voz subiu um tom e lágrimas silenciosas escorreram pela sua face. — Seu irmão a amava como filha. É dessa maneira que você respeita sua memória? Dormindo com ela? Com a minha filha, a irmã da sua filha? — levantou em um sobressalto e eu senti o baque certo com suas palavras.

Dessa vez quem buscou o apoio de uma poltrona fui eu. Eu sabia que de uma forma ou de outra ela tinha razão. Eu havia prometido ao meu irmão que cuidaria delas, e mais uma das minhas promessas foi quebrada. Mas dessa vez eu não fui culpado. Meu orgulho agora não me cegou. Tentei fazer a coisa certa, só que quando dei por mim havia me apaixonado por aquela menina que ele cuidou como sua. Eu não escolhi nada disso. Simplesmente aconteceu. Eu era prova viva de que não podíamos lutar contra o destino.

Eu só queria que ela entendesse que eu lutei contra isso. Que eu lutei contra esse sentimento que me golpeou, mas quando o que sentimos é forte, existe uma hora em

que perdemos a batalha e não nos resta mais nada a não ser aceitar isso. Eu já havia aceitado. Havia aceitado que mesmo que não fosse merecedor eu tinha a chance de seguir com a minha vida e aquele cara lá de cima, que por tanto tempo acreditei que havia esquecido de mim, me deu um presente muito maior que era um filho. Eu não poderia permitir que nem ela e nem ninguém fizesse isso parecer errado, quando não existe certo ou errado quando encontramos o amor.

— Eu entendo sua reação. Mas eu queria que você entendes...

— Entendesse o que? Que esse castelo luxuoso é sustentado por paredes e mais paredes de mentiras? Como você consegue dormir com tudo isso guardado, Majestade? — perguntou com desdém.

Auch!

Outro golpe certo. Dessa vez eu não pude nem mesmo formular uma resposta, porque ela tinha razão. Não apenas esse castelo, mas também nossas vidas estavam cercadas de mentiras. Nem sempre por querer, mas mentiras e mais mentiras sustentavam nossas vidas.

Porque na verdade nossas vidas estavam repletas delas. Mas por mais que soubesse que ela estava certa, não deixaria que ninguém, nem ela, por mais que tivesse magoada e surpresa com a descoberta sobre nós, transformasse em uma inverdade ou até mesmo em um erro, uma das poucas coisas verdadeiras e certas que ainda tenho em minha vida.

Não permitiria!

— Eu amo Lourdes, Henriquetta. Como eu disse, não planejei seduzi-la ou muito menos desonrar a memória do meu irmão, porque você bem sabe o quanto ele foi e ainda é importante em minha vida. Mas aconteceu. E eu lhe prometo fazer de tudo para que ela e nosso filho sejam felizes. — garanti.

— Será? Será mesmo, Edward? — ela perguntou irritada e eu não entendi o porque da sua pergunta. Na verdade, fiquei até irritado por vê-la duvidando de algo que eu já havia prometido há tantos anos.

— Claro que sim! Você me conhece. Sabe que darei o meu melhor para que isso aconteça. — garanti, tentando não me exaltar mais do que devia nesse momento

delicado.

— Você tem certeza que sim, Edward? Você até mesmo contaria toda a verdade? — ela perguntou e eu engoli em seco pela sua pergunta, novamente sentindo o baque pela sua indagação. Ela sabia que havia tocado exatamente na ferida e exatamente por ter notado isso começou a rir sem humor. — Como eu imaginei. — completou com uma altivez que normalmente não condizia com ela, a não ser quando o assunto era suas filhas.

— O que você quer dizer com isso? — perguntei em um fio de voz, cada vez mais temeroso sobre aonde ela queria chegar com essa conversa.

— O que eu quero dizer, é que se você realmente quer fazer as coisas certas como diz querer fazer, Edward, comece fazendo o certo e seja honesto. Conte toda a verdade para quem merece. Prove, não para mim ou para minha filha e seus filhos que você realmente quer fazer as coisas da melhor maneira. Prove isso a si mesmo. — ela disse, antes de simplesmente me dar as costas e me deixar ali com o peso dessa responsabilidade sobre mim.

Não sei quanto tempo fiquei pensando sobre isso, mas quando finalmente tomei coragem de sair dali, vi na janela em minha frente que o Sol já estava se despedindo e briguei comigo mesmo por ter perdido tanto tempo ali, remoendo o que eu deveria ou não fazer, ao invés de fazer o certo e apenas aproveitar ao lado da mulher que eu amava. Respirei fundo e ainda que minha barriga não visse comida por horas, segui pelo corredor com um propósito, receoso pelo que estava por vir e ainda sem saber o que me esperava a seguir, mas ainda assim fui direto para o quarto de Lourdes Maria.

Bati uma vez na porta e como imaginei, Lourdes estava sentada recostada na cabeceira de sua cama, onde lia um livro dos romances que ela tanto gostava. Seu rosto lindo e sereno estava tão concentrado na história contida naquelas páginas, que ela demorou para perceber que eu a observava. Apesar da surpresa visível em seus olhos, sorriu levemente ao notar a minha presença e esse sorriso apenas me deu certeza de que eu estava fazendo a coisa certa. Eu a amava e a queria em minha vida. Sem dizer uma palavra fui andando ao seu encontro e enquanto fazia

isso, ela parecia não conseguir desviar os olhos dos meus, como se um magnetismo nos atraísse. E atraia mesmo. Era uma coisa louca essa atração que nos ligava.

— Está tudo bem? Você parece preocupado. — ela perguntou e ainda que não fosse o caso, apenas acenei em concordância, antes de lhe perguntar:

— E você? — perguntei, sentindo uma necessidade estranha de lhe tocar e ter certeza de que realmente estava tudo bem com ela. Tudo bem com nosso filho. Tudo bem com nós dois. E por isso, logo minha mão encontrou o caminho para o seu rosto, acariciando sua pele suave.

— Sim. Estou bem. — garantiu.

— Você comeu alguma coisa? Sabe que tem de se alimentar... — o que eu diria ficou no ar, porque seu sorriso com a minha preocupação fez com que eu me sentisse um pouco bobo.

— Sim, Edward, eu sei. Eu me alimentei direitinho. Fiz um lanche agora há pouco. — respondeu ainda sorrindo, mas seu sorriso morreu quando notou que eu estava meio sem jeito. — O que aconteceu? Minha mãe esteve aqui, mas achei que estava tudo bem apesar da sua

surpresa, pois ela parecia feliz com o neto. — comentou receosa e eu suspirei, porque eu sabia que o que diria não seria fácil para ninguém.

— Lourdes Maria, nós precisamos conversar.

Eu precisava lhe contar a verdade. E que Deus me ajude!

Capítulo 8

Lourdes

CONTO DE FADAS QUE ACONTECE

Medo. É o sentimento que me domina após ouvir suas últimas palavras. Ainda que eu obviamente soubesse que Edward havia tido uma vida antes de mim, pensar que depois de tudo o que houve para ficarmos juntos, e que talvez o que ele tenha a dizer agora possa vir prejudicar o futuro que ainda nem começamos a ter, me faz temer pelo que tenho a ouvir. Não sou uma pessoa medrosa, mas também não sou das mais corajosas e já não sei se quero conversar mais.

— Você mudou de ideia? Sobre nós? — ainda que temerosa, tive que perguntar, mas ele apenas negou com a cabeça.

Só que o suspiro derrotado que saiu de seus lábios em seguida, me disse que não seria tão fácil e não era apenas isso.

— Mas isso não quer dizer que você não mudará de ideia depois de tudo que eu tenho para lhe contar. — falou e eu estremei por dentro.

Em um gesto automático, passei a mão sobre meu ventre. Busquei forças onde não tinha, mas apenas foquei meus pensamentos nesse pequeno, que ainda era mesmo tão pequeno, mas já havia tomado meu coração de forma desproporcional ao seu tamanho, porque eu já o amava demais. Amava a ponto de saber que embora minha conversa com Edward pudesse vir a mudar algo sobre nós, como ele mesmo havia dito, eu tinha certeza de que não aconteceria o mesmo com esse serzinho. Ele era meu e independentemente do que acontecesse entre Edward e eu, eu e esse bebê ficaríamos bem. Eu faria de tudo para garantir isso.

— Você sabe que fui casado com a Rainha Cibelle, não é mesmo? — começa e eu apenas aceno, porque é obvio que eu sabia disso. Afinal, Stephanie era fruto desse casamento. — Mas o que você não sabe, é que antes de Cibelle se tornar minha esposa, existia outra pessoa em minha vida. — olho para ele sem entender. — Há muitos

anos, quando eu ainda era um adolescente, eu me apaixonei. Mas o que o mundo não sabe é que além de termos omitido nosso relacionamento por anos, mais tarde eu me casei em segredo com Alisson Caravaggio. — confessou, fazendo-me levar a mão a boca.

Ai Deus meu!

Edward passou os próximos minutos contando a história do seu relacionamento com Alisson. Disse-me desde a sua amizade, quando começaram o namoro, até a separação e seu casamento com Cibelle. Depois contou-me superficialmente, sem entrar muito nos detalhes, sobre o acidente envolvendo eles e que infelizmente acabou tirando a vida do seu irmão, o Príncipe Andrew e também da Rainha Cibelle, além de ter deixado Alisson em um hospital psiquiátrico, pois apesar de não ter tido danos físicos grandes, o dano maior que ela teve foi emocional.

Eu não preciso ser muito inteligente para saber que tem mais nessa história. Afinal, o que sua ex fazia em um carro com sua atual e o irmão? Porém algo dentro de mim não me deixou questionar-lhe e não consegui insistir no assunto, pois para mim estava mais do que claro que falar

sobre isso mexia muito com Edward. Não apenas por deixá-lo incomodado ou melancólico pela lembrança daqueles que perdeu, mas sim mexer a ponto de se ver nitidamente que falar sobre esse assunto mexia com ele de forma extremamente dolorosa. Não precisei juntar dois mais dois para saber que ele se sentia culpado sobre isso. Só não sabia realmente por que.

Por isso que apenas ouvi e deixei que ele me dissesse tudo que se sentisse seguro e confortável para dizer. Esperaria seu tempo. Deixaria que ele viesse até mim para se abrir quando quisesse. Eu o conhecia e o amava há muito anos para saber o tipo de homem que ele era. Não poderia pressioná-lo quando ele estava começando a se abrir depois de tantos anos fechado, não poderia fazer isso por mera curiosidade. Eu era madura o suficiente para entender que não cabia a mim, decidir qual seu tempo para me contar o que quer que seja que ele ainda esconde ou tem a me dizer, mas sim o tempo é quem manda e é o senhor de todas as coisas. Eu apenas deixaria que a vida se encarregasse de nós.

Durante o jantar, o clima não estava dos melhores à mesa. Além de não ter Stephanie à mesa, que era sem dúvidas a alegria desse castelo, ainda parecia que existia um elefante branco no meio de nós. Não por minha mãe, que parecia estar se esforçando para que o ambiente melhorasse, mas sim por Edward, que passou boa parte da refeição distante, parecendo incomodado com algo, se limitando apenas a responder o que lhe era perguntando. Tentei ser compreensiva, afinal ele havia tido uma briga com sua única filha que saiu de casa após descobrir sobre nós e também era muita mudança acontecendo ao mesmo tempo. Mas não vou mentir dizendo que fiquei tranquila com seu comportamento, só que mais tarde depois de fazermos amor em minha cama, comecei realmente a entender que não era apenas seu comportamento que não estava normal, mas também que teríamos sérios problemas para lidar daqui para frente.

Além do que eu havia observado nele durante o jantar, o primeiro sinal que percebi de que as coisas realmente não estavam bem como eu gostaria, foi quando nos abraçamos por poucos minutos após o sexo e sua reação

me deixou em alerta. A respiração de Edward parecia mais pesada a cada segundo. Ele transpirava e não devido às atividades intensas que havíamos praticado, mas era como se ele soasse frio. Logo seu corpo começou a tremer, como se estivesse em choque e quando olhei para seu rosto, ele parecia sentir dor. Perguntei o que estava acontecendo, ele se afastou depressa, como se tivesse assustado e disse algumas palavras desconexas, antes de sair correndo para o banheiro e se trancar lá, onde passou quase uma hora embaixo do chuveiro.

Embora minha vontade fosse outra, de entrar lá e lhe questionar para saber o que tinha sido aquilo, permiti que ele ficasse sozinho, até que estivesse bem o suficiente para sair dali. Enquanto isso não acontecia, fiquei me remoendo, pensando sobre o que tinha acontecido, tentando entender e pensar no que poderia fazer para ajudá-lo já que visivelmente ele estava com algum problema. Quando Edward finalmente saiu de dentro do banheiro, não foi o fato de estar apenas enrolado em uma toalha com seu corpo tentador exposto que me chamou a atenção, mas sim como sua pele estava vermelha,

obviamente a vermelhidão causada pelo atrito em sua pele enquanto ele esfregava. Fora isso, ao invés de encontrar seu rosto lindo, altivo e sua postura sempre imponente, encontrei apenas um Edward que eu não conhecia e jamais esperava ver um dia, um Edward frágil, envergonhado, em uma postura visivelmente derrotada. E olhando para ele dessa maneira, não hesitei em dizer o que disse a seguir:

— Você precisa de ajuda.

Nos últimos dias, apesar da distância e do tempo que Stephanie preferiu colocar não apenas entre nós, mas também com relação ao seu pai e ao castelo que era a sua casa, posso dizer que tenho vivido dias maravilhosos. Ainda que tenhamos tido nossas divergências no início, entre elas, o problema que descobrimos que Edward tinha. Ele confessou-me que isso sempre acontecia e na verdade sua reação era pelo fato de ter uma mulher dividindo a mesma cama que ele. Edward foi um pouco relutante no início, mas parece que finalmente percebeu que realmente precisava de ajuda e alguns dias depois do ocorrido procurou um especialista, que acabou

diagnosticando-o com TOC.

Segundo o que o médico nos explicou, o transtorno obsessivo compulsivo, é um distúrbio psiquiátrico de ansiedade e tem como sua principal característica a presença de crises recorrentes de obsessão e compulsão. O TOC é uma das doenças psiquiátricas mais comuns que existem e se caracteriza por pensamentos ou comportamentos que o indivíduo percebe que são exagerados e fora da realidade, mas que não consegue evitar. Pacientes deste distúrbio sofrem com imagens e pensamentos que os invadem insistentemente e, muitas vezes, sem que a pessoa possa controlá-los. Como um disco riscado que se põe a repetir sempre o mesmo ponto da gravação, eles ficam patinando dentro da cabeça e o único jeito para livrar-se desses pensamentos por algum tempo é realizar o ritual próprio da compulsão, seguindo regras e etapas rígidas e pré-estabelecidas, que ajudam a aliviar a ansiedade. Em geral, os rituais se desenvolvem nas áreas da limpeza, checagem ou conferência, contagem, organização, simetria, colecionismo.

As causas do TOC não estão bem esclarecidas.

Certamente, trata-se de um problema multifatorial. Estudos sugerem a existência de alterações na comunicação entre determinadas zonas cerebrais que utilizam a serotonina. Fatores psicológicos e histórico familiar também estão entre as possíveis causas desse distúrbio de ansiedade. Em algumas situações, todas as pessoas podem manifestar rituais compulsivos que não caracterizam o TOC. O principal sintoma da doença é a presença de pensamentos obsessivos que levam à realização de um ritual compulsivo para aplacar a ansiedade que toma conta da pessoa. A limpeza é o caso de Edward, toda vez que ele fica dessa maneira, ele sente uma necessidade de esfregar seu corpo ao ponto da dor, para tentar acabar ou diminuir a culpa de estar e até mesmo tocar em outra pessoa.

Além da terapia, que tem como princípio básico expor a pessoa à situação que gera ansiedade, começando pelos sintomas mais brandos, o médico prescreveu antidepressivos inibidores da recaptação de serotonina, pois diz que os resultados costumam ser melhores quando se associam os dois tipos de abordagem terapêutica. E

tem realmente ajudado.

Edward tem se esforçado bastante, eu podia ver a cada dia. A cada noite que ele se esforçava para deitar ao meu lado. Tudo isso estava sendo mais difícil do que ele esperava. Se para mim já havia sido difícil ouvir e assimilar tudo o que ele contou sobre seu passado, imagine para ele que estava aprendendo a tentar se libertar e conviver com essas dores que carregavam e o dilaceravam por dentro.

Ainda era estranho pensar que seu casamento com a Rainha Cibelle havia sido apenas por conveniência. Por que não foi fácil entender, por mais que a gente ouvisse que essas coisas existiam, principalmente com pessoas de alta posição social como os membros da nobreza, meio que achamos que não acontecem realmente na prática e sim apenas em livros ou filmes com a temática. Então quando o ouvi dizer que ele havia casado como um acordo e que apesar da Rainha ter sido uma pessoa de suma importância na sua vida, não era ela quem ele realmente amava, que na verdade amava outra, isso de fato me chocou.

Acho que talvez essa tenha sido a parte que mais me chocou. Porque quando Edward começou a falar sobre a mulher que ele dizia amar, pude ouvir a emoção em sua voz. O tom saudoso em que ele retratou o relacionamento que os dois tinham mexeu comigo. Cheguei a temer pelo que viria, que ele assumisse que eu era apenas um caso de caridade, mas então ele me contou parte da história de Alisson e sobre o fato dela estar internada há tantos anos. Ele não contou detalhes e eu não insisti para que ele me desse, porque pude notar que a culpa sobre o que havia acontecido com Alisson era forte demais para ele. Pensei que talvez o melhor fosse deixar que o tempo deixasse as coisas mais fáceis para ele agora com o tratamento que fazia. Estava cada dia mais esperançosa com o futuro.

Antes eu monitorava a agenda de compromissos da família real e lidava com tudo no que dizia respeito a eles, mas agora eu tinha minha própria agenda e com aval da Steph, comecei a ajudá-la com o voluntariado que ela fazia no hospital com as crianças. Eu era mais reservada que Steph, mas admito que adorava fazer esse trabalho

com ela e era realmente lindo de se ver o resultado no olhar e no sorriso daquelas crianças. Acho que minha amiga havia encontrado não apenas o amor, mas também uma razão para sua vida. E eu estava feliz por ela. Muito feliz. Ela ainda não era a mesma comigo, mas no fundo eu sabia que com o tempo as coisas se ajeitariam. Nossa amizade era mais forte do que isso.

Hoje mesmo eu havia chamado Steph para irmos às compras. O que era praticamente uma palavra mágica quando se tratava dela, que não demorou a aceitar apesar da hesitação inicial. Como Anabella e minha mãe também iriam conosco, resolvi que talvez fosse a hora de dar uma olhada nos vestidos de noiva, pois meu casamento estava marcado para daqui há seis semanas. E bem, eu mal podia acreditar que meu conto de fadas ia mesmo acontecer.

Charlotte tinha praticamente exigido que meu vestido de noiva fosse feito por ela e eu não me opus a isso. Primeiro porque eu sabia o quanto minha irmã mais nova, apesar de ainda ser caloura no curso de moda era talentosa e segundo porque eu sabia que para carreira dela, a Futura Rainha da Campavia vestir um vestido

desenhado por ela, com certeza alavancaria sua carreira. Então depois de comprar algumas coisas com minha mãe e as meninas, estávamos agora no estúdio que Charlie tinha no fundo da loja de sapatos que pertencia a sua família.

Charlie nos recebeu com entusiasmo e logo começamos a falar sobre o vestido. Depois de dizê-la o que eu queria, ouvimos palpite de todas que estavam ali, principalmente Steph, que não se conformava com o fato de eu não querer que meu futuro vestido não fosse o estilo

“princesa glamour”, ou melhor, rainha, que todos esperavam que alguém na minha posição tivesse. Ela achava que precisava de mais brilhos e mais panos. Eu só queria um vestido simples e de bom gosto, que me levasse ao homem que eu amo.

Estava conversando com Charlie sobre os possíveis ajustes do vestido quando meu celular começou a tocar. Eu sabia que não seria Edward, porque ele havia viajado há pouco para uma reunião com o Rei da Espanha. Estava curiosa para saber quem estaria me ligando, pois noventa por cento das pessoas que poderiam me ligar estava na sala que eu estava agora, mas meu sorriso morreu quando

reconheci o número que me ligava e confesso que eu nem ao menos me dava o trabalho de salvá-lo em minha agenda.

— Pela sua cara de animação, não é sexo pelo telefone. — Steph disse, como sempre sutil e eu fiz uma careta.

— Não mesmo. — fui enfática.

— Opa, opa. Conheço essa cara. Porque na verdade eu também a uso bastante. E o motivo dela só pode ser um: Olavo. — Charlotte disse, acertando em cheio e sua careta certamente espelhava a minha.

— O que você quer, Olavo? — atendi ao telefone, perguntando diretamente.

Eu normalmente já não tinha paciência para lidar com as lamúrias e os dramas de Olavo. Mas desde que descobri a gravidez, meu tratamento para com ele só tem piorado, porque ele insiste em me ligar? Por interesse, claro. Nunca foi uma real preocupação de pai com filha.

Foda-se, mas eu não preciso disso! Que julguem-me por isso!

— Boa tarde, minha filha. Como você e meu neto

estão? — perguntou e eu revirei os olhos, porque ele não se importava realmente com isso.

— Sei que você não quer realmente saber, mas ainda assim te respondo que estamos ótimos. Mas estou ocupada. Então faça-me o favor de dizer logo o que quer, Olavo.

— Não seja tão dura com seu pai. Não posso querer saber como minha primogênita está? — se fez de ofendido e eu ri com desdém.

— Você por um acaso esqueceu que Yan na verdade é o mais velho? Dois meses mais velho que eu, melhor dizendo. Como se eu fosse acreditar que você está realmente preocupado. Você realmente não tem vergonha, né, Olavo? Como se eu não soubesse que para você estar puxando meu saco só pode estar querendo uma coisa: Dinheiro. Não acertei? — perguntei irritada.

— *Nossa, filha! Assim você magoa seu pai. Mas como você perguntou, estou mesmo precisando de ajuda.* — falou na maior cara dura.

Não disse? É muito cara de pau!

— A ajuda que você precisa é de um centro de

reabilitação. Se você está precisando desse tipo de ajuda, ou de uma cadeia, terei o maior prazer em ajudar. Farei um favor para sociedade e para mim, que me livrarei do encosto que é você em minha vida. Mas se for dinheiro que você quer, perdeu seu tempo me ligando, porque eu não lhe dou dinheiro nem para comprar pão. — fui lacônica.

— *Olha lá como você fala comigo, menina! Eu ainda sou seu pai! Isso tudo é culpa da vadia interesseira da sua mãe, que te mimou demais e não soube te educar. Deveria ter tomado umas boas surras quando criança e você não seria assim tão prepotente!*

Filho da puta!

Eu o odiava por todas as vezes que ele não apenas foi ausente como pai, mas principalmente quando ele falava dessa maneira da minha mãe. Como ele poderia chamá-la de qualquer coisa e principalmente de vadia interesseira, quando ela havia casado com ele e ainda o aturou por tanto tempo? Como ele poderia julgar a índole da mulher que me criou, sendo não apenas minha mãe, mas também meu pai? Ele não tinha direito de julgá-la. Na verdade, ele

não deveria nem abrir a boca para falar mal dela. Minha mãe era a última pessoa que ele poderia dizer qualquer coisa contra.

— Quem é você para falar mal da minha mãe? — me exaltei e foi inevitável não encontrar o olhar dela, o que me fez ficar mal por ver sua reação com minhas palavras. Minha mãe estava pálida. — Lave a boca para falar da minha mãe, seu doente! — bradei e ele teve a audácia de rir do outro lado da linha.

— Você fala isso porque não conhece a mãe que tem...

Louco! Para mim era demais!

O interrompi, pois não deixaria que ele dissesse mais uma palavra sobre minha mãe:

— Conheço sim. Pelo visto quem não conhece é você. Porque a minha mãe é uma mulher forte, determinada e amorosa que me criou. Conheço muito bem a mulher que não se intimidou em cuidar sozinha de uma filha recém nascida, para não ter de suportar mais viver sob o mesmo teto que um doente viciado como você. E ainda que ele seja um péssimo pai, na verdade essa palavra não pode nem ao menos ser utilizada para designar a sua pessoa,

porque é como ser órfã de pai vivo. Então sim, graças a Deus eu não conheço a mulher que você insiste em dizer conhecer. Porque a Henriquetta que conheço, é a melhor pessoa que já conheci e eu não poderia pedir uma mãe melhor para mim. Faça-me o favor de não perder tempo me procurando, Olavo. Porque a partir desse momento estou bloqueando não apenas as suas ligações, estou bloqueando você da minha vida.

— *Sua ingrata...*

Não esperei ele terminar os xingamentos que certamente faria, antes de desligar a ligação na sua cara. Depois disso eu precisei sentar para conseguir respirar e tentar controlar as batidas descontroladas do meu peito. Eu sabia que não podia me exaltar estando grávida, mas foi inevitável. Eu simplesmente não poderia permitir que ele falasse dessa maneira com minha mãe. Nunca havia tido uma relação muito boa com meu pai, na verdade nunca havia tido uma relação “pai e filha” de fato, mas eu nunca achei que um dia precisaria chegar a esse ponto. Só que pelo visto essa hora havia chegado e por mais que eu quisesse negar, doía, mas isso passaria e eu não mais me

lamentaria por isso. Meu pai nunca havia cumprido seu papel, não seria eu que ficaria sofrendo por algo que há anos já tinha me dado conta que não teria.

Todo mundo falava ao mesmo tempo e tentava acalmar não apenas a mim, mas a minha mãe. Depois de tomar um copo de água que Charlie insistiu para que eu tomasse, vi que estava bem o suficiente e me virei para minha mãe, que ainda parecia prestes a ter um ataque.

— A senhora está sentindo alguma coisa, mãe? — perguntei e ela acenou, embora ainda parecesse um pouco pálida.

— Estou sim, filha. E você? Sabe que não pode se estressar. — disse com cuidado e eu revirei os olhos.

— Eu sei, mas é meio impossível não me estressar com Olavo. — resmunguei.

— E o que ele queria? — perguntou, parecendo preocupada.

— O de sempre: dinheiro. Vocês ouviram o que eu disse, ele pirou e disse coisas absurdas, que a culpa por eu ser assim era sua, que você não me educou como deveria. E te chamou daqueles adjetivos que você já

conhece. — confessei, bufando de raiva.

— O diabo faria um favor à Terra se carregasse esse filho da puta para o inferno! — Steph resmungou.

— Steph, olha como você fala, menina! — minha mãe a repreendeu, certamente preocupada com o que Charlie iria pensar e Steph apenas revirou os olhos.

— Tudo bem, Henriquetta. Não se preocupe comigo. Conheço Steph e conheço ainda mais meu pai. Sr. Olavo está extrapolando todos os limites aceitáveis. Já toleramos coisas demais dele. Já não falo com ele há duas semanas. — Charlie confessou, parecendo cansada e eu suspirei.

Era uma merda isso! Era uma merda seus próprios filhos terem de lidar com um pai assim!

— Ele apenas conseguiu estragar esse dia para mim. — murmurei.

— Não mesmo! Lourdes Maria, não deixarei nem o inútil do seu pai. — ela se virou para Charlie, que riu quando ela disse: — Sem ofensa. Enfim.. Não deixarei que ele estrague esse momento. Vamos fazer compras e se não for o suficiente para ficar melhor, pense que mais

tarde você certamente terá um belo orgasmo! — Steph disse e eu tive que rir.

— Meu Deus! — minha mãe gemeu e balançou a cabeça em negativo.

— Meu Deus nada, Têta. Euzinha mesmo. Sou uma mulher muito sábia. Por isso preste atenção no que lhe digo. — disse séria. — Ninguém sobrevive tanto tempo assim. Você precisa relaxar e gozar. Acredite em mim, você se sentirá outra depois que acabar com essa teia de aranha que certamente tem no meio das pernas, Têta. — completou Steph.

— Stephanie! — todas, com exceção de Charlie, gritamos.

— O que? Um beijo com a mão firme na nuca por baixo do cabelo tem o seu valor. Mas uma chupada bem dada pode salvar o dia! — falou como se não fosse nada.

Enquanto minha mãe a repreendia, meu telefone voltou a tocar. Por um segundo achei que pudesse ser Olavo novamente, mas vi que era Edward e conscientemente sorri.

— *Olá, meu mel.* — ele me saudou, quando atendi a

ligação.

— Oi. — disse envergonhada, porque todo mundo parecia estar me olhando.

— *Tudo bem com vocês?* — ele perguntou e eu sorri, era estranho, mas era tão bom ouvi-lo falar de mim e do nosso bebê.

— Sim, estamos bem. — respondo sorrindo ainda mais.

— *Que ótimo! Só liguei rapidinho para saber se está tudo bem com vocês mesmo e dizer que já estou com saudades. Até o jantar, meu mel. Te amo.* — disse, fazendo meu coração disparar ainda mais.

— Até mais tarde. Também te amo. — sussurrei, mas tenho certeza de que todas ouviram.

— Tem coisa melhor do que ouvir um eu te amo da pessoa que ama? — Anabella perguntou quando desliguei e suspirou em seguida, parecendo um pouco triste e nós sabíamos exatamente o porquê.

— Tem sim, ouvir um “eu pago”, por exemplo, é uma delas. — Steph respondeu, mas eu sabia que ela não queria realmente dizer isso, ela queria apenas distrair

Bella dos seus problemas amorosos com Igor.

E pelo visto conseguiu, porque logo estávamos todas rindo. Talvez não por tanto tempo quanto gostaria.

Os dias passaram rapidamente e quando dei por mim havia chegado o tão sonhado dia do nosso casamento. Para mim não importava o que muitas pessoas achavam, o que me importava realmente era que eu casaria com o homem por quem eu era apaixonada durante toda minha vida. Esse momento eu sabia que guardaria para vida toda. Era a realização do meu sonho.

Olhei-me novamente no espelho e limpei uma lágrima teimosa que insistiu em cair, apesar de ter jurado a mim mesma que não borraria minha maquiagem tão bem feita e ao mesmo tempo delicada. Ao contrário do que esperavam que fosse, meu vestido era simples, mas bonito, um tomara que caia de seda com um caimento super elegante.

Como Edward já havia sido casado na igreja com Cibelle, nosso casamento não poderia acontecer lá e seria realizado nos jardins do castelo, onde um juiz de paz nos

tornaria marido e mulher, e depois o bispo apenas abençoaria nossa união. Sei que nosso casamento não chegaria nem aos pés dos casamentos luxuosos que a monarquia estava acostumada a fazer e como estava sendo planejado que fosse o casamento de conto de fadas de Stephanie e Théo. Porém, a minha ideia de conto de fadas era completamente diferente. Para mim o que importava de fato era que eu me casaria com quem amava e que era o pai do bebê que crescia em meu ventre, além de estarmos rodeados pelas pessoas que mais amava na vida. Para mim isso era o suficiente, me bastava. Não faltava mais nada para que meu conto de fadas se tornasse perfeito.

— Você está linda, filha. — minha mãe disse, sem conseguir esconder a emoção.

— Obrigada, mãe. — respondi, também emocionada.

— Você está feliz com ele, não é? — ela perguntou e eu assenti, porque sim, embora tivéssemos nossas dificuldades, Edward me fazia muito feliz.

— Sim, mãe. Ele me faz muito feliz. — garanti a ela, que sorriu aliviada.

— Para mim é apenas isso que importa. Quero que

você seja feliz. — falou com a voz embargada e foi a minha vez de tentar conter a emoção.

— Pronta? — ela perguntou e eu acenei, antes de lhe entregar minha mão e sairmos juntas rumo ao altar.

A tradição dizia que quem deve levar a noiva ao altar era seu pai. Mas diante a minha relação com o meu, isso definitivamente não se enquadrava para mim. Tanto que nem ao menos o havia convidado, depois da sua última ligação preferi cortar qualquer ligação que tínhamos. Poderia ter convidado algum dos meus irmãos para entrar comigo, mas isso nem ao menos passou pela minha cabeça, porque eu não poderia ter outra pessoa me levando ao altar, entregando-me ao homem da minha vida, a não ser aquela que havia me guiado desde sempre e sido meu tudo.

O dia estava lindo e eu fiquei feliz por isso, pois para mim era quase como um sinal de Deus de que havia tomado a decisão correta. Quando finalmente chegamos ao jardim, os violinos começaram a tocar *I Won't Give Up*, a nossa música de Jason Mraz e eu respirei fundo, tentando acalmar minhas emoções que estavam mais do que nunca à

flor da pele e sorri, em uma tentativa de aplacar o nervosismo.

Antes mesmo de dar início a minha caminhada até o altar, acariciei minha barriga ainda quase imperceptível e sorri ao pensar sobre nosso bebê. Minha mãe pareceu entender minha pequena hesitação e apertou minha mão, incentivando-me a seguir e eu retribui o gesto, sorrindo emocionada, antes de começar a caminhar pelo corredor gramado que estava coberto por um tapete de pétalas de rosas na cor branca.

A decoração singela e simples que havíamos escolhido estava realmente linda. Muito mais bonita que imaginei um dia e isso me fez sorrir, mas meu sorriso só fez aumentar quando vi Edward vestido formalmente, me esperando no altar improvisado, rodeado por um paredão de rosas.

Todas as pessoas queridas por nós estavam presentes e para mim isso era mais do que perfeito, mas nesse momento meus olhos estavam apenas nele. Eram só dele. Aquele homem lindo que eu havia crescido adorando, admirando. Aquele que por anos acreditei que seria pelo

resto da minha vida apenas a minha paixão não correspondida. Mas agora, contrariando a tudo que um dia acreditei, estava prestes a se tornar meu marido.

Tudo conseguiu ficar ainda mais intenso para mim, quando notei que ao invés da sua postura séria costumeira, Edward agora demonstrava ser apenas um homem visivelmente emocionado e diante disso as lágrimas que até então eu tinha segurado para não derramar, venceram a guerra e não pude mais controlá-las. Edward pareceu impaciente ou até mesmo preocupado, não sei, mas contrariando a etiqueta, dentro de segundos chegou até o meio do caminho para me encontrar. Enquanto enxugava minhas lágrimas de emoção e me dava um singelo beijo na testa, ele sussurrou o quanto eu estava linda, deixando-me ainda mais tocada.

— Lourdes Maria, por tantos anos acompanhei a dedicação da sua mãe para com você, e também estive ali ao lado dela, para quando precisassem. Mas agora eu peço a permissão da sua mãe e a sua, para que a partir desse momento eu possa estar seguindo ao seu lado, para o resto de nossas vidas. — disse e embora um leve

sorriso tivesse se formado em seu belo rosto másculo, a emoção formada em seus olhos incrivelmente azuis dizia tudo que eu precisava saber.

Se ele queria acabar comigo, ele conseguiu, pois foi impossível não me emocionar ainda mais com suas palavras. Eu não tinha olhos para nada ao nosso redor, mas arrisco-me dizer que todos que estavam ali presentes se emocionaram, porque as fungadas que consegui ouvir me disseram exatamente isso. Eu simplesmente não conseguia imaginar que poderia amá-lo mais e mais a cada momento, mas aqui estava ele me provando exatamente ao contrário.

Quando finalmente voltamos a caminhar, Stephanie se aproximou com lágrimas nos olhos, antes de pegar o buquê na minha mão para que prosseguíssemos com a nossa caminhada até o altar sem empecilhos. A música continuou a tocar e de mãos dadas com as duas pessoas que eu mais amava na vida, segui rumo ao meu destino. No momento em que chegamos, minha mãe balbuciou com a voz embargada:

— Que Deus te abençoe, minha filha. Seja feliz! — nós

duas sorrimos, entre lágrimas, antes de nos abraçarmos, sem conseguirmos conter a emoção.

Minha mãe se afastou de mim antes de murmurar algumas palavras para Edward que não consegui ouvir, para logo em seguida ele segurar minha mão e nos dirigirmos para o juiz de paz que nos aguardava.

— Estamos aqui reunidos, para celebrar a união do Rei Edward Rubert Ross Lorenzon Bellini di Montalcino e de Lourdes Maria Paraizo. — ele começou e mais uma vez perdi-me olhando para Edward, esquecendo-me de tudo ao meu redor ao ver seu olhar penetrante e cheio de amor para mim.

E foi nessa tarde, transbordando amor, rodeados pelas pessoas que nós amávamos, que selamos nossos votos como marido e mulher para o resto da eternidade. Só não pensei que o passado voltasse para assombrar-nos e balançasse nosso conto de fadas.

Capítulo 9

VERDADES & MENTIRAS

Rei Edward

Embora tentemos nos enganar, a vida sempre tem dois lados, o bom e o ruim. Se por um lado eu vivia um momento único, regado de paixão com aquela que agora eu chamava de minha esposa, minha rainha, compartilhando ao seu lado algo que não tive com Alisson, curtindo sua gravidez, me deliciando com a espera do nosso pequeno que estava por vir, por outro eu ainda lutava.

Há meses eu fazia terapia contra o TOC. Há anos eu vivia chafurdando em culpa. Mas vendo que eu precisava realmente de ajuda, comecei a lutar contra as dores e a culpa que eu ainda carregava. Comecei a lutar contra mim mesmo. Estava aprendendo a lidar com as perdas que havia sofrido e principalmente com aquela que meu médico diagnosticou como perda ambígua, pois segundo ele, eu tinha dificuldade em aceitar a realidade de

Alisson, que embora estivesse viva, tinha a sensação de perda, dando vazão ao processo do luto, pois ela se foi, apesar de ainda estar aqui. É como se no fundo eu achasse que a qualquer momento a pessoa perdida, no caso ela, poderá reaparecer. E bem, confesso que isso ainda é algo difícil para que eu lide, mas continuo tentando.

Um casamento entre Stephanne e Theodore era algo que havíamos planejado há muitos anos, desde que perdemos aqueles que amamos. Eu sabia que talvez fosse mais fácil se simplesmente assumisse Théo como meu filho e herdeiro, mas fazer isso também seria torná-lo alvo fácil daqueles que acreditavam que ele estava morto e teria sido em vão todo sacrifício que fizemos para esconder-lhes a verdade.

Para muitos essa decisão de esconder a paternidade de Théo pode ter sido frieza da minha parte, mas a verdade é que essa escolha havia me custado muito. Custou-me entre tantas coisas e tantos momentos, ser apenas expectador na vida do meu próprio filho. Só que se ficar tecnicamente longe dele era a forma de lhe manter em segurança, eu preferi que o sacrificado de toda essa história fosse eu.

Eu não era burro e nem tão inocente, sabia que poderia vir a pagar pelos meus erros e mentiras mais tarde, principalmente quando Steph e Théo finalmente soubessem de toda a verdade. Só que por mais doloroso que pudesse ser para eles quando descobrissem que tudo que eles acreditavam não passavam de mentiras, eu preferia me apegar ao fato de que havíamos tido a melhor das intenções e que eles pudessem vir a compreender essas escolhas. Mas quando isso aconteceu, não foi tão fácil como eu pensei que pudesse ser.

A poucos dias do casamento, Théo acabou flagrando uma conversa de Alano com Taddeo. Taddeo este que tinha descoberto a paternidade de Théo e Steph em uma situação parecida com essa. Foi uma situação difícil, ele defendia com unhas e dentes que abríssemos o jogo e quanto mais o casamento dos dois se aproximava, mais ele insistia pela verdade. Só que contar a verdade agora só poderia colocar tudo a perder. E bem, quase aconteceu isso.

Embora eu não devesse iludir-me, conhecendo o temperamento de Théo como conhecia, por um momento

cheguei a enganar-me que ele pudesse compreender, mas Théo ficou revoltado de tal maneira, que assustei-me com seu rompante.

— Parabéns, Edward. Você conseguiu exatamente o que queria: fazer-nos de marionetes, criaturas a mercê dos teus desejos.

Ele não deixou nem que explicássemos e vendo sua reação sobre parte do que descobriu, resolvi omitir a outra parte da história, porque também temia que ele dissesse a verdade a Steph e geniosa do jeito que aquela teimosa era, era bem capaz de cancelar o casamento e jogar tudo para o alto. E eu, sinceramente, não podia dar-me ao luxo de vê-la desistir de tudo quando estava me preparando para passar a coroa para o meu herdeiro e com isso poder ficar mais com a minha esposa, curtir nosso casamento e a gravidez, principalmente agora que está tão perto do nosso filho nascer.

Só que não era apenas isso, de alguma forma eu sentia que estávamos perto de descobrir quem há tantos anos nos perseguia, nos fazia mal e tinha medo de que qualquer passo em falso agora pudesse colocar tudo a perder.

Foi pensando nisso que apelei para o amor que eu sabia que Théo sentia por Steph, e ainda que relutante, ele concordou em não lhe dizer nada por ora. Mas exatamente por amá-la, como eu sempre soube que amava e principalmente pelo seu senso de honestidade, eu sabia que ele não conseguiria guardar esse segredo para si durante muito tempo. Exatamente por isso, desde essa revelação, vim me preparando aos poucos para esse confronto. Só que esse não seria o único confronto que eu teria pela frente.

Théo e Steph haviam se casado há algumas semanas. A cerimônia foi linda e ver meus dois filhos se casando foi demais, até mesmo para mim. Não podia colocar em palavras o quanto eu estava feliz por vê-los felizes. Era uma sensação de dever cumprido que eu esperava que perdurasse. Depois de uma lua de mel no Brasil, eles voaram para Inglaterra, onde há alguns dias cumpriam seus compromissos oficiais como casal real da Campavia, mas eu sabia melhor, sabia que era uma maneira que Théo encontrou para passar uns dias ao lado de sua mãe. Mas

depois de saber a verdade, eu o compreendia. Só que não compreendi porque eles haviam escondido algo de tamanha importância para nós.

Eu estava em uma reunião com Alano, discutindo algumas medidas que adotaríamos para que a economia da Campavia, que ia tão bem, não entrasse em crise como o restante do mundo, quando Greg entrou na sala, parecendo um pouco assustado.

— Majestade, desculpe interrompê-los, mas é urgente.
— disse esbaforido.

— O que houve, Greg? — perguntei, já em pânico, pensando mil e uma besteiras.

— É a Princesa Stephanie, majestade, ela acabou de dar entrada na emergência de um hospital em Londres. Está em todos os jornais. — falou, fazendo-me pular de uma só vez da minha cadeira.

Os minutos seguintes foram uma loucura só. Meu celular não parou de tocar um só minuto, com Lourdes e Henriquetta desesperadas, em busca de mais notícias sobre o estado de saúde de Stephanie. O mesmo eu podia dizer sobre Alano, que ao meu lado também tentava

abrandar a preocupação da sua família. Enquanto buscávamos mais notícias sobre Steph no hospital, não perdemos tempo e reunimos nossas famílias no avião da coroa rumo à Terra da Rainha.

A viagem foi silenciosa, todos preocupados com Steph e ficamos ainda mais preocupados quando recebemos a notícia de que ela havia dado entrada na emergência com hemorragia e se isso já seria preocupante de qualquer maneira, o fato dela estar grávida tornou a situação ainda mais agravante.

Confesso que fiquei um tanto quanto chocado e emocionado com a notícia, pois apesar de desejar que isso acontecesse um dia, não esperava que isso pudesse vir a acontecer agora. Até porque os dois não haviam falado em ter filhos e haviam acabado de se casar. Mas quem seria eu para não ficar feliz com uma benção dessas? Eu serei o próximo avô babão que a história conhecerá.

Há quase vinte e cinco anos eu vi pela última vez o brilho nos olhos da mulher que eu amava desde que me

entendo por gente e acreditava que seria minha por toda vida. Mas o destino não quis assim. Por anos busquei esse mesmo brilho no seu olhar, mas não encontrei. Por anos busquei a estrela brilhante que iluminava a minha vida. Busquei o apoio que me fazia sentir ser capaz de tudo. Busquei o sorriso que não achava ser capaz de dar, pois houve um tempo em que ela era o motivo deles. Por anos esperei e esperei que ela voltasse para mim, mas ela não voltou.

Agora, depois de tanto relutar, tentava desapegar-me de um passado que não voltaria, de uma culpa que eu não poderia atribuir inteiramente a mim e é nesse exato momento que ela finalmente resolve voltar a vida.

Chocado não chega nem perto do que sinto ao deparar-me com Alisson entrando pela porta da casa da sua mãe, rindo ao lado do nosso filho como se tivesse feito isso diariamente, como se não tivesse passado tanto tempo perdida dentro de si. Agora ela estava aqui. Linda. Brilhante. Como sempre foi, apesar dos anos terem cobrado seu preço. Por mais que eu tenha desejado por tanto tempo poder ter a chance de ver essa cena, era algo

que de certa forma eu já havia colocado em minha cabeça que não poderia ver. Por isso estou aqui, parado, como se não pudesse nem enviar os comandos para o meu próprio corpo, enquanto ela olha para mim, realmente olha, como achei que jamais fosse acontecer novamente.

— Olá, Edward. — Alisson me cumprimentou, meio vacilante. E eu posso dizer que ela estava tentando ser tão forte como eu tentava ser nesse momento.

— Alisson. — sussurrei seu nome, sem saber como agir diante sua visão.

— Quanto tempo, Ed. Théo e Stephanne me disseram que você vai ser pai novamente. Parabéns. — ela disse, sorrindo, embora eu a conhecesse melhor e soubesse que no fundo, isso a magoava, antes de virar-se para Lourdes que parecia nitidamente desconfortável com a cena que se desenrolava em sua frente. — Você deve ser Lourdes. Prazer, Alisson Caravaggio. — apresentou-se, e com um sorriso estendeu sua mão para cumprimentá-la.

— Er... Prazer, Alisson. Já ouvi muito sobre você. — Lourdes conseguiu dizer, embora eu pudesse ver que apesar da simpatia de Alisson, ela permanecia insegura

em sua frente.

— Fico feliz por isso. E o bebê é para quando? — ela perguntou.

— Hum... Er... Para daqui a quatro semanas. — Respondeu simplesmente.

— Posso? — Alisson pediu consentimento para tocar em sua barriga.

— Er... Claro. — Lourdes respondeu sem jeito e engoli em seco.

Meu passado e meu presente juntos. As batidas incessantes do meu coração me diziam que eu estava diante de um teste. De uma ironia do destino. Colocando em prova tudo o que eu achei que fosse verdade um dia. Era uma situação que eu jamais pensei que pudesse estar vivo para vê-la acontecer. Deixando-me fraco, vulnerável, sem saber como agir e até mesmo respirar. Fazendo-me sentir o menino perdido que jamais fui um dia.

— É um menino, não é? — Alisson perguntou, emocionada.

— Sim. Andrew. — Lourdes respondeu e Alisson abriu um sorriso ainda maior.

— Uma bela homenagem, para uma pessoa muito especial. Que Deus abençoe vocês e esse menino lindo que vem aí. — ela disse e eu sabia que estava sendo sincera.

Eu nunca, em toda minha vida, conheci alguém com o coração tão puro e verdadeiro quanto ela. E por isso sua afirmação mexeu ainda mais comigo. De alguma maneira, embora eu soubesse que isso mexia com ela, Alisson estava realmente feliz por nós.

— Obrigada. — Lourdes agradeceu.

— O que vocês acham de jantarmos? Hoje foi um dia cheio e cansativo, tenho certeza de que todos devem estar com fome. — Antonella chamou, certamente querendo acabar com o clima tenso que havia se instalado na sala da sua casa.

Enquanto todos foram em direção à sala de jantar, eu fiquei ali, tentando não apenas buscar forças para passar por isso, mas principalmente pegar no tranco diante a situação. Era muita coisa acontecendo ao mesmo tempo e eu sabia que muito mais estava por vir.

Theodore e Taddeo foram os últimos a chegar à mesa e quando eles finalmente sentaram-se, o jantar começou em um silêncio quase fúnebre. Acho que ninguém realmente sabia como agir diante essa situação. O que só me deixava ainda mais agoniado.

— O que houve com Stephanie? Vocês não vão nos dizer? Ou teremos que esperar as notícias dadas pela mídia, como descobrimos essa gravidez? — eu falei, tentando não soar tão irônico quanto soei, mas falhei na tentativa. Eu estava preocupado e chateado por terem me escondido isso.

— Andei aprendendo a esconder as coisas dos outros. Machuquei seus sentimentos, papai? — Stephanie me respondeu com sarcasmo e eu não tive dúvidas que ela já sabia de toda a história.

— Você disse para ela, Theodore? — perguntei, mas eu não precisava realmente de uma resposta diante a postura de atrevimento da minha filha.

— Vamos terminar de comer, as conversas ficam para depois. — Dona Antonella disse, como sempre fazendo-nos calar diante seu tom imperativo.

O jantar seguiu em silêncio, mas eu não podia dizer a mesma coisa de mim. Minha cabeça parecia que ia estourar diante de tudo que nos esperava a seguir. Eu não estava aguentando mais. A cada mastigada que eu dava, era como se não tivesse saliva e tivesse mastigando pregos. Não conseguia segurar-me diante de tudo. Diante o embate e a guerra que eu via adiante, por isso que antes mesmo de me dar conta eu gritei:

— Cansei! — disse, fazendo todos olharem para mim.

— Cansou? Que irônico. Quer saber? Eu que cansei de tantas mentiras! Eu que cansei de ser passada por idiota! Vocês são uma cambada de hipócritas que acham que o mundo deve ser perfeito de acordo com o que vocês acham que é o certo. Mas quer saber? Que se fodam! — Steph bradou, deixando-me chocado com suas palavras.

O silêncio que se seguiu chegou a doer em meus ouvidos. A impressão que eu tinha era de que a qualquer momento meu coração pudesse parar. Mas eu não fui o único a esboçar tal reação, todos diante a mesa estavam de alguma forma apreensivos com o que viria. Apenas Lourdes e Bella estavam no escuro. E de certa forma isso

fez com que eu me sentisse ainda mais culpado.

— Olha como você fala, menina. Você pode estar casada, mas eu ainda posso te dar umas boas palmadas. Então me respeite! — tentei intervir, talvez em uma tentativa patética de acobertar toda verdade de todos, inclusive de mim.

Mas acho que era tarde demais. Eu não podia mais esconder-me. Não podia mais ser fraco. Precisava encarar a todos. Precisava admitir meus erros. E eu tive certeza disso, quando Théo finalmente gritou:

— Respeito? Engraçado o senhor falar sobre respeito, sendo que nunca respeitou a verdade. Não é mesmo, Edward? Ou eu devo dizer, *papai*?

Tudo aconteceu de uma só vez. Anabella e Lourdes ainda pareciam chocadas demais com tanta informação e olha que elas nem ao menos sabiam metade da história. Alano ordenou que sua filha caçula seguisse para o quarto e quando finalmente nos reunimos todos na sala de estar, a impressão que eu tinha era que embora estivéssemos perto um do outro, estavam todos a milhares de quilômetros. Isso incluía Lourdes, que fez questão de se sentar longe de

mim. E isso só fez com que eu me sentisse ainda mais impotente diante dessa situação.

— É muito mais complicado do que vocês pensam. — comecei, ainda sem saber como agir.

— Complicar é o que vocês têm feito para nós desde então. — Théo disse com amargura.

— Theodore! Não é hora de discutir. Primeiro vamos ouvir e aí sim diremos o que queremos dizer. — Antonella lhe repreendeu, mas isso não fez com que eu me sentisse melhor. Não mesmo.

— Tudo bem. Você não me contou tudo, não é mesmo, Edward? — ele voltou a perguntar e eu assenti, sentindo-me ainda menor.

— Não. Na verdade algo me dizia que você faria exatamente isso: contar para Stephanne. Por esse motivo preferimos manter uma parte do segredo. — Confessei.

— Para quem já guardou tantos segredos, mais alguns não fariam diferença não é mesmo? — meu filho disse com sarcasmo.

Porra! Como eu fui me meter nisso?

— Théo! — Antonella o repreendeu novamente e

levantou a mão em rendição, antes dela se virar para mim.
— Edward, comece desde o começo. — pediu e eu assenti.

— Como vocês bem sabem, a Campavia foi fundada por um conjunto de ex-militares do exército italiano. Como os pelotões eram formados por ordem alfabética, vocês podem reparar que os sobrenomes da nobreza Campaviana começam basicamente com as primeiras Letras do alfabeto A, B, C, D... *Alaric, Bellini, Carrara, Caravaggio, Di Palacci, Di Montalccino*... Como além de ser o comandante da expedição, também era o militar com mais patentes, além de ser o que mais tinha dinheiro, Paul Henry Belinni, foi nomeado como Rei do país que eles estavam fundando. Com o decorrer dos anos, algumas famílias foram se juntando, formando outras, algumas foram para longe, outros nobres se casando com nobres e muitos sobrenomes se perderam com essas uniões.

— Apesar de ter beneficiado os outros com os títulos da nobreza, bem como parte do território campaviano, sabemos que nem todos ficaram satisfeitos. Os séculos foram passando, nosso país crescia e enriquecia mais a

cada ano, então começaram a ocorrer alguns conflitos entre os nobres. Alguns exigiam o fim da monarquia. Lutavam no Parlamento contra o Rei. Mas apesar de ter sido uma época tensa, não era nada que pudesse se preocupar realmente, já que diversos países passavam pela mesma crise. — Alano reiterou.

— Até que há uns anos atrás, meu pai se apaixonou por Lavínia, sua segunda esposa, mãe de Andrew, quando eles ainda eram bem jovens. Naquela época, eram os pais do rapaz que pediam aos pais da moça para que o filho a cortejasse e se casasse com ela. Dentre todas as mulheres da nobreza Campaviana, foi Lavínia Carrara quem ele escolheu. — continuei.

— Carrara? — Stephanie, Théo e Lourdes perguntaram ao mesmo tempo, inegavelmente surpresos pelo sobrenome da minha madrastra.

E bem, era justamente por causa da sua família que a merda toda começou!

— Sim. — suspirei. — Mesmo à contra gosto, por causa das pequenas rixas de família, meu avô foi pedir a benção dos Carrara para que meu pai, o até então

Príncipe, se casasse com ela. Foi aí que Joaquim, sabendo da paixão de meu pai por sua filha, se aproveitou disso e impôs uma condição: Só haveria casamento caso lhe fosse concedido o título de Duque. Como sabemos, o título do ducado é um dos maiores títulos nobiliárquicos, abaixo apenas do Rei, Príncipes e Princesas. Exatamente por esse motivo, esses títulos são concedidos apenas para as pessoas da família real. Seja por nascença, por casamento ou até por honraria. Pois caso ocorra uma fatalidade com os descendentes mais próximos ao trono, o próximo título da linha sucessória seria de quem pertence o título do ducado.

— Então meu bisavô aceitou? — Stephanie perguntou confusa pelo que eu disse.

— Não. Obviamente meu avô não aceitou. Exatamente por esse motivo que meu pai casou-se com minha mãe, pois como descendente ao trono, ele precisava de uma esposa e na época a realeza tinha que manter a linhagem. Com tudo isso, a relação já abalada dos Bellini di Montalccino com os Carrara, acabou-se de vez. Viraram inimigos políticos. Um não permanecia no mesmo

ambiente que o outro. E quando acontecia no Parlamento, as brigas eram intermináveis. Ainda assim, mesmo que casado, meu pai e Lavínia continuaram amantes. Certa vez, os dois cansados de viverem dessa forma, decidiram fugir. Só que na ocasião eles foram pegos. Minha mãe havia descoberto o caso deles e com raiva, tinha dado um jeito de avisar a Joaquim que sua filha iria fugir. Com isso, Lavínia simplesmente sumiu. — expliquei.

— Quando isso aconteceu, Joaquim tinha a cara de pau de dizer que sua filha tinha ido embora. Que se perdeu no mundo. Vivia colocando a boca no trombone, dizendo que a polícia não fazia nada para encontrá-la. — Antonella disse com raiva e eu a entendia.

— Se ela não conseguiu fugir, o que houve com ela então? — Théo perguntou ainda sem entender.

— É aí que chega o ponto principal da questão e apenas anos depois foi descoberto. Apesar de amar meu pai, só depois de tudo o que houve que ela foi capaz de dizer que seu pai a abusava desde os onze anos de idade. Mas com a tentativa de fuga a situação só piorou: Ela tinha dezesseis anos quando seu pai a drogou e a algemou

no porão, onde a manteve presa por sete anos.

— Caralho! — Théo xingou.

— Oh meu Deus! — Steph levou a mão à boca chocada.

— Jesus! — Lourdes se abanou, também chocada.

— Filho da puta! — Taddeo reiterou os palavrões.

Eu odiava lembrar-me disso tudo. Odiava lembrar-me o que ela havia passado. Era ruim demais lembrar-me e falar sobre isso. Era como se estivesse revivendo por ela o que houve.

— Mas como ele conseguiu mantê-la lá? Ninguém via? A mãe? O pai de Igor? — Théo perguntou e eu neguei.

Porra! Isso era foda até para mim, que já conhecia essa história, assimilar!

— A mansão dos Carrara, como todas as casas antigas da nobreza, tem cômodos e passagens secretas. No caso, ele a mantinha em um abrigo nuclear superprotegido. Apenas ele sabia da existência desse cômodo, bem como apenas ele conhecia a combinação da porta que a mantinha trancada. Heitor, pai de Igor, ainda era muito pequeno na época. Sua mãe acreditou que ela realmente

tinha fugido, pois Lavínia havia deixado uma carta dizendo que tinha ido embora quando planejou fugir. Ainda assim, Joaquim era cauteloso e só aparecia à noite, levando comida para o abrigo onde a mantinha algemada. Além de ser abusada sexualmente pelo próprio pai, ele a agredia físico e verbalmente, chamando-a de vagabunda. Dizendo que ela pediu por isso. — expliquei.

— Meu Deus! Que horror! — Steph lamentou.

— Era um monstro. — Antonella disse com raiva desmedida.

Sim. Um monstro! Um doente! Outras palavras não podiam adjetivá-lo tão bem!

— Os primeiros meses, Lavínia ficou presa em correntes, pois tentava fugir com frequência, o que fazia com que ela fosse punida sempre. Depois Joaquim a liberou das correntes, para que não atrapalhasse na hora em que a abusava. Uns meses depois, Lavínia deu a luz a dois meninos que seu pai acreditava serem dele. Só que o que ele não sabia, era que justamente por causa da gravidez que ela fugiria com meu pai. Só que devido à situação precária em que ela vivia naquele cômodo,

Lavínia estava fraca, debilitada e as crianças nasceram muito fracas, vindo a falecer logo após o nascimento. — continuei.

— Nem depois de ter feito isso com a própria filha e netos, ele foi capaz de parar. Ele ainda a manteve em cárcere. Lavínia me contou que engravidou mais três vezes, fora os abortos que ela teve que perdeu as contas. Na primeira, a criança nasceu morta. Na segunda, uma menina chegou a nascer, mas morreu quando tinha menos de um ano de idade. A terceira gravidez foi a mais complicada. Acredito que deve ter sido o corpo abusado, sofrido, lutando para sobreviver. Quando ela estava com cinco meses, seu pai teve que levá-la ao hospital, pois ela se encontrava em estado grave. Os médicos ficaram surpresos quando a viram quase morta, tão pálida, abatida, com sinais claros de abuso e violência. Ainda assim a examinaram e constataram que o quase “parto prematuro” estava sendo ocasionado por entre tantas coisas, o uso desmedido de drogas ilícitas que seu pai a obrigava a tomar para mantê-la quieta. A polícia foi notificada de imediato e somente após os policiais

garantirem que ela estava segura, que ela confessou o horror que viveu naquela prisão por tantos anos. E embora o motivo por ela ter ido parar no hospital tenha sido ruim, pelo menos fez com que desmascarasse aquele monstro.

— Antonella relembrou-se.

— Joaquim Carrara foi condenado por incesto, cárcere privado, coerção, estupro, ocultação de cadáver, entre outros crimes que ele cometeu. — Alano reiterou.

— Nesse caso eu seria a favor do *Código de Hamurabi*, com uma rigorosa reciprocidade do crime e da pena. Retaliação. Ou como prefiro dizer: *Olho por olho, dente por dente*. — Théo disse e quase todos concordaram.

Aquele filho da puta merecia tudo de ruim. Retaliação era pouco para ele!

— Deixe-me ver se eu entendi uma coisa. Vovó Lavínia estava grávida, né? E a criança? Sobreviveu? — Steph perguntou e eu olhei para Alano, Sarah e Antonella, antes de respirar fundo e finalmente dizer a verdade:

— Sim, Steph. O bebê sobreviveu. Na verdade, Lavínia estava grávida de Andrew. — confessei e ela

levou a mão à boca, chocada.

Sim. Andrew era filho do próprio avô!

Embora o fato de não termos o mesmo sangue não fizesse diferença para mim, pois em meu coração ele era filho do meu pai, meu irmão, ainda era chocante colocar em palavras o incesto absurdo dessa situação. Só que era a verdade.

— Meu pai já era viúvo desde o meu nascimento, porque como vocês sabem, minha mãe faleceu no parto. Dizem as más línguas que ela não era uma pessoa muito agradável. Não me admira que meu pai não tenha se apaixonado por ela. — continuei, porque a verdade é que depois de tudo que ouvi da minha mãe, eu tinha vergonha de me dizer filho dela.

— As boas línguas, como a minha, também falam Edward querido. — Antonella disse honestamente.

— Mamãe! — Alano a repreendeu.

— O que é, Alano? Não estou falando nenhuma mentira! — Voltou seu olhar para mim. — Desculpe, mas sua mãe, que Deus a tenha, ou que o Diabo a tenha, como eu acredito que é onde realmente está, era realmente

intragável. — disse e eu tive que rir, antes de dar de ombros. Eu não me importava realmente.

— Não se preocupe, Antonella, para mim, minha mãe foi Lavínia. Mesmo que ela só tenha aparecido na minha vida quando eu tinha quase seis anos de idade.

Tive que respirar fundo, tentando controlar a emoção. Em meu coração, minha mãe biológica apenas tinha me dado à luz. Lavínia não havia me gerado. Mas gerar ou fecundar não é mais importante do que verdadeiramente participar da vida de alguém, pois para mim ela havia sido minha mãe em todos os sentidos da palavra.

— Enfim... Quando ele soube do ocorrido, foi para o hospital. Eles se encontraram, se entenderam e ela contou todo o horror que viveu nas mãos do seu pai. Meu pai sofreu com ela, pediu desculpas por não ter estado lá por ela. Lamentaram não apenas os anos perdidos, mas os filhos que eles perderam. Segundo o que sei, os gêmeos que ele teria com Lavínia, teriam a mesma idade que eu. Mesmo assim eles decidiram passar por cima de tudo isso e assim que ela recebeu alta, ele a levou para o castelo e alguns dias depois se casaram. Apesar de Joaquim ter

sido preso e julgado, a história foi abafada para resguardar Lavínia e principalmente Andrew.

— A mãe dela, Rosy, quando soube tudo que o traste do marido havia feito com a filha, não suportou a culpa e tomou um frasco de comprimidos, morrendo de overdose.

— Antonella mais uma vez lembrou o que houve na época.

— Mamãe, deixe Edward falar! Você está atrapalhando a história! — Alano novamente a repreendeu.

— O que é, Alano? Você é meu filho, já tenho meus netos, então você não precisa mais de suas bolas. Se vier me repreender novamente, farei omelete com esses ovos goros! — Virou-se para frente e sem se constranger continuou. — Também tenho direito de falar. Afinal faço parte dessa história. Vocês ainda estavam nas fraldas, então não podem dizer nada, mas eu estava lá de camarote. Conhecia os bastidores. Estou contando detalhes importantes da história. Continuando... Rosy ficou doida da vida com o que o porco do marido havia feito. Bem, já ele, não aguentou e acabou se enforcando na

prisão.

— Não me importo que a senhora fale, dona Antonella.
— eu disse, recebendo em troca um olhar de repreensão que sempre me fazia ter medo dessa velha louca.

— Senhora é a sua mãe! Você me conhece muito bem, Edward, prefiro te ver de fio dental, a ouvi-lo me chamar de senhora! — falou irritada e eu tive que rir.

Não disse? Velha louca!

— Não está mais aqui quem falou. — respondi, tentando controlar meu riso, porque eu não duvidava em nada das suas palavras.

— Continuem. — Théo pediu e eu respirei.

— Apesar de tudo, Lavínia enfrentou tudo com uma garra invejável. Ela tentou manter contato com seus irmãos, Heitor e Evan, que na época tinha uns sete anos, mas Hector que já era um rapaz, não queria muito vínculo com a irmã. Acho que o pai infernizou a cabeça daquele menino, fazendo-o acreditar que Lavínia de alguma forma era culpada. O que acabou fazendo com que Lavínia rompesse com o resto da família, tirou o sobrenome do seu nome, carregando apenas seu sobrenome de

casamento. Acho que ela de certa forma tentou esquecer que já fez parte daquela família um dia. Enfim... Surpreendia-me vê-la sorrindo tão facilmente, mesmo depois de tudo que ela havia passado com o crápula do pai dela. Como eu não sou nada discreta, um dia lhe perguntei como ela conseguia sorrir assim depois de tudo e ela virou para mim e respondeu: *“Tenho tudo que quero e amo, Antonella. Não preciso de mais nada para ser feliz. Apesar de doer-me pensar nos filhos que perdi, o que houve comigo deixei para trás. Deus me deu uma nova chance e eu não vou desperdiçá-la chorando pelas lágrimas que derramei. Quero ter a chance de derramar lágrimas de felicidade.”* — Antonella lembrou, e eu pude ver em seus olhos a saudade que ela tinha da sua amiga. Uma saudade que eu também compartilhava.

Sim. Apesar de tudo que passou, minha mãe era um ser iluminado!

— Nunca me esqueci de suas palavras. Essa determinação de viver que ela tinha, eu sabia que era diretamente proporcional à felicidade que ela tinha em casa, com Rubert, Edward e Andrew a caminho. Ela

sorria de um jeito que quem a olhasse e não conhecesse sua história, não podia sequer imaginar que algum dia ela passou por tudo aquilo. O Amor que ela dava e recebia em troca, foi seu melhor remédio. — Antonella continuou e olhou para mim, que sempre me emocionava ao lembrar-me dela.

— Ela era especial. — falei, engolindo em seco.

— Sim, querido. Minha amiga era uma pessoa forte, admirável, que me lembra de uma outra pessoa que eu conheço. — Olhou para Steph e eu sorri, porque também achava a mesma coisa.

Steph parecia não apenas fisicamente com sua vó, como também no jeito de ser. Apesar de Steph ser muito mais impulsiva do que ela foi, olhá-la é como se voltasse anos atrás e pudesse ver Lavínia diante de mim.

— Eu? — Ela perguntou visivelmente surpresa. Eu não sei por que, mas eu nunca havia lhe dito isso antes.

— Sim, menina. Você tem a mesma garra e determinação que eu via nos olhos de sua avó. — Antonella afirmou sorrindo e Steph retribuiu, emocionada, embora parecesse um pouco sem jeito com a comparação.

— Sempre percebi isso. — eu me vi dizendo, mas Steph não falou. Ela estava magoada demais comigo para sequer olhar em meus olhos.

— Bem... Continuando. Os últimos meses de gravidez de Lavínia foram complicados. Apesar de todo repouso, cuidado, apareceram além da infecção urinária, inflamação e pressão alta. Por esse motivo quando ela entrou em trabalho de parto, optaram por uma cesariana de emergência. Andrew nasceu forte e saudável, mas o seu útero não contraiu e ela teve uma hemorragia muito grande, ocasionada pela pré-eclampsia. Para salvar a vida da minha amiga, tiveram que optar pela histerectomia. Lembro-me nitidamente que Rubert, após chorar com a notícia, respirou fundo e agradeceu ao médico. Ficamos sem entender na hora, mas ele disse que mesmo sabendo que não poderiam ter mais filhos, para ele o que realmente importava era o fato da sua esposa estar viva, bem como seus dois filhos, Edward e Andrew, mesmo que este não fosse seu filho de sangue, ele considerava seu e para ele, eles eram a razão da sua vida. — falou, mais uma vez emocionada e apesar de ser tão pequeno, cenas daquele

dia pareceram pipocar em minha mente.

— Andrew era acompanhado assiduamente pelos melhores médicos. Todos temiam por ele, ainda que nenhum exame acusasse doenças degenerativas, em consequência do incesto. Meu pai achava que ele poderia ter algum problema futuramente, mas felizmente isso não aconteceu. Ele era um menino especial, todos o tratávamos com um cuidado excessivo. Eu tinha uma preocupação tamanha com ele. Era tão protetor, que por vezes minha mãe chamava minha atenção e dizia que ele não iria quebrar por qualquer coisa. Andrew sempre fez terapia, porque além de todos os temores, nossos pais decidiram que quando ele chegasse a uma certa idade, lhe contariam sobre sua paternidade. Porque ele merecia saber a verdade. — continuei.

— Uma pena o senhor não ter herdado essa sensatez.
— Steph alfinetou-me.

Eu queria poder dizer que ela estava errada, mas eu sabia que ela estava certa. E mais do que isso, ela estava na sua razão de agir dessa maneira. O que eu poderia fazer era apenas calar-me diante de seu comentário e

continuar o que eu havia começado.

— Lavínia decidiu contar-lhe tudo na época em que descobriu que estava doente. Lembro-me que Andrew tinha cerca de treze anos na época, mas ele sempre foi maduro e inteligente para sua idade. — continuei. — Era diferente dos outros meninos, tinha uma cabeça centrada, voltada para o futuro. Andrew teve uma reação bastante tranquila, embora sua revolta maior fosse sobre tudo que ela havia enfrentado naqueles sete anos que esteve presa nas mãos daquele homem. Fui claro com ele, dizendo que o fato de não sermos irmãos de sangue, não mudava em nada o que sentia por ele, que ele sempre seria meu irmão. — Falei emocionado.

Era esse sentimento de emoção que meu irmão trazia para mim. Nossa ligação era tão forte, que mesmo após a sua morte eu podia senti-lo comigo. Podia passar quantos anos fosse, eu nunca deixaria de sentir sua falta. Era como se uma parte minha tivesse morrido com ele e morreu mesmo.

— Acho que antes de seguirmos para esse caminho, devemos contar o outro lado da história. — Sarah tomou a

palavra, olhando para mim e Alisson.

Porra! Sim. E era aí que meu martírio só crescia!

— Concordo, querida. — Alano concordou.

— Ok. — suspirei, tentando segurar-me diante o que viria. — Vocês sabem e eu não preciso dizer da importância que a família Caravaggio tem para os Bellini di Montalccino. A história só mostra que desde sempre, nossas famílias sempre estiveram envolvidas de alguma maneira. E não foi diferente com a gente.

— Apesar de Edward ser quatro anos mais novo que eu, eu não tinha outros amigos. Era sempre eu, ele e Alisson juntos. Sempre fomos amigos. Exatamente como vocês. — Alano apontou para Théo, Stephanie e Lourdes antes de prosseguir. — Assim que terminei a escola, cumpri a tradição da família de ir para *Cambridge*, para que depois voltasse para assumir os negócios da família.

— Com a ida de Alano para Londres, eu e Alisson ficamos cada vez mais próximos. Nós nos apaixonamos e assim começamos a namorar. — comecei e Lourdes se remexeu incomodada onde se sentava. — Apesar de nossas famílias saberem e apoiarem nosso

relacionamento, mantivemos nosso namoro escondido da sociedade. Não queríamos nosso relacionamento exposto. Queríamos ter nossa privacidade, coisa que sabíamos que perderíamos quando o Príncipe Herdeiro da Campavia assumisse um namoro em público. Passamos anos assim, namorando, fazendo planos para o futuro. Eu era dois anos mais velho do que Alisson, pretendíamos nos casar assim que ela completasse dezoito anos. Só que não contávamos com a mudança que nossa vida teria. Eu estava em Londres começando minha faculdade, quando Lavínia, minha mãe, a mulher que me criou com tanto amor, carinho e dedicação, perdeu a luta contra o câncer e faleceu.

Mais uma vez pude ver as cenas se desenrolando diante de mim. O sofrimento que todos nós, especialmente Lavínia, passou durante o tratamento. A forma desolada que meu pau ficou diante sua perda. Resumindo-se a nada depois de ver o amor da sua vida partir diante seus olhos.

— Nunca vi Rubert tão arrasado como ficou. Parecia que haviam lhe arrancado o coração e era exatamente isso que ele repetia: *Lavínia levou seu coração, sua vontade de viver, no dia que partiu.* — Antonella repetiu suas

palavras, visivelmente emocionada.

— O mundo viu como Rei Rubert ficou desolado. — Sarah reiterou.

Sim. Ele morreu junto com ela!

— Voltei para Campavia, pois meu pai estava depressivo e fora o fato de eu ter que tomar a rédea do que ele não fazia mais como Rei, pois deixou tudo de lado. Também não achava justo que Andrew, que ainda era tão novo, carregasse além do fardo da morte da mãe, um pai depressivo. Foi um ano estressante. Mesmo que interinamente, assumi a coroa, cuidando de todas as responsabilidades que eram do meu pai. Cuidando de Andrew, mesmo que por diversas vezes eu achasse que ele era quem realmente cuidava de mim. Quando Alisson disse que faria um curso de três meses nos Estados Unidos, estava tão cansado de tudo, de sentir o peso da coroa, de sentir o peso de ver meu pai definhando, que fui egoísta e acabei acompanhando minha namorada.

— Tentei fazer com que ele mudasse de ideia, mas ele não mudou. Edward sempre foi cabeça dura. Quando colocava uma coisa na cabeça não havia quem tirasse. —

Alisson pela primeira vez falou e eu engoli em seco, sabendo que eu teria de admitir o maior erro da minha vida.

— Ainda bem que eu fui. Nunca me arrependi de nada naqueles meses, Alisson. — falei, olhando diretamente para ela. — Me arrependo do depois, mas nunca do durante. Porque se não fosse isso...

— Eu sei. — Ela disse, parecendo saber do que eu diria.

Perdi-me olhando para ela. Lembrando-me dos momentos bons que passei ao seu lado. Quando, por algum tempo, consegui fugir do que tinha que enfrentar. Sendo omissos com o que acontecia na minha própria casa depois da partida da minha madrasta. Mas também não poderia jamais deixar de lembrar-me do resultado desses meses em que vivemos em nosso mundo.

— O que houve quando vocês foram embora? — Théo perguntou, nitidamente irritado pelo olhar cúmplice que trocamos e eu me senti envergonhado de ter me permitido fazer isso.

Porra! Eu não podia voltar lá!

Embora tudo isso mexesse demais comigo, diante de mim estava a mulher que carregava meu filho. A mulher que eu amava. Eu não podia me arrepender por algo que não podia voltar atrás. Há meses venho tentando não me culpar por ter ido embora, por ter deixado Alisson lá, não posso deixar que esse sentimento de culpa retorne apenas porque a razão deles retornou. Isso não era justo com nenhum de nós.

— Er... — limpo a garganta, tentando não me fazer ainda mais culpado do que me sinto no momento. — Alisson tinha acabado de completar dezoito anos. Por causa de tudo que havia acontecido, decidimos esperar e adiar o anúncio do nosso relacionamento, noivado e a própria cerimônia, que planejávamos para ser dali alguns meses.

— Para fugir da loucura da mídia, da perseguição de paparazzi, nós morávamos em uma cidadezinha pequena próxima a Las Vegas. Não chamávamos muita atenção. Vivíamos meio que no anonimato.

— Em uma noite tomamos umas comemorando e acabamos...

— Deixe-me adivinhar... Casaram-se! — Stephanie me interrompeu, falando com desdém.

— Stephanie, mas é...

— O que? Ainda que você tenha jogado na minha cara tantas vezes por ter feito besteira de casar em Vegas, você quer que eu não diga nada? — Perguntou indignada.

Porra! Ela não pode querer comparar a minha situação com a que ela viveu com aquele rockeiro mercenário!

— É completamente diferente. Eu e Alisson nos conhecíamos a vida toda, namorávamos há anos, já estavam em nossos planos nos casar. Acima de tudo nos amávamos. Não foi uma atitude inconsequente ocasionada pelo álcool. A bebida só acabou acelerando o que era certo acontecer — expliquei e ela riu sem um pinga de humor.

— Não julgo por ter escolhido se casar com a pessoa que você amava, Edward — Ela me chama pelo meu nome e isso me atinge em cheio. — Até porque eu fiz exatamente isso com Théo. Casei-me por amor e não porque achavam que eu tinha que fazer isso. Eu no seu

lugar teria feito a mesma coisa com Théo. Na verdade, eu até fiz essa proposta a ele. Mas a questão aqui, é que por mais que tenha sido uma atitude inconsequente, do qual eu quero que fique claro que eu me arrependo de ter feito, não pelo ato, mas pelo homem errado, você apontou dedo na minha cara dizendo o quão horrível e reprovável era minha atitude. Quando me defendia dizendo que acontece com todo mundo, o que era mesmo que você dizia? Nada disso aconteceu comigo e com alguém da nobreza Campaviana! E olha que interessante, mais uma mentira para seu currículo... “Papaizinho!” — Sua voz escorrendo sarcasmo.

— Seja razoável, filha. — tento falar.

— Razoável? A última coisa que eu sou nessa vida é razoável. E você deveria saber muito bem disso. Mas não, depois de tantas mentiras, mais uma não faria diferença não é mesmo?

— Amor, se acalme. — Théo disse, nitidamente preocupado com seu nervosismo e eu também temia pelo bebê.

— Me acalmar? Théo, não era na sua cara que o

senhor mentiroso jogava isso. Sendo que ele tinha seu próprio teto de vidro. Já ouviu falar aquele ditado que diz, *quem não tem teto de vidro que atire a primeira pedra?* Olha que surpresa... Hipocrisia.

— Amor, eu te entendo. Não estou acusando você de estar errada, muito pelo contrário. Apesar de odiar saber que você se casou com aquele *pulha*, concordo em gênero, número e grau com você em relação a isso, a não apenas essa acusação, mas a todas as outras. Minha preocupação nesse momento é com você e os bebês. — Théo falou, deixando-nos chocados.

— Bebês? — ouviu-se em uníssono.

— Sim. Teremos gêmeos! — Théo disse com orgulho, olhando minha filha com amor nos olhos e ela retribuiu esse mesmo olhar.

Gêmeos? Ai Jesus! Eu seria avô de gêmeos!

— Oh meu Deus! — Henriquette murmurou emocionada, antes de se levantar, louca para abraçar sua filha.

— Você espera realmente que lhe abrace, Henriquette? — Stephanie perguntou de maneira cortante, deixando-me

chocado com sua frieza.

Porra! Eu definitivamente não esperava essa frieza para com Henriquetta!

— Minha menina... — Henriquetta tentou.

— Minha menina? Onde você estava quando eu dizia que queria que minha mãe estivesse ali, viva? Ah claro! Você estava ao meu lado, mentindo pra mim! — gritou, assustando-nos e Henriquetta recuou, chorando assustada pela sua agressividade.

Théo sussurrou algo para ela, antes de trazê-la para seu colo, em uma tentativa de acalmá-la. E isso pareceu ter efeito, o que fez com que eu agradecesse a Deus por ele ter esse poder sobre ela.

— Steph, se acalme, hoje já tivemos um susto. Vou pedir pra trazer água com açúcar pra você e pra todos. — Antonella disse antes de ir em direção a cozinha.

Enquanto Antonella foi à cozinha e depois servia copos de água com açúcar, todos ficaram perdidos em silêncio. Cada um tentando dirigir a sua maneira toda essa história. E olhando a mulher que eu amava, me vi mais uma vez impotente, como sempre magoando as pessoas

que amo. Eu queria poder ter a chance de fazê-la entender. De fazê-la compreender as minhas escolhas. Mas quando tentei me aproximar dela, vi que eu também teria outra batalha para enfrentar dentro do meu casamento.

— Lourdes... — tentei me aproximar, mas sua cara de decepção e até mesmo raiva, só me fez recuar.

— Volte para o seu lugar, Edward. Continue a história, não quero ouvir nada que não seja toda verdade da sua boca e da boca de todos nesse momento. Estou farta de mentiras. — Falou com uma frieza cortante e eu apenas assenti derrotado.

Caralho! Isso só fazia piorar!

— Continuem. — Stephanie exigiu.

— Nós nos casamos e alguns dias antes de voltarmos, Andrew me ligou cada vez mais preocupado com meu pai e eu voltei para Campavia. Alisson continuou em Nevada, voltaria para cá assim que terminasse o curso. Decidimos que não esperaríamos mais, que mesmo com meu pai depressivo como estava, nós nos casaríamos. Foi então que alguns dias após minha chegada, recebi a carta de Alisson... — minha voz foi morrendo, eu simplesmente

não consegui prosseguir.

— Eu estava saindo da faculdade quando aconteceu. Em um momento parei para verificar as horas e no instante seguinte eu apaguei. — Alisson começa a contar o que aconteceu depois que a deixei lá, acreditando que a veria em poucos dias.

— Mãe... — Théo a chamou e ouvi-lo chamá-la dessa maneira fez com que a culpa que já era tão grande em mim, só aumentasse. — Você não precisa falar sobre isso agora, só quando estiver pronta... — começou, mas ela pareceu entender sua preocupação.

— Está tudo bem, filho. Acho que chegou a hora de falar o que realmente aconteceu comigo. Vamos acabar de vez com essa história.

Pela primeira em tantos anos, eu ouviria pela sua boca e não por outras como aconteceu após o acidente, o que realmente havia acontecido. Eu já sabia o que havia acontecido, mas o que viria a seguir só tornou a história ainda mais real para mim.

Alisson

Foram mais de vinte anos perdida em mim mesma. Tudo que me aconteceu me transformou, fez com que eu sofresse de tal maneira, que a única coisa que meu subconsciente permitiu que eu fizesse para amenizar minha dor, foi que eu esquecesse-me de tudo, até de mim. Era como se eu tivesse perdido minha memória, mas ao mesmo tempo em que meu cérebro não permitia que eu me lembrasse de quem eu era, tudo havia sido devastador de tal maneira, que ainda assim eu via aquela mulher sofrer, como se fosse em uma terceira pessoa. Sentia suas dores, mas só que se tratava de mim mesma.

Por anos tentei abrir a boca e falar. Rasgar e colocar para fora aquela dor que eu sentia com as lembranças que eu tinha sobre essa “mulher”, mas era como se eu não conseguisse me expressar, colocar em palavras o que se passava comigo e eu simplesmente não conseguia. Parecia que eu não confiava em mim mesma para falar, para sentir o mundo ao meu redor. Não reagia. Era como se eu não

pudesse comandar meu próprio corpo. Perguntava-me se eu era uma estátua, pois estava sempre com uma postura dura, rígida, atos reflexivos quase nulos, olhos parados, mesmo que eu visse, era como se não enxergasse nada ao meu redor. Sentia-me morta. Perdida no meu próprio vazio. Uma prisioneira em minha própria casca.

Era como se durante esse tempo em que estive assim, houvesse uma lacuna em minha vida. Um dia eu estava lá, vivendo, fazendo planos, sendo feliz e no outro dia passei pelo que passei e pronto. Poucas eram as vezes que conseguia reagir. Sentir. E isso ocorria sempre que recebia a visita *dele*. Eu não sabia quem *ele* era realmente. Mas sabia que ele era especial para mim, pois a cada vez que *ele* estava ao meu lado, era como se me sentisse completa. Tentei tantas vezes falar como me sentia quando *ele* estava comigo. Como me sentia protegida. Amada. O quanto ficava feliz a cada vez que sorria para mim. Mesmo que no início era em meu colo que *ele* permanecia. A única coisa que eu conseguia fazer para que *ele* soubesse que era importante para mim, era acarinhar o seu rosto tão bonito. Sereno. Era como se

pudesse provar que ainda sentia algo e era por *ele*. Por mais que de alguma forma não soubesse quem eu era ali, que me sentisse uma pessoa que vivia uma experiência extracorpórea, com *ele* ao meu lado, me sentia viva outra vez. Aquela voz grave, mas ainda assim carinhosa. Aquele olhar que me lembrava tanto de alguém que eu achava que conhecia, mas não fazia ideia de quem fosse.

E também tinha *ele*. A cada vez que *ele* me visitava, declamava tantas coisas lindas para mim, o quanto sentia minha falta, eu o olhava e tentava desvendar o porquê seus olhos me prendiam tanto. Dominavam-me. Por que aquele toque familiar parecia trazer um calor ao meu corpo, ao meu coração? Por que estar com *eles* de alguma forma fazia com que eu me conectasse a Terra?

Eu não tinha noção do tempo, mas ainda assim vi que os anos foram passando e pude ver o bebê, depois o menino travesso, se transformar a cada dia em um homem lindo. Também vi aquele jovem transformar-se em um homem maduro, cada vez mais belo, que eu ainda não sabia explicar todas as emoções que me causavam. Eu silenciosamente ansiava pela visita dos dois. Era como se

eu existisse um pouquinho no curto espaço de tempo em que eles iam me ver, transformando o grande vazio que existia em mim, em algo substancial. Em algo que me desse um sopro de vida. E era na presença daqueles dois homens, que eu entendi que o sentimento que dominava meu coração era chamado de amor. Eu realmente vivia e apenas fazia isso porque eu os amava.

Tentei entender e desvendar o que eu era. Tentar sair da profundidade que parecia ter mergulhado. Via flashes de momentos felizes, apaixonados, misturados com outros momentos terríveis, infernais. Era como se eu vivesse em partes. Era um emaranhado de vida que emergia e depois me afogava em dores. Partes felizes, mas também as quebradas, desconjuntadas e era como se já não conseguisse juntar os pedaços que deveria para me recompor. Dei-me conta que aquela pessoa quem eu presenciava o terror, na verdade se tratava de mim. Essa constatação, multiplicada as visões, o horror que ainda sentia ao pensar no que vivi, não aliviavam em nada a dor que sentia. Então não conseguia reagir, mostrar que eu ainda vivia ali. Eu tinha medo de acordar para vida e

assumir quem eu era.

Então houve aquele dia em que *aqueles olhos azuis-vermelhos* que tanto aterrorizavam meus pesadelos em sonhos ou acordada, me olharam novamente. O grito que eu havia guardado dentro de mim por tanto tempo, se rompeu em meus lábios. Gritei. Gritei de medo. Medo de ele me tocar. Medo de ele me ter em suas mãos como prisioneira mais uma vez. Medo de reviver aquelas dores que há tanto tempo viviam dentro de mim. O pavor de ter a minha vida em suas mãos foi o suficiente para que eu exteriorizasse tudo que eu sentia.

— *Com saudades de mim, Alisson?* — Perguntou com aquele seu sorriso cínico, em um rosto claramente disfarçado.

— *Não.* — Consegui murmurar em desespero.

— *Eu te encontrei. E dessa vez você não vai mais fugir de mim.* — Gritei a plenos pulmões, desesperada para me ver longe dele. — *Em breve eu volto para te pegar.* — Então ele sorriu e se foi.

Foram dias horríveis. Tentei me calar novamente, mas eu não conseguia romper o grito que saía da minha

garganta. Era como se tivesse revivendo tudo que vivi ao lado daquele monstro. Como se tivesse sentindo na pele mais uma vez a dor e o nojo que sentia a cada vez que ele tocava em mim. Como se tivesse que aguentar novamente a dor da distância de todos aqueles que eu amava. Era como se a cada segundo que passava tudo voltasse com força total.

Então *ela* apareceu. Eu nunca a tinha visto, mas quando eu olhei em seus olhos, lembrei-me de outros olhos azuis que eram tão brincalhões. Sinceros. Aqueles olhos azuis que me acolheram, me deram força e mais do que isso, me deram esperança. Olhando nos olhos de Stephanne eu voltei a ter esperança. Lembrei-me das últimas palavras de Andrew, antes de tudo perder o sentido:

— *Não se preocupe. Tudo vai ficar bem...* — falou com a voz fraca, antes de desfalecer em minha frente.

Então descobri o que me impedia de sair da prisão que vivia dentro de mim: eu mesma. Eu vivia a vida sem reagir, não apenas porque eu tinha medo e sofria pelo que tinha passado, mas por medo de mim mesma. Medo de enfrentar a realidade. Medo de enfrentar minha própria

culpa. Medo de assumir que estava viva apesar de tudo que vivi. O sentimento de querer lutar comigo, de querer lutar a favor da minha vida, fez com que acordasse do estado letárgico que me encontrava e foi o que fiz: Acordei para vida.

Decidi ir devagar, voltar a viver aos poucos. Por mais que o passado ainda me doesse, uma vontade enorme de viver me dominou e não pude mais me parar. O sopro de vida se transformou em vendaval desde o dia em que Théo e Steph ficaram ao meu lado. Confiei a minha vida ali, a ele, meu filho, aquele por quem eu tinha mais amor do que minha própria vida. E desde então posso dizer com sinceridade que tenho vivido os melhores momentos da minha vida, pois me sinto amada, querida, acolhida, nos braços daquele homem que é um pedaço meu. Meu filho tão amado, que mesmo quando estava perdida em mim, era meu mundo. E ainda é.

Apesar de ter me doído não acompanhar de perto o crescimento do meu filho, uma nova luz brilhou para mim no momento que eu soube que seria avó. Era como se Deus tivesse me dando uma nova chance de ver meu filho

crescer através do meu neto e isso só me deu mais força, mais garra, para poder estar ao lado deles e lutar o resto da minha vida para que a minha família tenha a chance de ser feliz. E aí sim eu sei que estarei realizada. Serei feliz de verdade.

Fecho os olhos e respiro fundo, tentando manter-me sã diante de tudo de doloroso que irei contar agora. Todos meus médicos me disseram que um dia teria coragem de me abrir, de contar tudo o que aconteceu. E sinto que preciso disso para seguir em frente. Que preciso disso para libertar-me das dores do passado e ter a chance de ser verdadeiramente feliz. Eu devo isso a todos, mas principalmente a mim.

— Quando eu acordei, já haviam se passado dois dias. Eu estava acorrentada em um quarto desconhecido. Tentei me soltar, gritei, mas as correntes só fizeram me machucar. Eu tinha os tornozelos e os pulsos presos. Continuei a gritar por socorro e foi aí que uma moça finalmente apareceu.

Enquanto falava, lembrei-me nitidamente da moça de cabelos loiros que nunca tinha visto antes. Lembro-me do

seu olhar arrogante. A forma como ela me olhava com escárnio, dizendo-me gracinhas, enquanto perguntava o que queriam comigo e porque estava ali. Ela serviu-me um café da manhã. Tentei negar, mas minha recusa pela comida fez com que ela apenas dissesse que não se importava, que por ela eu morreria de fome.

— Comi porque sabia que precisava. Enquanto comia, a mulher avisou que eu deveria escrever uma carta. A princípio achei que era algum pedido de resgate ou algo do tipo, mas estava enganada. Quando ela falou o que eu teria que dizer na carta, fiquei ainda mais confusa. Ela queria que eu escrevesse a bendita carta em que dizia que havia deixado Edward para ficar com outro homem. Ninguém de fora da nossa família sabia do meu relacionamento com ele, como ela saberia então?

— Porque éramos seguidos. — Edward constatou e eu concordei.

— Eu me recusei a fazer isso. Não faria jamais algo para machucar o homem que eu amava, mas foi então que ela ameaçou matar toda minha família. Eu não tive escolha a não ser fazer o que ela me pediu. — falei doída,

enquanto olhava para o homem que eu amava, em um silencioso pedido de desculpas.

Isso ainda era realmente doloroso para nós dois. Posso afirmar com toda certeza do mundo, que isso foi uma das coisas mais difíceis e dolorosas que eu tive que fazer na minha vida. Mais doloroso do que muita coisa que passei ali dentro. Doeu, porque eu amava Edward demais. Ele havia sido o meu amor desde sempre. Tínhamos uma vida inteira planejada. Conhecíamos-nos mais do que qualquer pessoa e eu sabia o quanto ele iria sofrer quando lesse o que havia escrito. A cada palavra escrita, era como se cada poro do meu corpo lutasse contra. Era como se eu negasse cada vez que nos amamos. Como se negasse cada sorriso que ele me deu. Como se eu negasse todo o amor que eu sentia por aquele homem, que me transbordava. Foi a segunda pior tortura que sofri ali dentro.

— Então você só escreveu a carta? — Théo perguntou certamente desconfortável pela cena e eu suspirei, sentindo-me mal por demonstrar a fraqueza que eu ainda tinha por aquele homem, que mesmo depois de tanto tempo e ele estando casado, ainda mexia comigo mais do

que gostaria. Isso não poderia persistir.

— Sim. Durante os primeiros meses eu via apenas a ela, embora ouvisse a voz de um homem em algum lugar na casa e sabia que a loira, que descobri logo depois se chamar Georgina, não estava sozinha nessa. Por muitas vezes questionei-a sobre os motivos que me fizeram estar ali presa naquele lugar, mas ela sempre ria e dizia que era muito maior do que eu poderia entender. Algumas vezes pensei na hipótese de ser algum inimigo político do meu pai, porque ele havia sido um político importante, mas havia morrido há tanto tempo que eu achava essa probabilidade improvável. Também descartei a possibilidade de sequestro pra pedir dinheiro à família, pois caso tivessem feito isso, eu não duvido que Alano ou minha mãe pagariam quanto fosse.

— Com certeza,minha filha. — Minha mãe me garantiu, enquanto segurava a minha outra mão, que estava com ela.

— Demorou para que a outra pessoa aparecesse. A primeira vez em que o homem entrou, eu senti medo. Medo ainda maior do que eu sentia a cada amanhecer, sem

saber o que seria de mim. Medo porque com apenas um olhar percebi que ele não estava de brincadeira. Pois ao contrário da mulher que se mostrava indiferente a aparecer para mim, ele usava um capuz que cobria seu rosto.

Eu não precisava nem fechar os olhos para vê-lo em minha frente. Quando *ele* apareceu, a única coisa que eu podia ver eram seus olhos azuis, mas tão vermelhos, injetados de fúria e ódio. Mesmo depois de anos, tentava me lembrar de onde eu conhecia seus olhos, que embora parecessem tão familiares para mim, ao mesmo tempo eram tão diferentes de qualquer um que eu tenha visto.

— Por ele esconder seu rosto, cheguei à conclusão de que deveria conhecê-lo. Se ele quisesse me matar, não importaria para ele se eu visse o seu rosto ou não. Mas ele não queria matar, também não queria extorquir dinheiro da minha família. Por que ele escondia o rosto então? — Indaguei-me, como tantas outras vezes eu fiz.

— Ele sabia que te veria, caso um dia você saísse dali. — Alano concluiu o que obviamente todos pensavam.

Isso pareceu deixá-los ainda mais tensos. Preocupados. Pois afinal de contas, o verdadeiro culpado poderia estar mais próximo do que imaginamos.

— Exatamente. — Concordei e continuei. — Quando ele se aproximou de mim, não disse uma palavra sequer. Fiquei apavorada, porque de alguma forma eu sabia o que viria ali e quando ele foi tocar-me, acabei colocando para fora a pouca comida que eu tinha no estômago.

Foi a primeira vez que ouvi sua voz, rouca, grave quando me xingou de vadia e em seguida deu-me um tapa no rosto. Também foi a primeira vez que ele me agrediu.

— Enquanto eu gemia de dor, — Continuei a contar-lhe o que houve. — Ele parecia dar-se conta de algo que nem eu mesmo havia: eu não havia menstruado desde que eu cheguei ao cativeiro. Ele então mandou a mulher chamar uma enfermeira, que veio até mim para colher meu sangue e assim confirmar a gravidez. — Falei, tentando dominar minhas emoções.

Théo apertou minha mão, parecendo não se dar conta da força que ele usou para isso. Mas eu não reclamei, porque seu gesto de certa forma acalentou a dor que eu

sentia pelo que passei e ainda iria passar depois que descobri que estava grávida dele.

— Você está bem,minha filha? Está sentindo alguma coisa? — Minha mãe perguntou preocupada e eu assenti, pois eu precisava passar por isso, precisava falar.

— Depois disso, ele não me tocou. Mas costumava ficar me olhando de longe, ou quando eu fingia estar dormindo. Eu ficava com medo, mal dormia durante a noite, sempre alerta a qualquer movimento seu, mas felizmente ele não me tocou. Durante toda minha gravidez, a enfermeira fez meu acompanhamento. Ela sabia o que se passava comigo, mas assim como eu, também estava sendo ameaçada, bem como toda sua família, ainda assim se comprometeu a tentar me ajudar de alguma maneira. Nos primeiros meses ela não conseguiu fazer muita coisa, além de trazer comida escondida, pois os sequestradores a vigiavam 24 horas por dia, seus telefones foram bloqueados para que ela não pudesse contatar ninguém. Os meses foram passando e no dia que entrei em trabalho de parto, resolvemos agir. Ela havia escutado alguns dias antes, os dois combinando o que fariam com o meu bebê.

Então não hesitei em fazer o que tive que fazer. O meu filho não teria um destino ainda pior que o meu. Eu não queria arriscar a vida do meu filho. — Virei-me para Thé e digo emocionada ao recordar-me do pior dia da minha vida. — Com muita dor no coração quando ele nasceu, eu dei de mamar, mas a enfermeira logo em seguida lhe deu uma pequena dosagem de anestesia, antes de embrulhá-lo com cuidado em um pano, para que ele parece estar morto. — Nesse momento já não era a única que chorava ali, além de todas as mulheres, Edward e Théo também não conseguiram evitar as próprias lágrimas com minha confissão.

Oh meu Deus. Ainda me dói tanto pensar sobre esse momento!

Sei que tenho que agradecer a Deus por ter lhe tirado de lá, mas por mais que hoje meu filho esteja vivo, saudável e que a encenação que fizemos não passasse de uma mentira, a cena foi dolorida demais. Não me deixando esquecer, temendo para que não os pegassem e descobrissem que a morte do meu bebê era mentira. Só queria que ele saísse dali.

— Eu morri um pouco a cada segundo que passei longe do meu filho. Sem saber como ele estava, se ele estava bem, se ele estava com minha família. Era como se meu coração tivesse sido arrancado do meu peito quando tiraram meu filho dos meus braços. Mas eu não poderia permitir que ele sofresse ainda tão pequeno, tão indefeso. Por esse motivo eu preferia o meu sofrimento ao seu.

Senhor Deus!

Eu chorava muito enquanto Théo me abraçava, tentando confortar-me, como se quisesse fazer com que eu entendesse que ele sabia o quanto isso tinha sido e ainda é difícil para mim, mesmo que também fosse pra ele ouvir toda sua história agora. Mas de alguma forma, eu me sentia culpada por não ter tido a chance de ter protegido meu filho. Quantas vezes me arrependi de não ter ido junto com Edward quando ele voltou para Campavia? Mas não, ignorei as ameaças que nossas famílias sofriam e achei que eu precisava continuar em Nevada para que eu terminasse meu curso e fosse uma Rainha melhor. Mal sabia que todo esse meu esforço seria em vão.

Respirei fundo, novamente tentando controlar minhas

emoções, mas era difícil pensar em tudo que passei. Era difícil mexer nessa ferida que mesmo que eu quisesse, era impossível de esquecer.

— Quase vinte dias depois do nascimento de Theo, um rapaz me ligou pedindo para nos encontrar, dizendo que tinha informações de Alisson. Como todos os anos recebemos pistas falsas do seu paradeiro, eu resolvi não ir. — Alano começou.

— Mas eu fui. — Sarah continuou. — Era como se algo me dissesse que eu precisava ir para aquele encontro. Alano foi contra, mas eu fui assim mesmo. Quando eu cheguei ao local, ele carregava um bebê no colo e disse-me que uma pessoa havia pedido que ele nos entregasse o bebê em nome de Alisson, que queria que cuidasse do filho dela para ela. A princípio fiquei sem entender, porque eu não imaginaria Alisson fazendo algo do tipo, mas também não imaginei que ela sumiria como sumiu. No entanto, ela sempre foi do tipo maternal, queria filhos, uma família e eu não via o porquê ela nos entregaria o filho dela para criar. Então eu comecei a duvidar que fosse verdade, mas ele disse que ela mandava

um recado para Alano pedindo pra cuidar do filho da sua “Amorinha” e Edward. Que o filho deles precisava de nós.

— Amorinha? — Lourdes perguntou sem entender.

— Sim. *Amorinha* era a forma que eu a chamava. Desde pequena ela sempre foi louca por amoras e eu achava que seus cabelos, mesmo sendo bem escuros, quando refletiam o Sol, ficavam uma cor de amora. — Alano explicou e nós dois trocamos um sorriso terno.

Mais uma vez a nostalgia de um tempo feliz, sem preocupação e sofrimento me pegou. Quando meus pensamentos me traíam, querendo me levar de volta para dentro de mim, eu pensava nessas pequenas lembranças felizes.

— Quando o homem disse isso, eu sabia que era dela. Mas pra ela estar fazendo isso, tinha acontecido realmente alguma coisa muito grave. Tentei questionar o homem, mas tão logo peguei Théo em meu colo, ele foi embora, sem me dizer mais nada. Com ele em meus braços, ele abriu esses lindos olhos azuis e eu me apaixonei. Era como se um filho meu tivesse nascendo naquele momento e nasceu.

Como Taddeo tinha poucos meses ainda, eu ainda o amamentava e por esse motivo ele deve ter sentido o cheiro de leite, pois foi cheirando, esfregando o narizinho em minha blusa, como um bichinho atrás do seu alimento. Foi a coisa mais linda. No momento que ele mamou em meu peito, foi como se ele fosse mais um pouco meu. Foi uma ligação instantânea, difícil de explicar. — Sarah comentou emocionada e eu levantei-me de onde estava sentada, abraçando-a, antes de murmurar em agradecimento:

— Obrigada por cuidar do meu filho, do meu bebê, do meu menino. Obrigado por ter cuidado dele, como você cuidou de seus filhos. Durante todos esses anos, você fez um trabalho maravilhoso e se meu filho é um homem incrível, isso eu devo a você. Não sei se teria sido uma mãe tão boa quanto você foi pra ele.

E era verdade. O que Sarah fez pelo meu filho, não há dinheiro que pague. Nunca poderei agradecer o suficiente pelo amor e dedicação que ela lhe deu todos esses anos. Serei eternamente grata por ela ter dado o que eu não pude dar ao meu filho: amor materno.

— Não precisa agradecer, cunhada. Como eu disse, Theo é um filho pra mim. Não foi sacrifício nenhum. Ele é um menino maravilhoso, sempre foi. Ele só nos deu alegria e orgulho. Sempre o amei da mesma forma que eu amo meus próprios filhos. Eu sei que por mais que agora ele esteja magoado com tudo isso, ainda assim eu o entendo e não me importo, eu ainda vou continuar amando-o da mesma maneira. — confessou emocionada.

Eu sabia que ela estava sendo sincera. E esperava de coração que toda essa história não interferisse na relação deles. Sarah não merecia isso.

— Eu também, *Amorinha*. Théo sempre foi aquele menino que por mais que já tivesse o destino dele traçado, seguia meus passos por vontade própria. Ele sempre esteve ali ao meu lado, querendo aprender, querendo fazer as coisas certas. Eu o amo como meu filho. Independentemente de qualquer coisa, para mim ele é e sempre será o meu filho. — Alano reiterou e ainda que eu estivesse longe, pude ver o quanto Théo apertou Steph em seu peito, parecendo cada vez mais tenso.

— Eu sei. — Afirmei sorrindo para o meu irmão.

Independentemente de concordar ou não com a decisão de Alano não ter contado a verdade ao Théo sobre nós, ele estava sendo sincero. Ele amava meu filho como seu, isso eu jamais poderia negar.

—Mãe... — Théo chamou com a voz fraca e pela segunda vez aquela noite, meu coração parecia querer explodir em meu peito por ouvir meu filho me chamando de mãe.

Fui até meu menino, que agora já não era aquele bebê pequeno que deixei que tirassem de mim, com medo do seu futuro, mas agora era um homem lindo e honrado. E era por ele e pelos meus netos que nasceriam, que preciso continuar a lhes relatar tudo. Tirar esse peso que me prendia, me sufocava. Volto até onde eu estava sentada, cercada pelo meu filho, nora e mãe. Puxei o ar dos meus pulmões, expirando lentamente, tentando controlar minhas emoções. Sinto-me mais forte e corajosa agora. Suspiro fundo e continuo a lhes relatar a última parte do meu calvário.

— Depois do meu parto, eu chorava muito. Na verdade eu chorava o dia todo. Não tinha forças e muito menos

vontade de continuar a viver. Foi então que uma semana após o parto, sem esperar pelo meu resguardo, meu carrasco passou a violentar-me com frequência. — confessei envergonhada.

Eu senti aquele baque conhecido por dentro. A dor inenarrável que eu sentia a cada vez que ele me tocava. A cada vez que eu era agredida e abusada tanto física quanto psicologicamente. Mesmo depois de tantos anos, eu ainda sentia em minha pele, em meu corpo, seu toque grosseiro. Vislumbres da violência que sofria, das dores acometidas, eram claros para mim. Ainda podia ouvir seus rosnados animais. A gente nunca se acostuma com isso, mas chegou um tempo que eu já estava tão quebrada, cansada, saturada por viver aquilo, que comecei inconscientemente a isolar-me dentro de mim. Era a única maneira que eu conseguia para aguentar em silêncio os abusos sofridos.

Fechei os olhos, mas dessa vez não era com esse propósito, mas sim porque eu não queria ver a culpa e muito menos a pena estampada na cara de todos que estavam ali. E mais do que isso, não queria que de alguma forma achassem que eu tinha culpa por isso ter

acontecido. Demorei, mas hoje eu sei que eu fui a vítima.

— Meses se passaram com essa tortura constante. Já estava praticamente desistindo de ter esperanças. Foi aí que a mulher decidiu me soltar. Não por piedade, porque eu via que não existia um pingão de bondade naquela mulher, mas sim porque ela estava com ciúme pelo que o monstro fazia comigo. Como se isso fosse me tornar a mulher dele. — comentei irônica. — Enfim, em uma noite ela me tirou do cativeiro. Levou-me até a rodoviária na Holanda, me deu dinheiro suficiente para que eu fosse para algum lugar e disse para que eu sumisse. E foi embora.

Mais uma vez as imagens daquele dia aparecem em minha mente. Eu tinha uma roupa suja, velha, as pessoas me olharam com nojo, repúdio. Mas eu não me importei, pois eu estava livre. Livre depois de tanto tempo e era isso que me importava.

— Pensei em procurar imediatamente por Edward, pela minha família, mas temi que fosse o primeiro lugar que ele me procurasse. Foi então que eu vi no jornal uma reportagem de Ed com a Rainha Cibelle. Choquei-me com

o fato dele ter seguido em frente, mas eu não esperava mais do que isso depois daquela maldita carta. Mas choquei-me ainda mais com o tempo que havia passado: quase três anos. Decidi ir embora para alguma cidade próxima a Campavia e depois de alguns dias procuraria por todos. E foi o que fiz, fui para o Porto e de lá peguei o primeiro navio que saiu. Passei uns dias aqui em Londres, arranjei um trabalho como garçoneiro em um bar próximo ao porto. Depois que juntei o suficiente para voltar, fui embora. Estava aliviada por estar em casa, mas quando eu estava chegando próxima a minha casa, havia seguranças e eu a vi. Eu havia prometido a mim mesma desde que eu vi aquele jornal, que deixaria Edward viver a vida dele. E eu seguiria a minha. Mas no desespero, por medo de ser pega novamente, eu liguei para ele pedindo ajuda.

Edward passa a mão no rosto e eu sei que ele também está se lembrando desse momento. E do jeito que eu o conheço, sei o quanto ele se sente culpado por tudo que veio a seguir. Mas eu não o culpo pelo que houve, mesmo que eu tenha escutado tantas palavras duras e que eu sabia que não merecia.

— Ele estava magoado, obviamente não quis me ouvir. Depois de tanto tempo eu ligo, claro que ele não reagiria da melhor maneira. Eu disse onde eu estava e pedi para que ele me encontrasse, mas ele se negou a ir até lá...

— Eu sinto muito. Só o desespero em sua voz deveria ter sido suficiente para fazer com que eu fosse atrás de você, mas meu orgulho foi maior que minha sensatez. — murmura com a voz fraca e eu sorrio fracamente.

— Você não tem do que se desculpar. Você reagiu da maneira que qualquer um agiria em seu lugar. — ele fica de pé e nega com a cabeça.

—Não... — continua a negar.

— Então para minha surpresa Andrew pegou o telefone e depois de perguntar onde eu estava, veio ao meu encontro. Ele não era mais aquele menino que eu conheci anos antes. Era um homem, apesar da pouca idade. Mas a surpresa maior mesmo, foi que ele não veio sozinho, Cibelle estava com ele. E mais do que isso, ela sabia quem eu era e o que eu tinha significado na vida do seu marido. Andrew me convenceu de irmos até a casa da

minha família, lá eu aliviaria todos com a minha volta e eu veria Théo. Isso por si só já foi o suficiente para que me acalmasse, pois estava nervosa com a possibilidade de me pegarem novamente. Durante o caminho até a minha casa, Andrew e Cibelle foram me contando um pouco do meu filho. Contando-me o que perdi dele. Quando chegamos lá, vi que meu bebê tinha se tornado um menino tão lindo, encantador. Enquanto me perguntavam o que houve, eu não conseguia fazer nada a não ser abraçar meu menino. Matar as saudades dele e me martirizar por ter perdido dois anos da sua vida. Não disse detalhes, apenas contei que estava presa, pois não estava pronta para contar a verdade. Andrew insistiu que fôssemos até o Castelo, que apesar da nossa casa ter seguranças, o Castelo seria o local mais seguro para que eu ficasse e Edward precisava saber o que havia acontecido.

Olho para meu filho que tem um olhar sofrido enquanto me abraça. Não queria que fosse assim, queria que fosse diferente, mas infelizmente ele tem que saber o que aconteceu.

— Eu não queria ter que me separar de Théo

novamente, então eu o levei comigo. Percebemos que alguma coisa estava errada, quando o carro que fazia a segurança de Andrew sumiu. Logo um carro negro, com vidros escuros apareceu e começou a atirar. Um desses tiros atingiu Andrew. Lembro-me que logo em seguida o carro bateu contra o nosso. Como Andrew estava ferido, o nosso carro derrapou. Estávamos na estrada que levava ao Castelo, na curva da encosta que tem uma ribanceira. O outro carro percebendo isso, continuou a nos atingir continuamente. Enquanto eu segurava Théo com força contra mim, Cibelle tentou ajudar Andrew, que tinha o braço ferido, assumindo o controle do volante. Mas para isso, ela havia tirado seu cinto, mesmo sob o as ordens de não fazer, dadas por Andrew. E com isso, na batida seguinte ela foi arremessada para frente, batendo sua cabeça no para-brisas. Andrew tentou e conseguiu atingir o outro veículo, lançando-o na ribanceira. Mas nosso carro acabou perdendo o controle e capotando, girando por diversas vezes, antes de atingir as árvores de carvalho que tinham do lado esquerdo da pista.

Fecho os olhos mais uma vez, recordando-me do meu

medo, do meu desespero em estarmos passando por isso e principalmente por meu filho estar ali naquele carro. Enquanto o carro girava, eu pude ver minha vida passando diante dos meus olhos. Minha infância doce e alegre. Lembrei-me de meu pai um pouco antes de morrer, brincando comigo de cavalinho em suas costas... Minha adolescência cheia de descobertas... Minha paixão, meu namoro com Edward... O dia em que ele me pediu em namoro, casamento... O dia do nascimento de Théo. A emoção que eu senti por carregar o fruto do nosso amor... Mas também recordei-me dos momentos tristes, como a morte de meu pai. O quanto minha mãe ficou arrasada. Vi quando eu acordei naquela prisão... Quando eu tive que dizer adeus ao meu filho... Tudo em uma fração de segundos. E naquele momento acreditei que fosse meu fim, porque dizem que quando isso acontece, significa que você está morrendo. Mas quando essa constatação me pegou, pedi, implorei a Deus pela vida do meu filho. Que ele me levasse, mas que não permitisse que nada de mal acontecesse com meu bebê. Que ele tivesse a chance de ter a felicidade e o amor que me foi tirada.

— Quando o carro parou, estávamos feridos, mas estávamos vivos. Com exceção de Cibelle, que já estava desacordada desde que bateu a cabeça no para-brisas. Andrew perguntou se eu e Théo estávamos bem, apesar de perceber que ele não estava nada bem como queria mostrar. Estávamos presos ali dentro, sem conseguir fazer nada. Théo chorava muito, assustado. Eu temia por uma explosão, pois o cheiro de gasolina era forte, bem como o cheiro de ferro e sangue. Um pouco antes de desmaiar, ele começou a falar sobre sua família, sobre suas meninas, tentando nos distrair e principalmente a si mesmo do que sentia. A última coisa que disse para mim foi: *Não se preocupe. Tudo vai ficar bem...* Logo depois ele desfaleceu em minha frente e mesmo tentando ser forte pelo meu filho, acabei desmaiando. E o resto, bem... Vocês sabem.

Henriquetta, quem eu sabia que era a mulher dele, chorava copiosamente, mas ninguém estava diferente. Meu filho me apertava em um abraço, ao mesmo tempo em que amparava minha nora. Minha mãe silenciosamente derramava sua dor em lágrimas. Edward parecia cada vez

mais angustiado e isso me deixava ainda pior. Pois no fundo eu ainda o amava e sentia sua dor. Mas era isso, não havia mais nada a fazer para mudar o que aconteceu. A vida seguiu. E eu também tinha agora a minha chance de seguir com ela. Agora eu lutaria contra meus próprios medos, demônios. Não sucumbiria mais a dor, a culpa. Venceria qualquer obstáculo. Chegou a hora de ser forte. Chegou a hora de lutar pela minha felicidade.

Lourdes

De tudo que eu cheguei a pensar sobre o que Edward me escondia, nada jamais chegou perto do que estava ouvindo nos últimos minutos. Eu sempre soube que seria uma coisa séria, uma coisa séria a ponto de deixá-lo traumatizado como ele havia ficado. Marcado da maneira que ele era. Mas a cada palavra dita, parecia complicar ainda mais o que escutávamos. Agora eu realmente entendia o significado da expressão “dar um nó na cabeça!”.

Sim. Era de deixar qualquer um pirado!

Confesso que a chegada inesperada de Alisson mexeu comigo. Mas embora eu me sentisse intimidada com sua presença, algo me dizia que eu não precisava temê-la como ex-mulher do meu marido e sim pelo que ela representava para ele como quando se tratava da culpa que ele carregava. Talvez fosse inocência da minha parte ver dessa maneira, mas acredito que nós mulheres temos um sexto sentido apurado quando se trata de concorrência e de uma forma ou de outra eu acreditava que ela não estava disposta a se colocar entre nós dois. Só que, além disso, eu também via que existia muito mais entre nós dois do que Alisson. E eu tinha mais do que razão sobre isso.

— Alano me ligou avisando que eles estavam indo ao meu encontro e como eu não queria falar com Alisson, decidi sair para não encontrá-los. Mas acabei encontrando com eles no meio do caminho. Quando eu cheguei próximo ao local do acidente, eu ainda pude ver os últimos acontecimentos. Pude ver em câmera lenta, o carro de Andrew empurrando o outro carro e logo depois o carro dele girar e capotar várias vezes, antes de bater nas árvores e parar. Gritei horrorizado por presenciar

aquela cena grotesca acontecendo em minha frente, sem que eu pudesse fazer nada. Sem conseguir ajudá-los. Com a ajuda dos seguranças, fomos até a massa retorcida de ferro que se tornou o carro do meu irmão. Fiquei estático ao encontrar o corpo inerte de Andrew, Cibelle e Alisson. Rapidamente verifiquei a respiração deles e constatei que estavam respirando e isso me deixou aliviado, porém o estado de Cibelle não era muito bom, pois ela havia sido arremessada para fora do carro. Mas então algo me chamou a atenção: um chorinho baixinho. Cheguei mais perto e vi que Alisson cobria algo com seu corpo. Como só as mães sabem fazer, como se tivesse cobrindo-o, protegendo com suas asas. E lá estava Théo. — Edward contava.

Ai Deus!

— Deus! Quando eu o tirei dos braços de Alisson, notei que você não tinha um arranhão sequer. — ele olha para seu filho, que abaixa a cabeça, deixando claro que não quer nem ao menos olhar para ele. — Era um milagre isso ter acontecido depois de um acidente tão grave quanto esse, mas você estava ali para provar não apenas o

milagre de Deus, mas para dar na minha cara o quanto eu fui errado, covarde, orgulhoso. O quanto eu fui um idiota por ter duvidado um segundo sequer que você fosse meu. Ali em minha frente estava um sonho realizado. Meu filho. Meu herdeiro. — Bate no peito em lágrimas.

Santa mãe do céu!

— Eu chorava como um menino arrependido com meu filho em meus braços, enquanto a ambulância chegou para socorrer a todos. Quando Andrew foi colocado na maca, ele despertou por alguns segundos, me olhou com Théo em meus braços e disse que estava feliz que eu agora assumisse que estava errado. Que esperava que depois de tudo que Ali sofreu, nós pudéssemos ser felizes juntos. Que pudéssemos ter nossa família. — disse chorando e por um tempo ninguém disse nada, todos abalados com o que já havia sido dito até ali.

— Foi por isso que eu fiquei com meus tios, ao invés de com meu pai? Você não acreditava que eu fosse seu filho. — Théo disse, e o tom da sua voz só mostrou o quanto ele estava ferido por chegar a essa conclusão.

— Não. Depois de tudo, mesmo que eu dissesse que

não precisava mais, Alano estava não apenas magoado, mas também abalado com tudo o que houve. Alisson parecia em transe depois do acidente, então exigiu um teste de DNA. Fizemos e como esperado, deu positivo.

— Mas isso não fez diferença nenhuma! — Théo acusou.

Era verdade. Embora Edward tenha dito que teve seus motivos para isso, ele estava certo. Meu filho ainda não nasceu e eu sabia que jamais abriria mão dele.

— Lógico que fez! Decidimos manter você como filho de Alano e Sarah por sua segurança. Sabíamos que caso assumisse sua paternidade, não demorariam para ligar que você era aquele bebê, que na verdade nunca morreu. Você poderia estar em perigo, como sua mãe esteve. Não queríamos arriscar que alguma coisa acontecesse com você. Apesar de Alano ter feito questão de cuidar de seu sobrinho como se fosse seu filho, eu fiz questão de estar sempre presente. Por que você acha que sempre estive lá? Porque eu o queria o mais perto de mim que fosse possível. Me doía não tê-lo ao meu lado, crescendo, sendo seu pai, sendo chamado como tal.

— Então o senhor achava que erroneamente mentir

sobre nossa vida, seria a melhor escolha? — Steph perguntou, revoltada. — Na verdade, todos vocês achavam que mentir era o melhor para todos! — afirmou, olhando diretamente para minha mãe.

Oi?

Tantas coisas foram ditas até então, que eu nem tinha me atentado ao fato de que existia algo errado nessa árvore genealógica. Se Théo na verdade era filho de Edward, ele não poderia se casar com Steph com ela sendo filha dele, porque isso seria incesto.

Ai meu Deus! Não pode ser!

As verdades estavam sendo colocadas em uma bandeja agora e eram tantas mentiras, que eu não sabia mais em quem acreditar. Steph, Théo, até mesmo eu, havíamos sido enganados. Havíamos sido usados como peões do meu marido, do Primeiro-Ministro e até mesmo da minha mãe, que também havia escondido o fato de que era a verdadeira mãe de Steph.

O quão pior tudo isso poderia ficar?

Se eu já estava sofrendo por descobrir toda a verdade, não podia sequer imaginar como Théo e Steph estavam se

sentindo diante de tudo isso. Doía-me tanto por mim por ter vivido uma vida rodeada de mentiras, mas doía-me mais ainda por eles porque eles não mereciam viver, literalmente, uma vida de mentiras. Acho que nada do que eles viveram era realmente real, a não ser o amor que eles sentiam um pelo outro. A não ser o amor real que sentíamos uma pela outra.

— Como você pôde, mãe? Você não mentiu apenas para minha irmã, você mentiu para mim! — gritei, indignada, tentando acalantar a dor que parecia querer rasgar o meu peito.

Apesar das nossas diferenças gritantes de personalidades, minha ligação com Steph sempre foi muito forte e de uma forma ou de outra saber de toda a verdade sobre nossa ligação era como se com tanta mentira que nos foi dita, era uma forma de quererem romper nossa ligação. Era como se durante todos esses anos tivessem tirado minha irmã de mim. E era exatamente dessa maneira que eu me sentia. Eu me sentia... Me sentia violada.

— Lourdes, meu amor... — Edward tentou se aproximar,

mas a última coisa que eu queria dele era que chegasse perto. Nem ele e nem minha mãe, que chorava, desconsolada.

— Meu amor? Você também é outro mentiroso! Como você pôde esconder isso de nós? Como pôde deixar que Théo e Stephanne vivessem uma vida de mentiras? — bradei, fora de mim.

— Vocês não entendem... — Ele tentou.

— Realmente. Não entendo como pude me casar com um homem tão mentiroso e covarde! — afirmei, sem pesar.

Era verdade. Como pude me enganar tanto com uma pessoa? Como pude viver por tantos anos apaixonada por alguém que agora eu não sabia realmente quem era? Edward era um homem manipulador. Ele duvidou até mesmo do amor arrebatador que ele disse sentir por Alisson. Duvidou de sua honestidade. Do seu filho. Ele mentiu, enganou, ludibriou e fez com que todos vivessem uma vida de mentiras. Meros peões que se mexiam e viviam de acordo com a sua vontade.

Eu não podia simplesmente aceitar tudo isso simplesmente. Eles haviam mexido com a vida de outras

peessoas. Haviam mentido e manipulado nossas vidas.

— Theodore é tão príncipe, como Stephanie é princesa. Apesar de não ser minha filha de sangue, é legalmente filha da Rainha e é originalmente Campaviana, ou seja, é a herdeira legítima da linhagem. Mesmo que Théo fosse o primogênito, ele é o que muitos chamariam de filho bastardo, o direito a sucessão direta poderia ser comprometido. A monarquia poderia ser balançada. Poderiam contestar seu lugar de direito, dando a vez a Stephanie e só teria direito de assumir o trono, caso acontecesse algo com ela ou aos seus filhos. Ou seja, ele seria o terceiro na linha sucessória. E a verdade é que Théo nunca foi preparado para a política de fato, mas sim preparado para assumir o trono e governar a Campavia.

Meu Deus! Nem acredito que ele disse isso!

— Sempre foi por isso! Por causa de uma maldita coroa! Você nunca realmente fez questão de ser meu pai!

— Théo disse revoltando, apontando o dedo para Edward.

— Não. Eu sempre te amei como meu filho. Sempre. Apesar de Alano ter feito questão de cuidar de você como filho, eu fiz questão de estar sempre presente,

acompanhando de perto suas lutas e conquistas. Mas além de saber que era para o seu próprio bem, eu me sentia culpado por tudo que perdeu por causa da minha maldita coroa. Pelo meu orgulho. Você perdeu muito mais do que uma vida na realeza, não apenas a minha figura paterna, perdeu sua mãe ao seu lado. Isso eu nunca poderia lhe dar de volta. Eu tinha medo que me rejeitasse por um dia ter duvidado que era realmente meu filho. Tinha medo que não quisesse ser meu filho, que não aceitasse o fato de tê-lo renegado em um momento de fraqueza. Tinha medo que me culpasse por tudo que eu já me culpava, que jogasse na minha cara meus próprios erros. Além do fato de poder ser chamado de “príncipe bastardo”. E principalmente... Tinha medo de que aqueles que lhe tentaram fazer mal soubessem quem você era, que você não havia morrido no parto e que por causa disso sua segurança fosse comprometida. E eu não podia permitir que algo mais acontecesse com você... Com vocês... Vocês dois são meus filhos e eu queria que desfrutassem da coroa integralmente. — Edward novamente tentou se explicar e eu continuava a não querer acreditar nisso tudo.

— Carro sem gasolina, ficarmos sem sinal. Notícias sobre meu affair com uma nobre desconhecida. Ligação anônima para Stephanne dizendo que eu estava bêbado em um lugar. Nós dois presos na Ilha por causa do Jetsky quebrado, que misteriosamente funcionou no outro dia, foi tudo vocês? — Théo juntou as peças e Edward e Alano abaixaram a cabeça, se entregando, parecendo envergonhados.

Caralho! Mais isso?

Como se já não bastasse eles terem feito tanto, ainda tiveram a ousadia de forçar uma aproximação dos dois? O quão baixo eles foram capazes de chegar para garantir que Théo e Steph se casassem e a família di Montalcinno não perdesse o trono?

— Meus Deus! Como eu ainda posso ficar surpresa pelas artimanhas de vocês, eu não sei. Então foi por isso que vocês armaram para que ficássemos juntos? Para que tivessem a garantia que a coroa estivesse em nossas mãos. Nossa! Como isso foi nobre! — Steph falou, sua voz ácida, sem conseguir acreditar em mais essa artimanha.

— Não. Sempre foi por vocês! Nós somos os pais de

vocês. Sabíamos o quanto são cabeça dura e se soubessem de toda a verdade, jamais aceitariam o que havíamos feito e muito menos que impuséssemos esse casamento. Eu me lembro de como vocês eram quando crianças, se pirraçavam e brigavam como um casal. Depois começaram a namorar às escondidas. Sempre soube que existia sentimento entre vocês. Por isso eu sugeri que tentássemos uma aproximação entre vocês, porque eu tinha quase certeza de que vocês iriam se apaixonar. E foi isso que aconteceu. Vocês se apaixonaram. Théo descobriu tudo no dia em que você voltou para o Castelo antes do casamento. Só contei uma parte da verdade, pois sabia que por mais que ele houvesse nos prometido, ele lhe diria, não por não ter palavra, mas por fidelidade a você. Por mais que no passado nós tivéssemos decidido o futuro de vocês, nós apenas interferimos indiretamente, o que existe entre vocês sempre foi Real. Sempre foi.

E mais uma vez, mais descobertas eram colocadas a mesa. O porquê Stephanne foi para um colégio interno. O porquê eu fui logo em seguida. Era tanta coisa, que nada mais parecia certo realmente.

— Stephanie, eu sei o quanto você deve estar magoada com toda essa situação, mas coloque-se em meu lugar. Nunca faria isso por um motivo maior que não fosse a segurança da minha filha. Por mais que no papel eu não fosse sua mãe, na prática eu sempre fui. Sempre estive ao seu lado, cuidando de você e amando-a como mãe. Você nunca deixou de ser minha filha, nunca te abandonei. Isso você deveria saber. — minha mãe tentou dizer.

— O que você quer que eu diga, Henriquetta? Que eu te dê os parabéns? Te parabenize por ter feito tudo isso, porque uma coisa que você não pode dizer é que fui ingrata com você, porque nunca fui. Muito pelo contrário, ainda assim sua escolha fez com que eu me sentisse orfã. Fez com que eu vivesse uma vida de mentiras — Stephanie disse, usando seu sarcasmo habitual para encobrir sua mágoa.

— Você tinha acabado de nascer e eu ainda chorava pela morte do amor da minha vida e da minha irmã, que tinham morrido por causa desse louco que estava atentando nossa família. Você queria que eu fizesse o que? Que colocasse a vida da minha filha em risco? Se eu

tivesse feito isso teria sido considerada uma boa mãe para você? Seria digna do seu perdão? — minha mãe perguntou alterada.

— Nunca disse que você não foi uma boa mãe. Como eu acabei de dizer, não sou ingrata, sei o quanto se dedicou a mim e a Lourdes, principalmente porque eu achava que não era sua obrigação fazer isso. Mas na verdade fazia por pura obrigação mesmo. Ou culpa, sei lá... Não me interessa realmente saber. Como eu disse, não justifica. Uma coisa é você mentir pela necessidade, mas persistir na mentira para mim é o pior disso tudo. Não digo apenas a você, me refiro a todos vocês, hipócritas de merda! Eu acho que eu e Théo merecíamos mais daqueles que dizem nos amar de tal maneira que se sacrificaram por nós. Mas não. Os sacrificados e privados fomos nós, que ficamos omissos e a mercê de vocês. Quando vocês achavam que seria a melhor hora de contar? Nunca? Íamos continuar vivendo essa vida de mentiras que vocês criaram para nós? Nós dois chegamos a acreditar que éramos primos, isso era estranho, mas até aí menos mal. Mas como vocês acham que eu me senti

quando, por um momento, eu pensei que Théo fosse meu irmão? — Perguntou de forma retórica antes de continuar. — Vocês podem imaginar? Acho que não. Afinal de contas vocês só pensam no próprio umbigo e no próprio sobrenome ou no escândalo que uma história dessas acarretaria caso vazasse. Na reputação abalada que teriam. Na monarquia comprometida. Isso sempre foi mais importante do que qualquer coisa. Vocês acham que temos a agradecer por isso? Então obrigada por ter nos feito de fantoches! — falou com ironia.

— Pare de falar asneira, Stephanne! Pare de agir como essa menina mimada! Pior que eu nem posso te culpar, afinal o maior culpado fui eu. Era eu quem acobertava as besteiras que você fazia. — Edward afirmou, deixando-me ainda mais revoltada por sua tamanha cara de pau.

— Mas o que... — percebi que Steph ia para cima dele, mas Théo a segurou, puxando-a para trás dele:

— Pare de falar asneira você, Edward! Não venha querer justificar suas besteiras e mentiras, colocando a culpa em cima da minha mulher! Independentemente ou não de Stephanne ter aprontado, ela nunca mentiu,

prejudicou ou passou por cima de alguém. Muito pelo contrário, sempre assumiu as merdas que fazia. E hoje, ela é outra pessoa, que se doa por outras. Completamente diferente de vocês! — Théo rebateu.

— Quem vocês querem culpar? O culpado das mentiras não foi quem fez mal a nossa família. Os únicos culpados foram vocês, que usaram essa justificativa para acobertar seus próprios erros! — tive que dizer, porque eu estava cada vez mais revoltada.

— Acho bom você descansar, irmã. — Stephanie disse, vindo até mim. — Nós devemos. Temos que pensar em nossos filhos. — não consegui dizer nada, eu sabia que ela tinha razão, mas eu também estava envergonhada por isso.

— Todos nós fomos condenados a uma vida de mentiras! — Alano falou.

— Sim, mas vocês fizeram por escolha, vocês deram vazão ao inimigo. Quanto a nós, não tivemos o mesmo direito. — Théo disse, aproximando-se de nós duas. — Vamos embora daqui? — Perguntou e Stephanie concordou.

Eu não queria ficar aqui. A última coisa que eu queria nesse momento era ficar perto dessas pessoas. Era dividir o mesmo ar que eles. Não queria olhar para eles e continuar sentindo o sabor amargo e doloroso da traição que eles haviam desferido contra todos e principalmente contra eles mesmos.

— Por favor, me levem também. Não quero mais ficar aqui. — eu pedi.

— Aonde vocês vão? Não terminamos essa conversa!
— Edward bradou.

— Eu levo vocês. — Taddeo se ofereceu.

— Ninguém sai daqui enquanto não terminarmos essa conversa! — Edward repetiu.

Eu não podia nem acreditar que ele tinha a audácia de continuar se sentindo superior depois de tudo. Ele deveria se envergonhar, mas pelo visto não se envergonhava e muito menos se arrependia de tudo que havia feito. E isso tudo só me deixava ainda mais magoada.

— Tente nos impedir! — Théo o desafiou, continuando a ir em direção à porta.

— Filha... — Henriquetta tentou chegar até Steph, mas

ela não permitiu.

Deus me perdoe, mas apesar do olhar magoado da minha mãe, eu não senti nem um pouco de pena.

— Não me chame de filha! Eu não quero estar perto de vocês! Eu não posso estar perto de vocês! A única coisa que eu preciso é distância! Suas justificativas não amenizam em nada a consequência de tantas mentiras.

Ela tinha razão. Certas coisas não podemos simplesmente esquecer. E a ferida que eles haviam aberto talvez jamais cicatrizasse.

Já no quarto de hotel eu tentei com todas as minhas forças não pensar sobre tudo que aconteceu nas últimas horas. Tentei não ficar remoendo sobre o assunto, mas era difícil quando nos vemos diretamente ligada a tudo isso. Além de ser filha de Henriquetta e irmã de Stephanie, eu também era casada com Edward e embora estivesse magoada com ele a ponto de não querer vê-lo, essa era uma verdade que eu não poderia mudar por enquanto.

Por isso quando meu telefone tocou não muito tempo depois, eu resolvi que não podia deixar de atender.

— Alô. — tentei manter minha voz firme.

— Onde você está? — ele perguntou de uma só vez, mais uma vez demonstrando o quanto era manipulador.

— Estou onde quero estar nesse momento. — fui dura também.

— Lourdes...

— Não, Edward. Estou bem, não se preocupe. Não diga mais nada que possa prejudicar ainda mais o que ainda sinto por você.

— Você tem que entender que eu não menti por mim. Eu menti por eles. — sua voz parecia grave.

— Olha, eu nunca fui santa, já errei muito nessa vida, mas eu jamais seria capaz de fazer o que vocês fizeram com Théo e Stephanie. Entendo sim que vocês queriam resguardar os dois, só não entendo porque persistiram por tanto tempo nessa mentira e ainda por cima arquitetou uma maneira para que eles ficassem juntos, para que a coroa fosse garantida pelo seu verdadeiro dono.

— Queria protegê-los. — sussurrou.

— Protegê-los ou esconder seus próprios erros? — perguntei e durante um tempo ouvi apenas a sua

respiração do outro lado da linha.

— Eu sei que errei. — admitiu por fim.

— Que bom que você admite ao menos isso, porque já estava começando a acreditar que você na verdade não era a pessoa que eu achava conhecer. — alfinetei e ouvi seu suspiro.

— Onde você está? Deixe-me ir aí para conversarmos pessoalmente. — falou e eu neguei, embora ele não pudesse ver.

— Não. — consegui dizer. — Preciso descansar. Preciso de um tempo. E eu não estou preparada para conversar sobre isso agora.

— Eu amo demais Théo e Stephanie. — sussurrou.

— Eu sei. — respondi, engolindo em seco.

— Eu também amo você, Lourdes Maria. — ele disse em um sussuro emocionado e dessa vez eu não pude controlar minhas próprias lágrimas.

Durante algum tempo eu temi que não tivéssemos jeito. Temi pelo que eu sentia por ele não ser correspondido realmente, agora que eu sabia que ele havia escondido e mentido sobre tanta coisa. Eu temi por não saber

realmente mais o que sentir por ele. Tudo estava tão errado, que eu simplesmente não sabia o que fazer.

— Me diga que vai ficar tudo bem entre nós. — ele pediu e mais uma vez eu tentei segurar a dor que eu sentia.

— Eu não sei. — respondi, minha voz trêmula.

— Me diga. — pediu mais uma vez e sua voz parecia quase desesperada.

— Eu não posso te dizer algo que eu não sei, Edward. Eu não vou mentir para você. — admiti.

E eu não sabia. A partir desse momento eu senti que todos nós precisávamos de um tempo, mesmo que para isso tivéssemos que nos perder nesse processo.

Capítulo 10

ESCOLHAS

Lourdes

Os dias se passaram e com eles a proximidade do nascimento de Andrew. Eu me dediquei a cuidar dos últimos detalhes para sua chegada. Com tudo pronto, vi-me fazendo de tudo para ficar mais tempo possível afastada de todos ali no castelo. Não vou dizer que eu ignorava completamente Edward ou minha mãe, eu apenas falava o trivial com eles, voltei a dormir em meu antigo quarto, acompanhava Stephanne com seu trabalho com as crianças e isso tem me mantido distraída à medida do possível.

Não era fácil manter-me distante do homem que eu amava, mas eu ainda estava tão magoada, que eu simplesmente não conseguia pensar em “nós” como um casal. Quando decidi mudar-me para meu quarto, ele obviamente contestou, mas eu me impus e deixei claro que além de ser o que eu queria, era o melhor para nós nesse

momento. Era melhor darmos um tempo para que cada um colocasse sua cabeça no lugar e só então pensássemos sobre a possibilidade de um futuro entre nós dois.

Alisson ainda não havia voltado para Campavia, continuava fazendo seu tratamento em Londres para só então depois regressar para sua casa. Eu sabia que ela havia sido ou talvez ainda fosse o amor da vida de Edward, mas eu não conseguia vê-la como uma ameaça entre nós. Nossa maior ameaça éramos nós mesmos.

Eu estava magoada, eu sei, mas os dias se passaram e com eles eu nos via cada vez mais distantes e quanto mais distantes nos via, mas eu achava que isso era o certo a se fazer.

Depois de um almoço com Steph, Théo, Igor e Taddeo, fomos para o *Instituto Rainha Lavínia di Montalccino*, o lugar onde temos trabalhado nos últimos meses não apenas em prol das crianças órfãs, mas também das menos favorecidas e para uma especialização para os pais dessas crianças do nosso país. Stephanie e também Igor, que era um dos maiores benfeitores do projeto, estavam fazendo um trabalho lindo para elas e eu ficava feliz em

poder ajudar de alguma maneira.

Passamos uma tarde muito legal ali, mas meu esforço estava cobrando seu preço, porque estava cada vez mais incomodada com as dores que vinha tendo durante o dia.

— Você não está bem! — Steph apenas afirmou antes de continuar: — Não tente mentir para mim! Estou vendo isso na sua cara! — fiz uma careta e suspirei, porque eu não poderia mentir para ela.

— Não vou mentir. Estou bem, apenas estou com uma dor incômoda nas costas. Mas isso é normal nesse estágio da gravidez. Já vai passar. — tentei despreocupá-la, embora eu já começasse a desconfiar que não fossem simples dores nas costas que eu vinha sentindo.

— Ok, mocinha! Acho que por hoje já chega. Vou pedir para Théo para te levarmos para casa. — Stephanie falou.

— Não precisa. Posso voltar no carro dos meus seguranças. — tentei dizer, mas eu sabia que ela não me daria ouvidos.

— Não mesmo! Iremos levá-la para o Castelo. Não é, amor? — ela perguntou a Théo que tinha acabado de chegar.

— Claro, amor. — Afirmou antes de se virar para mim e perguntar: — Mas você tem certeza de que está bem? Podemos levá-la ao hospital, se preferir.

— Não. Eu estou ótima. Só preciso de um banho e da minha cama. — tentei tranquilizá-los.

— Tudo bem. Só vou avisar a Igor que já estamos indo, pois ele veio com a gente no mesmo carro e vai ter que dar um jeito de ir. Depois que falar com ele podemos ir.

Théo não demorou a voltar com Igor e nós seguimos nosso caminho, só que alguma coisa me dizia que algo estava errado e isso não era apenas porque minhas dores foram aumentando a cada milha percorrida, mas sim porque meu coração me alertava que algo estava prestes a acontecer. E não demoramos para descobrir, quando nos vimos cercados no meio da estrada.

Achei que tudo estava perdido ali, mas qual foi a minha surpresa quando Théo tirou uma arma de um compartimento escondido no assoalho do carro e eu ouvi Stephanie perguntar:

— Onde diabos você conseguiu isso?

— Amor, não é hora para perguntas difíceis. —

Respondeu simplesmente.

— Como não, porra?! Estamos cercados, provavelmente por um maníaco que persegue nossa família, e meu marido simplesmente tira um arsenal de armas de um compartimento secreto no carro. Como assim você não quer que eu pergunte?! — Stephanie perguntou furiosa.

— Ok. Vou fazer um resumo rápido. A verdade é que eu e Igor fizemos um treinamento pesado de defesa pessoal e armamentos desde os tempos em que morávamos em Londres. — Fala calmamente, enquanto veste um colete à prova de balas. — Não é todo dia que digo que estou indo para academia, que realmente estou fazendo isso. Pelo menos uma vez na semana, eu e Igor treinamos com um especialista. Quanto às armas... Depois de tanta ameaça e de tudo que nossa família passou, você não seria ingênua de achar que eu realmente andaria desarmado, não é? Para falar a verdade, nunca andei. — disse simplesmente e Stephanie olhou para mim ainda chocada.

— Estamos cercados. — foi o que consegui dizer.

— Coloquem os cintos.

E com essa frase nos vi em uma perseguição louca que eu achava só ser possível nos filmes de ação. Igor andou com o carro de ré até certo ponto, antes de finalmente voltar por onde já havíamos passado, mas embora eu tentasse não ficar mais nervosa do que eu já estava nesse momento, foi difícil não fraquejar quando nosso carro foi alvejado pelo único carro que havia nos cercado pelo fundo e seguiu no nosso encalço.

Achei que as coisas não poderiam ficar piores do que já estavam, mas eu estava enganada. Eu e Stephanne nos abraçamos e eu tentava de todas as maneiras acalmar meu coração que parecia querer sair pela boca, mas foi em vão porque, como se para mostrar seu ponto de que as coisas podiam sim piorar, uma dor aguda me golpeou e parecia querer me rasgar.

— O que houve? — Stephanne perguntou e logo em seguida senti minha bolsa estourando, fazendo com que sentisse seu líquido escorrendo em minhas pernas.

Putá merda! Isso não pode estar acontecendo!

— Não me diga que é isso que eu tô pensando... — Théo começou ficando pálido.

— Aiiiii... — gemi, porque a dor era quase insuportável, mas eu tive que lhes dizer: — Gente, eu não sei se é uma boa hora de dizer isso, mas acho que ele está nascendo!

Jamais poderia esperar que meu filho estivesse vindo ao mundo desse jeito. Sabia que estando com o tempo de gestação que eu estava, qualquer hora seria hora. Só que achei que quando minha bolsa finalmente estourasse, ainda desse tempo de ir ao hospital e que ele nascesse normalmente, como deveria ser. Só que pelo visto a vida tinha outros planos.

Eu sentia que meu filho estava prestes a nascer. Podia sentir seu corpinho querendo romper as barreiras que o separavam de mim e o impediam de vir ao mundo. Eu queria mais do que qualquer coisa tê-lo em meus braços, mas isso era tão difícil e doloroso. Nos minutos seguintes, forcei, empurrei e gritei com todas as minhas forças e quando eu achei que não conseguia mais, o choro mais delicioso do mundo se fez ouvido e apenas esse som fez tudo valer a pena.

Apesar da forma tensa e inusitada que veio ao mundo, Andrew nasceu perfeitamente saudável, com 51 cm e 4,100kg. Meu menino era grande e a coisa mais linda que eu já havia visto em minha vida. Seus cabelos eram escuros, quase pretos, seus traços delicados, perfeitos, mas seus olhos eram azuis de uma forma impressionante. Olhando para meu filho mesmo ainda tão pequeno em meus braços, era impossível negar que ele era irmão de Théo, porque além dos olhos iguais, eles eram muito parecidos. E ver as fotos de Théo também pequeno, nos comprovou que eles eram realmente idênticos.

Depois que todos foram embora, eu me sentia exausta, mas não queria dormir. Queria aproveitar cada segundo com meu pequeno príncipe que agora sugava vorazmente meu seio, mamando como um bezerrinho esfomeado. Era uma delícia compartilhar desse momento com meu pequeno grande amor.

— É. Esse aí não nega ser um Bellini Di Montalccino. Já nasceu sabendo as coisas boas da vida. — Edward brincou e eu tive que sorrir.

No momento em que ele chegou na hora do parto, eu já

estava exausta de tanto esforçar-me, mas tenho que confessar que quando senti sua presença e soube que ele estava ao meu lado, independentemente de nossas divergências, foi exatamente a força que eu precisava para trazer nosso filho ao mundo.

— Ele é lindo, não é? — perguntei, babando.

— Sim, lindo demais mesmo. Você fez um bom trabalho, meu mel. — Ele disse a última frase olhando diretamente para mim.

Suspirei. Eu sabia que depois de tantos dias nos evitando, dando-nos o espaço necessário para que cada um colocasse a cabeça em seu lugar, precisávamos decidir o futuro de nós dois. E agora não apenas nosso, mas também do nosso filho. E nos últimos dias, eu havia tomado uma decisão que poderia ou não nos separar de vez, mas era o que eu achava ser o certo a se fazer.

— Edward. — chamei e seu sorriso bobo de pai que babava sua cria se desfez ao notar a seriedade no meu tom de voz.

— Oi.

— Acho que precisamos de um tempo. — sussurrei.

— Achei que era isso que estávamos fazendo, visto que você voltou a dormir no seu antigo quarto de solteira. — ele disse baixo, mas eu sabia que ele estava tentando controlar seu tom de voz.

— Sim, estamos. Mas também estamos embaixo do mesmo teto e eu não acho que é a forma correta de darmos um tempo quando certamente precisamos de espaço. — falei e ele suspirou pesadamente.

— O que você quer dizer com isso, Lourdes Maria? — perguntou.

— Eu quero dizer que depois que meu resguardo acabar, eu e Andrew vamos passar um tempo sozinhos. — falei em um fio de voz.

— O que? Isso é loucura! — ela falou, indignado.

— Edward, por favor, eu preciso disso. Não vou impedir jamais que você veja seu filho. Só que eu preciso de um tempo para mim. E eu não vou ter esse tempo vivendo embaixo do mesmo teto que você. — tentei manter meu tom de voz firme.

— Lourdes... Eu sei que errei. Sei o quanto errei nessa vida e o desprezo das pessoas que mais amo já é castigo

suficiente para mim. Agora você ir embora do castelo, que é a nossa casa, e ainda por cima carregando nosso filho, é demais para que eu aceite. — falou irritado.

— Edward... — tentei falar.

— Não, o que você quer que eu faça? Que eu aceite isso assim, facilmente? — perguntou.

— Assim como você quer que eu aceite suas dúvidas quanto ao que sente por mim e por Alisson? Que você, mesmo que não queira, tem sim estado confuso quanto ao seu passado e o seu presente? — perguntei, sabendo que estava certa, mesmo querendo desesperadamente que ele negasse, e sua cara de culpado só me deu ainda mais certeza do que eu disse.

E isso me doeu, por isso não consegui mais controlar minhas lágrimas. Mesmo que eu tentasse ser forte e mais do que isso, precisasse disso, nem sempre conseguimos controlar nossas emoções.

— Lourdes, eu amo você. — ele conseguiu murmurar e eu sorri, entre lágrimas.

— Mas você também a ama, Edward. E pode parecer loucura, mas eu entendo. Vocês tiveram uma história. Só

que eu entendo também que antes disso tudo me consumir, eu preciso de um tempo para mim. Vivi a minha vida apaixonada por você, suspirando pelos cantos, sonhando com um conto de fadas que eu achava que jamais seria possível de se realizar. Há muita coisa entre a gente para que simplesmente ignoremos. Eu preciso me resolver comigo mesma, sair da sombra da sua família, me descobrir como mulher. E você, você precisa resolver o seu passado, para que você possa seguir em frente. Ainda que esse passado volte a fazer parte da sua vida. Mas precisamos. Eu mereço mais. Não quero ser uma mera coadjuvante dessa história.

Capítulo 11

Lourdes

SE DESCOBRINDO...

Três semanas depois dessa nossa conversa, eu me mudei para o antigo apartamento de Théo. Podia parecer maluquice me mudar do castelo quando eu ainda estava com um bebê recém-nascido no colo, mas eu me sentia sufocada dentre aquelas paredes que carregavam tanto e eu precisava de espaço, precisava me encontrar, e eu sabia que não conseguiria fazer isso onde estava.

Andrew era um menino tranquilo, então consegui arrumar nossas coisas rapidamente, parando apenas para lhe dar de mamar e trocar sua fralda nas horas certas. Stephanie veio no final do dia me ajudar e quando foi mais tarde, Théo chegou com nosso jantar.

Mais tarde eles se despediram e antes de dormir, liguei para minha mãe e também mandei mensagem para Edward, lhes garantindo que estava tudo bem. Ele não

estava nada feliz com a minha decisão de sair do castelo, mas no fundo, ele sabia que era o melhor a se fazer agora e por isso não pôde fazer mais nada além de aceitar a minha escolha.

Na manhã seguinte, abri a geladeira e constatei o inevitável: eu precisava fazer compras. Dei um banho no meu pequeno, coloquei-o em uma roupa confortável e aproveitei sua soneca para tomar meu banho. Depois de arrumada, avisei ao segurança que estávamos de saída e coloquei Andrew no carrinho antes de ir em direção ao supermercado.

Não demorei muito para comprar o que eu precisava, enquanto meu segurança ficou descarregando as compras do carro, peguei uma sacolinha com um brinquedinho que havia comprado para Andrew no mercado e logo entrei no elevador. Apertei o andar que eu moraria por tempo indeterminado, as portas estavam prestes a se fechar e eu brincava com Andrew, que sorria com seu sorriso banguelo, quando a sacola caiu da minha mão. Só que eu não havia notado que havia mais uma pessoa ali, que foi mais rápida do que eu e pegou-a primeiro.

A figura corpulenta se levantou e por um tempo me vi sem acreditar no moreno que estava diante de mim. Lembrei-me do nosso primeiro encontro louco e quando vi estava sussurrando seu nome:

— Rafael. — disse e ele sorriu.

— Ora, ora. Olha só quem está aqui. Novamente parafraseando aquele escritor russo que acabou de se tornar o meu favorito: *A felicidade é uma recompensa para quem não a procura.* — disse, mantendo o sorriso no rosto.

Ai meu Deus!

— Você está morando aqui agora? — ele perguntou e eu me obriguei a parecer menos idiota.

— Er. Sim. Mudei-me ontem. — finalmente respondi, sorrindo sem graça e ele sorriu ainda mais.

— Bom para mim. — continuou a sorrir e eu tive que limpar minha garganta antes de lhe perguntar:

— Você também mora aqui?

— Sim. No décimo segundo andar. — respondeu e a minha cara de espanto o fez continuar: — Então devo supor que as caixas que encontrei no corredor ontem são

suas. — ele disse voltando a sorrir, galanteador.

Eu devo estar muito carente, porque esse sorriso fez efeito!

— É. Desculpe a confusão. — tentei me desculpar.

— Imagina, não precisa se desculpar. — falou simpático, ao mesmo tempo em que o elevador se abria em nosso andar e ele, cavalheiro, me deu espaço para que passasse. — Só estou surpreso porque achei que as Rainhas moravam em castelos. — brincou e eu ri sem graça.

— É complicado. — respondi.

— Hum... Tão complicado que não pode ser resolvido tomando uma taça de vinho com o vizinho? — perguntou quando paramos diante a porta do apartamento que seria meu por tempo ilimitado.

Ai Jesus! O que eu lhe digo?

— Rafael, desculpe, mas eu não sei...

— É apenas uma taça, Lourdes. Nada demais. — insistiu.

É só uma taça de vinho. Que mal há, dona Lourdes?

— Tudo bem. Que horas? — perguntei, ainda sem

saber se era uma boa ideia.

— Saio do plantão as oito. Nove horas está bom?

— Plantão? — indaguei, confusa.

— Sim, sou pediatra. — ele se abaixou e brincou com

Andrew, enquanto continuava a falar: — E seria um prazer atender esse pequeno na próxima vez que você for levá-lo para consulta de rotina.

Esse era um momento em que muitas coisas passam diante nossos olhos. Era a razão contra o coração. Eu amava Edward, mas embora tivesse sido feliz com ele durante esses poucos meses em que vivemos juntos, eu sofri pelas suas mentiras. Às vezes, o problema é esse, a pessoa te faz bem e mal ao mesmo tempo. E isso confunde muito quando se tem a chance de escolher quem ouvir. Faz você a querer por perto e ao mesmo tempo, bem longe. E assim vai te deixando naquela eterna luta de "não quero mais" com "não quero largar". Só que eu também sabia que ele vivia um dilema dentro de si. E cá entre nós, passar dias após dias sem ter certeza de nada, é horrível. Mas mais do que isso, não queria ser digna da sua pena. E se eu queria ter a chance de me descobrir como mulher, eu

teria que me permitir em primeiro lugar. E era exatamente isso que eu faria. Por isso me ouvi respondendo:

— Te espero às nove então.

— *Você tem certeza que não quer que a gente leve o jantar para você?* — Steph perguntou pela milésima vez e eu revirei os olhos.

Sim, eu amava saber que ela se preocupava comigo e com Andrew, mas eu também precisava fazer certas coisas sem ela. Havia passado muitos anos à sombra da minha irmã princesa e eu não me arrependia disso, porque ela era muito mais do que minha irmã, era minha melhor amiga. Só que Stephanne tinha vivido o que devia e não devia, mas finalmente havia encontrado seu príncipe e crescido. Coisa que eu precisava fazer também. E sozinha.

— Não. Está tudo bem. Victor está fazendo um jantar para gente. Vai curtir seu marido. Tenho certeza que você vai se divertir mais estando com ele. — tentei distraí-la justamente com o seu ponto fraco: sexo.

É. Há mulheres tão canalhas que deveriam ter nascido homens. E bem, sorte de Théo!

— *Ok.* — ela riu maliciosa. — *Se amanhã eu amanhecer morta, é porque segui seu conselho, mas saiba que morri feliz.* — disse simplesmente e eu tive que rir.

Sim. Ela não tinha jeito e eu ficava feliz por isso!

— Era Steph? — Victor perguntou, trazendo consigo um prato para mim e outro para ele.

— Sim. Ela estava preocupada comigo. — falei, enrolando um pouco do seu macarrão a carbonara em meu garfo, antes de levá-lo à boca.

Hum... Estava perfeito como sempre!

Victor realmente era um cozinheiro de mão cheia. Quando o conheci fiquei impressionada porque ele realmente sabia cozinhar. Se ele não fosse tão bonito com certeza físgaria qualquer mulher pelo estômago.

— É impressão minha ou você omitiu o fato de que daqui a pouco serei cruelmente expulso para que você possa tomar uma taça de vinho com seu novo vizinho? — perguntou, de modo dramático.

Não. Ele tinha razão. Eu realmente tinha omitido esse fato de Steph. Não me senti bem em lhe dizer que estaria

tomando uma taça de vinho com Rafael daqui a pouco. Não que eu estivesse fazendo nada de errado, só não me senti nem à vontade e muito menos pronta. Até porque eu não estava realmente interessada nesse momento. Era apenas uma taça de vinho e nada mais.

— Não. Só não quis lhe dar munição para algo que não existe. Eu não pretendo me envolver com ninguém. Ao menos por enquanto. Eu malmente saí da cama de Edward, não faria isso conosco. — falei, emburrada.

— Sei que não, Lou. Só achei estranho você não dizer a Steph porque vocês duas costumam compartilhar essas coisas. — deu de ombros e eu acenei, antes de voltar a comer da sua comida.

— E como você está em Londres? — perguntei, curiosa, porque desde que ele chegou essa noite eu pude perceber um brilho diferente no olhar do meu amigo.

— Está tudo bem. — ele disse sorrindo e eu percebi que havia muito mais coisa por trás desse sorriso que eu amava.

— Ok. O que aconteceu? Por que você está sorrindo assim? — tive que perguntar.

— Certo. — pareceu sem palavras enquanto revirava seu prato com o garfo. — Eu meio que acho que estou começando a gostar de uma pessoa. — confessou e eu gritei, animada com a notícia.

Coloquei meu prato na mesinha de centro e corri para pular em cima dele, que só teve tempo de colocar rapidamente o seu prato ao lado do meu, fora do alcance da minha pessoa desastrada. Ele riu com a minha reação, mas ele sabia que eu estava feliz por ele. Victor era uma pessoa muito especial para mim e um grande amigo. Ele era um cara que havia nascido para cuidar de alguém e eu desejava mais do que tudo que ele encontrasse uma pessoa que pudesse cuidar dele também. E bem, parece que Deus ouviu minhas preces.

— Me conte tudo. — pedi, batendo em seu ombro.

— Não há nada para contar. — deu de ombros, tentando parecer indiferente, mas eu o conhecia o suficiente para saber que ele não estava nada indiferente quanto a isso. — Nós temos saído... Como amigos. — tratou de explicar e eu meio que estava me sentindo perdida na história, como se algo estivesse faltando. —

Você sabe, não tenho muito tempo para fazer nada em Londres, mas quando tenho tempo, ela é a única pessoa com quem eu penso em estar.

Ok. Isso está parecendo cada vez mais sério.

— Victor, por que eu tenho a impressão de que você vai me contar algo inesperado? — perguntei, olhando para ele.

— Porque é realmente inesperado. — suspirou, antes de continuar: — Quer dizer, eu nunca a tinha visto de outra maneira e bem, agora ela não sai da minha cabeça.

Oh meu Deus! Oh meu Deus!

— Victor, não me diga que é quem eu estou pensando. — sussurrei.

— Se quem você está pensando for Anabella Caravaggio, sim, é ela. É isso, acho que estou me apaixonando. — disse simplesmente.

Ai. Minha. Santa. Por essa eu definitivamente não esperava.

Tudo bem que eu achava Bella a garota mais doce e linda que eu já conheci, mas eu jamais imaginaria que Victor cairia de amor logo pela irmã caçula dos

Caravaggio. Bella é a protegida da família. A filhinha querida e perfeita. E como se já não bastasse o fato dela ter dois irmãos mais velhos para lá de ciumentos, que com certeza não aceitariam facilmente um relacionamento da irmã com ele, ainda tinha o fato de que Anabella era estupidamente apaixonada por Igor, que também era amigo de Victor e o melhor amigo de Théo.

Há muitos anos Bella é apaixonada por Igor e embora ela não confesse, eu e Steph achamos que aconteceu mais do que alguns beijos inocentes entre eles. E nós duas também sabemos que ela escolheu fazer um intercâmbio em Londres justamente por causa dele, em uma tentativa de esquecê-lo.

— Acho que essa é a hora que você diz alguma coisa.
— ele falou, esperando alguma reação da minha parte.

Eu queria poder lhe dizer que estava feliz por ele, que estava feliz por estar abrindo seu coração para alguém, mas eu realmente não sabia o que lhe dizer. Principalmente quando a mulher em questão amava outra pessoa que não era ele.

— Bem, isso foi inesperado. — finalmente consegui

dizer, tentando manter a normalidade voltei para o meu lugar.

— É. Eu acho que eu esperava uma recepção diferente.

— falou sem jeito e eu me dói por ele.

— Não é isso. Só que... — eu não sabia o que dizer.

— A Bella é mais nova que você e tem seus irmãos que são mega ciumentos e...

— E? — insistiu para que eu continuasse.

Droga! Eu não podia simplesmente lhe dizer que ela amava outro!

— Nada. Acho que só estou surpresa. Eu fico feliz por você. Espero que vocês dêem certo. A Bella é uma menina de ouro e tenho certeza que vocês seriam perfeito juntos. Te dou o maior apoio. Você sabe que estou aqui para o que precisar.

Bem, eu só não sabia que meses depois coisas inesperadas poderiam acontecer.

As nove em ponto a campainha tocou e eu tive que controlar meu nervosismo. Parecia que eu estava indo para o meu primeiro encontro no colegial, quando na

verdade isso nem era um encontro de verdade. Seríamos apenas dois vizinhos compartilhando de uma taça de vinho. Tudo em nome de uma boa vizinhança. E não, o fato de nós dois termos trocado uns amassos alguns meses atrás não faria esse nosso momento estranho.

Peguei a babá eletrônica que me permitia ver Andrew dormindo através de uma câmera e fui até a porta, mas antes mesmo de abri-la ajeitei meu vestido. Era um vestido simples na cor preta que me deixava à vontade e o melhor: parecendo mais magra. E isso definitivamente é uma coisa boa quando você engordou quase metade do seu peso corporal.

— Olá. — saudou Rafael sorrindo, vestido com uma camisa manga longa de algodão na cor branca e bermuda jeans. Estava simples e casual, mas lindo.

Sim! Uma coisa de lindo! E isso não era porque eu não transava há dois meses!

— Olá, fique à vontade. — falei, dando passagem para que ele entrasse.

— Trouxe o vinho. — ele disse, apontando a garrafa que estava em suas mãos e que eu obviamente não havia

notado por ter me interessado em olhar outras coisas, como seu bíceps por exemplo.

— Vou pegar as taças e um tira-gosto pra gente. — falei, indo até a cozinha.

Jesus! Eu precisava me acalmar!

Era tão estranho estar fazendo isso. Era tão estranho receber um homem na casa onde eu morava, quando há poucos meses eu havia dito um “sim” que eu achei que era para sempre. Mas bem, eu também tinha que colocar em minha cabeça que eu não estava fazendo nada demais. Que não era nada demais que eu fizesse amizade com um vizinho.

E que vizinho gostoso, puta que pariu!

Voltei para sala com as taças e um pratinho com queijos e vi que Rafael já havia encontrado o saca-rolha, pois estava terminando de abrir a garrafa de vinho que havia trazido consigo.

— É um *Caravaggio's*, — disse, se referindo ao vinho que era produzido no vinhedo da família de Théo. — É uma safra de 2010. O especialista da loja disse-me que foi uma das melhores safras que a história da Campavia já

viu. — falou, servindo-me.

— Eu não conheço muito de vinhos, mas adorei todos os vinhos que experimentei do vinhedo dos Caravaggio. — falei, sentando-me na poltrona, não queria parecer fácil ou até mesmo disponível.

— Sim, eu também não sou um “entendedor” de vinhos. — falou, sorrindo.

— E como foi no hospital? — perguntei, tentando não deixar que um silêncio constrangedor nos atingisse.

— O plantão de hoje foi tranquilo. A maioria dos dias são assim, gripes, febre, nada demais. Mas tem dias que parece que todas as crianças do país resolvem ficar doentes, que eu e os outros plantonistas temos de nos desdobrar. — comentou, não deixando de sorrir.

— Deve ser gostoso cuidar das pessoas.

— Sim. Adoro minha profissão. Cuidar dos pequenos e vê-los melhores depois de nossos cuidados é bom demais. — bebeu um gole do seu vinho, antes de continuar: — Mas pelo que eu saiba, não sou o único que cuida das crianças. A Rainha da Campavia também tem um papel afetivo na vida das crianças do Instituto.

— Sim, também adoro trabalhar com elas. Queria poder doar-me um pouco mais, porém não posso. Estar com elas é uma das coisas que eu mais sinto falta nesses últimos dias. — confessei.

Eu não ia lhe dizer que a outra coisa que eu sentia falta era meu marido, aquele que provavelmente estava pensando na sua ex nesse momento. Mas obriguei-me a beber mais um gole do meu vinho, para que não abrisse a boca para falar alguma coisa que estragasse nossa noite agradável.

— Eu imagino que sim. Mas então você não voltou desde que o pequeno nasceu? — perguntou, parecendo interessado e eu concordei.

— Não. Tenho ficado apenas com ele desde então. E com a atual situação...

Calei-me antes de continuar falando mais do que podia. Eu malmente bebi uma taça de vinho e já estava praticamente abrindo meu coração sobre meu relacionamento?

Francamente, Lourdes, só esperava que não abrisse as pernas até o final da noite!

— A atual situação? — indagou, com a sobrancelha cerrada.

— Er...

Eu não sabia o que dizer. Não quando nem eu sabia a situação que me encontrava.

— Tudo bem. Eu não deveria ter perguntando. — pareceu sem jeito.

— Não, não é isso. É só que as coisas entre mim e Edward não andam bem. — agora foi a minha vez de me sentir envergonhada.

— Se você quiser conversar.

Naquela noite fui sincera com ele. Conteí sobre meu relacionamento com Edward e também relatei brevemente sobre o retorno de Alisson, sem dar muitos detalhes. Ele me ouviu e aconselhou como uma pessoa que realmente se importava comigo.

Nos dias seguintes continuamos a nos encontrar e embora nada tivesse acontecido entre nós, eu me sentia cada vez mais leve e a vontade ao lado de Rafael. Só que quanto mais tempo passava com ele, mais difícil era não

comparar Rafael com Edward. Eles eram completamente opostos um do outro. Enquanto Edward exalava autoridade e dominação em cada gesto, Rafael era doce e gentil. E embora eles fossem diferentes, sem que eu percebesse comecei a me deixar envolver por todo carisma de Rafael.

Eu não costumava sair muito e definitivamente não poderia sair com Rafael para qualquer lugar que fosse, porque isso certamente se tornaria um escândalo. Exatamente por isso acabávamos sempre bebendo umas taças de vinho, jantando ou assistindo algum filme qualquer.

Nessa noite em especial, eu havia decidido parar de lutar pelo que eu queria, pois eu havia saído do castelo justamente porque queria que cada um se descobrisse e eu seria uma tola de não cumprir meu próprio propósito.

Por isso quando ele se aproximou para que eu pudesse me aconchegar em seu ombro, tomei atitude e o beijei. A princípio ele pareceu surpreso, mas não demorou para que me beijasse de volta, aprofundando ainda mais o beijo e o momento gostoso que compartilhávamos. Quando percebi

que estávamos prestes a perder o controle, Rafael gemeu em minha boca e disse:

— Lou, acho melhor irmos mais devagar. — ele falou, com a voz grossa de desejo, embora não houvesse feito nenhuma menção de se afastar.

— Eu não quero ir devagar. — tomei coragem de lhe dizer e eu sabia que minha escolha não teria volta.

E desde essa noite, eu passei a me descobrir.

Capítulo 12

Alisson

APRENDENDO A VIVER

Alguns meses depois...

Começar de novo. Essa com certeza era uma frase bonita no papel, mas ser colocada em prática não era tão fácil como eu gostaria que fosse. Afinal, eu não havia apenas colocado minha cabeça no travesseiro à noite e acordado na manhã seguinte. Não, eu havia simplesmente perdido vinte e dois anos da minha vida.

Não foi fácil sair da prisão em que eu me encontrava. Muito pelo contrário. Ter tomado a coragem de acordar do estado em que vivia foi difícil. E ainda é. Não apenas porque hoje eu tenha plena ciência e me recordava de forma dolorosa do inferno em que eu havia vivido durante os anos em que fui mantida presa, mas principalmente por tudo que perdi por ter sido fraca e ter me isolado dentro de mim mesma com medo de enfrentar a vida que me

esperava.

Isso me incomodava e me doía, muito mais do que eu poderia sequer explicar, pois dentro de mim eu me sentia culpada por não ter sido forte o suficiente para ser pelo menos a mãe que eu deveria ter sido para o meu filho.

Théo poderia não me culpar por isso, mas eu mesma me encarregava disso. Pois no fundo, saber que meu filho estava vivo e bem, deveria ser motivo bastante para que eu saísse do abismo em que eu me encontrava. Porém fui egoísta e minhas dores sobrepujaram o amor incondicional que eu sentia pelo meu filho. Eu havia sido fraca e me deixei ser vulnerável.

Só que eu não podia ficar me lamentando. Havia perdido tempo demais fazendo isso antes. Agora era hora de realmente aprender a conviver com meu passado por mais doloroso que fosse e principalmente aprender a viver. E foi isso que estive fazendo nos últimos meses.

Passei meses fazendo tratamento em Londres. Sabia que não seria fácil minha reintegração, por isso estava sendo paciente. Pois para quem já havia perdido tanto, eu precisava me esforçar para poder enfim estar entre os

meus.

Havia retornado a Campavia na semana passada e eu não poderia colocar em palavras o quanto isso me fazia bem. Não é à toa que dizem que não há melhor lugar do que o nosso lar. E sim, era bom demais voltar, mesmo depois de tantos anos. Estar ao lado do meu filho e da minha família fazia com que eu me sentisse mais forte. Pois me lembrava de que eu não estava sozinha nesse mundo. E eu não estava, podia sentir isso em cada batida do meu coração.

Entrei no castelo de Bellini pela primeira vez em tantos anos e foi impossível não me lembrar de tudo que eu havia vivido com Edward. Dos planos que fizemos anos atrás. Só que tudo isso havia sido arrancado de nós. Toda vez que eu deixava que as lembranças voltassem para mim, minhas emoções começavam a perder o controle. A dor do que vivi vinha com força total. Eu sentia meu corpo tremer, enquanto as lágrimas turvavam meus olhos.

É muito difícil não pensar em tantos “e se” que

existiam entre mim e o meu passado. Poderia ter vivido tanto, mas não vivi. Tentava não pensar tanto sobre o que não foi, só que às vezes era inevitável não pensar. Era inevitável não pensar que caso eu tivesse vindo para Bellini quando Edward retornou, nada disso teria acontecido. Era inevitável não pensar que depois de tudo que vivi enquanto estive presa, que caso eu não tivesse aceitado o convite de Andrew para vir ao castelo quando retornei, se tudo não seria diferente. Que caso eu tivesse recusado, ele não houvesse morrido e nem mesmo a coitada da Cibelle. Que caso eu finalmente tivesse aceitado que Edward seguiu em frente, eu estaria melhor agora. Todos nós. Talvez fosse tudo diferente. Eu teria visto meu filho crescer. Talvez eu não tivesse perdido tanto de mim mesma. Não teria perdido a mulher que eu tinha sido antes desse pesadelo começar.

Mas eu só tinha que me lembrar de ser forte e não deixar que as lembranças fossem mais fortes do que eu.

— Boa tarde, eu gostaria de falar com o Rei Edward, por favor. — pedi para a pessoa que me recebeu na porta do castelo, quando enfim consegui retomar meu controle.

— A quem eu devo anunciar? — perguntou.

— Alisson Caravaggio. — disse para a mulher que me olhou parecendo confusa, antes de seguir até onde eu acreditava que Edward estivesse.

Não demorou muito para que Edward aparecesse. Sempre o achei um dos homens mais bonitos que eu conheci. Ele sempre teve a postura altiva e dominante que fazia jus ao título que era seu por direito. Desde novo era um cara além de bonito, mas também encantador, que fazia as mulheres babarem por onde andava. E embora para muitos seu jeito de ser fosse intimidador, eu o conhecia bem para saber que por baixo do que ele aparentava, havia um homem carinhoso, doce e que era capaz de tudo por aqueles a quem amava. E era capaz de tudo mesmo.

Lembro-me que ainda quando era muito nova me encantei por ele e cheguei a achar que ele jamais me veria além da irmã do seu melhor amigo, só que ainda muito cedo nos descobrimos apaixonados e tudo entre nós sempre foi tão bonito e tão fácil. Era como um conto de fadas perfeito.

— Está tudo bem? — perguntou, parecendo genuinamente preocupado.

— Sim. Preciso falar com você. — falei, tentando manter a naturalidade no meu tom de voz, mas eu sabia que não seria fácil termos a conversa que precisamos ter há mais de vinte anos.

— Tudo bem, me acompanhe até meu escritório. — me chamou, dando-me passagem, e eu segui até onde eu sabia ser seu escritório.

Mais uma vez ele abriu a porta para que eu entrasse e entrei naquele lugar que por algumas semanas foi o lugar onde nos encontrávamos escondidos de nossa família. O escritório real mantinha a mesma decoração de outras gerações, embora pudesse reconhecer toques pessoais de Edward em cada canto.

— Desculpe a bagunça, eu não sabia que você viria. — ele falou, referindo-se a garrafa de uísque que ele aparentemente estava bebendo antes da minha chegada.

— Tudo bem. Eu também deveria ter avisado que estava vindo. — falei, quando ele apontou a poltrona para que eu sentasse e assim eu fiz.

— Você quer beber alguma coisa? — perguntou, voltando a se servir com uma dose de uísque, que eu sabia ser o seu preferido.

— Não, obrigada. Eu não posso beber álcool por causa dos meus medicamentos. — respondi, embora dizer isso em voz alta me fizesse sentir um pouco envergonhada e ele apenas confirmou com a cabeça, parecendo tão envergonhado ou mais do que eu.

— Desculpe não ter ido te ver quando chegou, Ali. — falou, parecendo sem jeito e eu sorri, mesmo que sua confissão não me fizesse querer sorrir realmente.

— Não precisa se desculpar, Edward. Não precisa se desculpar por algo que você não tem culpa. Embora não fosse algo que eu queria, no fundo, eu imaginei que não o veria se não viesse até você. — fui honesta e ele acenou com a cabeça.

— Só que as coisas tem andado complicadas e eu não sei se seria uma boa ideia eu ir vê-la. Eu não acho que seria uma boa companhia para você. — disse, parecendo cada vez mais envergonhado e eu apenas acenei com a cabeça que eu sabia.

Eu sabia mesmo. Théo e Steph me disseram que Lourdes decidiu ir embora do castelo um pouco depois de dar à luz ao filho deles, dizendo que precisava de um tempo. Só que nesse tempo, ela acabou conhecendo um vizinho, e pelo que parece, eles têm se envolvido. Imagino que ele deva estar arrasado com isso, mas eu não vim aqui para me aproveitar da sua vulnerabilidade, só vim aqui esclarecer de uma vez por todas tudo e deixar o que passou para trás.

— Como eu disse, não precisa se preocupar. — falei e ele riu, parecendo não achar nem um pouco engraçado o que eu havia dito.

— Não, não é assim. O mínimo que eu deveria ter feito, era ter ido vê-la. Eu devia isso a nós. — falou, fazendo com que um nó se instalasse em minha garganta.

— Eu não sou egoísta ao ponto de querer que você pare sua vida apenas porque se sente na obrigação de me fazer uma visita de cortesia. — afirmei, ajeitando o amassado inexistente da saia do meu vestido e ele suspirou.

— Eu não fui porque eu sou um covarde, Ali. —

confessou, e eu controlei a emoção que senti ao ouvir seu tom de voz sofrido.

— Edward, você não...

— Não sou covarde? Sim. Eu sou. — me interrompeu, antes de continuar: — Durante anos mantive esperanças de que um dia você fosse entrar por aquela porta, — apontou, se referindo provavelmente à porta de entrada do castelo. — e tudo seria perfeito como deveria ter sido um dia. Eu não queria, mas embora me sentisse culpado por tudo que vocês passaram, era inevitável não manter a fé, não desejar com todas as forças que a mulher que amo voltasse para mim. Só que eu não queria que você voltasse apenas para mim, mas também para o nosso filho. E por tanto tempo me apeguei a essas esperanças e prometi não magoá-la novamente e nem deixar de honrar as promessas que fiz no dia daquele maldito acidente. — falou emocionado.

— Você não entende que todos nós somos vítimas nessa história? — perguntei, tentando controlar minha própria emoção e ele tomou um longo gole de seu copo, esvaziando-o.

Eu não queria que ele se culpasse. Conhecendo-o como conheço, não precisava que ninguém tivesse me dito que ele havia se culpado, eu sabia que sim. E como uma pessoa que ficou tanto tempo perdida em suas dores, eu sabia o quanto a culpa podia nos atrapalhar. Eu o amava demais para querer isso para ele.

— Sei que existem culpados, mas eu também não fui inteiramente inocente em tudo. Eu menti, enganei e fiz as pessoas que eu amo sofrerem. — falou e eu tomo coragem e levanto de onde estava sentada, antes de me sentar ao seu lado e pego sua mão.

— Eu não vou dizer para você que você fez as melhores escolhas, mas não podemos mudar o que passou. E não vai ser sentido, enchendo a cara, vendo a vida passar, que você vai mostrar para aqueles que você ama que está arrependido. — falei e ele engoliu em seco.

— Estou tão confuso. — confessou.

Eu sabia que agora ele não estava se referindo apenas aos seus erros com Théo ou Steph, ou com qualquer pessoa envolvida com a culpa que ele carregou por tanto tempo, mas sim referente ao que ele sentia. E era

exatamente para isso que eu estava aqui.

— Você a ama? — tive que perguntar, ele engoliu em seco e fechou os olhos antes de me responder:

— Sim. Mas eu também amo você.

Merda! Isso era tão difícil!

— Eu te amo, Edward, e realmente acredito que você também me ama. Sei o que vivemos. O que não vivemos também. Mas é apenas isso. Eu não vim aqui te pedir para ficar. Eu vim aqui para pedir para você ir... Para você ir e me deixar ir.

— O que você quer dizer com isso? — perguntou, pareceu assustado com as minhas palavras.

— É hora de você ir atrás de Lourdes, Edward. De lutar pelo amor dela. — falei com um sorriso, embora eu não fosse imune as minhas próprias palavras.

— Mas e nós? — ele perguntou se aproximando e meu coração bateu ainda mais forte em meu peito, mas eu me forcei a sorrir.

— Não existe “nós” há muito tempo, Ed. — respirei fundo e continuei: — Enquanto eu tinha escolhido me fechar para lidar com a minha dor, você não se permitiu

seguir em frente após anos. Mas seguiu. E não é porque eu voltei que você tem que parar sua vida e voltar para mim. — sussurrei e ele negou com a cabeça.

— Eu passei tanto tempo te esperando. Passei tanto tempo me culpando e me sentindo sujo toda vez que eu tocava em uma mulher. Você não imagina o quão difícil foi para mim para que finalmente aceitasse que eu poderia seguir em frente com a Lourdes. E quando isso aconteceu, eu achei que tudo estava bem, que eu poderia ser feliz com ela, mas você voltou, Ali. Você voltou e como posso seguir assim, como se você não significasse nada para mim quando você significa? — perguntou, parecendo irritado e eu sorri, limpando minhas lágrimas sofridas, porque eu podia sentir sua dor.

— Eu não te julgo por seguir com sua vida. Nunca pedi que você parasse antes, quanto mais agora. Nem pedi que você me esperasse. Mas a diferença nisso tudo é que eu te esperaria... O tempo que fosse... Mas você não fez isso. Agora é tarde demais.

— Não é tarde demais. — afirmou, passando as mãos nos cabelos, nervoso.

— Sim, Ed.

— Não. — continuou a negar.

Edward se aproximou e olhei em seus olhos, antes de fechar os meus quando senti o que aconteceria a seguir. Senti sua respiração quente e em seguida seus lábios macios nos meus. Estávamos inegavelmente emocionados com o beijo e isso podíamos sentir a cada segundo enquanto nos beijávamos. Era o beijo que demoramos mais de vinte anos para dar. Era doce, suave, bem diferente de qualquer um que havíamos dado antes. Era um beijo cheio de amor sim, mas era como se precisássemos sentir esse gosto uma última vez e finalmente pudéssemos colocar um ponto final em nossa história. E era exatamente isso que estávamos fazendo, estávamos nos despedindo.

Por algum tempo, me senti perdida em seus braços, mas era a emoção do ato. Eu conhecia Edward há tanto tempo e estar em seus braços me era tão familiar, que nada daquilo parecia errado, mas não era mais aquilo que esperava que fosse, era apenas a nossa maneira de nos despedir.

Afastamo-nos e encostamos nossas testas, respirando fundo, cada um tentando processar a sua maneira esse momento. Emocionada, abri meus olhos e sorri para ele, antes de segurar seu rosto e lhe beijar a bochecha. Acariciei seu rosto tão bonito, que por tanto tempo amei e sabia que seria impossível deixar de amar, porque mesmo que não quiséssemos sempre seríamos uma parte um do outro. E isso acalentava meu coração e por isso me vi obrigada a lhe dizer:

— Eu nunca vou deixar de te amar. Nunca vou deixar de torcer pela sua felicidade, mas agora sua felicidade está a sua espera e eu não quero que você passe o resto de sua vida se culpando por não correr atrás dela. Não a perca. — beije novamente seu rosto, antes de me levantar.

Sem dizer mais uma palavra, segurando minhas próprias lágrimas, me dirigi até a porta e foi quando ouvi sua voz me dizer:

— Nunca se esqueça de que eu também nunca deixarei de amá-la. Seja feliz, minha Ali. — mais uma vez não consegui segurar a emoção.

— Eu sei. — sorri para ele, porque eu sabia que ele estava sendo sincero e seu sorriso era verdadeiro.

— Estarei sempre aqui, Ali. — voltou a afirmar e eu soprei um beijo para ele, antes de partir.

Quando fechei a porta do escritório, ainda que eu chorasse e doesse saber que era a nossa despedida, eu sorri, porque eu sabia que era a coisa certa a se fazer. Nós dois merecíamos encontrar nosso próprio caminho, nossa felicidade.

Rei Edward

Não vou mentir e dizer que vê-la partir não me doeu. Porque sim, doeu e embora por tanto tempo eu tenha sofrido com a sua ausência, ainda assim mantive a centelha de esperança em meu peito de que um dia voltaríamos a ficar juntos. Só que agora era tarde demais para isso.

Embora eu tivesse tentado por tanto tempo, nunca serei o herói que Alisson precisa. Muito menos o homem que

ela merece. Talvez porque embora eu soubesse que cheguei a amá-la com loucura, eu nunca poderia ser aquilo que ela precisava justamente por não ser quem ela precisava. Eu demorei a entender, mas agora eu entendo, nós dois simplesmente não erámos para ser.

Ainda que para muitos Alisson pareça ser frágil, eu sabia mais, sabia a mulher forte que ela era e por mais que eu queira lhe ajudar, eu sei que ela precisa fazer isso sozinha. Não apenas porque Alisson precisa se provar, enfrentar seus medos, mas sim porque ela nem sequer precisa de um herói. Talvez ela tenha demorado um pouco para entender isso e talvez por isso tenha ficado tanto tempo longe, mas hoje ela tem alguém que é sem sombra de dúvidas mais forte do que eu ou qualquer pessoa jamais poderá ser para ela: Ela tem a si mesma.

Saber disso me deixa tranquilo e feliz por ela, porque ela mais do que qualquer pessoa merece a chance de ser feliz. E eu fiz questão de lhe dizer que estava ali por ela, porque não importava quanto tempo passasse, ela teria em mim um ombro amigo. Sabendo tudo que ela havia passado, só esperava que ela não fosse precisar.

Voltei a encher meu copo e sorvi aos poucos o conteúdo da bebida. Eu não costumava beber tanto, mas desde que Lourdes havia saído de casa, eu tenho mantido uma garrafa de uísque vinte um anos como minha companheira. E embora agora eu soubesse exatamente o que eu deveria fazer, eu ainda precisava de uma boa dose de coragem para seguir adiante.

Esses últimos meses separados têm sido infernais. Eu não estava nada feliz e todo mundo ao meu redor parecia saber disso. Lourdes tem se mantido afastada de mim e mesmo que eu quisesse acabar com essa porra de distância que ela colocou entre nós, no fundo, eu sabia que ela tinha razão e precisávamos disso. Eu não a julgava por isso.

Estava acostumado a ter as coisas a minha maneira, mas Lourdes definitivamente não era qualquer uma. Ela era a mulher que eu amava e a mãe do meu filho antes de qualquer coisa, eu queria a sua felicidade e se para ser feliz ela precisava desse tempo para ela, eu respeitaria e respeitei desde então.

Só que nas últimas semanas as coisas parecem não ter

saído conforme eu imaginava e ela aparentemente tem se encontrado com uma pessoa, que já soube que na verdade era seu vizinho. Isso acabou comigo. Talvez o fato de ser tão seguro do amor que ela sentia por mim me fez esquecer que enquanto eu ficava chafurdando na minha própria desgraça, tentando entender o que sentia e mais do que isso, tentando fazer uma escolha que eu já havia feito há muito tempo, ela se permitiu seguir.

Fiquei não sei quanto tempo pensando sobre o que fazer agora. Eu queria vê-la, mas sabia que não podia chegar lá do nada. Não quando estávamos há tanto tempo separados. Por isso peguei meu celular e liguei para ela.

— Boa noite. — falei, assim que ela atendeu.

— *Boa noite. Tudo bem?* — Ela perguntou, parecendo genuinamente preocupada.

Ocorreu-me que ela poderia estar na companhia do seu “namoradinho” e não resisti a provocá-la:

— Estou interrompendo alguma coisa?

— Não, acabei de colocar Andrew para dormir. — disse tranquilamente.

— Nada de namorados essa noite? — perguntei e notei

que minha voz estava arrastada provavelmente devido à quantidade de álcool que havia ingerido e ao mesmo tempo parecia meio triste.

— *Não, Rafael está de plantão.* — ela falou e parecia sem jeito, mas depois de um tempo em silêncio perguntou: — *Onde você está?*

— No castelo.

— *Achei que essa noite você iria para o jantar de aniversário de Sarah.* — ela disse, porque provavelmente Steph havia lhe dito da comemoração na mansão dos Caravaggio essa noite.

Merda! Eu tinha esquecido-me disso!

— Não. Na verdade eu havia esquecido completamente disso. — Fiz uma pausa antes de continuar, talvez esperando que ela fizesse alguma piadinha sobre eu encontrar-me com Alisson: — Eu sei exatamente o que quero.

Foi impossível controlar o ritmo acelerado do meu coração quando acabei de deixar claro para ela o que eu queria. Por ela saber agora que nunca tinha sido outra, apenas ela. Ela sabia o quanto estava sendo difícil para

mim.

— É?

— Sim. Eu sempre soube na verdade. Mas ainda assim foi difícil. — afirmei e ela suspirou.

— Imagino que tenha sido. Exatamente por isso que eu preferi me afastar, para que você pudesse ter certeza da sua escolha. Que cada um soubesse exatamente o que queria para si.

Sim. Agora eu entendia.

— Me deixe ir aí para conversarmos.

— *Não sei, acho melhor não.* — ela respondeu, em um sussurro hesitante.

— Por favor. — pedi.

Sim. Não me importo de parecer patético!

— Não implore, isso não combina com você. E como eu falei, não sei se seria bom que você viesse aqui agora.

— Tudo bem. — concordei, a contragosto.

Eu nos conhecia o suficiente para saber que do jeito que eu estava agora, eu acabaria querendo deixar a conversa de lado e me perderia no seu corpinho delicioso. No meu estado ébrio, eu com certeza esqueceria a razão e

deixaria o que precisamos fazer agora para depois.

— Você já está deitada?

— Sim, mas não consigo dormir. Eu ia te ligar no momento em que meu telefone tocou. — confessou e eu sorri.

— Por quê? — tive que perguntar.

— Não sei. Ainda não me acostumei a dormir sozinha. E... — ela pareceu hesitar antes de continuar, mas finalmente falou: — Estava pensando em você.

— Sério? Por quê?

— Em como seria bom se você estivesse aqui. Como seria bom que tivesse você perto de mim. Eu sinto sua falta. — admitiu e meu coração parecia que ia sair pela boca.

— Eu também sinto demais a sua falta, meu mel. E posso estar aí e matar essas saudades. Basta você dizer que posso ir, que estarei aí em menos de quinze minutos.

— Não, Edward. Ainda existem tantas coisas entre nós. Não seria saudável nem para mim e nem para você.

— Não é saudável estar longe de você. — disse irritado e ela suspirou.

— Precisamos descansar, Edward. — ela disse.

— Eu não quero descansar. Quero você.

Eu agora parecia um menino mimado. Eu sabia que ela estava certa, eu mesmo sabia o que era melhor, mas ainda assim nada me impedia de tentar.

— O que você acha de tomar um café comigo e Andrew amanhã? — ela tentou e eu ri.

Nem acreditava que ela estava querendo me fazer mudar de ideia sobre uma noite de sexo quente, em troca de um café da manhã.

— Tudo bem. Você venceu. — eu disse rindo de mim mesmo.

— *Panquecas?* — ela perguntou, parecendo animada.

— Só se o recheio for seu mel. — disse de maneira provocativa e eu pude ouvir um gemido abafado do outro lado da linha.

Capítulo 13

Lourdes

O CAMINHO CERTO...

Eu deveria saber que hoje seria um dia e tanto quando acordei, mas não imaginei que aconteceria tanta coisa inesperada em um curto espaço de tempo. Mas aconteceu e estou até agora sem saber como reagir diante de tudo.

Eu estava dando de mamar para Andrew quando meu interfone tocou. Fiquei surpresa em ouvi-lo tocar porque as únicas pessoas que costumavam me visitar normalmente eram Steph, Théo, minha mãe, Edward e não tão frequentemente, devido a sua estadia em Londres, Victor, mas estes já tinham entrada liberada na portaria e quem quer que fosse aparentemente precisava de uma permissão para subir.

— Olá. — eu disse, atendendo o interfone, mantendo Andrew seguro com apenas uma mão, pois ele sugava meio seio sem se abalar nem um pouco.

— *Boa noite, majestade.* — o porteiro falou do outro lado da linha, embora eu já houvesse dito milhares de vezes para que não me tratasse dessa maneira, mas eu apenas revirei os olhos, não estava com paciência para lidar com isso agora.

— Boa noite. Algum problema?

— Não, senhora. Tem uma pessoa aqui que gostaria de lhe visitar.

— E seria? — perguntei, começando a ficar impaciente.

— Alisson Caravaggio.

Ouvir seu nome já foi um baque e saber que estava aqui para falar comigo, com certeza foi um baque ainda maior para mim. Definitivamente não estava esperando uma visita sua. Não estava esperando que ela viesse até mim e desfizesse a imagem que eu havia construído dela. E agora, sabendo que estava próximo de reencontrá-la, temi pelo que ela me diria.

Senti-me como a garota estranha diante da garota mais popular da escola. A garota mais bonita, disputada e modelo para todos ao seu redor. Só que nesse momento,

ao abrir a porta para encontrá-la sorrindo, bonita, elegante e muito bem vestida, senti-me ainda menor do que pensei que me sentiria ao estar diante dela.

Enquanto ela usava um vestido elegante na cor bege e saltos altos *Louboutin* da mesma cor, em um corpo de dar inveja para qualquer mulher da sua idade e até da minha. Já eu estava usando um vestido simples, que definitivamente já havia tido dias melhores, estava descalça, meio descabelada e tenho quase certeza que estava fedendo a leite. Eu também não havia recuperado a minha forma após a gravidez. Tudo bem que eu não esperava perder vinte quilos em um piscar de olhos e apesar de já ter eliminado quase quinze quilos desses, ainda me senti intimidada diante suas curvas maduras.

— Como vai, Lourdes? Desculpe vir sem aviso prévio. Espero que não esteja lhe atrapalhando. Eu poderia conversar um pouco com você? — ela perguntou, ainda mantendo um sorriso em seu rosto.

— Er... Olá, Sra. Caravaggio. Imagina, pode entrar. — respondi, tentando não parecer tão mal educada ou até mesmo intimidada com a sua presença.

Dei espaço para que ela entrasse e ela passou por mim, antes de olhar com curiosidade ao nosso redor, certamente querendo conhecer o apartamento que por um tempo havia sido moradia do seu filho. O lugar ainda preservava a decoração que Théo usava quando morava ali. Eu não quis mudar nada, até porque o apartamento nem era meu para que eu colocasse minhas mãos, mas eu realmente não achava que era preciso porque eu adorava a decoração dali.

Ela parou diante uma mesinha de canto e seu sorriso se ampliou ao ver um porta-retratos que ainda tinha uma foto de Théo e Steph.

— Eles formam realmente um lindo casal. — ela disse e eu ri, colocando Andrew em seu carrinho, entregando-lhe um brinquedo de borracha.

— Sim. Lindos e interessantes. Nunca conheci casal mais tudo e nada a ver. Eles definitivamente são perfeitos juntos. Nasceram realmente um para o outro. — afirmei rindo, porque era verdade.

— Eu fico feliz pelos dois. É tudo que me importa, ver meu filho feliz e realizado. Você deve saber disso. —

terminou de falar e sorriu para Andrew, que lhe ofereceu um sorriso banguela.

— Sim. Eu entendo completamente. — confirmei, olhando para ela que brincava com Andrew.

— Eu posso? — perguntou, visivelmente animada para pagar Andrew, que batia suas pernocas gorduchas.

— Claro.

Não via porque não deixá-la pegar meu filho em seus braços. Afinal, o fato de ela ser ex-mulher do meu até então atual marido, não era razão suficiente para que não o pegasse no colo. Ela não era nenhuma estranha e mesmo que eu não tivesse a pretensão de sair da frente dos dois, eu tinha mais do que certeza que ela seria incapaz de fazer mal a um bebê inocente. Principalmente vendo o sorriso emocionado que ela dava ao meu filho.

— Ele realmente é tão parecido com Théo. — sua voz emocionada denunciava o quanto essa proximidade com meu filho mexia com ela.

Eu não podia nem colocar em palavras o quanto essa coitada havia sofrido. Desde o nascimento de Andrew eu não consegui ficar mais do que alguns poucos minutos

longe dele e não ficaria caso não precisasse realmente. Mas ela havia tomado a decisão de se afastar do seu filho minutos após dar a luz, para que ele pudesse ter uma chance na vida. E embora soubesse que isso era para o seu bem, ela deve ter sofrido desde o primeiro minuto em que assim o fez. Eu definitivamente a admirava por isso. Não teria suportado tudo que ela suportou desde o momento que entrou naquele cativoiro e principalmente depois de deixar seu filho partir.

Então olhando a forma amorosa que ela olha para o irmão do seu filho, ela certamente era a pessoa que mais via ele em Andrew. E eu não queria tirar isso dela. Se estar com meu pequeno ajudava-a a superar um pouco a sua ausência compulsória da vida dele e o que ela não viveu ao seu lado, eu deixaria de bom grado que ela tivesse a chance de ter um pouco disso agora. E bem, felizmente com Stephanie grávida ela poderia ter isso.

— Sim. Eu acho que eles estão a cada dia mais parecidos. — concordei, vendo-a cheirar seu pescozinho e sensível como ele era, gargalhava com o carinho, fazendo-nos rir por tabela.

— Eu sempre amei crianças. — ela continuou. — Não vejo a hora de meus netos nascerem. — falou sorrindo e seu sorriso só denunciava o quanto estava sendo sincera.

Eu já podia imaginar a avó babona que ela seria quando os gêmeos nascessem daqui a alguns meses. Dessa vez ela estaria lá para poder curtir cada segundo deles, que também eram uma parte dela e acho que esse não poderia ser um melhor momento para que vivessem isso.

Bem... Principalmente se ela ficar com o homem que ama!

Eu não queria pensar nisso. Mas era meio que inevitável que eu não pensasse, principalmente estando com ela diante de mim. Embora eu não visse Alisson tecnicamente como uma concorrente, eu também não era alheia ao fato de que o homem que eu amava não era imune a ela.

Eles haviam tido uma história, isso havia sido há bastante tempo e antes de mim, mas apesar do destino trágico que os separou, dessa união nasceu Théo. Por muito tempo Edward guardou esse amor que os ligava e embora ela não estivesse aqui efetivamente, ele havia

esperado por ela. E bem, foi aí que eu apareci.

Ok. Embora eu saiba que eu não seja a vilã e nem que eu seja a única culpada de nos envolvermos, eu meio que me senti uma intrusa no meio dos dois. Principalmente quando deixo minhas emoções de lado e tento analisar tudo de forma racional.

Sentia-me uma intrusa que engravidou nesse meio tempo. Uma intrusa que além de ter lhe prendido com um filho, foi a única culpada deles não retomarem seus planos de vida quando Alisson finalmente se recuperou. Eu tenho certeza que se eu não houvesse me envolvido com ele, eles certamente estariam juntos e felizes agora.

Certo que parece ser uma idiotice da minha parte pensar dessa maneira, mas também era difícil não pensar quando se via diante de tudo isso. Esse era um dos motivos que me fizeram estar aqui agora. Esse, definitivamente, foi um dos motivos que me fez tomar a decisão de deixar o caminho livre para que cada um pudesse escolher o que queria para si.

— Desculpe estar aqui tomando seu tempo. Eu realmente me perco quando estou com um pequeno

delicioso em meus braços. — disse sorrindo para Andrew.

— Tudo bem, Sra. Caravaggio. Não está tomando meu tempo.

— Por favor, me chame de Alisson, querida. — pediu e eu sorri sem jeito, afinal apesar de nos conhecermos eu não tinha realmente intimidade com ela.

— Er... Ok. Você aceita alguma coisa para beber? — perguntei, solícita.

— Uma água seria bom. Está quase na hora da minha medicação. — falou com naturalidade e voltou a sorrir.

Eu sabia através de Steph que ainda que ela tenha terminado seu tratamento em Londres, ainda teria de continuar frequentando um psiquiatra regularmente e que também continuaria fazendo uso de terapia medicamentosa. Novamente, eu não sei colocar em palavras sobre o quão forte essa mulher é. Ela passou por tudo que passou e agora matava um leão por dia, mas ainda assim estava sorrindo para mim, como se a vida fosse sempre perfeita.

— Aqui. — falei, assim que retornei da cozinha. —

Deixe-me saber se precisa de mais alguma coisa. — entreguei-lhe um copo com água depois que ela colocou Andrew em seu carrinho.

— Obrigada. — agradeceu, antes de pegar uma caixinha de remédios dentro da sua *Louis Vuitton*. — Meu organismo funciona como um relógio. Não preciso nem de um alarme para ser avisada sobre a hora de tomá-los. — comentou novamente com uma naturalidade que me assustava.

— E como você está lidando com a sua saída? — tive que perguntar, porque eu estava genuinamente preocupada e pela primeira vez pude ver um pouco de vulnerabilidade em seus olhos.

— Estou bem. Indo devagar. Meu médico disse que seria assim e eu não tenho pressa, sabe? — fez uma pausa e suspirou. — Às vezes é difícil dormir, mas eu tento focar-me em coisas boas. Tento não deixar me dominar pelas lembranças ruins. É como eu costumo dizer: Resolvi transformar toda dor em amor.

Suas palavras me tocaram. Mais uma vez mexida por tamanha força que ela tinha. Mais uma vez controlei minha

emoção diante de suas palavras.

Essa mulher realmente existe?

— Mas não vim aqui para falar de mim. — ela retomou a palavra, colocando o copo na mesinha ao seu lado.

— Desculpe, Alisson, mas eu realmente não sei o que poderia lhe trazer aqui. — falei, sem jeito.

— Claro, claro. Bem, eu sei que não deveria me meter, mas gostaria de falar com você sobre Edward. — falou e eu a olhei sem entender.

Ok. Era agora que ela me diria que o tomaria de mim?

— Eu não vou roubar seu marido de você, Lourdes. — ela tratou de dizer, como se tivesse lido meus pensamentos.

Ela é vidente?

— Er... Eu estou meio que perdida aqui. — confessei e ela sorriu.

Como eu disse, eu não a via realmente como uma concorrente, mas eu também não podia negar que compartilhávamos uma coisa: amávamos o mesmo

homem. Mas agora ela estava me dizendo que não o roubaria de mim?

— Querida. — ela segurou minha mão. — Eu acho que está na hora de você voltar para casa. — falou com doçura e eu neguei.

Ela estava louca?

— Eu não posso. — consegui dizer.

— Eu lhe disse que não voltei para roubar Edward de você e estou sendo sincera. — falou e eu me vi perguntando:

— Edward pediu que você viesse?

— Não, querida. Ele não sabe que estou aqui. Estive com ele mais cedo, porque eu achei que era preciso. Achei que precisávamos colocar uma pedra em nosso passado. Não queria continuar sendo um empecilho para vida de vocês. — ela sorriu com doçura e eu estava cada vez mais confusa.

— Alisson, eu não acho que você seja o empecilho que nos separou. O que nos separou foi o fato de saber que, no fundo, ele estivesse indeciso diante de nós duas. — confessei.

— Aí que está o erro, Lourdes. Edward nunca esteve indeciso sobre nós duas, mas sim sobre você e um senso de obrigação em cumprir suas próprias promessas. Nós nos amamos muito sim um dia, mas tanta coisa aconteceu desde então, que esse amor se transformou de uma forma diferente. Temos um passado sim, mas ele foi maravilhoso a sua maneira e nossa maior prova disso é o nosso filho, que está aí lindo. Nosso tempo passou. E eu entendo isso agora. Ele também entende. Eu vim aqui porque gostaria que você entendesse também. — falou, deixando-me novamente tocada com suas palavras.

— Eu nem sei o que dizer. — sussurrei.

— Apenas diga que vai confiar e lutar pelo seu amor.
— falou.

— Lamento por ter deixado a situação chegar até aqui.
— confessei, envergonhada.

— Não temos que lamentar o que perdemos, temos que aproveitar o que encontramos. Você encontrou o amor e a vida está aqui para você aproveitá-la.

Depois que ela saiu de lá, eu fiquei por um tempo pensando em tudo que ela me disse. Sabia que Rafael iria

ficar de plantão essa noite, mas eu precisava conversar com ele antes que ele saísse e foi isso que fiz. Chamei-o até meu apartamento e apesar de não termos nada realmente sério, achei que ele ao menos merecia que eu fosse sincera com ele. Ele sabia que eu amava Edward e apesar de ter parecido um pouco triste, ele compreendeu meus motivos e desejou que eu fosse feliz. Bem, pelo menos uma parte em toda essa história eu já havia resolvido. Faltava apenas que eu conversasse com Edward.

Não sei como consegui dormir depois da ligação de Edward ontem à noite. Foi difícil recusar sua ida até lá, mas foi preciso. Precisávamos conversar antes de tudo e eu sabia que a última coisa que faríamos se ele viesse até aqui, era conversar. Então tive que ser mais forte e sensata do que me deixar sucumbir pelas saudades que eu sentia dele. E eu quase caio em tentação.

Agora pela manhã, eu estava uma pilha de nervos, ajeitei a mesa da sala com todas as guloseimas que pude fazer e mandar comprar. Vesti um vestido que disfarçava um pouco meus quilinhos extras, perfumei-me e também

deixei Andrew perfumado e arrumado para a chegada iminente do pai. Quando a campainha finalmente tocou, meu coração parecia que ia sair pela boca. Era como se fosse nosso primeiro encontro e não que na verdade nos víssemos todos os dias.

Abri a porta e seu olhar foi direto para nosso filho em meus braços, que agitou os bracinhos e riu gostosamente quando viu o pai.

— Cadê o príncipe do papai? — ele perguntou, antes de tirá-lo dos meus braços e enchê-lo de beijos.

Apesar de amar ver a inteiração que os dois tinham juntos, essa manhã eu parecia um pouco sem jeito diante dele. E quando finalmente seus olhos se puseram nos meus e ele desceu seu olhar pelo meu corpo, de forma estupidamente maliciosa, eu tremi um pouco em expectativa.

— Bom dia, Lourdes Maria. — cumprimentou-me com uma voz que certamente me prometeu muitos orgasmos.

Se seu olhar já mexeu comigo, sua voz grossa foi mais do que suficiente para me desestabilizar, fazendo uma corrente de calor gostosa percorrer todo o meu corpo.

— Bom dia, Edward. — consegui dizer, dando espaço para que ele entrasse.

Jesus! Eu estava tão ferrada!

Enquanto ainda tomávamos café, Andrew acabou adormecendo e eu decidi que como ele acordava muito cedo e sua soneca da manhã costumava ser a mais longa do dia, era melhor que eu o colocasse em seu berço para que pudesse dormir melhor.

Estava debruçada sobre o berço, ajeitando os travesseiros ao seu redor, quando quase pulei ao sentir uma mão dentro do meu decote, relaxei no momento em que senti seus dedos brincando com meu mamilo excitado e eu fechei os olhos e gemi. Ele fechou a mão sobre meu seio, e falou em uma voz ainda mais grossa:

— Estou com tantas saudades de você, meu mel. Faz tempo que morro de desejo. Estava louco para saborear esses seios cheios.

Eu sabia que deveríamos conversar, mas estava louca e não querendo perder a chance de ser saboreada por ele, que tratei logo de deixar claro como me sentia:

— Também estou morrendo de saudades. Faz tempo que quero sentir sua boca gostosa. — respondi, como um sussurro.

Ele me pegou forte pelos cabelos, roçando seu corpo excitado no meu e como Andrew estava ali, mandou que eu fosse para o escritório, que ficava no quarto ao lado. No escritório tinha além de estantes repletas de livros, apenas uma mesa, uma cadeira e um sofá pequeno. Eu acho que ele certamente havia ido falar alguma coisa com nossos seguranças que ficavam ali fora do apartamento e por isso sentei no sofázinho. Tentando controlar minha expectativa do que estava por vir.

Ele não demorou para entrar, sentando ao meu lado, antes de pegar-me no colo, pondo-me sobre ele que já estava visivelmente excitado. Trazendo sua boca para minha, ele brincou comigo roçando meus lábios com a língua, antes de enfiá-la em minha boca, fazendo amor com a sua. Naquele momento não existia mais nada entre nós, apenas tratei de entregar-me toda naquele beijo, como se fosse a primeira vez. E talvez realmente fosse, pois pela primeira vez eu podia sentir que não havia nada

entre nós.

Uma delícia. Um beijo quente, molhado e me deixou molhada a cada toque seu em minha pele. Ele levantou minha blusa e com a boca foi me lambendo os seios, tirou para fora do sutiã os seios cheios e mamou como louco. Eu gemia enquanto apertava uma mão por cima de seu pau que estava duro e eu o sentia pulsar a cada toque meu.

Eu estava tão enlouquecida, que senti que poderia gozar apenas com a forma como ele provava meus seios. Nem percebi quando ele me tirou a blusa e terminou de tirar o sutiã. Só vi que ele estava sugando meus seios, ora um ora outro, e aquele roçar da sua barba por fazer estava levando-me a loucura.

Não demorei para liberar seu membro, e enquanto ele mamava em meus seios, eu lhe fazia uma punheta, não para que ele gozasse, apenas um movimento com as mãos, acariciando-o com destreza, exatamente do jeito que eu sabia que ele gostava.

Ele me beijava a boca e mamava os seios, me mordida as orelhas e gemia. Senti sua mão entrar no meio de minhas pernas, antes de ir subindo a saia e com

os dedos tocou-me exatamente onde e como eu precisava. Eu abri as pernas e ele abriu meus lábios, brincado com a pressão exata em meu clitóris, antes de finalmente introduzir um dedo dentro da minha boceta molhada.

— Tão pronta. — gemeu em meus lábios.

Nós dois estávamos loucos de desejo e só gemíamos. Edward brutalmente me deita no sofá, me arranca a calcinha e simplesmente cai de boca em mim depois de dizer com uma voz necessitada:

— Eu preciso do seu mel.

Com a destreza de uma pessoa que sabe o que fazer, Edward movimenta sua língua nela, chupando, mordendo e roçando sua barba, em conjunto com o vai e vem da sua língua que não demora para me levar para um orgasmo de ver estrelas.

Gemendo e urrando de prazer, parecia apenas fazer com que ele se entusiasmasse ainda mais enquanto continuava a me chupar, parecendo querer extrair e sorver de mim todo meu mel que ele dizia amar. Quando meu segundo grito de prazer rompe em minha garganta, eu não enxergo mais quase nada, apenas o ouço dizer:

— Isso será rápido, meu mel, mas eu prometo lhe recompensar depois.

Ele nem a calça tira antes de levantar uma de minhas pernas e vir com toda força enfiar seu pau em meu canal, que mesmo apertado pareceu se preparar para recebê-lo.

— Tão molhadinha. — rosna, enquanto eu gemia.

Ele estava certo, eu estava tão molhada que facilitou a estocada até o talo. Edward estocava com vontade, gemendo e o vai e vem foi se acelerando, nos levando a nos perder e num gozo gostoso enche-me completamente com seu próprio prazer, antes de cair em cima de mim.

Eu tentei me vestir, tentando ganhar um pouco de racionalidade, mas ele não deixou.

— Fica um pouco aqui. — pede e eu mais uma vez tento ser forte.

— Eu preciso ver como Andrew está. Além do mais, a qualquer momento um dos seus seguranças pode vir até nós.

— Fica tranquila, peguei a babá eletrônica e ninguém entra, dei ordens expressas para que não nos incomodem.

— Edward, nós precisamos conversar.

Era hora de decidirmos de uma vez por todas o caminho que seguiríamos.

Rei Edward

Conversar depois de uma rodada de sexo delicioso com certeza não era a escolha que eu faria naquele momento, mas assim que gozamos, percebi que Lourdes recuperou um pouco da razão e sabia que uma gozada não anularia o fato de que tínhamos coisas para resolver. E precisávamos mesmo. Havia muito mais em jogo do que o guloso do meu pau que estava morrendo de saudades da sua bocetinha.

— Você tem razão, meu mel. Precisamos conversar. — concordei a contragosto, me sentando, tentando fazer com que apenas a cabeça de cima controlasse a situação.

— Eu acho melhor me vestir. — ela disse e embora eu ainda não quisesse que ela fizesse isso, eu sabia que não conseguiria me concentrar em uma conversa com seu

corpo exposto ao meu bel prazer.

— Ok. Mas me deixe falar primeiro — pedi e ela concordou. — Lourdes Maria, eu sei que errei. Fui um completo idiota — ela tentou falar, mas não permiti, colocando um dedo em seus lábios antes de continuar: — Como disse, eu sei que fui um idiota, errei muito nessa vida. Errei com meus próprios filhos. Errei com você, pois quando começamos a nossa relação, eu deveria ter sido sincero com você antes de qualquer coisa. Eu tinha que ter te dito toda a merda que aconteceu antes de você, toda verdade sobre tudo. Mas, porra, eu tive medo! Eu estava com medo, medo de perder meus filhos, medo de te perder.

Eu tive que parar e respirar fundo, tentar ganhar um pouco de controle sobre mim, porque eu estava emocionado, pois eu os amava demais e apenas pensar na possibilidade de perdê-los me fazia sentir desesperado.

— Você não imagina tudo que passei nessas malditas semanas! Eu tentei negar que você estava certa, Lourdes, mas no fundo eu sabia que era o melhor, embora eu sofresse como um cachorro. E por mais que eu soubesse

desde a nossa primeira vez que a partir daquele momento minha vida se resumia a você, eu acho que neguei até para mim mesmo isso. Sim, eu sou um idiota, mas tente me entender. Depois de tanto tempo fechado para o amor, de repente a menina que eu vi crescer se torna mulher. Eu não queria e isso tudo me mudou.

— Edward... — ela tentou falar novamente, mas eu mais uma vez pedi para prosseguir.

— Mas meu pior erro foi comigo mesmo. Eu sabia que quando finalmente nos acertamos, eu novamente deveria ser sincero, só que não tive forças para isso. E quando Alisson voltou, todo aquele sentimento de culpa, o sentimento de fracasso, novamente me dominou. Logo eu que havia passado tantos meses fazendo tratamento para que conseguisse passar através da minha dor, novamente sucumbi ao meu velho eu, que se autoinfligia dor. Talvez por isso eu tenha sido tão passivo. Só ver você com outro me deixava louco... E embora eu soubesse que não havia outra escolha para mim além de você, eu cheguei a achar que você merecia alguém com muito mais do que eu tinha a lhe dar. Só que então eu parei de tentar colocar isso na

minha cabeça. Parei de não me achar suficiente para você. Não porque agora eu ache que eu seja, mas porque eu apenas sei que não existe uma vida para mim onde você não viva comigo. Perdoa-me, amor. Perdoa-me, meu mel. Volta para mim. — pedi, acariciando meu rosto.

— Edward... — Lourdes sussurrou meu nome, visivelmente emocionada. — Edward, eu te amo. Mas havia tanta coisa entre nós, foram tantas mentiras, você me magoou tanto e eu não vi outra escolha a não ser me afastar de você. Eu não queria ser a única a atrapalhar a sua vida. — disse com lágrimas nos olhos, e continuou: — Não queria ser um empecilho entre você e Alisson. Eu conheci a história de vocês. De uma forma meio torta, mas conheci e me vi na obrigação de deixar que vocês seguissem juntos se tivessem que seguir. Eu decidi que iria viver minha vida... Que tentaria viver sem que fosse necessariamente com você. Que eu merecia ser feliz. Eu acho que isso foi bom, porque embora tenha sido por tão pouco tempo, eu me descobri. E acho que não fui a única, talvez vocês tenham se descoberto também. — falou sem jeito e eu sorri, orgulhoso da minha mulher.

— Sim, meu amor. Nós nos descobrimos. — ela tocou meu rosto, quase como se estivesse contemplando o que via.

— Cheguei a achar que tudo entre nós tinha acabado. E de alguma maneira, eu deveria aceitar suas escolhas e precisava seguir. Superar tudo que passou, e não apenas me entregar ao sofrimento. E eu tentei, eu realmente tentei, seguir em frente. Estava magoada, carente e confusa e antes mesmo que eu percebesse, me envolvi com Rafael.

Não vou dizer que eu aceitava bem o fato dela ter se envolvido com outra pessoa depois de nós, porque eu estaria mentindo. Mas eu também era o único culpado por termos chegar até esse momento. Afinal, se chegamos até aqui foi pelas decisões que eu tomei. Nessas últimas semanas, percebi que não conseguiria viver longe dela. Eu a amava. E se eu a amava, só tinha que aceitar o que tinha nos acontecido, ou passar o resto da vida lamentando não tê-la comigo.

Fechei os olhos e por um momento temi que ela me dissesse que não me queria mais, que na verdade havia se apaixonado por ele. Só que quando eu abri os olhos,

pronto para implorar pelo seu amor, tudo que eu vi foi um olhar apaixonado.

— Mas embora ele fosse ótimo, ele não era você, Edward.

Pus-me de joelhos diante dela e olhei em seus olhos antes de proferir as palavras que ela precisava ouvir:

— Me desculpe por tudo, meu amor. Eu prometo que a partir de agora não haverá mais mentiras ou qualquer coisa entre nós. Sei que haverá momentos difíceis, mas estaremos juntos, caminhando lado a lado. — levantei-me e com as mãos peguei cada lado do seu rosto, limpando suas lágrimas e fixei meu olhar no seu antes de dizer. — Eu te amo, meu mel, e não há nada mais real do que meu amor por você.

E eu sabia que estávamos no caminho certo.

Capítulo 14

Rei Edward

PESADELO...

— Olá, filho, como vai? — perguntei, enquanto analisava alguns papéis.

— Olá, Edward, tudo bem. — respondeu de forma casual, aos poucos nosso contato se reestabelecia e eu estava sendo paciente com meus filhos.

— Que bom. Você está ocupado agora? — perguntei, vendo Lourdes ninar Andrew com toda sua doçura.

— Estamos terminando de almoçar, acabamos de sair de uma consulta com Stephanie. — falou e apesar do sorriso em sua voz, tive que perguntar:

— Está tudo bem com ela e os gêmeos?

— Sim, na verdade são gêmeas. — ele disse e agora era minha vez de sorrir.

— Oh meu Deus! Eu serei avô de duas meninas? — perguntei, feliz da vida. — Lourdes, os bebês são

meninas! — falei contente para Lourdes que agora fazia uma dançinha estranha com nosso bebê em seus braços.

— Estamos felizes pela notícia. Só que acho que preciso reservar duas vagas na *Escola das Irmãs Carmelitas*. — disse, me fazendo rir.

É. Acho que está para nascer pessoa pior do que Steph... Na verdade duas!

Alguns minutos depois dessa nossa conversa, Lourdes tentava ninar um Andrew muito nervoso que não parava de chorar. Eu estava terminando de me arrumar para viajar, mas eu não estava querendo deixá-los dessa maneira, quando fizemos as pazes prometi que a partir daquele momento não haveria mais mentiras ou qualquer coisa entre nós. E não era agora que eu a deixaria assim e tinha acabado de dizer isso a ela.

— Amor, é apenas uma gripe e uma febre. Deve ser por causa dos dentes que estão começando a nascer, não tem com o que se preocupar. — Lourdes dizia para mim em uma tentativa vã de me acalmar, mas eu simplesmente não conseguia, alguma coisa me dizia que eu não podia

viajar, que algo estava prestes a acontecer.

Eu sabia que quando minha intuição falava, eu devia dar ouvido. E a minha pedia para eu ficar entre os meus. Embora a minha vontade fosse colocar todos que eu amava sob minhas vistas, eu sabia que não era possível. Porque definitivamente nem tudo é como queremos. Eu estava aprendendo a aceitar isso.

Desde aquela manhã em que eu e Lourdes fizemos as pazes, ela havia voltado para o castelo com o nosso príncipe. Desde então as coisas têm ido tão bem entre nós, que às vezes eu tenho medo de que deem errado. E novamente era aí que minha intuição entrava.

Eu deveria estar indo para Viena nesse momento, onde me encontraria com os maiores líderes mundiais da atualidade e isso eu definitivamente não podia adiar. Por isso, mesmo não querendo que meu filho também se afastasse, decidi que essa seria mais uma oportunidade para que ele agregasse experiência nesse encontro. Exatamente por isso me vi ligando para ele.

— Filho?

— Pronto. — ele disse, quando atendeu.

— Você sabe que eu deveria estar indo para Viena agora, mas eu não posso deixar Lourdes com Andrew. Ele não está muito bem.

— Ok. Mas ele está bem? — perguntou, preocupado.

— Está sim. Só meio enjoado, Lourdes acha que tem a ver com os dentes também. Eu não te pediria isso se não fosse importante, filho, você poderia ir em meu lugar?

— Quando?

— O jato real está a sua disposição. A reunião começa às seis.

— Tudo bem. Só vou em casa arrumar uma mala e estou indo para o aeroporto.

— Obrigado, meu filho. Ligue-me se precisar de alguma coisa.

Tentei acalmar a forma que me sentia depois que falei com ele, mas foi em vão. A agonia que eu sentia em meu peito se intensificava a cada segundo que se passava. E tudo fez sentido para mim quando Greg veio até mim e disse:

— Sinto muito, majestade, mas houve um confronto. Alguns dos nossos não resistiram, outros saíram feridos,

mas a Princesa Stephanie e Alisson foram levadas.

Senti o chão se abrir embaixo de meus pés. Eu simplesmente não podia acreditar no que estava acontecendo. Tudo que eu temi que acontecesse, estava acontecendo. Minha filha grávida havia sido levada e junto com ela, Alisson, que já havia sofrido tanto nas mãos desses bandidos. Era um maldito pesadelo. Um tormento doloroso que desestabilizou todos nós e machucou tantos inocentes.

Eu sabia que precisava ser forte, mas eu não conseguia. Duas pessoas que amávamos estavam à mercê daqueles infelizes e eu não sabia o que fazer. Quando Théo veio ao nosso encontro, vi o quanto estava quebrado e apoiar o meu filho fez com que eu engolisse meus medos e minhas inseguranças.

E depois de horas sofrendo, sem notícias das duas, finalmente tivemos uma notícia boa, eles haviam encontrado-as.

— Pode falar, Carl — Théo pediu, quando Carl chegou até o quarto de Taddeo, onde nós nos reunimos esperando uma notícia sobre elas.

— Nós localizamos as duas, mas estou com uma suspeita de que alguém esteve boicotando nossa busca. Por isso a demora de encontrá-las, já que para nós isso se tratava de algo tão simples. Foi então que eu vi um acesso ao servidor tentando desativar o rastreio do colar e da aliança da Princesa. Como consegui ver que havia alguém entrando no sistema, mudei rapidamente os códigos de acesso e isso o impediu de desligar o rastreio do colar, pois ele já havia conseguido fazer com a aliança. E isso só pode ter sido trabalho interno.

Merda! Alguém estava realmente nos apunhalando pelas costas!

Uma coisa é suspeitarmos, outra coisa completamente diferente é termos certeza de que isso realmente estava acontecendo.

— Puta que pariu! Agora temos uma confirmação das nossas suspeitas, Théo. Há realmente um traidor! — bradei, andando de um lado para o outro, tentando achar algo suspeito ao meu redor.

— Não tenho dúvidas. Mas agora o que me interessa é resgatar as duas. Depois eu parto esse Judas em dois.

Onde elas estão? — Théo perguntou, desesperado.

— Estão aqui na Campavia. Na Ilha Elisa. — Carl falou.

— Ilha Elisa? — Perguntamos ao mesmo tempo.

— Sim. E eu já tenho um nome por trás disso tudo. — Afirmou e eu temi pelo que viria.

— Qual? — Théo perguntou, malmente sem conseguir se conter.

— Dr. Igor, o senhor conhece algum Gerrit Rotterdam? — Perguntou e Igor negou, parecendo confuso, mas pegou os papéis que ele lhe estendeu, antes de começar a lê, ao mesmo tempo em que ele voltou a nos explicar: — Essa Ilha pertencia a uma família há mais de duzentos anos. Mas Gerrit Rotterdam é o atual dono da Ilha Elisa. Essa ilha foi doada para ele há uns vinte e três anos. Quem o presenteou foi Heitor Carrara.

Putá que pariu! Por que eu ficava surpreso de isso ter a ver com essa família?

— Como assim? — Théo perguntou confuso.

— Conte-nos agora. — falei, apontando para Igor.

— O que? Sei tanto quanto vocês. Eu não sei de

caralho de nada sobre minha própria família, como saberia por que diabos meu pai resolveu dar uma ilha para um completo estranho? — perguntou, parecendo sincero.

Ok. Eu sabia que embora corresse o sangue dos Carrara em suas veias, ele não tinha nada a ver com as merdas do passado de nossas famílias. Ele era amigo de Théo, Théo confiava nele e ele havia dado provas de sua amizade para com ele durante toda sua vida. Não era seu sangue que mudava isso. Até porque Lavínia e Andrew, meu irmão, também eram biologicamente Carrara, assim como Stephanie e eles ainda assim eram quem eram.

— Nós sabemos disso, amigo. — Théo o tranquilizou. — Vamos sentar e decidir o que temos e o que vamos fazer. — Théo disse, tentando amenizar o clima que eu mesmo havia criado.

— Sim, vamos fazer isso. — me virei para Igor. — Desculpe-me por isso, Igor, eu apenas estou nervoso com tudo. Nunca pensei que você tivesse algo a ver com tudo. — pedi desculpas, envergonhado e ele assentiu.

— Tudo bem, majestade. Eu entendo. E também

entendo que o histórico da minha família não ajude com os julgamentos contra nós mesmos. — falou e agora parecia genuinamente envergonhado e em seus olhos pude ver uma tristeza que ele normalmente não deixava transparecer, aquela que sempre dava lugar a um sarcasmo que agora eu sabia ser defensivo.

Alguns minutos depois nos reunimos em um consultório que Igor tinha cedido para que usássemos como nossa base de segurança. Lá dentro estavam apenas eu, Théo, Igor, Carl e Greg. Depois que chegaram ao local em que as duas foram levadas, eles estudaram a Ilha Elisa para que fizessemos o resgate das duas.

Depois de todos esses anos, havíamos chegado finalmente a uma pista. Um nome, Gerrit Rotterdam. Eu nunca tinha conhecido ou sequer escutado falar nesse nome. Eu não fazia ideia de quem era e muito menos o porquê ele fez e ainda estava fazendo isso contra nós. Para mim não fazia sentido algum, mas isso estava prestes a acabar.

— Ele tem infringido muitas leis, além de tecnicamente

ter um espião entre nós que lhe passa todas as informações sobre a família real. Isso por si só já nos diz que ele não é um amador. — Carl disse.

— Ele com certeza não é um amador, Carl. O cara não deixa uma ponta solta. — Théo disse e nós concordamos.

— Fiz uma pesquisa sobre esse nome e não encontrei nada. Na verdade, segundo minha busca, ele estava morto há mais de cinco anos. Isso não seria nada, se na verdade eu não tivesse descoberto também através de um banco de dados holândes, que esse rosto que aparece como “rosto” dos documentos dele, era um agente do serviço secreto holandês, que também tinha um outro nome. Ele tinha um parceiro, Tom Darer Gritter, que foi um dos melhores agentes da sua época, mas depois foi expulso da agência por traição e não encontramos mais informações do que isso.

— Espere aí. Qual o nome do seu parceiro? — Igor perguntou, quando ele terminou de falar, ao mesmo tempo em que pegava um papel e uma caneta.

— Tom Darer Gritter. — Greg respondeu, falando pela primeira vez desde que nos reunimos ali.

— Me dêem um minuto. — Igor disse, antes de começar a rabiscar no papel, deixando-nos confusos.

— Igor... — Théo o chamou, parecia pronto para brigar com o amigo, mas Igor o cortou apenas com um aceno de mão.

Já estava ficando impaciente, pronto para mandá-lo parar de nos fazer perder tempo, quando Igor finalmente falou:

— Consegui. — comemorou, animado.

— Conseguiu o que? — perguntei.

— Nunca fui muito chegado ao meu pai. Ele sempre foi muito distante, não gostava de muito contato. Mas quando eu era pequeno, tivemos alguns momentos em que ele fez-se presente. Eu não sabia por que, mas ele me obrigou a aprender a fazer anagramas. Para quem não sabe, anagrama é uma espécie de jogo de palavras, resultando do rearranjo das letras de uma palavra ou frase para produzir outras palavras, utilizando todas as letras originais exatamente uma vez. E rearranjado o nome Tom Darer Gritter, encontrei exatamente isso.

Ele nos entregou um papel rabiscado, onde através de

traços e rabiscos podíamos ler:

Tom Darer Gritter

Gerrit Rotterdam

— Carl, pesquise tudo que você encontrar sobre Tom Darer Gritter. — ordenei.

E mais uma vez tudo levava para esse filho da puta. Tom Darer Gritter foi um dos melhores agentes da agência secreta holandesa na sua época, mas depois foi expulso da agência por traição.

— Já vimos que Gerrit é um profissional. A Ilha não deve ser um local de um simples cativo. Deve ter mais por lá com certeza. O que há na Ilha que você já tenha informação, Carl? — Igor perguntou, levantando um ponto importante.

Sim. Ele não as levaria para lá à toa!

— Aqui, — Carl abriu seu notebook, mostrando algumas imagens por satélite. — Aparentemente não vemos nada demais no local, além dessa casa velha de pescadores. — a imagem mudou e agora víamos uma imagem que parecia ser tridimensional. — Os analistas da agência secreta campaviana acabaram de nos enviar essas

imagens. Aqui podemos ver que há muito mais por trás dessas paredes que não poderíamos ver a olho nu. Vemos que há uma estrutura que vai além da casa simples. Além da quantidade enorme de armamentos, bombas, uma central de vigilância e uma enorme quantidade de seguranças que rodeavam quase todo o perímetro da Ilha. — apontava o dedo enquanto falava. — também podemos visualizar outros ambientes, aparentemente secretos e por aqui, algumas potenciais rotas de fuga através dessas formações rochosas.

— Então lá definitivamente não é um simples cativeiro. — eu falei, cada vez mais nervoso pelo que via ali.

Putá que pariu! Era definitivamente um quartel general pronto para atacar!

— Não, majestade. — Carl apenas confirmou o que já sabíamos.

— O que você acha disso tudo, Greg? — perguntei, querendo ouvir a opinião do meu chefe de seguranças.

— Acho que temos de estudar bem o que faremos a seguir, majestade.

— Não temos tempo a perder, Greg. Ele está com elas, vamos apenas agir e tirá-las logo de lá. — Théo disse em um rompante.

— Alteza, eu entendo que esteja preocupado com a Princesa Steph e com sua tia, mas a guarda real e os agentes secretos campavianos não podem agir sem garantir que usemos nossa melhor opção para resgatá-las. — Greg continuou e Théo apenas sorriu, um sorriso nada amigável, antes de estender sua mão para ele.

— Prazer, príncipe Theodore Caravaggio, treinado pelos melhores especialistas da Europa, ou como quero que você me chame daqui em diante: sua melhor opção.

Sim. Esse era meu filho!

— E eu sou Igor Carrara, o melhor franco-atirador que vocês já viram. E bom, eu não acho que esse tal de Gerrit vai ficar feliz com o que posso fazer com um único tiro. — Igor complementou, sorrindo de modo perigoso.

— Vamos acabar com esse filho da puta! — Théo disse, apertando a mão do amigo.

Estava na hora de acabar com esse filho da puta de uma vez por todas!

As horas passaram e eu não aguentava mais esperar por notícias. Sarah pediu para que aferissem minha pressão e como eu imaginava, ela estava nas alturas, mas nem mesmo a medicação fez com que eu me acalmasse. Henriquetta e Antonella também haviam sido medicadas e eu achava que faltava pouco para que eu tivesse que fazer o mesmo com Lourdes, que não parava de me ligar preocupada com tudo.

Achei melhor que ela não soubesse do castelo com Andrew, não quando a situação estava como estava. Ela gritou barbaridades para mim no telefone, mas eu não me importei, era pai de Steph e já tinha escutado coisas piores no período em que ela aprontava todas.

Meu telefone tocou e todos se assustaram com o barulho do meu aparelho. Com o coração na boca, peguei o telefone e nele vi o nome de Carl na tela.

— Me diga que está tudo bem, Carl. — pedi.

— Elas estão bem majestade. A princesa Steph está tendo contrações, mas ninguém de nós está ferido. Estamos à caminho. — falou.

— Quando você diz ninguém de nós, você quer dizer que houve outros feridos? — perguntei, embora não me importasse que quem tivesse ajudado Gerrit fosse para o inferno.

— Ed... — era a voz de Alisson.

— Alisson, você está bem? — perguntei e Antonella se agitou, querendo falar com a filha.

— Sim, estamos bem. — ela suspirou e pareceu emocionada quando continuou: — Edward, estamos chegando daqui a pouco, mas, por favor, você e Henriquetta precisam se preparar.

— Ali, o que aconteceu? É alguma coisa com Steph? — perguntei, meu coração cada vez mais disparado.

— Eu acho melhor você ver com seus próprios olhos.

E quando finalmente o helicóptero pousou no heliponto do hospital, todos estávamos lá a espera deles. Os primeiros a saírem foram Steph, sendo carregada por Théo. Ela garantiu que estava bem, apesar das contrações. Ia caminhando até o helicóptero onde pretendia ajudar Alisson, quando outra pessoa desceu após ela.

Ele usava trapos ao invés de roupas. Seus cabelos

estavam longos e não viam um corte obviamente há muitos anos, bem como a sua barba. Mas apesar de visivelmente mais velho, mais fraco e sujo, imediatamente reconheci quem estava diante de mim e meus olhos não podiam acreditar no que eu via.

E no momento que ele parou diante de mim, o Rei da Campavia se pôs de joelhos no chão e abraçou o irmão que achava estar morto há tantos anos, chorando como uma criança. Foi um choro de agradecimento. Um choro de libertação. Um choro que levava consigo as dores que achei impossível serem capazes de acabar. Meu irmão havia voltado para casa. Ele havia voltado para nós.

Alisson

Não tinha como não ter se emocionado com a cena do reencontro de Andrew com a sua família. Eu estava tão feliz por eles. Tão emocionada pela volta de Andrew, pela chegada prematura das minhas netas, que estavam prestes a nascer, que por algum tempo consegui esquecer-

me de tudo que vivi nas últimas horas.

Não era um pesadelo. Aquilo era real. Aqueles que minhas próprias memórias me assombravam. Um que eu nunca acordava. Só que eu descobri que podia ser mais forte do que tudo isso e não me deixei sucumbir ao terror que ameaçava me rasgar. Só tinha que prosseguir sendo forte.

E depois de tudo que passamos lá, estamos aqui à espera do nascimento das gêmeas. Minhas netas nem ao menos haviam nascido e já estavam trazendo consigo a esperança de dias melhores, pois depois do inferno que vivemos, elas estavam nos trazendo a luz. Elas já eram, sem dúvidas, muito amadas e todos estávamos juntos, torcendo pela chegada tão sonhada delas. Estar agora nessa expectativa não podia me deixar mais feliz por ter a chance de viver isso.

— Tiveram muitos feridos? — perguntei a Alano, enquanto aguardávamos sentados na sala de espera por mais notícias de Stephanie.

— Você não soube? — ele perguntou e quando viu que eu não sabia sobre isso, apenas continuou: — Cinco dos

nossos foram executados pelos homens de Gerrit. — afirmou, fazendo-me levar a mão à boca, chocada.

Não... Não... Não...

— Isso não pode ser verdade. — murmurei, sentindo um aperto em meu peito, mas embora eu quisesse perguntar mais sobre isso, simplesmente não conseguia.

— É. É uma pena. Os coitados tinham família. — falou com pesar e novamente tentei segurar-me diante a vertigem que me atingiu. — Teremos de contratar novas seguranças para você também.

O que ele quer dizer com isso? Ele havia morrido?

— O que você quer dizer com isso? — perguntei, tentando segurar o grito de horror que ameaçou se romper da minha garganta.

Isso não podia ter acontecido!

— Foram cinco mortes, Ali. E ainda por cima aconteceu de vocês serem pegas com toda a segurança que tinham. Mesmo que esse pesadelo tenha acabado, não acho seguro que você tenha menos de três seguranças de agora em diante. E com o Leonard...

— Morto? — o interrompi, sentindo minhas lágrimas

escorrendo dos meus olhos, sentindo meu coração doer por ele ter partido dessa maneira. Mas Alano apenas me olhou confuso com a minha reação.

Leonard era meu segurança há mais tempo que eu me lembro. Na verdade, ele era meu segurança desde que Gerrit conseguiu me encontrar na clínica e Alano reforçou minha segurança. Eu não me lembro dele tanto quanto gostaria nessa época, porque foi um período realmente complicado para mim antes de emergir a superfície, emergir das profundezas em que por muito tempo me vi escondida.

Eu tinha muita coisa acontecendo ao mesmo tempo, mas para Leonard as coisas pareciam claras, porque ele confessou-me há alguns dias que desde que me conheceu se apaixonou por mim. Eu achei sandice dele me dizer uma coisa dessas, principalmente quando ele era tão mais novo do que eu, mas isso não pareceu mudar o que ele me disse. Eu neguei e disse que jamais poderíamos nos envolver, só que desde essa conversa que tivemos, tenho tentando, em vão, esquecer-me de suas palavras. Só que agora pelo visto era tarde demais.

— Morto? Não, não, ele não está morto. — Alano afirmou rapidamente, acordando-me dos meus devaneios.

— Mas você disse... Disse que...

— Eu disse que cinco seguranças foram mortos, não disse que seu guarda-costas estava entre eles. — falou como se fosse óbvio.

Oh Graças a Deus!

— Se ele não está morto, o que aconteceu com ele? Onde ele está? — perguntei, finalmente aliviada, mas ainda assim preocupada com ele.

— Ele tomou três tiros, está em cirurgia há algum tempo. Os médicos disseram que ele perdeu muito sangue. — comentou com pesar.

— Mas ele está bem? — perguntei, tentando em vão esconder minha preocupação.

— Acredito que sim, Ali. Não tivemos mais notícias desde que ele entrou na sala de cirurgia. Os médicos disseram que ele precisaria de sangue, mas acredito que devam ter conseguido no banco de sangue do hospital mesmo.

— Eu quero doar sangue. — falei de supetão.

— Você quer doar sangue para o seu guarda-costas? —
Alano perguntou, parecendo cada vez mais desconfiado.

Ah! Foda-se!

Eu sempre fui acostumada a me preocupar com as pessoas ao nosso redor, faz parte da criação que nossos pais nos deram, sempre “amar” ao próximo. Sempre tive um pé na caridade. Todo mundo que me conhecia sabia que eu adorava ajudar quem precisava. Mas minha maior preocupação no momento era com Leonard, que embora eu venha tentando negar, desde que nos conhecemos havia mexido de alguma maneira comigo.

— Ali, minha irmã, você tem alguma coisa para me contar? Está acontecendo alguma coisa com vocês que eu deva saber? — Alano perguntou, colocando sua mão sobre a minha.

Ai minha santa!

— Não, irmão. Não há nada que você precise saber.

Ou eu ao menos achava que não!

— Tudo bem. Mesmo que ele não esteja mais precisando de sangue, tenho certeza de que alguém possa vir a precisar. — concordei enfaticamente, antes de

ganhar um beijo na testa. — Vou procurar saber como você deve proceder para doar sangue. — disse, se levantando.

Conforme disse que faria, tirei sangue para doar e depois voltei para onde todos estavam. Todos ainda estavam eufóricos com o retorno de Andrew, que agora já parecia muito melhor depois de um banho, barba feita e um bom prato de comida, estava agora contagiando a todos com sua presença, como sempre foi e deveria ter sido.

Théo finalmente saiu do quarto e depois de nos tranquilizar sobre o estado de Steph, que estava esperando sua pressão diminuir um pouco para que finalmente pudesse dar início a sua cesariana, novamente me vi emocionada com a reconciliação de Théo e Edward, que depois de tantos anos pôde finalmente ouvir nosso filho chamá-lo de pai pela primeira vez.

Depois de Andrew ir a contra gosto fazer uma bateria de exames, Igor finalmente veio até nós, ainda vestido com o uniforme tático e pela expressão cansada, fiquei

preocupado com ele que era tão querido por nós, mas também tão sozinho.

— Stephanie ainda não foi para sala de parto? — perguntou parando diante de nós.

— Não. A pressão dela estava um pouco alta e o médico deu um tempo para estabilizá-la. — Théo disse e ele assentiu.

— Está tudo bem, Igor? — perguntei, porque eu estava realmente preocupada com ele, e ele negou que estivesse.

— Na verdade não. — Suspirou, passando as mãos em seus cabelos.

— O que houve? Evan escapou? — Théo perguntou, fazendo meu coração disparar com a expectativa daquele “ser”.

— Filho... Não era Evan. — tive que corrigir o mal entendido e ele me olhou confuso. — Eu havia dito que eu não consegui ver o rosto do meu agressor, certo? — perguntei e eles assentiram. — Então, eu não disse que eu achava que conhecia aquele olhar de algum lugar, mesmo que ele parecesse tão diferente? — Novamente assentiram. — Não era Evan, era seu irmão gêmeo.

— Mas Evan não tem um irmão gêmeo. Que porra de história é essa, mãe? — Théo perguntou confuso.

— Você ainda não ligou dois mais dois, filho? — Edward perguntou e ele pareceu finalmente entender tudo.

Meu Deus, isso ainda era tão louco para mim!

— Mãe... Você quer dizer que... Er... Ele...

— Sim, filho. Gerrit e Evan são meus irmãos. Filhos do meu pai com Lavínia. — Edward disse, parecendo não muito bem com toda essa história.

Coitado! Imagino como ele deve estar se sentindo!

Por anos Lavínia sofreu por tudo que ela passou enquanto esteve presa. Mas seu maior sofrimento era, sem dúvidas, sobre os filhos que ela havia perdido. Ela era uma mulher muito forte, que também havia sofrido tanto, senão mais do que eu, mas que havia encontrado forças para seguir.

Um dia, parecendo pressentir que viveria um inferno semelhante ao qual ela viveu, perguntei-lhe o que ela fazia para não pensar no que viveu. E ela me respondeu:

— Não podemos lamentar o que passou, porque deixamos de viver o presente e ele é exatamente o que seu

nome diz: um presente.

Quando eu finalmente voltei, sua voz tinha estado em minha cabeça, lembrando-me que a dor era algo que eu tinha que aprender a lidar. Eu tinha que fazê-lo através do pesadelo que vivi e não permito mais viver. Ver meu filho vivo e feliz era a prova que eu poderia fazer isso. Que eu poderia viver sem ter medo.

— Santa merda! Isso é muito louco! — Théo disse, andando de um lado ao outro.

— Sim. Os dois sofriam tanto por causa dos filhos que perderam, sendo que eles sempre estiveram ali. — Edward falou, certamente se lembrando como os pais sofreram pela perda que na verdade nunca aconteceu.

— E Evan sabe disso? — Théo perguntou e como eu era a única ali que tinha ouvido toda história, apenas neguei com a cabeça.

— Não, pelo que Gerrit disse, até Evan estava incluso na sua vingança. — respondi.

— Sim, mas vocês conseguiram pegar Gerrit ou não? — Théo voltou-se para Igor, que assentiu.

— Conseguimos, mas não sei ao certo se ele vai viver

por muito tempo. — Igor falou e não entendemos o que ele quis dizer com isso.

— Como assim? — perguntei.

— Quando Carl disse no rádio que ele estava fugindo pelos fundos, eu fui atrás. Quando vi que ele estava vindo, tomei um susto ao reconhecer meu próprio tio, acompanhado de Greg. Ainda assim, decidi que eu o pegaria, afinal para mim ele tinha que pagar pelo que cometeu. Então de repente ouvi alguém chamando seu nome e ele recuando, mas eu não consegui ver muita coisa, pois minha visão do que estava acontecendo não era nada favorável. Decidi atacá-los mesmo assim. Foi aí que ouvi um disparo. Ele foi baleado na cabeça. Está na sala de cirurgia. Não tenho certeza de que ele vá sair dessa com vida. Na verdade, não pensei que ele fosse chegar até aqui.

Esse fato me chocou. Não que ele não merecesse, mas eu não era uma pessoa que desejava o mal para as pessoas. Só que o que me encucava era o fato dele ter sido aparentemente apunhalado pelas costas. Mas eu também não ficaria lamentando por quem não merece meu

pesar.

— Ele tem chance de sair dessa? — consegui perguntar.

— Poucas. — Igor admitiu, quando uma enfermeira se aproximava de nós.

— Sra. Caravaggio, a senhora pediu que eu a avisasse caso tivesse notícias sobre o estado de Leonard.

— Está tudo bem? — perguntei, voltando a me preocupar com ele.

— Sim. Correu tudo bem na cirurgia. O paciente já se encontra no quarto e já pode receber visitas. Se a senhora quiser mais informações, o médico vai falar com a senhora daqui a pouco quando for verificar o paciente. — falou, trazendo um alívio imenso para o meu peito.

— Obrigada. Quero vê-lo sim. — falei, com um sorriso que certamente não cabia em mim.

Rapidamente me despedi do meu filho e de Edward, antes de acompanhar a enfermeira solícita até um quarto que ficava no final do corredor. Ela abriu a porta para que eu entrasse e quando entrei no quarto, a cena que eu vi me marcou. Leonard dormia pacificamente e era estranho

para mim, ver um homem de quase dois metros de altura e tão viril, parecendo tão vulnerável. Foi impossível conter minhas próprias lágrimas.

Encostei ao seu lado e acariciei seu belo rosto com barba por fazer. Ele era um homem lindo em todos os sentidos da palavra. Desde que o conheci tem sim mexido comigo, mas admito que me sinto como uma senhora desvirtuando um jovem. Ele tem quase a idade do meu filho. Tudo bem que eu achava que o amor não tinha idade, mas eu também via que ele tinha muito para viver e eu não podia lhe dar muito de mim. Não quando eu ainda estava me reencontrando. A cada vez que ele sorria para mim e olhava para mim com fome nos olhos, eu me derretia um pouco mais.

— Oi. — ele sussurrou com a voz fraca, abrindo os olhos com cuidado, antes de levar minha mão para seus lábios e mais uma vez tive que controlar minha emoção.

Eu vinha evitando toques entre nós, porque a cada vez que ele me tocava era como se tudo em mim se desestabilizasse. E o culpado disso era ele. Ele literalmente me desestabilizava.

— Como você se sente, Leonard? — perguntei.

— Bem. O que aconteceu? — ele perguntou, agora parecendo começar a voltar a si.

— Você tomou três tiros. Teve que passar por uma cirurgia. — no momento em que lhe disse isso, ele pareceu lembrar-se do que havia acontecido.

— E o que houve? Lembro-me agora de tentarem passar por nós, mas depois disso não consigo lembrar-me de mais nada. Eles não chegaram até vocês, não é mesmo? — perguntou, parecendo preocupado.

— Na verdade sim, eles chegaram até nós. Eu e Stephanie fomos mantidas reféns por algumas horas. Mas estamos bem agora. — falei, tentando não preocupá-lo com o que houve com a gente.

— Como você está? Fizeram alguma coisa com você? — sentou-se de repente, parecendo não se importar de ter saído de uma sala de cirurgia há pouco.

— Está tudo bem comigo. Você tem de descansar, não se preocupe comigo.

— Como não me preocupar com a mulher que eu amo? — perguntou como se minha afirmação fosse idiota.

Ai meu Deus!

— Leonard... Você não...

— Eu não te amo? Sim, Alisson, eu amo você.

— Você precisa descansar. Não pode fazer esforço.

— Foda-se minhas dores! Eu amo você e você precisa de uma vez por todas entender isso! — disse, me fazendo engolir em seco.

— Não, você não me ama. — afirmei, tentando controlar as batidas incessantes do meu coração.

Não. Ele não podia amar uma pessoa quebrada como eu.

— Sim, eu amo. Eu quero você. — afirmou, sem hesitar.

— Você não sabe o que está dizendo...

— Sim, eu sei. Eu quero você. Eu sei o que você passou. Mas isso não me importa. Na verdade só fez com que eu a admirasse ainda mais por ser a mulher forte que é. Quero estar com você. Quero cuidar de você. Cuidar das suas feridas. Quero segurá-la para que nunca mais se perca dentro de si mesma. — falou, sem conseguir controlar sua emoção e eu não pude me ajudar, enquanto

chorava emocionada com suas palavras.

— Você só está dizendo isso para me levar para cama.
— tentei me enganar, mas no fundo eu sabia que ele estava sendo sincero. Mas suas palavras me pegaram de surpresa:

— Para cama. Para meus braços. Para minha vida.

Não pensei duas vezes antes de levar meus lábios aos seus e logo era como se não existisse mais nada entre nós. Naquele momento esqueci tudo. Meu passado, futuro, minhas dúvidas e até mesmo onde estávamos e me entreguei pela primeira vez em tantos anos. Ele me beijou com desespero, suas mãos foram até minha nuca, prendendo-me a ele como se não quisesse que eu o soltasse mais. E era exatamente isso que eu senti que aconteceria.

Eu renasci por causa do meu filho. Ainda que eu tenha demorado muito para fazê-lo, mas foi por causa dele que eu emergi na superfície. Eu honestamente não esperava que tudo estivesse como eu havia deixado quando me perdi em mim mesma. Confesso que por mais que eu entendesse, não foi fácil aceitar que a vida tinha seguido e

Edward também havia seguido com ela. Eu cheguei a acreditar que não conseguiria seguir, que eu estava quebrada demais para fazê-lo. Mas Leonard me mostrou que eu estava errada. Que não estava quebrada. Que meu coração ainda funcionava e eu ainda poderia me apaixonar novamente. E eu, mesmo lutando bravamente contra ele, meu coração foi mais forte do que minha guerra interior. Agora havia chegado a minha vez de me descobrir e seguir em frente. E eu já estava ansiosa pelo que a vida me presentearia.

Epílogo

Rei Edward

Como todo pai, achava que demoraria para que finalmente tivesse esse tipo de conversa, mas chega um momento em nossas vidas que não podemos mais adiar o que um dia provavelmente acontecerá. E foi assim que não apenas me senti pronto para tê-la, mas também sabia que ele estava pronto para seguir seu destino.

— Chegou a hora, meu filho. — murmurei para Théo diante de mim.

— Hora de que? — pareceu confuso.

— Hora de se tornar o Rei do seu país.

— Mas como? Não... Não... Eu ainda sou novo. — tentou negar e eu sorri para ele, lembrando-me de mim mesmo dizendo exatamente a mesma coisa anos atrás.

— Eu achei que talvez eu não estivesse pronto quando chegou a minha vez, mas meu pai virou para mim e disse: *Ninguém nunca está preparado para isso.* Mas eu te digo, meu filho, você está mais pronto do que imagina. É

um grande homem, de enorme coração e saberá reinar com ele. — falei para Théo

Eu já estava pensando há algum tempo em contar a verdade sobre a família real campaviana para o povo e foi isso que fizemos depois dessa conversa. Fomos sinceros com o povo do nosso país e contamos tudo que por tanto tempo tememos que usassem contra nós. Sabia que a monarquia campaviana poderia ficar abalada quanto a isso, mas eu não me importava, apenas queria honrar os meus e sabia que faria isso contando toda a verdade. E se fosse para perdermos a coroa depois disso, pelo menos perderíamos a coroa com o coração em paz e com a sensação de dever cumprido.

Um Referendo foi lançado para que o povo da Campavia decidisse pelo fim ou não da Monarquia e por escolha do povo, o resultado foi a favor da monarquia e com ela uma monarquia em que nosso monarca maior lideraria com a verdade ao seu lado e a favor do seu povo. E era Théo, meu filho, quem faria isso.

— Promete e jura solenemente governar o país e povo da Campavia, de acordo com suas respectivas leis e

costumes? — o bispo pergunta, no dia da sua coroação.

— Eu, Theodore, herdeiro legítimo do trono campaviano, perante a Deus, ao Rei e a população Campaviana, solenemente prometo fazer isso. Cuidarei do meu povo como quem cuida e ama um filho. Colocando sempre todas as suas necessidades em primeiro lugar. Até o último dia da minha vida — ele prometeu como fiz há tantos anos.

— Você vai usar seu poder para trazer a Lei e a Justiça, na Misericórdia, em todos os seus julgamentos?

— Sim. Eu vou — voltou a jurar.

Ele foi ungido com óleo, coroado pelas minhas mãos e quando tirei a minha coroa e coloquei-a em sua cabeça, era como se tivesse tirado um peso, pois há tempos eu já sabia que ela não me pertencia.

— Eu, Edward Rubert Lorenzon Bellini di Montalcino, entrego para você, Theodore, essa coroa para que a partir desse momento, você reine conforme lhe é de direito. Desejo não só como Rei da Campavia, mas como seu Pai, que você cumpra com seu destino e governe esse país com o coração. — Disse sem conseguir conter minha própria

emoção.

Logo depois ele foi vestido com o manto real, recebeu o cetro antes de receber uma salva de palmas das pessoas que ali se encontravam.

— Com a benção de Deus dada e com a autoridade a mim investida, que eu vos apresento, oficialmente, Theodore Alano Caravaggio Lorenzon Bellini di Montalcino, Rei da Campavia — proclamou e logo a multidão se abaixou, o reverenciando como deveria ser.

Agora estávamos aqui, reunidos para mais um jantar em família. Algum tempo já havia passado desde o dia da coroação de Théo e eu estava feliz por ter a chance de estar aqui. Eu tinha minha família, meus filhos, minhas netas, meus amigos e eu precisava agradecer por isso. Normalmente as pessoas só se lembram de pedir e agradecer quando precisam, mas quando se está feliz não existe momento melhor para agradecer por tudo que passou e por tudo que Deus lhe presenteou.

Olhei para mesa ao meu redor, Stephanie contava uma história que fazia com que todos rissem, coisa que era

inevitável que não fizessem quando se estava ao seu lado. Embora eu não fosse seu pai biológico, ela sempre seria minha filha. Sempre seria um pouco minha. Minha Princesa. Minha luz. Eu estava tão orgulhoso de quem ela havia se tornado. Eu estava tão orgulhoso de poder ver a mulher, esposa, mãe e Rainha que ela era agora. Ver ela e Théo realizados, felizes como marido e mulher, mas também felizes sendo os governantes que a Campavia precisava que eles fossem, trazia-me a sensação de dever cumprido.

Stephanne estava grávida novamente e pelo visto eu havia sido feito para ser um homem dominado pelas mulheres, porque ela estava esperando mais uma menina. Eu não via a hora de pegar mais essa princesinha em meus braços e de antemão eu já sabia que ela me teria em suas mãos, assim como suas irmãs já me tinham.

Eu não pensava em ter mais filhos. Eu amava ser pai, curti cada segundo ao lado de Andrew, que crescia cada dia mais lindo e inteligente. Era mais um pedaço meu perfeito. Mas depois que a gente é avô, descobrimos que os filhos conseguem nos fazer ainda mais felizes e

realizados quando nos dão netos. Era um amor realmente mais forte e inexplicável. E eu tinha três netas e uma quarta a caminho que me provavam exatamente isso. Outro dia eu li algo que colocou em palavras exatamente a forma como me sinto diante delas: *O amor perfeito às vezes não vem até que chegue o primeiro neto*. Minhas netas eram meus amores perfeitos.

Andrew e Henriquetta estavam felizes como sempre deveriam ter sido. Também eram avós babões, mas assim como eu tinha Andrewzinho, eles tinham Richard, que era realmente um anjo que Deus enviou para suas vidas e havia nascido para completá-los.

Alisson também havia se dado a chance de ser feliz e era amada exatamente como deveria ser. Leonard a tratava como merecia. Isso para mim era mais do que suficiente. Eu ficava feliz por vê-la realizada. Nós nos amamos muito um dia, mas hoje sabemos que o nosso amor do passado valeu a pena, pois nos trouxe até aqui, exatamente onde estamos e com quem estamos.

E existe ela. Minha Lourdes Maria. Meu mel. O fato de que eu estava seguindo em frente com ela não me parou e

acho que nunca me parará, porque a cada vez que eu olhava para ela, a única coisa que eu conseguia pensar era que eu teria um futuro. Eu não tinha pensado em ter um futuro há muitos anos. Mas isso mudou no momento em que me descobri apaixonado por essa menina que hoje é tão mulher, minha mulher. Não sei como ela fez isso, mas ela fez. Era como se o muro que eu havia construído em torno de mim houvesse desmoronado e agora eu esperasse com expectativa por mais um dia, mais um dia de vida ao seu lado. Mais um dia em que eu sabia que eu poderia sorrir por tê-la comigo.

E mais uma vez me vejo agradecendo a Deus por cada momento vivido. Afinal, Ele nos deu o tempo, mas às vezes esquecemos que o tempo é o Dele e não o nosso. Então por isso algumas vezes achamos que a ordem cronológica da nossa vida está abalada, que tudo vai errado, quando na verdade as coisas são e estão exatamente do jeito que deveriam ser. E estar rodeado por sua família, vendo-os sorrirem, respirarem e poder ter a chance de saber que nossa vida continua, é a melhor coisa da vida. Amar e ser amado. Viver pelos seus. Isso sim é

Um Amor Real.

Bônus

Andrew

UM NOVO RECOMEÇO...

Viver o terror que vivi ali dentro por anos, não se comparou em nada com o que senti ao ver minha filha sendo ameaçada por aqueles psicopatas. Tirei forças de onde não tinha para salvar ela e minhas netas de um destino trágico. Sabia que ao fazer isso podia custar minha vida naquele momento, mas não apenas naquele momento, mas em todos os outros, eu não me importei com isso, porque eu daria a minha vida por ela.

Por tanto tempo eu havia sido forte lá dentro pela minha família. E agora eu estava de volta e me sentia ainda mais forte. Ainda era tão estranho e tão gostoso ter esse gostinho do recomeço, mas tudo valeu a pena. Era tão bom voltar finalmente para o seio da família quando eu achei que tudo estava perdido e não tinha mais esperanças

que pudesse revê-los um dia. O reencontro valeu cada tormento que vivi.

Por isso eu aproveitava cada segundo. Cada sorriso, cada piscar de olhos, cada batida do meu coração. Queria poder gritar e colocar-me de joelhos, agradecendo a Deus quando avistei meu irmão depois de tantos anos e foi exatamente isso que fiz, pois meu irmão não conseguiu se conter quando nos abraçamos com sofreguidão.

Encontrar com minha mulher novamente foi como entregar-me o ar que eu havia perdido. Foram anos sonhando com aquele sorriso, aquele que me dominou desde o primeiro momento em que pus meus olhos nela. Foram anos sonhando com seu cheiro e eu mal pude me conter quando a tive em meus braços novamente.

Enquanto olhava todos ao meu redor, eu tive a certeza que tinha um Deus que era por mim. E pedi perdão pelas vezes em que achei que Ele havia me abandonado. Eu vivi em uma família que sempre me deu mais do que muito amor, me deu ensinamentos e diretrizes para que eu aprendesse a transpassar todas as barreiras que a própria vida colocava em meu caminho. Minha mãe era uma

guerreira, me ensinou e repetiu tantas vezes sobre não ficar lamentando o que passou e eu não seria ingrato e ficar me lamentando depois dessa nova chance.

O próprio Senhor Deus diz que nos dará ânimo, força, vigor, valentia e coragem para as lutas diárias da vida. Deus está conosco em nossas caminhadas, por isso não devemos ter medo ou espanto. E eu só tenho a agradecer por isso, pois em meu último suspiro sei exatamente o que direi:

— Obrigado pela chance, Senhor. Valeu a pena por tudo que passei. Valeu a pena o meu recomeço.

Só que antes disso, eu agarraria com unhas e dentes a nova chance de viver que Deus estava me dando e eu faria questão de viver cada momento garantindo a minha felicidade e de todos ao meu redor. Para mim era como se estivesse nascendo de novo. Eu sabia que valeria a pena o meu renascimento.

Exatamente por ter fé no que virá, que prometo voltar contando a minha história e lhes apresentar mais uma pessoa que mudará a minha vida, que fará com que eu me apaixone novamente, tornando completo o que eu achei

que já era completo. Já sou feliz e grato pela bela benção que é ter a chance de viver e de braços abertos dou as boas vindas ao recomeço.

Um Recomeço Real

Um conto Sobre Andrew Di Montalccino.

Em breve!!!

Recado da Autora

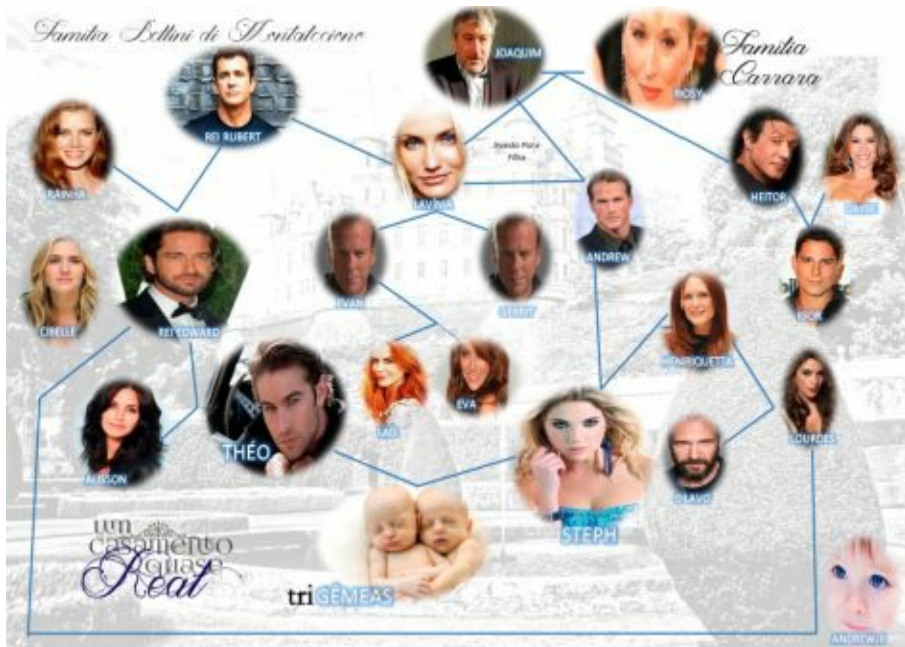
Sim, eu relutei, não queria prolongar mais as coisas tendo em vista que ainda temos mais dois livros dessa série, mas enquanto eu escrevia o capítulo de Andrew vi-me impedida de colocar um ponto final quando senti que ele ainda tinha algumas coisas para lhes falar e eu não poderia ser a única a lhe calar. Então não, a história de Andrew não acaba aqui. É apenas uma pausa.

Em breve teremos um breve conto onde Andrew conta sua história e nela conheceremos seu recomeço.

Muito obrigada por ter viajado comigo até aqui.

Beijos,

Míddian Meireles. <3



ANEXO: ENTENDENDO MELHOR A HISTÓRIA

ÁRVORE GENEALÓGICA DA FAMÍLIA BELLINI DI
MONTALCCINO E DA FAMÍLIA CARRARA.

Próximos Lançamentos:

UM COMPROMISO QUASE NOBRE

Terceiro Livro da Série Real

Anabella é a filha mais nova da nobre família Caravaggio. Única filha mulher, foi criada em berço de ouro, sendo considerada o exemplo de filha perfeita. Apesar da relutância do Pai, ela consegue seguir seu sonho de fazer a faculdade de enfermagem que tanto queria. Sua paixão pela arte de cuidar só não é maior do que o amor que ela mantém em segredo desde criança.

Igor Carrara é o autêntico bad boy que se veste de branco. A Medicina foi o único sonho que ele sempre teve na vida. Muitos acreditam que ele carrega o título da nobreza, mas o que não sabem é que ele carrega muito mais do que isso. Ele só não esperava que a menina que ele viu crescer fosse se tornar tudo que ele nunca quis.

Ela é a irmã do seu melhor amigo. Ele é o genro que a família nunca quis para sua filha perfeita.

Uma paixão incontrolável. Um acontecimento Inesperado. Um Compromisso Inevitável.

Em breve...

UMA MENTIRA QUASE NOBRE

Quarto Livro da Série Real

Taddeo era o filho mais velho da família Caravaggio. Durante muito tempo, ele viu-se ofuscado e se sentia diminuído quando se tratava do seu irmão do meio, Theodore. Por anos a animosidade se fez presente quando se tratava dos dois, mas eles finalmente colocaram uma pedra no passado e agora eram os irmãos que deveriam ter sido desde sempre. Só que o que seu irmão não sabia, era que sua maior mágoa era porque ele havia sido trocado pela única garota por quem se apaixonou quando ainda era adolescente e que o trocou justamente pelo seu irmão, como se ele não valesse nada. E agora ele sabia quem era a única culpada por tudo: Eva Carrara.

Eva era a mocinha certinha diante a sociedade. Bonita, formada em Direito com honrarias, a esposa perfeita para qualquer homem solteiro da nobreza campaviana. Só que

ela parece sempre ter querido o que não podia e certamente não era a perfeição ruiva que todos pensavam que ela fosse. E Taddeo sabia disso, porque para ele, ela era culpada inclusive das tentativas de separar seu irmão da sua atual esposa, a Princesa Stephanie. Embora tenha sido namorada de Théo, Eva sempre negou a si mesma que na verdade amava seu irmão, aquele quem ela jurava ter partido seu coração quando ainda era inocente e acreditava no amor.

Só que as coisas estão prestes a mudar. Uma armação faz com que o presente dos dois se cruzem novamente e mesmo depois de jurar nunca mais se envolver com ela, Taddeo vê em um contrato como a solução de todos os seus problemas. Só que ele promete a si mesmo que fará com que ela pague por tudo que ela fez. Ou ele acredita que tenha feito.

Taddeo e Eva não sabem, mas suas vidas estão ligadas de uma maneira que mesmo depois de tantas mentiras entre eles, decidir o futuro será um grande desafio. Principalmente quando existe algo mais forte do que a dor que eles mesmos aferiram e até mesmo o próprio orgulho

deles.

Pode um grande amor curar tudo? Até as feridas mais profundas? O amor pode superar qualquer tipo de segredo? E quando esse amor é construído à base de mentiras?

Ela é a mentirosa perfeita. Mas ele não é perfeito e também era um mentiroso. Mas às vezes, a mentira pode ter uma razão nobre.

Mentiras serão desmascaradas. Verdades serão reveladas. Só que nem tudo é o que parece.

Uma Mentira Quase Nobre é o último livro da Série
Real.

Em breve...

Uma espiadinha no que vem aí
em:

**UM COMPROMISSO
QUASE NOBRE**

Prólogo

Mesmo criança, chega uma época de nossas vidas que a brincadeira de bonecas começa a dar espaço para a brincadeira de idealizar o futuro. Eu lembro-me muito bem quando isso aconteceu. Lembro-me com detalhes vívidos o momento em que o vi pela primeira vez e foi ali que tudo mudou. Era uma tarde de primavera, lembro-me bem disso porque as flores do jardim estavam lindas e eu adorava olhá-las, cheirá-las. Para mim não existia perfume mais gostoso do que o das flores. Até aquele dia.

Eu tinha seis anos quando isso aconteceu. Meu irmão, Théo, havia acabado de voltar da escola e trouxe consigo um novo colega para fazer os trabalhos da escola em casa. Eu não tinha visto eles no momento em que chegaram e como eu era uma pessoa naturalmente muito curiosa, enquanto eles faziam seus trabalhos, eu tentava vê-los pelo buraco da fechadura do quarto de Théo. Mas foi em

vão e por isso acabei me cansando e desisti. Só que isso mudou na hora do jantar.

Mamãe me disse que eles jantariam conosco aquela noite, porque o colega do meu irmão havia se transferido recentemente de outro país para a escola e tinha alguns trabalhos pendentes, e Théo como melhor aluno da classe estava ajudando-o. Fiquei feliz porque eu tinha certeza que poderia conhecê-lo e não sei por que, mas pensando nisso decidi escolher meu vestido preferido para esse encontro. Não sabia explicar, mas de alguma forma eu queria que ele me achasse bonita.

Quando mamãe me chamou, desci ansiosa, mas no momento em que ocupei minha cadeira, ele ainda não ocupava a mesa de jantar. Quis perguntar para minha mãe onde eles estavam, mas achei melhor que não fizesse, pois havia passado o dia em busca de informações do novo amigo do meu irmão. Meu outro irmão, Taddeo, sentou-se ao meu lado e achei que era hora de perguntar novamente. E assim fiz.

— Eles já devem estar descendo, Bella. — Mamãe respondeu e sorriu como se soubesse exatamente o porquê

da minha agonia.

Senti meu rosto queimar de vergonha e brinquei com o guardanapo em meu colo em uma tentativa de distrair minha ansiedade, enquanto meu pai e Taddeo conversavam qualquer coisa sobre o campeonato europeu de futebol. E foi esse momento que eles escolheram para entrar.

Como já estava acostumado a fazer todos os dias, Théo sentou-se na cadeira ao lado de nosso pai e ele se sentou ao seu lado, de frente para mim à mesa. Desde que ele havia entrado ali, eu simplesmente não pude tirar meus olhos dele. Não tenho dúvidas de que devo ter parecido uma boba, olhando-o boquiaberta, mas ninguém naquele momento disse alguma coisa que me fizesse perceber isso. Muito menos ele.

Apesar da minha inocência, o achei lindo de uma forma que eu não soube explicar. Ele era puro e simplesmente lindo. Eu sempre achei que meus irmãos eram os meninos mais bonitos que eu já vira. Ao contrário de mim que era loira como nossa mãe, ambos tinham os cabelos castanhos e olhos azuis como nossos

pais e também os meus. Os dois eram a descrição exata dos príncipes encantados que eu lia nos meus livros de contos de fadas. Eram verdadeiros Príncipes. E eu era a Princesinha deles. Era o que eu achava, mas então naquele momento, quando eu era apenas uma menina ainda, com apenas um olhar para mim um moreno de olhos castanhos tomou meu coração para si e tudo mudou ali.

Olhando para ele, podia ver claramente os príncipes encantados tomando uma nova forma. Ele para mim era o Príncipe. Não importava que ele fosse sete anos mais velho. Nem que fosse o novo amigo do meu irmão. Principalmente depois que ele deve ter percebido que eu ainda o encarava e piscou para mim. Lembro-me que quando ele fez isso, senti cócegas e um friozinho bom na barriga que me fez desviar os olhos dos seus pela primeira vez desde que ele entrou naquela sala de jantar. Tímida e envergonhada, abaixei minha cabeça e comecei a comer a comida que já começara a ficar fria. Enquanto a conversa rolava solta à mesa, fiz esforço para não olhar para ele, enquanto tentava memorizar cada palavra que ele dizia durante o jantar. Toda vez que ele abria a boca para

falar, gesticulava, ou até mesmo levava a comida a boca, eu aproveitava para guardar comigo cada detalhe, cada gesto seu.

Depois da sobremesa, nos reunimos na sala de estar. Enquanto meus pais bebericavam um café e ouvia o que os meninos falavam, Taddeo estava com sua cara tipicamente emburrada e parecia prestar atenção no jornal noturno, mesmo que eu soubesse que isso não era verdade. Às vezes eu achava Taddeo estranho, pois apesar dele ser sempre carinhoso comigo, ele brigava muito com Théo e sem motivo. No entanto Théo não parecia se importar com a atitude sisuda do nosso irmão, pois juntamente com Igor conversavam sobre tudo, enquanto meus pais prestavam atenção e riam na hora certa enquanto falavam. Ele parecia bem ali. Como se fizesse parte do nosso ambiente e não tivesse acabado de aparecer. Mas eu percebi que ainda que ele parecesse ser um menino extrovertido, podia ver lá no fundo que havia algo mais. Só não sabia explicar o que era, mas esperava poder descobrir em breve.

Passei o restante da noite observando-o e ele não

pareceu se importar com isso. Na verdade, acredito que ele até gostava, porque vez ou outra podia ver um sorriso torto direcionado a mim quando ele olhava em minha direção. Acho que mamãe também percebeu, porque um pouco mais tarde ela disse-me que eu precisava ir para cama porque estava na hora de dormir, apesar de faltar cerca de “meia pizza” para o relógio marcar nove horas, horário em que costumava me deitar.

Mesmo que contrariada, segui para o meu quarto, me sentindo ainda mais criança do que eu já era. Nem mesmo o “Boa Noite” que ele me deu me animou, porque a felicidade em ouvi-lo falar comigo pela primeira vez desde que chegara foi menor que a humilhação que senti por ter estampado o fato de que ao contrário dele e dos meus irmãos, eu era muito mais nova do que ele e tinha hora para dormir. Por esse motivo nem respondi.

Coloquei o primeiro pijama que encontrei e ainda com vontade de chorar, pus-me debaixo do edredom. Estava preparada para desligar meu abajur quando a porta do meu quarto se abriu. Por um momento achei que estava sonhando, porém ele veio andando em direção a minha

cama com sua mochila nas costas e pegou minha mão, onde colocou algo macio ali. Ainda sem piscar, continuei olhando para ele, sentindo meu coração fortemente disparado. Degustando do seu perfume que havia tomado conta do meu ambiente e naquele momento havia se tornado meu preferido do mundo todo.

— Para você ter uma boa noite de sono, Bella. — disse, antes de se aproximar ainda mais e dar um beijo em minha testa.

Fechei os olhos e aproveitei para inspirar ainda mais seu perfume e degustar do toque dos seus lábios em minha pele. Eu queria que aquele momento parasse. Que ele não saísse dali. Que ele nunca mais precisasse sair de perto de mim. Mas tão rápido quanto chegou, ele se afastou.

— Um dia ainda vou casar com você, meu anjo. — sussurrou baixinho, mais uma vez encostou seus lábios em minha testa e se afastou, antes de dar mais uma piscada daquelas que eu havia percebido que ele adorava fazer e sem dizer mais uma palavra saiu dali.

Ainda estava paralisada, olhando pela porta que ele havia saído, desejando que ele voltasse, quando me

lembrei do que ele havia me dado. Abri minha mão e vi o que parecia ser um boneco de anjo pequeno feito de tecido. Ele parecia um pouco velho, mas não me importei, porque ele havia me dado. Isso para mim era o suficiente. Especialmente porque ainda estava com seu cheiro e novamente pude me deliciar com ele. O que eu logo fiz.

Deitei a cabeça no travesseiro e fechei os olhos lembrando-me de suas palavras. Desejando que esse sonho logo se tornasse real. Não sei como, não sabia explicar o porquê, mas eu sabia que ele estava certo. Algo me dizia que eu havia encontrado o homem com quem um dia eu iria me casar.

Sobre a Autora



Míddian Meireles

Filha única e nada mimada. Mas ainda assim eu era aquela menina que trocava um quarto de brinquedos por uma caneta e um papel mesmo antes de aprender a escrever. Era aquela que escrevia no diário sobre o seu dia a dia, mas também sobre seus medos, sonhos e desejos. Aquela que odiava Matemática, mas adorava

Redação. Hoje, Mãe, esposa, amiga, viciada em maquiagem e sapatos. Aquela em que seus fiéis companheiros para a Insônia são os livros e por essa paixão resolveu usar a imaginação e escrever suas próprias histórias.

Contato: contato@mimeireles.com

[Perfil](#) | [Grupo Face](#) | [Página Face](#) | [Site](#) | [Wattpad](#)

Outras obras da Autora:

[- ERA UMA VEZ O AMOR – Primeiro livro da Trilogia Era uma Vez](#)

[- ERA UMA VEZ OUTRA VEZ – Segundo livro da Trilogia Era uma Vez](#)

[- UM CASAMENTO QUASE REAL – Primeiro Livro da Série Real](#)

[- AMOR POR ACASO](#)